

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Ana Lúcia de Araújo Portes

Olhares de cuidado com
a *casa comum* e os seres que nela habitam:

Leonardo Boff e Papa Francisco

Juiz de Fora

2024

Ana Lúcia de Araújo Portes

**Olhares de cuidado com
a *casa comum* e os seres que nela habitam:**

Leonardo Boff e Papa Francisco

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, como requisito parcial para a obtenção do título de doutorado.

Orientador: Prof. Dr. Clodomir Barros de Andrade

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Portes, Ana Lucia de Araujo .

Olhares de cuidado com a casa comum e os seres que nela habitam : Leonardo Boff e Papa Francisco / Ana Lucia de Araujo Portes. -- 2024.

189 f.

Orientador: Clodomir Barros de Andrade

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2024.

1. Natureza. 2. Laudato Si. 3. Casa Comum. 4. Ecologia Integral. 5. Papa Francisco. I. Andrade, Clodomir Barros de , orient. II. Título.

Ana Lúcia de Araújo Portes

**Olhares de cuidado com
a *casa comum* e os seres que nela habitam:**

Leonardo Boff e Papa Francisco

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, como requisito parcial para a obtenção do título de doutorado.

Aprovada em 14 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Clodomir Barros de Andrade – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Maria Teresa de Freitas Cardoso
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Silveira Barros
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 06/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Clodomir Barros de Andrade, Professor(a)**, em 14/03/2024, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Volney Jose Berkenbrock, Professor(a)**, em 14/03/2024, às 18:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Ricardo da Silveira Barros, Usuário Externo**, em 15/03/2024, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia dos Santos Ribeiro Simoes, Professor(a)**, em 03/04/2024, às 22:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1738397** e o código CRC **9908978C**.

Agradecimentos

À Deus, princípio e fim de tudo.

Aos meus filhos: Esther e Samuel por todo amor e compreensão.

À minha mãe, pela dedicação, cuidado e atenção.

Ao meu pai, por seus ensinamentos e maestria em contemplar a natureza.

Aos familiares pelo incentivo ao longo do trajeto.

Às cuidadoras de meus filhos, vocês foram essenciais.

Aos amigos e amigas que me incentivaram e auxiliaram nos momentos difíceis.

Aos colegas de curso que compartilharam suas angústias e superações.

Ao orientador, Dr. Clodomir Barros de Andrade, pela acolhida e paciência.

Aos Grupos de Pesquisas e Estudos RENATURA e NEC pelo carinho e partilha.

Às revisoras que me auxiliaram no processo de organização textual.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, pela disponibilidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião.

À CAPES pela bolsa oferecida.

À Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora pela licença a mim concedida.

*... por uma humanidade que não se veja como parte da natureza,
mas como natureza,
que se torne consciente do seu papel de guardião da casa comum,
e aprenda a viver em paz ...*

Ana Lúcia de Araújo Portes

RESUMO

O intuito da presente tese é principalmente abordar a forma como o cuidado com a natureza e os seres que nela habitam é visto e vivenciado pela Igreja Católica. Para tal trará como suporte teórico: trechos da Bíblia, recortes do Catecismo da Igreja Católica, aspectos da figura singular de Francisco de Assis, assim como, documentos oficiais da Igreja Católica, publicados pelo Papa Francisco (duas encíclicas e duas exortações), além do referencial teórico de Leonardo Boff sobre o assunto. Textos estes que justificam a necessidade de percepção de cuidado com a Terra. Seus filhos gritam por ajuda, nas crises climáticas, econômicas e humanitárias e planeta está exaurido em suas fontes e necessita de socorro, já os seres humanos possuem uma grande parcela, desprovida do básico para sobreviver com dignidade. Este estudo busca, pois, não apenas apresentar um conteúdo explicativo e sistemático de análise, mas também, colocar o “dedo na ferida” e convocar à tomada de consciência e responsabilização para tudo o que ocorre com a “Casa Comum” e com todos que nela moram.

Palavras chave: natureza, Casa Comum, *Laudato Si*, ecologia integral, Papa Francisco.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is mainly to address the way in which care for nature and the beings that inhabit it is seen and experienced by the Catholic Church. To this end, it will bring as theoretical support: excerpts from the Bible, excerpts from the Catechism of the Catholic Church, aspects of the unique figure of Francis of Assisi, as well as official documents of the Catholic Church, published by Pope Francis (two encyclicals and two exhortations), in addition to the Leonardo Boff's theoretical framework on the subject. These texts justify the need for a perception of care for the Earth. Their children scream for help, in the climate, economic and humanitarian crises and the planet is exhausted in its sources and needs to be helped, as human beings have a large portion, devoid of the basics to survive with dignity. This study seeks, therefore, not only to present an explanatory and systematic content of analysis, but also to put the “finger in the wound” and call for awareness and responsibility for everything that happens to the “Common Home” and to everyone who they live there.

Keywords: nature, common home, *Laudato Si*, integral ecology, Pope Francis

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEFC	Articulação Brasileira para Economia Francisco e Clara
CEFC	Comunidades Economia de Francisco e Clara
CFC	Casas Francisco e Clara
CIC	Catecismo da Igreja Católica
EG	Evangelium Gaudium
FT	Fratelli Tutti
LD	Laudate Deum
LS	Laudato Si'
QA	Querida Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A CRIAÇÃO E AS CRIATURAS: OLHARES	19
1.1 GÊNESIS E O OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO	21
1.1.1 A narrativa da criação em Gênesis	22
1.1.2 O Criador e suas obras a partir do Catecismo da Igreja Católica	30
1.2 FRANCISCO DE ASSIS: UM HOMEM À FRENTE DE SEU TEMPO	38
1.2.1 <i>Laudato Si'</i> : a natureza como parte da mesma família em Francisco de Assis.....	40
1.2.2 <i>Fratelli Tutti</i> : A Irmandade e Fraternidade em Francisco de Assis.....	45
1.3 OS DOIS FRANCISCOS: O DE ASSIS E O DE ROMA.....	53
1.3.1 “Vai e reconstrói a minha Igreja”	54
1.3.2 Francisco de Assis como inspiração para o Papa Francisco.....	60
2 LAUDATO SI': UM OLHAR DE CUIDADO COM A NATUREZA	67
2.1 GÊNESE E CONTEXTUALIZAÇÃO DA LAUDATO SI'.....	69
2.1.1 Uma releitura da Boa Nova da Criação	71
2.1.2 Ecologia Integral: ambiental, econômica e social	79
2.2 A PEDAGOGIA DO CUIDADO COM A NATUREZA	86
2.2.1 Leonardo Boff e a convocação ao cuidado com a mãe Terra	88
2.2.2 Casa Comum: a morada de todos nós	95
2.3 LAUDATO SI' FRENTE AOS DESAFIOS HUMANOS	104
2.3.1 <i>Querida Amazônia</i> : a importância da <i>Laudato Si'</i> para o sínodo Pan Amazônico.....	105
2.3.2 A pandemia como uma oportunidade de repensar a humanidade	116
2.3.3 <i>Laudate Deum</i> : um alerta emergencial.....	125
3 FRATELLI TUTTI: UM OLHAR DE CUIDADO COM O OUTRO	129
3.1 A PEDAGOGIA DO CUIDADO COM O OUTRO	132
3.1.1 Parábola do Bom Samaritano: compaixão com o próximo	133

3.1.2 O convite à vivência do amor universal	140
3.2 CONTEXTOS DA <i>FRATELLI TUTTI</i>	145
3.2.1 Contexto social, político e econômico	146
3.2.2 Economia de Francisco e Clara	152
3.3 SOMOS TODOS IRMÃOS	161
3.3.1 Direitos Humanos: fraternidade e amizade social	162
3.3.2 O Diálogo Social como base para a construção da Cultura de Paz	172
Considerações Finais	179
Referências	184

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração *Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo*, propõe investigar de que forma a Natureza tem sido vista e cuidada sob a perspectiva do Catolicismo. Nesse sentido, a discussão interroga sobre a forma como a humanidade tem tratado o Planeta. O estudo discute, criticamente, a relação entre Catolicismo e Natureza e qual o papel da religião, enquanto instrumento de transformação e formação em torno do cuidado com a *casa comum* e com o outro, ou seja, como as encíclicas, exortações e textos auxiliares que, aqui, serão discutidos, podem contribuir para a formação do senso crítico e da mudança de paradigmas e de comportamentos frente à destruição da natureza. A escolha da denominação *casa comum* pelos críticos já acena para a necessidade da construção de uma cultura que entenda a Terra como a casa de todos os viventes.

O cuidado é uma necessidade que perpassa a vida humana desde a concepção. A mulher que fecunda a vida, tal como semente a germinar em seu útero, e todas as cautelas gestacionais no pós-parto, em que ela e o recém-nascido necessitarão de cuidados. O cuidado com a casa primeira, o corpo, e com a casa estrutural física na qual cada um reside. Nisso, aproximo a maternidade humana à maternidade da Terra e do Criador que cuida, educa e nutre seus filhos e filhas. O cuidado é ação fundamental para a sobrevivência humana, e a mobilização para sua valorização não deveria ser algo tão distante dos olhares humanos, por isso a incompreensão sobre a sua importância parece derivar da falta de percepção de que há uma interligação do homem aos demais seres vivos, como componentes da mesma essência e natureza.

Cuidar é promover o bem estar, “preocupar-se com” no sentido de manter uma vida saudável e esmerada. Todavia, as noções acerca do cuidado com o Planeta parecem ser tomadas por interpretações que contrariam sua natureza materna. A natureza materna requer tempo, ciclos; pode ser explorada, mas sua renovação não é rápida e nem ilimitada. A natureza não oferece recursos ilimitados para a humanidade, e, na qualidade de sua reprodução, existe um tempo a ser respeitado, o qual vem sendo irrefletido pela velocidade tecnocientífica da exploração capitalista. A isso surge uma pedagogia no âmbito da Igreja católica que se preocupa em orientar ou (talvez mais que isso) exortar os humanos sobre a necessidade do cuidado.

Embora a preocupação com o desgaste do Planeta Terra seja uma temática transversal e de interesse a diferentes áreas do conhecimento, ela ganha relevo também no âmbito dos

discursos da Igreja Católica. O autocuidado, o cuidado com o outro, e com a Terra, isto é: o cuidado é um elemento presente desde os primórdios da história do cristianismo. Essa preocupação não me arrebatava apenas pela minha formação religiosa e cultural católica, mas também pela motivação moral, ética e profissional para a qual o problema da crise ambiental tem direcionado, ou deveria direcionar toda a humanidade.

Sendo assim, o cuidado é assunto que sempre esteve presente nos distintos papéis sociais desempenhados ao longo da minha vida. Não há como ser católica, mulher, mãe, professora, psicóloga, filósofa, bacharel, especialista e mestra em Ciências da Religião, sem que a tônica do cuidado não esteja presente. Por isso, a temática já me interroga muito antes desta pesquisa de doutoramento, que busca aprimorar e alertar para a urgência do cuidado com o Planeta. Este olhar em relação ao cuidado tem origem em minha base estrutural familiar, tecida pela ancestralidade indígena, italiana e portuguesa, marcada por ervas, chás, simpatias, rezas, benzições e também por catequese, missas, novenas e procissões.

Durante a minha primeira graduação, em Psicologia, a demanda principal foi a de ter uma postura de escuta atenta e cuidadosa com o outro. Esse despojamento para ouvir e cuidar, ainda que de forma sistematizada, uniu-se à minha formação cristã católica. Trata-se de um olhar que, ao se estabelecer profissionalmente, está sustentado também, em noções de fraternidade e alteridade, no sentido de auxiliar o outro, no encontro de um caminho que o conduza a seu bem-estar. Nesse sentido, minha formação católica, influenciou também no exercício profissional, pois o bem estar do outro implica cuidados, ou seja, solidariedade, empatia e amor por aquilo que se cuida. Similarmente, minha atuação como professora trouxe a experiência da alteridade, nesse contexto que coloca o cuidado também como indispensável. Educar é uma forma de cuidar. E no decorrer acadêmico, fui traçando outros caminhos, tais como a pedagogia, filosofia e ciências da religião, mas com o olhar no humano e em seu entorno, seja pelo viés da educação, do pensar, da psique ou das religiões.

Logo, pensar tal temática perpassa o olhar sobre a humanidade e a sua relação com o cuidado, a começar em mim. Vários questionamentos acerca do meu papel no mundo, nas diversas funções que desempenho, foram redirecionando o modo de ver e agir em relação à casa comum na qual habito, iniciando pelo micro cosmos, nas atitudes rotineiras, para chegar ao macro cosmos, planeta mãe do qual somos todos filhos e filhas.

Tendo justificado a mobilização pessoal e acadêmica entorno da temática do cuidado, passo a situar a questão problema que norteará esta pesquisa. Assim, antes de entrarmos no

tema, sua delimitação e proposta específica de estudo, é importante que se aponte o panorama do cenário global frente à crise ambiental. O mundo vive, hoje, um colapso climático, de grandes proporções, que atinge a todos, trazendo prejuízos ainda maiores à sobrevivência dos mais vulneráveis: incêndios florestais, enchentes, desflorestamento, expansão urbana e exploração comercial da madeira, aquecimento global, degelo das camadas polares, depósitos de plásticos nos oceanos, poluição do ar e da água. Situações, estas, em que não há cuidado em perceber a imprescindibilidade da natureza e de sua harmonia saudável para a manutenção da vida humana no Planeta. O homem, quando não impede essa destruição, não se coloca como integrante da vida na Terra.

A situação na qual o Planeta se encontra, configura um comportamento de total descuido, para o qual se justifica, inclusive, a promulgação de um novo documento papal para tratar do tema, conforme ocorreu em 04 de outubro deste ano (2023), com a publicação da Exortação Apostólica *Laudate Deum*. A Terra reclama e integra as consequências da intervenção e ação humana junto a ela. Grita doente na UTI, movida pelo descaso que seus filhos e filhas tiveram para com ela, até aqui.

Esse breve cenário catastrófico, em que se encontra o Planeta Terra, fez nascer a presente proposta de estudo que se apresenta sob o título: “Olhares de cuidado com a *casa comum* e os seres que nela habitam: Leonardo Boff e Papa Francisco”. Situar-lo no domínio da investigação acadêmica requer o estabelecimento de diálogo com a Ciência da Religião, a fim de que o discurso religioso católico possa ser lido de forma crítica e de que o grito de cuidado com o planeta possa ser ouvido para além dos muros da Igreja.

Para tanto, evidencia-se a importância de Francisco de Assis, e a forma como sua presença, contribuiu para refletir acerca do tratamento dado às denominações *criação* e *criaturas*. Francisco de Assis é uma *figura-símbolo*, neste contexto de valorização da natureza, sobretudo no âmbito da religião. Sua história e legado elucidam a urgência para uma Pedagogia do Cuidado com a natureza, por meio de uma Ecologia Integral: ambiental, econômica e social. Nesse sentido, a pesquisa estabelecerá relações com as encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti* e com as exortações apostólicas: *Querida Amazônia* e *Laudate Deum*.

O estudo salientará a mudança de perspectiva e de compreensão da natureza a partir da visão de uma Ecologia Integral, apresentada pela *Laudato Si'*. Os desdobramentos desse documento são pertinentes para a Igreja e para toda a sociedade, de modo que a pesquisa investigará a compreensão de fraternidade e amizade social, eixos centrais de discussão na

Fratelli Tutti e como estas podem contribuir para a elaboração de uma sociedade mais justa e igualitária, em que a visão do ser humano integral e a dimensão dialogal da igreja com as necessidades humanitárias sejam consideradas.

Na *Laudato Si*, ' o Papa Francisco convida a uma reflexão que busca retirar o homem do seu egocentrismo, do seu lugar de poderio e dominação “Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada.” e ressalta que “por muito tempo a passagem de Gênesis, que convida a dominar a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador, mas que é uma interpretação errônea da Bíblia, como a entende a Igreja” (LS 67).

O Papa Francisco convida a refletir que, se os cristãos algumas vezes interpretaram de forma incorreta as Escrituras, “hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas.” (LS 67). Dessa forma, o Papa Francisco faz uma leitura bíblica questionadora, segundo a qual interpreta que cabe, ao ser humano, a responsabilidade de ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (Gen 2,15) (LS 67), sabendo que “o fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus” (LS 83). Assim, descentraliza-se a visão antropocêntrica do homem, colocando-o como responsável pela criação e irmão da mesma, que merece respeito, dignidade e cuidado, tal como todas as criaturas.

O Papa Francisco enfatiza na *Laudato Si* ' que o ser humano não deve sentir-se o dono do universo: “criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, [...] que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (LS 89). Percebe-se que a tônica que perpassa pela tecedura de toda a encíclica são as temáticas do respeito, do diálogo e da mudança de consciência frente às questões que precisam ser enfrentadas, tanto sociais, ecológicas, econômicas e, principalmente, da relação humana com o Planeta e com os seus semelhantes.

A encíclica *Laudato Si* ' convida a diversos pontos importantes de reflexão da atuação do homem diante e junto com a criação, dentre os quais destaco: a questão da água, a preservação da biodiversidade e a dívida ecológica, questões estas abordadas no primeiro capítulo da encíclica “transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar.” (LS 19). Apresenta, portanto, um caráter amplo e emergencial dirige-se aos católicos, mas também, a todos e todas que se sentem

comprometidos e responsáveis pelo cuidado com a criação “especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum” (LS 3). Indistintamente o pontífice acolhe a todos e valoriza a contribuição de cada ser, neste processo de cuidado com a mãe Terra. No terceiro capítulo da *Laudato Si'*, nomeado de: “A raiz humana da crise ecológica”, o Papa Francisco apresenta uma análise da situação atual, visto que busca refletir sobre ao impacto da tecnologia na sociedade, a qual com gratidão reconhece a contribuição para o melhoramento das condições de vida (LS 102-103); em contrapartida ela oferece “àqueles que detêm o conhecimento, e sobretudo, o poder econômico, para desfrutar um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro” (LS 104).

A encíclica *Fratelli Tutti* serve como parâmetro complementar, pois é abrangente e costura toda a abordagem trazida pela *Laudato Si'*. O termo também inspirado em Francisco de Assis, “todos irmãos” aborda questões emergenciais ao mundo como o acolhimento, o diálogo, a fraternidade, os conflitos, os reflexos do progresso, as injustiças sociais, o amor, os sacrifícios, a política necessária, os direitos humanos e a identidade cristã; enfim, aspectos que relacionam e se amalgamam com um todo comum.

Enquanto na *Laudato Si'* a referência de base é a interligação e co-dependência do homem com a ecologia, com a natureza; a *Fratelli Tutti* reforça a importância do outro semelhante, na estruturação da existência humana: “ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...) precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos” (FT 14)

Além disso, a partir do momento que se pensa na possibilidade de analisar o cuidado integral com a natureza, proposta, esta, feita pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* e também na *Fratelli Tutti*, abre-se uma nova janela para reflexão sobre qual o papel que cada ser humano tem no mundo e qual a sua responsabilidade com o que está a acontecer com o planeta e com os seus semelhantes.

Metodologicamente, a presente pesquisa consiste em uma investigação de cunho bibliográfico. As duas encíclicas publicadas pelo Papa Francisco: *Laudato Si' Louvado sejam: sobre o cuidado da casa comum* (2013), e *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social* (2020) são fontes de consulta e análise, visto que constituem documentos oficiais da Igreja Católica, assim como uma breve explanação sobre as duas exortações apostólicas, também publicadas pelo Papa Francisco: *Querida Amazônia e Laudate Deum*. Leonardo Boff será uma significativa referência bibliográfica, ao longo desta tese, dada a influência e contribuição do

autor para ambas encíclicas, bem como o impacto do seu arcabouço literário sobre a temática do cuidado com a *casa comum* e com a fraternidade.

Além disso, a pesquisa fará interlocução com outros referenciais teóricos que possam acrescentar ao estudo tais como Ailton Krenak, Moltmam e Valdez, dentre outros. Ressalta-se, ainda, que a Bíblia será consultada como referência para a análise que busca discutir a respeito do comportamento humano diante do Planeta; nesse sentido foi realizado um estudo sobre a influência da narrativa bíblica sobre a criação, na formação de pensamento do ser humano enquanto alguém superior, reforçando sua onipotência e egocentrismo, assim como a análise de quais fatores e personagens contribuíram para a elaboração de um novo olhar sobre a Natureza no catolicismo. Sob esse suporte bibliográfico, a pesquisa propõe refletir a visão de natureza dentro do catolicismo e os aspectos inovadores que a *Laudato Si* e a *Fratelli Tutti* trouxeram. Assim, analisar-se-á a relação entre Catolicismo e Natureza, e as tramas do cuidado com a *casa comum* e tudo o que está envolto nela, os seres humanos, tudo o que vive e o circunda, visto sob uma nova perspectiva, a do olhar de uma ecologia integral (questão social, econômica, ambiental, laboral), humana, fraterna e solidária em que tudo está interligado.

O intuito principal que se busca alcançar ao seu término é visualizar como a reflexão e consciência sobre a importância do cuidado com a natureza, essa casa comum que abrange a todos indistintamente, propostas nas encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti* e nas exortações *Querida Amazônia* e *Laudate Deum*, podem contribuir e dar suporte aos cristãos e também aos não cristãos para serem instrumentos e agentes de transformação frente ao grito e lamento da mãe Terra e de seus filhos.

O foco do presente estudo é, além de levar conhecimento acerca da temática, aqui, apresentada, instigar seus futuros leitores a conhecer mais o assunto, cultivando nestes o desejo de ir além do que já foi lido, escrito e realizado; visto que os questionamentos aqui levantados são emergentes de serem discutidos e tratados. dessa forma, ter-se-á cumprido seu papel, o de convidar a sair da superfície e mergulhar na integralidade da natureza.

Na intenção de alcançar tais objetivos, a organização estrutural do texto a tese foi dividida em: Introdução, elaboração textual capitular dividida em 3 capítulos, cada qual com 3 Subcapítulos, divididos em 2 subtópicos, Bibliografia e Considerações Finais. O Capítulo 1: Perspectivas do catolicismo sobre a temática da Natureza apresenta um caráter contextual, de gênese em torno da criação na visão do catolicismo. O Capítulo 2: *Laudato Si'*: um olhar de

cuidado sobre a natureza, por sua vez, fará a análise teórica do objeto central do estudo, a encíclica *Laudato Si'* e seus desdobramentos. No Capítulo 3: *Fratelli Tutti*: um olhar de cuidado sobre o outro, se apresenta como uma extensão complementar da *Laudato Si'* e refletirá sobre a visão de Ecologia Integral a partir do Cuidado Integral: ecologia e humanidade e dos desafios, propostas e perspectivas em torno da efetivação das mudanças emergenciais e necessárias para a nossa realidade atual.

1 A CRIAÇÃO E AS CRIATURAS: OLHARES

O ser humano é parte da natureza, melhor, aquela porção da Terra que, num elevado processo de complexidade, começou a sentir, pensar, amar e a venerar.

Leonardo Boff

A proposta do capítulo de abertura do presente estudo é apresentar a narrativa de Gênesis (Gn 1:11-18; Gn 2: 4-24), pela sua importância para as reflexões sobre a temática da natureza, principalmente para o catolicismo, visto ser ele o texto de abertura da bíblia, livro norteador da prática cristã. O livro de Gênesis, desde o início do cristianismo era considerado de forma histórica e incontestável; na Idade Média, porém, tornou-se alegórico, e, nos dias atuais as visões científica e histórica sobre o livro são percebidas como opostas (Strabelli, 1991). Ao longo deste capítulo, a perspectiva da Igreja Católica sob a natureza, será refletida a partir do Catecismo da Igreja Católica, por meio dos pontos referenciais em que os temas da criação, das criaturas e da humanidade são abordados. Em seguida, o texto trará uma breve explanação da influência de Francisco de Assis sobre o pensar a criação e as criaturas.

O livro bíblico — Gênesis —, capítulos 1 e 2, apresenta a narrativa da criação, parafraseada a seguir:

E Deus criou o mundo, com todas as suas criaturas e tudo o que nele há, dos animais menores aos maiores, vegetação, céu, mar, astros, dia e noite, e se extasiou com a perfeição de sua obra. Por fim, Deus criou o homem e a mulher, a sua imagem e semelhança, do barro moldou, e deu-lhes o sopro da vida.

O ser humano foi modelado do barro, da terra foi feito, talvez como um ponto de alerta do Criador, para que não se esquecesse de onde veio e de qual essência a humanidade é formada, e também como possível forma de cuidado, zelo e atenção de Deus para cada detalhe da execução da obra humana, que recebeu o toque das mãos do criador. Duas perspectivas, inicialmente, vistas como contraditórias trazidas em Gênesis, serão abordadas, assim como os desdobramentos a partir das interpretações pertinentes dos capítulos 1 e 2 do Livro da Origem.

Na sequência, serão pontuadas questões a respeito dos termos que envolvem a temática da Criação presentes no *Catecismo da Igreja Católica*, com foco na exposição das verdades fundamentais do catolicismo, cumprindo o papel de manual doutrinal a ser seguido e observado pelos fiéis católicos. A análise deste texto se torna relevante, visto que muito da exploração cometida junto à natureza, foi justificada por cristãos, ao longo da história, a partir de interpretações equivocadas em relação a este texto. Situações essas que se comprometem com a urgência do cuidado tão necessário ao planeta e aos seres que nele habitam.

Por fim, será discutida e delineada a importância da figura-símbolo de Francisco de Assis, e de que forma sua presença, contribuiu para a reflexão acerca tanto da criação como das criaturas, apresentadas em vários textos e escritos de sua época e também da contemporaneidade. Sua missão como promotor da paz foi de extrema importância em seu tempo e continua sendo na atualidade, de modo que isso passa a ser objeto de interesse deste estudo. O processo de conversão de Francisco de Assis; a forma como foi visto em sua época; a reverberação dos seus ensinamentos, daqueles tempos até hoje, será considerada, neste capítulo. Além disso, buscar-se-á compreender as influências de Francisco de Assis no pontificado de Jorge Mario Bergoglio, haja vista a escolha do nome Francisco como seu nome. Dois outros pontos, também serão abordados, ao final deste capítulo: a análise do papel desempenhado pelos dois Francisco: o de Assis e o de Roma, e a influência da vida de Francisco de Assis, que reverberou posteriormente nas duas encíclicas escritas pelo Papa Francisco, a saber: *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, e um breve esboço sobre as duas exortações apostólicas: *Querida Amazônia* e *Laudate Deum*, documentos estes que serviram como objeto de estudo em que se apoia o objetivo desta pesquisa, o de evidenciar a primazia do cuidado com toda a criação.

Registra-se que essa influência de Francisco de Assis em Jorge Mario Bergoglio é observável por outros estudiosos, tais como Leonardo Boff, que aponta a proximidade dos valores propalados por ambos:

Oxalá o Papa Francisco de Roma em sua prática de pastor local e universal honre o nome de Francisco e mostre a atualidade dos valores vividos pelo *Fratello e Poverello* de Assis. Ele é uma fonte viva de inspiração e de práticas humanitárias e profundamente ecológicas. (Boff, 2014, p. 57)

1.1 GÊNESIS E O OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO

Na narrativa de todo estudo é necessário estabelecer um ponto de partida, um início. Em se tratando de eixos temáticos como: catolicismo, natureza e humanidade, a reflexão da História da Criação em Gênesis faz-se primordial. A abordagem da temática da criação será aqui analisada por meio do recorte dos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis, porém, este tema se apresenta em vários outros trechos bíblicos, como, por exemplo, na abertura do primeiro capítulo do *Evangelho de João*, que retoma o assunto sobre a criação do mundo:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por ele; e nada do que tem sido feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens (João 1:1-4).

Conforme exposto por Petrosillo (1996, p. 118), o tema da Criação é apresentado no capítulo inicial da Bíblia, o livro de *Gênesis*, tanto na versão hebraica quanto na cristã; faz parte do *Pentateuco*: o conjunto dos cinco primeiros textos bíblicos, e da *Torá*. *Gênesis* significa “nascimento” ou “origem”, e traduz a primeira palavra hebraica, *bereshit*, “no princípio”, ou seja, da primeira Revelação de Deus. Tudo aquilo que existe teve e tem um princípio. O mito da criação, na perspectiva cristã, é narrado com o título de “Gênesis”, o início de tudo. Duas versões são apresentadas, em Gênesis, sendo considerada por alguns estudiosos como contraditórias e por outros como complementares.

Dessa forma, tomados pelos ensinamentos trazidos pelo texto bíblico, pelas orientações catequéticas e pelos estudos a respeito da temática da criação, será possível ter novas perspectivas do assunto, contribuindo para o entendimento sobre o papel ocupado pela criação e pelas criaturas ao longo da história. Para tanto, a abordagem escolhida, neste estudo, direciona-se sob a ótica do catolicismo. O teólogo Libânio (2010) comenta que Deus achou bom tudo o que foi criado e acrescenta que tudo era muito belo. Segundo o autor, a passagem bíblica descreve de forma literária a beleza do ato de criar divino. Esse “autoelogio” do criador não pode, pois, ser considerado uma interpretação científica. Trata-se de uma passagem própria da linguagem poética, ou ainda nas palavras de Libânio: um “belíssimo hino de louvor à

grandeza de Deus, repleto de símbolos e alusões, cujo significado se faz relevante e atual” (Libânio, 2010, p. 11).

1.1.1 A narrativa da criação em Gênesis

O livro de Gênesis descreve, ao longo de seus versículos, o princípio de tudo o que existe, mas traz uma narrativa com questões que podem numa primeira leitura parecer divergentes, tais como a origem da vida e o surgimento do ser humano na Terra. Valdés (1996, Vol. IV) pontua que, a narrativa apresentada, de um Deus que formou Adão com barro do solo, e Eva com uma das costelas de Adão, impõe sérias dificuldades de entendimento, ainda que isso faça parte do imaginário dos fiéis. A ciência moderna demonstrou que o homem foi evoluindo ao longo dos séculos, até chegar ao homem atual, assim como seu senso crítico quanto a tudo que o rodeia. Segundo o autor, a origem da criação, conforme é descrita em Gênesis, deve ser lida não em seu sentido literal, mas tal como uma parábola, isto é, com o entendimento de que se trata de uma linguagem figurada, com a apresentação de uma escrita mais acessível à compreensão, devendo, pois, evitar a leitura sob um viés de literalidade o que ocasionou em interpretações errôneas no passado.

Sabemos, hoje, à luz do século XXI, com todas as contribuições científicas e, neste caso, com base nos estudos hermenêuticos que a comunicação escrita e mesmo a não escrita estão sujeitas a diferentes interpretações em função de uma série de fatores sejam eles internos ou externos à estrutura de determinado enunciado linguístico, podendo variar das intenções comunicativas em suas proposições até aos aspectos semióticos ou àqueles relativos à filosofia da linguagem, à cultura, à tradução, por exemplo.

Ainda de acordo com Valdés (1996, Vol. IV), o livro de Gênesis foi escrito por um catequista hebreu anônimo, com uma metodologia voltada para a formação e instrução de seus leitores, a quem os estudiosos chamam o “yahvista”, e foi escrito por volta do século X a.C. Cada pormenor da narrativa contém uma mensagem religiosa repleta de sentido para a mentalidade da época. O fato, por exemplo, de no texto bíblico aparecer o homem sendo modelado do barro, baseou-se na crença popular que o homem é basicamente composto de pó; o que foi acrescentado como diferencial ao relato, é que o ser humano não é apenas pó, mas traz em seu interior uma centelha especial de vida, que vem de Deus, e que o distingue dos demais seres vivos, o que o torna também sagrado. Já a imagem de um Deus oleiro, ajoelhado ao chão, amassando o barro com as mãos e a soprar as narinas de um boneco, que para nós, hoje, possa parecer sem sentido, representava para os povos daquela época uma homenagem a

Deus, visto que a profissão mais grandiosa e perfeita, na época em que o texto foi escrito, era a de oleiro.

Ao analisar o texto bíblico, nos capítulos 1 e 2 do livro de Genesis, muitos estudiosos do tema, biblistas e acadêmicos notaram, em períodos anteriores à atualidade, uma discrepância entre os dois relatos, levando ao questionamento de qual deles corresponderia à narrativa correta e verdadeira, e qual delas deveria, portanto, ser considerada válida e validada. Na sequência, serão apresentados alguns destes questionamentos, que já foram levantados sobre a história da criação, nos trechos de Gênesis 1:1-23 e Gênesis 2:4-24, a fim de ilustrar discussões acerca da temática da criação, que foram refutadas e aprimoradas ao longo dos séculos. Este pensamento de divergência sobre a narrativa da Criação em Gênesis 1 e 2, hoje já amplamente refutado e tido até como um pensamento ingênuo e destoante, é apresentado neste estudo, para fins de conhecimento, visto que a temática da criação e o cuidado com a casa comum e o seres que nela habitam, tema central da presente pesquisa, é foco de discussão desde o livro da Origem.

Em Gênesis 1, o foco da narrativa está na criação dos céus e da terra, havendo também uma cronologia delimitada dos dias da criação. O estado original era um oceano. Há um enfoque num escopo cósmico do universo, em uma abrangência para além do local. Outro ponto de destaque é que, a partir do quinto dia, Deus começou a criar os animais, como parte de um plano cósmico, no qual eles se integram. O objetivo apresentado no texto, para a criação do homem em Gênesis 1, é o de governar toda a Terra. Nessa narrativa, a mulher é criada, simultaneamente ao homem, e aparece apenas um autor de tudo: Deus. Só Ele fala.

Na narrativa de Gênesis 2, a criação é realizada em um só momento. Não havia nenhuma planta, tudo era deserto; o foco da criação era a Terra e o ser humano, e posteriormente os animais. A criação do homem é realizada antes da criação da mulher, e esta é formada a partir dele. Ao homem é dada a tarefa de nomear os animais, e estes são colocados a seu serviço. A função do homem aqui é a de ser o cuidador do Jardim do Éden. Nessa mesma descrição de Gênesis, há a presença de quatro personagens na narrativa da criação. A mulher foi criada simultaneamente com a criação do homem, e como fruto do desejo dele, visto que todos os outros animais tinham um par, o homem sentiu falta de uma companhia, a qual foi retirada de seu lado e, segundo o texto bíblico, ele se rejubila de alegria por não estar mais só. Deus, o homem, a mulher e a serpente, e é apresentada, na sequência, a interdição e proibição ao acesso à árvore da vida, e consecutivamente à expulsão do ser humano do Paraíso. Frente a algumas questões, vistas num primeiro momento como contraditórias em ambos os textos, serão apresentadas a seguir algumas interpretações da análise sobre a criação a partir do livro dos referidos capítulos — Gênesis 1 e 2.

O texto bíblico, em seu primeiro livro inicia com os dizeres: “No princípio, criou Deus os céus e a terra.” (Gn 1:1). Já ao ler (Gn 2:4), tem-se inicialmente a impressão de tratar de uma segunda história da criação. Essa ideia de dois relatos diferentes pode levar a uma interpretação equivocada, gerando uma compreensão de duas versões, sendo que, na realidade, ambas descrevem o mesmo evento. Elas não discordam quanto à ordem em que as coisas foram criadas, e também não se contradizem. Gênesis 1 descreve os “seis dias da criação”, sendo o sétimo dia reservado ao descanso, enquanto que Gênesis 2 abrange apenas um dia da semana da criação — o sexto dia — e não há contradição, mas apenas um ponto de ênfase em um e detalhamento de dias no outro.

No decorrer da leitura desses dois capítulos, aparecem trechos que podem dar a impressão de serem divergentes, como, por exemplo, em relação a criação da vida vegetal. Gênesis 1:11 fala de Deus criando a vegetação, no terceiro dia, e usa um termo que se refere à vegetação em geral. Gênesis 2:5 fala de Deus não fazendo com que a vegetação “cultivável” pudesse crescer após a criação do homem, e usa um termo mais específico no que tange às plantas cultivadas para uso na agricultura, ou seja, uma pessoa destinada a ser um cuidador dela, daí o termo jardineiro. Afirma, também, que antes da criação do homem, “não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo.”

Outro ponto de questionamento é em relação à vida animal. Gênesis 1:24-25 apresenta Deus criando a vida animal no sexto dia, antes de criar o homem. Em algumas traduções, Gênesis 2:19, parece registrar Deus criando os animais depois de ter criado o homem. E, traduzindo Gênesis 2:19-20:

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome ao homem, a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos.

Segundo Strabelli (1991), as duas narrativas, tanto a primeira longa, solene e minuciosa, quanto a segunda, simples, breve e concisa, falam da criação do mundo, do homem e do paraíso. O fato de elas se apresentarem de forma diferenciada, deve-se à elaboração dos textos terem sido realizados em épocas distintas, por pessoas diferentes e com intenções também variadas, e posteriormente, reunidas em uma só narrativa. Ao analisar os dois relatos da criação separadamente e então integrá-los, podemos perceber que Deus descreve a sequência da criação em Gênesis 1 e esclarece seus detalhes mais importantes, especialmente do sexto dia, em

Gênesis 2. A primeira narrativa (Gn 1:1-24a) foi escrita por um grupo de sacerdotes; e a segunda (Gn 2:4b-25) foi escrita por gente do povo. No tempo do escriba Esdras (sec. IV a.C.), as duas narrativas foram reunidas, formando a atual versão. Desta forma, não há contradição, apenas um dispositivo literário comum que descreve um evento do geral para o específico. Assim, o que o Cristianismo concluiu é que Gênesis 2:4 não é uma nova história da criação, mas o início do detalhamento da história da terra e de sua origem, ou seja, uma explanação mais detalhada da história da humanidade, e que ambas se interligam de forma complementar.

Assim, independente da interpretação, a relação intrínseca entre humano e natureza desde a criação bíblica está descrita. A imagem que ilustra o corpo advindo do barro, e a vida dada a partir do sopro divino, por mais figurativa que possa parecer, apresenta uma informação da interdependência entre os seres vivos. Compreender o relacionamento de Deus criador com a sua criação, nos proporciona uma aproximação não apenas do próprio Deus, mas daquilo que foi escrito sobre Ele.

Segundo Rodrigues e Rodrigues (2020), é de suma importância que a comunidade cristã assuma os princípios ambientais em suas pregações, destacando pontos de analogia entre o meio ambiente e os textos bíblicos de Gênesis na homilia cristã; na análise dos princípios ambientais e sua relação com Gênesis 1:26-31 e 2:5-8, a fim de compreender os valores inerentes ao relacionamento criador e criatura; e, portanto, possa chegar ao conhecimento dos referidos princípios ambientais inseridos nos relatos de Gênesis. Esse ponto reflexivo vem de encontro, principalmente, às tantas distorções realizadas a partir de recortes literais do livro de Gênesis, muitas vezes utilizado ao longo da história, para justificar os desmandos da humanidade junto às demais criaturas e criação divina.

Conforme nos ressalta Togneri (2017), a base do entendimento da ação divina se dá também a partir do seu ato criador. A autora enfatiza a importância do estudo do termo “ecologia” e sua relação com a Bíblia e com a Teologia, assim como um aprofundamento na análise da Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado com a casa comum, especialmente em seus dois capítulos destinados à narração da criação em que apontam que esta se torna efetiva após a palavra de Deus ser dita, e após cada ato criador. Destaca, ainda, que o ato de Deus foi bom, concluindo com êxito toda a sua obra: “E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom” (Gn 1:31a). Dessa forma, o texto de Gênesis assegura que a criação é muito boa e que ela é fruto da vontade livre e amorosa de Deus. Assim, é possível compreender que toda a natureza: criaturas e humanidade são frutos do desejo, vontade e bondade divina.

Na sequência da narrativa do processo da criação de todos os seres, há um encadeamento em que os seres se inter-relacionam e são dependentes uns dos outros: “Que a terra produz seres

vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras e segundo sua espécie” (Gn 1:24) e assim se fez. Para que a criação se torne algo completo, Deus insere alguém que lhe é semelhante: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança... E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, e os criou homem e mulher” (Gn 1:26-27). A semelhança divina é o que distingue os seres humanos dos outros animais criados por Deus, o qual também nos dá condições de sobreviver no mundo criado por ele: “Eu vos dou todas as ervas que dão sementes, que estão sobre toda a superfície da terra e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isso será vosso alimento. A todos os animais da terra.” (Gn 1:26-27).

Dessa forma, é importante ressaltar, que toda a criação, de forma indistinta, recebe as condições necessárias para sobreviver no mundo: terra, água, ar, calor, vegetais e animais, os quais ordenam e mantêm o ciclo de vida. O papel do ser humano no mundo, a partir da narrativa da criação diz: “Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e guardar” (cf. Gn 2:15). O que leva o livro de Gênesis — principalmente em seus capítulos 1 e 2 —, ser tão amplamente abordado, discutido, contestado e analisado, é o fato de ele servir como base de entendimento sobre o papel da criação e da ação divina sobre a mesma. Este tema também ocupa um capítulo inteiro de discussão na encíclica *Laudato Si'*, mote de discussão do capítulo II, do presente estudo. A criação de Deus é vista, pois, como um gesto de amor gratuito que traz vida a todos os seres, indistintamente.

Nesse mesmo sentido, Togneri (2017, p. 66) afirma ser essa a real função de todo ser humano. É o contraponto ao texto de Gn 1:28, que muitas vezes, pela ordem dada por Deus aos seres humanos de “submeter” a terra e “dominar” sobre todos os animais, interpretado, por tantas vezes, ao longo dos séculos, de forma errônea. Segundo a pesquisadora, o texto não se refere a uma exploração desmedida sobre toda a criação de Deus e nem supõe que o ser humano, detenha o poderio em relação à terra, à água, à natureza, enfim, a todos os outros seres criados por Deus, pois, para realizar a ação de “guardar” a criação de Deus, é necessário que as pessoas estejam atentas a tudo o que possa causar dano e prejudicar o que Deus criou e, mais ainda, cuidar para que ela não seja extinta, em consequência de seu uso indiscriminado e injusto. A autora reforça ainda que “a palavra ‘cultivar’ nos remete a um cuidado esmerado que todo ser humano deve ter com a criação de Deus. Fazer com que ela prospere e encontre a plenitude para todos os tempos, lugares e pessoas”.

Sob a ótica da narrativa bíblica a criação foi uma obra perfeita, plena e boa (Gn 1:4;10;12;18;21;25;31). Segundo o texto bíblico, o que corrompeu o estado de perfeição da criação, foi o pecado (Gn 3). Já na ótica científica, na origem há imperfeição, e que só a evolução natural vai conduzindo à perfeição. Atualmente, o relato bíblico sobre as origens não

é visto incondicionalmente como documento histórico, como foi no passado, mas passou e passa por críticas e questionamentos científicos, exegeticos, históricos e literários:

Hoje sabemos que a Bíblia é narração essencialmente teológica, baseada nas tradições do povo, na cultura do Antigo Oriente e principalmente na fé, desconhecer isso e julgar o autor bíblico como anticientífico, é cometer erro maior do que aquele que se atribui a ele. (Strabelli, 1991, p. 23)

Quando Deus criou o ser humano, colocou-o em um jardim (Gn 2:8), com a responsabilidade de cuidar dele, e como descendentes de Adão e Eva, todos nós somos igualmente responsáveis pela manutenção do “grande jardim” ao nosso redor. Todos os dias, vemos diante de nós inúmeros problemas globais relacionados às questões ambientais, sejam: erosão, desmatamento, desertificação, destino de resíduos, poluição do solo, da água, do ar, chuvas ácidas, efeito estufa entre outros que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante. À medida que refletimos e conhecemos mais sobre os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser compreendidos e tratados de forma isolada, mas devem ser vistos como em uma teia, interligados. Nessa perspectiva, a comunidade cristã, em relação com o aprofundamento do estudo de Gênesis 1:26-31 e 2:5-8, deve buscar assumir os princípios ambientais em suas pregações, reconhecendo que Deus a envia a um mundo secular.

Numa perspectiva de catequese sobre a criação, foi estabelecida uma analogia entre meio ambiente e os textos bíblicos, visando analisar a compreensão dos valores inerentes ao relacionamento criador e criatura. Assim, é importante conhecer os regulamentos sustentáveis e de conduta que são destacados nesses relatos e sua importância na comunidade cristã. Em Gênesis 1, o foco está na criação. A relação do homem com os seres criados é a de dominação. Em Gênesis 2, o texto não é sacerdotal, mas, pré-sacerdotal escrito provavelmente a partir de fontes orais; não sendo possível datar com precisão, estima-se que foi escrito por volta do século VIII e IX a.C. Por volta do ano 400 a.C., um último redator compilou toda a história de Israel e deparou-se com dois relatos da criação, para quem, Gn1 e Gn 2 relatavam de formas diferentes, a mesma verdade, sendo necessário os dois relatos para exprimi-la. Dessa forma, Valdes expõe que a bíblia, ao apresentar diferentes modelos cosmogônicos, sublinha sua relatividade. E complementa: “o mundo não foi criado duas vezes. Só uma, mas mesmo que relatássemos tal acontecimento em cem capítulos distintos, nem mesmo assim, conseguiríamos penetrar no profundo mistério desta obra amorosa de Deus” (1996, p. 34, Vol II).

O que a realidade nos aponta sobre o dever de “jardinar” do homem junto à criação é uma terra que clama por socorro, em meio a uma degradação cada vez mais ampla da natureza, tendo como consequência direta a queda do homem, ou numa analogia ao título da obra de Davi Kopenawa e Albert Bruce: *A Queda do Céu*. O cuidado com a terra, com sua vegetação, animais e tudo que nela se comporta, deve ser alvo de atenção. A narrativa bíblica se ocupa, inclusive, dos detalhes, haja vista o livro de Deuteronômio 22:6-7:

Quando encontrares algum ninho de aves no caminho em alguma árvore, ou no chão, com passarinhos ou ovos, não tomarás a mãe com filhotes. Deixarás ir livremente a mãe, e os filhos tomarás para ti; para que bem te vá, e para que prolongue teus dias.

E ainda, em Salmos 24:1. “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam”.

A narrativa da criação em Gênesis, ainda que figurativa, pode ser interpretada como uma referência à necessidade do ser humano assumir sua responsabilidade com o Planeta, dada a preciosidade de tudo o que foi criado, como obra das mãos de Deus, sob a orientação de Suas palavras; sobretudo, no sentido de que todas as coisas criadas são boas à criatura. Sob este viés é que surge a doutrina ecológica da criação, ou ecoteologia. Esta se desenvolveu em um cenário de violação dos direitos humanos, em regimes ditatoriais. Os eventos propulsores da ecoteologia ocorreram especialmente na América Latina, nos anos 1960, da ameaça nuclear que rondou o mundo nos anos 1970 e do esgotamento energético planetário nos anos 1980. Esta destruição gradativa do meio ambiente é um fator de preocupação constante, pois, “... com a construção do poder atômico a ‘civilização técnico-científica’ atingiu seu tempo final, isto é, o tempo em que se tornou possível seu fim e o fim de toda a vida sobre a terra.” (Moltmann, 1994, p. 101)

Moltmann (1994) pontua em seus textos, a importância de perceber o alcance das atitudes humanas, e as consequências que podem possibilitar tanto a destruição, quanto a transformação criativa da realidade. Ele aponta uma perspectiva otimista a respeito da participação coletiva, como aquela capaz de trazer mudanças reais. A história da humanidade, segundo o autor, não é estática, mas está sempre em movimento e construção, e falar da história ou da realidade é também tocar a temática da criação, pois ambas estão imbricadas. Como a história, a criação não é uma grandeza imóvel ou já consumada. Ela é o ambiente da realização humana que surgiu a partir da livre vontade divina, como um dom, um presente, um projeto de

construção contínua. No centro da ecoteologia de Jürgen Moltmann está a “convicção de que a criação é um sistema aberto. Ela não é um *factum*, mas um *fieri*.” (Moltmann, 2007)

O mesmo autor afirma, ainda, que a criação, enquanto ato divino em processo, pode e deve ser percebida em três pontos principais. Num primeiro momento, a Criação vista em seu “começo”, que é o ato criador primordial se referindo ao ato inicial Divino, por meio do qual Deus fez surgir os céus e a terra (Gn 1:1). A Criação, nesse aspecto provinda “do nada”, ou seja, totalmente a partir de Deus. Num segundo momento, a criação pode ser compreendida como evento “histórico”, reafirmando a ideia de uma ação contínua Divino-criadora. A história é palco de ações humanas, e é também o espaço onde nos realizamos. A criação vista como história recebe uma clara dimensão de mutabilidade. Não pode mais ser vista como um evento consumado, mas sim como uma história inconclusa (Moltmann, 2007). Isso, segundo o autor, implica tanto no risco de acerto, do avanço da vida, como também numa ação direcionada a opressão e geradora de morte, a depender do uso da liberdade criativa e criadora do ser humano e na sua capacidade de agir com responsabilidade.

Em uma reflexão atualizada do tema, é possível constatar que o colapso ambiental que a humanidade experimenta hoje, deve-se a falta de atitudes limitadoras da ação humana. As ações geradoras de destruição devem ser refletidas sob o prisma do ser humano como zelador e jardineiro da obra do Criador. Segundo Jürgen Moltmann (2013), a perspectiva de visão e ação de dominação da modernidade, precisa ser descartada, abrindo espaço para uma expressão de comunicação e integração. A natureza deve ser reconhecida e interpretada como criação de Deus, no qual o gênero humano se realiza em parceria. A palavra que permeia essa relação é o propósito decidido e conseqüente de não querer explorá-la predatoriamente, mas vê-la como parte integrante de si mesma. Dessa forma, o papel do homem frente à natureza deve ser o de sanar os problemas ocorridos nela e por ela, e não de criá-los. Para que isso ocorra, faz-se necessária uma conscientização do seu papel e responsabilidade em relação a tudo o que ocorre em seu entorno, e a elaboração de estratégias funcionais e viáveis de intervenção e cuidado junto ao planeta.

Segundo o padre e teólogo jesuíta João Batista Libânio (2010), o quadro crítico em que se encontra a criação, é desafiador, e é preciso que a humanidade se conscientize para o uso da justa medida. As culturas do exagero, do excesso e do desperdício são em suma, os grandes causadores da atual crise ecológica, e para que a situação atual possa ser transformada, ela deve ser orientada na prática e vivência das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade; e cardeais: temperança, prudência, justiça e fortaleza, sendo que estas englobam as demais. O autor reitera

que é necessário buscar uma vida de sobriedade, evitando o consumismo exagerado que atinge diretamente a ecologia.

A sobriedade corta o mal pela raiz. Impede o primeiro passo da sedução consumista que alimenta os seguintes. Coloca o critério da moderação, da austeridade, do autocontrole em face dos bens materiais. Estabelece-se outro movimento: qualidade de vida, frugalidade, parcimônia, de modo que a abundância dos bens de consumo já não atrai. Força então sua diminuição. Alegra-se com a justa medida para viver melhor teor da existência (Libânio, 2010, p. 68).

Logo, torna-se fundamental a compreensão de que a relação entre a criação e as criaturas é passível de diferentes olhares. A narrativa bíblica, ainda que inspirada, segundo o entendimento dos fiéis, é um texto figurativo; todavia, o modo como descreve a relação entre o cuidado com o planeta e a ação humana parece respeitar a justa medida tão ausente nos tempos atuais.

1.1.2 O Criador e suas obras a partir do Catecismo da Igreja Católica

Esta seção dará continuidade às reflexões sobre a temática da natureza com ênfase referencial ao Catecismo da Igreja Católica (CIC). A palavra Catecismo, do grego *Katechismós*, depois em latim eclesiástico *catechismus*, significou num primeiro momento, a instrução oral e familiar das verdades essenciais da religião cristã, feitas depois do batismo das crianças e também aos adultos pouco cultos. Porém, o termo passou do gênero de instrução do tempo de Alcuíno, ano 1144, para nomear o livro que contém a exposição elementar das verdades fundamentais do cristianismo e cumpre o papel de manual popular, exato e seguro da doutrina católica.

Na linha doutrinal cristã protestante, Lutero publicou o Catecismo Menor em 1529, com o intuito de educar as crianças na fé. O Catecismo elaborado por Lutero tem como pontos temáticos os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico, o Pai Nosso, os Sacramentos do Batismo, da Santa Ceia e o Ofício das Chaves. Outra versão foi escrita por Calvino em 1542, o Catecismo Maior que concentrava as temáticas da Oração do Senhor, o Credo dos apóstolos, os Dez Mandamentos, versículos bíblicos e perguntas e respostas sobre a fé.

Pio X, após o Concílio Vaticano I, elaborou um catecismo para as dioceses de Roma, depois estendido a toda a Itália. No entanto, após o Concílio Vaticano II, fez-se necessário pensar em uma nova metodologia catequética e atualizada deste gênero de instrução. (Petrosillo,

1996). O Catecismo da Igreja Católica, revisado e atualizado teve sua promulgação e publicação decretada, em 11 de outubro de 1992, pelo Papa João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, redigido depois do Concílio Vaticano II. O Catecismo representa, para os fiéis, a segurança do Magistério da Igreja e a clareza dos ensinamentos dos Santos Padres e dos Concílios. Trata-se de um compêndio de pesquisas sobre dúvidas do posicionamento da Igreja, referente a temas diversos no universo da fé.

O Catecismo da Igreja Católica apresenta, em seu índice analítico, vários termos relativos à criação, dentre os quais destaco: “criação-criado” (29 tópicos), “natureza” (subdividida em natureza criada: 4 tópicos; natureza divina: 5 tópicos; natureza humana: 14 tópicos). Sobre a pesquisa homem e humanidade, o catecismo apresenta mais de 90 tópicos de estudo. Dessa forma, o levantamento aponta para um olhar antropocêntrico ao longo do texto doutrinal do Catecismo da Igreja Católica. Em sendo um número bem substancial de tópicos sobre as temáticas, o presente estudo irá ressaltar os pontos que forem considerados mais relevantes para a discussão proposta por esta tese, ou seja, uma seleção geral dos temas no Catecismo em interface com a interpretação da natureza e do homem no Catolicismo.

A doutrina da Criação constitui a primeira resposta às indagações fundamentais sobre a origem e o fim do ser humano. Tanto a Bíblia (Gn 1:1) como o *Credo* tem início com a confissão de fé no Criador, como pode ser percebido logo na primeira frase da *Profissão de Fé*: “Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra” (Gn 1:1). A criação é, pois, um mistério de fé e, ao mesmo tempo, uma verdade acessível à razão natural (CIC 286). Na reflexão sobre o tópico “criação”, o CIC 1359-1360, traz a Eucaristia como eixo central da fé, o sacrifício de Ação de Graças e louvor por tudo o que Deus fez de bom, belo e justo na criação e na humanidade. Além disso, o termo “criação” aparece como anáfora, ou seja, é repetida em vários momentos na oração eucarística, dada a relevância e centralidade da criação e das criaturas, como obras de louvor ao Criador.

A partir das primeiras palavras descritas em Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1:1), e das leituras de instrução do Catecismo da Igreja Católica, é possível deduzir que o Deus eterno pôs um começo a tudo o que existe fora dele. Só ele é Criador (o verbo “criar” — em hebraico, “bara” — sempre tem como sujeito Deus). Tudo o que existe (expresso pela fórmula “o céu e a terra”) depende daquele que lhe dá o ser (CIC 290). Somente Deus pode criar em sentido próprio, o que significa dar origem às coisas, do nada (*ex nihilo*), e não a partir de algo pré-existente; para isso, requer-se uma potência ativa infinita que só Deus possui (CIC 296-298). Há, pois, uma razão criadora na origem do cosmos (CIC 284).

Foi Deus mesmo quem criou o mundo visível em toda a sua riqueza, diversidade e ordem. O texto sagrado ensina, a respeito da criação, verdades reveladas por Deus para nossa salvação que permitem ‘reconhecer a natureza profunda da criação, seu valor e sua finalidade, que é a glória de Deus’ (CIC 337).

A indagação sobre a origem do mundo e do homem, ao longo dos séculos, tem sido objeto de investigações científicas, que ampliaram e enriqueceram o conhecimento sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos e o aparecimento do homem. Neste contexto, a catequese sobre a criação aponta para os próprios fundamentos da vida humana e cristã, porque enfatiza a indagação elementar que os homens de todos os tempos têm: “De onde viemos?”, “Para onde iremos?”, “Qual a nossa origem?”, “Qual o nosso fim?”. “De onde vem e para onde vai tudo quanto existe?”. As questões, tanto da origem, quanto do fim, são inseparáveis, sendo também decisivas para o sentido e para a orientação da existência humana.

Muitos estudos científicos... enriqueceram esplendidamente o nosso conhecimento sobre a idade e as dimensões do cosmo, o desenvolvimento de formas de vida, e o aparecimento do homem. Estes estudos nos convidam a uma maior admiração pela grandeza do Criador (CIC 283).

No Catecismo da Igreja Católica é apresentada a visão de Deus como aquele que cria o mundo de forma ordenada e com sabedoria, feita “no” e “por meio” do verbo eterno; “imagem do Deus invisível” (CIC 1:15), a criação está destinada e dirigida ao homem, imagem de Deus, chamado a uma relação pessoal com Ele (CIC 299). Esta descrição poderia levar a uma má interpretação do homem como o dominador e dotado de privilégios, por ter sido criado um ser à imagem e semelhança do Criador; porém, a continuidade da reflexão lança luz sobre o papel da responsabilidade, visto que a inteligência humana participa da luz do intelecto divino, e deve ter um espírito de humildade e respeito diante do Criador e de sua obra. A criação é eleita por Deus como um dom dirigido ao homem, como uma herança que lhe é destinada e confiada. (CIC 299). Ao longo do Catecismo, porém, aparecem reflexões que, se lidas sem uma análise interpretativa, podem ser usadas para justificar os desmandos do ser humano e a subjugação da terra a seus interesses e caprichos, tal como o recorte no tópico intitulado “A destinação universal e a propriedade privada dos bens”:

No começo, Deus confiou a terra e seus recursos à administração comum da humanidade, para que cuidasse dela, a dominasse por seu trabalho e dela desfrutasse. Os bens da criação são destinados a todo o gênero humano. A terra, está, contudo, repartida entre os homens para garantir a segurança de sua vida, exposta à penúria e ameaçada pela violência (CIC 2402).

Ainda, segundo o Catecismo (CIC 341), o que traz ordenação e harmonia ao mundo é a diversidade dos seres e das relações que existem entre eles, que as leis da natureza despertam a admiração dos sábios e deve inspirar o respeito e a submissão dos homens. Sob este prisma, percebemos o quão importante é o cuidado e manutenção da sabedoria ancestral. No entanto, apesar de Deus amar todas as suas criaturas, o texto do catecismo pontua que o homem é o píncaro da criação, tendo como embasamento o texto de Gênesis 1. De forma mais concisa o CIC 353 relata: “Deus quis a diversidade de suas criaturas e a bondade própria delas, sua interdependência e ordem. Destinou todas as criaturas materiais ao bem do gênero humano. O homem, e por meio dele a criação inteira, destina-se à glória de Deus”.

No tópico intitulado “Conhecer Deus pela criação” (CIC 31), o catecismo apresenta o homem como a imagem de Deus, chamado a conhecer e a amar a Deus, e, quando este o procura encontra certas “vias” para aceder ao conhecimento de Deus. Chamamo-las também de “provas da existência de Deus”, o que permite que ele chegue a verdadeiras certezas. Estas “vias”, para chegar a Deus, têm como ponto de partida a criação: o mundo material e a pessoa humana. Em complementariedade a este pensamento, o texto aponta que Deus fala ao homem por intermédio da criação visível. O cosmos material apresenta-se à inteligência do homem para que este leia nele os vestígios de seu criador. A luz e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a árvore e os frutos falam de Deus, simbolizam ao mesmo tempo a grandeza e a proximidade Dele. (CIC 1147)

A criação é delineada, ao longo do catecismo, como o fundamento de “todos os desígnios salvíficos de Deus”, ou seja, “o começo da história da salvação”, que culmina em Cristo. Inversamente, o mistério de Cristo é a luz decisiva sobre o mistério da criação; ele revela o fim em vista do qual, “no princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1:1): desde o início, Deus planejava a glória da nova criação em Cristo (CIC 280), de modo que a criação pode ser compreendida como o princípio e o fim de todo o plano divino, fruto de seu desejo e plano de amor. “Na criação do mundo e dos homens, Deus colocou o primeiro e universal testemunho de seu amor Todo-Poderoso e de sua sabedoria, o primeiro anúncio de seu ‘desígnio benevolente’, o qual encontra sua meta na nova criação em Cristo” (CIC 315).

A Bíblia e a tradição não cessam de ensinar e de celebrar: “O mundo foi criado para a glória de Deus”. Deus criou todas as coisas, explica São Boaventura, “*non propter gloriam augendam, sed propter gloriam manifestandam et propter gloriam suam communicandam* — não para aumentar a [sua] glória, mas para manifestar a glória e para comunicar a sua glória” (CIC 293). Segundo o Catecismo da Igreja Católica, Deus não tem outra razão para criar a não

ser seu amor e sua bondade, através de sua “virtude onipotente”, não para aumentar sua felicidade nem para adquirir sua perfeição, mas para manifestar essa perfeição, criou cada ser e criatura que existe na face da terra. A glória de Deus, conforme exposto no Catecismo (CIC 294) consiste na realização desta manifestação e comunicação de sua bondade em vista das quais o mundo foi criado. O fim último da criação é que Deus, “Criador do universo, tornar-se-á tudo em todas as coisas” (1Cor 15:28), procurando, ao mesmo tempo, a sua glória e a felicidade humana; ou ainda, conforme enfatiza no decorrer do texto: “Deus criou o mundo para manifestar e para comunicar sua glória. Que suas criaturas participem de sua verdade, de sua bondade e de sua beleza, é a glória para a qual Deus as criou” (CIC 319).

Em consonância com o que a Encíclica *Laudato Si'* retratada, e que será abordada no próximo capítulo deste estudo, o Catecismo aponta para a interdependência entre as criaturas e seres criados por Deus, bem como a função e importância de cada qual, no louvor e glória de seu nome: “Deus quis a diversidade de suas criaturas e a bondade própria delas, sua interdependência e ordem. Destinou todas as criaturas materiais ao bem do gênero humano. O homem, e por meio dele a criação inteira, destina-se à glória de Deus” (CIC 353). Em relação ao papel do homem, na obra da criação, o CIC 358 pontua: “Deus criou tudo para o homem, mas o homem foi criado para servir e amar a Deus e oferecer-lhe toda a criação”, ou seja, o homem não como dominador e detentor de todos os poderes sobre a obra criada, mas como servo e cuidador, aquele que oferta os frutos de sua ternura para com a criação como resposta de louvor ao Criador. Nesse contexto, o que percebemos, hoje, em relação ao que é feito com as obras do Criador, é possível considerar como ofensa e desrespeito às instruções que foram passadas por Deus ao ser humano, além de, uma falta de compreensão por parte do ser humano, da sua interdependência para com os outros seres vivos.

Uma interpretação que pode ser feita a partir do §307 do CIC, é a de compreender a Igreja como uma mãe que instrui seus filhos e filhas (fiéis), por meio da análise de Gênesis, a se posicionarem de forma cooperativa a Deus; de modo que, na evolução da criação, não exista dominador e nem dominado, no sentido de extrair dela benefícios e abandoná-la, mas de cuidá-la com inteligência e responsabilidade, por meio de uma relação harmônica para com todos os seres, sendo cocriadores e partícipes na obra da criação.

Deus concede assim aos homens serem causas inteligentes e livres para completar a obra da Criação, aperfeiçoar sua harmonia para o bem deles e de seus próximos. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, por suas ações, por suas orações, mas também por seus sofrimentos. Tornam-se então plenamente ‘cooperadores de Deus’ (1Cor 3:9) e do seu Reino (CIC 307).

Outro ponto que merece destaque em relação à criação e ao ser humano para com Deus, conforme apresenta o Catecismo, é a familiaridade com que Deus convoca o homem a jardinar a criação, como colaboradores, cuidadores da casa comum, erguida por Deus e confiada ao zelo de seus filhos, que dela obteriam abrigo e sustento, mas também que a manteriam e fariam-na evoluir cada dia mais: “O sinal da familiaridade com Deus é o fato de Deus o colocar no jardim. Lá vive ‘para cultivá-lo e guardá-lo’” (Gn 2:15). O trabalho não é uma penalidade, mas sim a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível (CIC 378). Esta determinação dada ao ser humano, não é da ordem do descaso de Deus para com a criação, pelo contrário, é um gesto de amor, confiança e benevolência, Deste para o homem, a quem foi entregue a responsabilidade de garantir a manutenção e evolução de sua obra:

Na criação do mundo e dos homens, Deus colocou o primeiro e universal testemunho de seu amor Todo-Poderoso e de sua sabedoria, o primeiro anúncio de seu ‘desígnio benevolente’, o qual encontra sua meta na nova criação em Cristo (CIC 315).

A preocupação do Catolicismo com a integridade da criação vem esboçada no sétimo mandamento da lei de Deus: “Não Roubarás” (CIC 315). Abordado e explicado, ao longo do texto, o mandamento amplia a discussão sobre o que é roubar e reitera que a orientação dada por Deus, ao homem de dominar a terra, não é ilimitada, mas restrita a um olhar cauteloso e responsável junto à criação, a fim de que este não usurpe e roube os bens a ele confiados, privando os demais semelhantes e seres do direito à vida. Dessa forma, o viés reflexivo abordado sobre este mandamento, estende-se ao respeito e ao cuidado para com tudo e todos.

O sétimo mandamento manda respeitar a integridade da criação. Os animais, como as plantas e os seres inanimados, estão naturalmente destinados ao bem comum da humanidade passada, presente e futura. O uso dos recursos minerais, vegetais e animais do universo não pode ser separado do respeito pelas exigências morais. O domínio dado pelo Criador ao homem sobre os seres inanimados e os seres vivos não é absoluto; é medido por meio da preocupação pela qualidade de vida do próximo, inclusive das gerações futuras; exige um respeito religioso pela integridade da criação (CIC 2415).

Ao abordar a questão da perfeição da obra da Criação, o Catecismo (CIC 396) aponta que Deus, ao criar o homem à sua imagem e semelhança, estabelece com ele um elo de amizade. Criatura espiritual, o homem só pode viver esta amizade como livre obediência a Deus. Dessa forma: “A árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:17) evoca simbolicamente o limite

intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e respeitar com confiança ao que foi solicitado pelo seu Criador, ou seja, o homem depende do Criador, e está sujeito às leis e normas que regem o uso desta relação de liberdade. O texto aborda, também, que Deus cria suas obras, num sentido de constante caminhar, de construir e desconstruir, em processo contínuo de evolução, e que o ápice da perfeição de sua obra consiste em um devir, de luta permanente entre o bem e o mal, e apenas quando a Criação deixar se guiar pelo Criador é que ela atingirá sua perfeição:

(...) em sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo ‘em estado de caminhada’ para sua perfeição última. Este devir permite, no desígnio de Deus, juntamente com o aparecimento de determinados seres, também o desaparecimento de outros, juntamente com o mais perfeito, também o menos imperfeito, juntamente com as construções da natureza, também as destruições. Juntamente com o bem físico existe, portanto, o mal físico, enquanto a criação não houver atingido sua perfeição (CIC 310).

Um fato que também é relevante em se tratando de Catecismo é a sua recente adaptação para o público jovem. Chamado de Youcat (abreviação de *Youth Catechism*), o Catecismo Jovem da Igreja Católica foi lançado mundialmente, em 13 de abril de 2011, em um evento que contou com a participação do papa Bento XVI, no Vaticano. Já em 2019, foi lançado o Youcat para crianças. O texto é inspirador e de fácil compreensão, voltado para crianças entre 8 e 12 anos, perpassado por desenhos alegres que encorajam as crianças a explorar e fazer perguntas, além de abrir um leque de informações básicas e interessantes para os pais e professores sobre as questões abordadas. O livro, antes de sua publicação, foi testado por vários anos na prática, posteriormente aprovado pela Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, e, oficialmente, publicado pela Conferência Episcopal Austríaca. Tanto o Youcat para jovens, quanto o Youcat para crianças (duas obras elaboradas sobre o mesmo conteúdo com formas distintas, a fim de atender aos públicos infantil e juvenil) trazem os temas de discussão do Catecismo da Igreja Católica, porém numa visão mais clara e adaptada para o referido público e para os dias atuais.

No Youcat para crianças, por exemplo, o texto apresenta, em forma de perguntas e respostas curtas e claras o tema da criação: “De onde vem o mundo e tudo o que há nele? Tudo o que existe vem de Deus”. Sobre a existência de Deus o texto traz o seguinte questionamento, seguido de resposta acessível e clara:

Como sabemos que Deus existe? Nós sabemos que Deus existe porque vemos seus sinais por todo o mundo. Olhe tudo: o sol no céu, as estrelas à noite, as florestas, montanhas, mares e rios, os grandes e pequenos animais, as pessoas

em todos os continentes. Foi Deus quem fez (Youcat Para Crianças, 2019, p. 10).

Em correspondência à questão da criação, o Youcat para crianças apresenta a diferença entre o ser humano e as demais obras do Criador por meio da seguinte indagação: Qual a diferença entre as pessoas e os demais seres criados por Deus? Ao que o texto responde: “Deus ama tudo o que fez. Também os animais. Mas para as pessoas Ele deu algo especial. Deus lhe confiou a terra para cultivar e proteger.” (Youcat Para Crianças, 2019, p. 34). E continua o texto, explicando de forma didática a diferenciação entre o homem e os animais:

pedras não sentem. Os animais seguem seus instintos, mas o homem pode pensar, ele pode sentir, chorar, rir e assumir responsabilidades. Só o homem é livre. Ele pode escolher entre o bem e o mal. Deus e o homem podem até ser amigos. (Youcat Para Crianças, 2019, p. 34).

Por fim, um ponto igualmente importante, que o Catecismo discute em vários tópicos, é sobre o pecado original e como este foi responsável pela quebra da confiança e da harmonia do homem para com Deus e para com a Criação. Com a entrada do pecado, da desobediência, da vaidade, do império do ego e do poder, do homem intentar ser como Deus, origina a morte e a expulsão desse mesmo homem do paraíso. Esse tema é bem amplo e traz margem a inúmeras discussões, que fogem à temática central desta pesquisa. Todavia, é importante ressaltar que o afastamento da harmonia do ser humano junto a criação teve sua origem primordial no pecado, e serviu como ponto de discussão *a posteriori*, inclusive, pelo Papa Francisco, quando da inclusão do pecado ecológico entre os pecados capitais. Trata-se, pois, de uma ação contra o meio ambiente e as obras do Criador, cuja temática será abordada no próximo capítulo.

A harmonia com a criação está rompida: a criação visível tornou-se para o homem estranha e hostil. Por causa do homem, a criação está submetida ‘à servidão da corrupção’. Finalmente, vai realizar-se a consequência explicitamente anunciada para o caso de desobediência: o homem ‘voltará ao pó do qual é formado’. A morte entra na história da humanidade (CIC 400).

A ação destruidora do homem contra o meio ambiente é um fato crescente e preocupante para toda a humanidade. Cientistas e estudiosos, ao redor do mundo, discutem sobre a escassez dos recursos naturais, o esgotamento de água e alimentos, ondas de calor, secas, inundações. Tudo isso se deve em parte pela atitude humana, a qual já fora advertida, conforme vimos, desde os tempos da escrita bíblica de Gênesis. Nessa perspectiva, o CIC incute um tom pedagógico no sentido de produzir algum efeito que possa educar as crianças e jovens a serem

“obedientes” e “guardarem” seu jardim, ou seja, a terra, onde habitam. Do mesmo modo, outros estudiosos de diferentes áreas do saber e culturas também trouxeram essa preocupação em relação à necessidade de cuidado com a natureza.

1.2 FRANCISCO DE ASSIS: UM HOMEM À FRENTE DE SEU TEMPO

Francisco de Assis nasceu há mais de 800 anos (1182-1226) e é uma figura de destaque no Catolicismo. A sua forma de lidar com as criaturas e com a criação, sua relação com Deus, sua bondade e simplicidade transformadas em atitudes foram dando forma a tudo aquilo que se tornou seu caminho, exemplo e ensinamento para as pessoas de seu tempo e que se reverbera até os dias de hoje. A presença deste homem se tornou um marco de fraternidade pela sua forma de agir e pensar.

Neste capítulo, o ponto de reflexão se dará em torno de duas ações e modos de ver as criaturas e a humanidade em Francisco de Assis. Tais ações serviram de inspiração para a escrita de duas encíclicas promulgadas pelo Papa Francisco e partem de dois recortes da missão de vida de Francisco de Assis: *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*. O louvor a Deus Criador, em sua criação e em suas criaturas, ambas unidas pelo elo fraterno da filiação divina.

Francisco de Assis é um dos santos mais populares e cultuados no catolicismo, intitulado como patrono da natureza e dos animais. Nasceu em 1182, em Assis, Itália. Teve seu nome inicial de registro como Giovanni di Pietro di Bernardone, mesmo nome de seu pai, alterado posteriormente em homenagem à nacionalidade francesa de sua mãe, Pica, visto que quando do nascimento do filho, o Pai estava em viagem comercial à França, originando então o nome Francisco. Nasceu em berço nobre. Seu pai era um influente comerciante de tecidos na região, o que garantiu ao filho crescer em meio a riqueza e provimento de todas as suas necessidades financeiras.

A maioria das narrativas sobre a vida de *São Francisco de Assis*, aborda a partir de sua conversão, que ocorreu quando este tinha aproximadamente 24 anos. A tradição cavaleiresca e a literatura medieval, influenciaram em algumas especificidades de sua ordem, bem como a dos seus seguidores, intitulados como cavaleiros de Cristo, tendo na pobreza, uma dama desejada. O processo de conversão de Francisco é marcado pela guerra, pelo seu desnudamento diante do pais, do bispo e de moradores da cidade de Assis, pelo abandono da casa paterna e pelo colóquio com o Cristo crucificado na Igreja de São Damião.

Um ponto marcante e difusor de ensinamento no franciscanismo é um texto escrito por Francisco de Assis, próximo a sua morte, intitulado *O Testamento*. Nele é possível perceber a

presença marcante do Evangelho e das revelações que Francisco de Assis teve ao longo da vida e da sua conversão a partir do texto bíblico e do qual se utiliza para dar conselhos aos frades, sobre como devem conduzir a vida sem a sua presença no meio deles. No referido texto, Francisco de Assis ressalta um ponto em particular, o seu encontro com os leprosos. Assim, diz em seu texto autobiográfico:

Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo. (Silveira; Reis, 1997, p.167)

Neste ponto inicial do Testamento de Francisco de Assis, é possível perceber o caminho da misericórdia e da caridade ao qual ele orientava seus predecessores, com instruções sobre o modo de vida que deveriam seguir. Esse modelo a ser observado pode ser resumido nos três votos apresentados pelo franciscanismo: castidade, obediência e pobreza. O texto inicial da ordem e carisma franciscano da regra é baseado em citações bíblicas. Em 1221, Francisco de Assis teria renunciado ao governo da ordem e o passado a Frei Elias. Escreveu, ainda, uma **regra não bulada** da ordem dos frades menores (Siveira; Reis, 1997, p. 139) que foi reescrita, ampliada, bulada da ordem dos frades menores (Siveira; Reis, 1997, p. 131) e aceita em 1223, aprovada pelo pontífice Inocêncio III. O fundamento de Francisco de Assis é a minoridade, a pobreza, o serviço de misericórdia, a castidade como uma imitação do que foi ensinado pelo evangelho. Devido ao seu modo de liderar, ele e seus confrades foram considerados em muitos momentos como heréticos.

Francisco de Assis, é um personagem que ultrapassa os muros da Igreja e abarca o mundo laico, seja pelo papel evangelizador no medievo, ou ainda, pelo texto *Os Fioretti*, que traz uma relação muito íntima com os animais e com a natureza, muito disseminada em ambientes não católicos.

A figura de Francisco de Assis é muito difundida nos meios em que a pobreza é tematizada, ponto este bem enfatizado em várias obras de Leonardo Boff sobre Francisco de Assis. O autor apresenta uma visão influenciada pelo texto *Os Fioretti*, no qual analisa as questões de marginalidade e pobreza como um referencial de aproximação ao culto do santo de Assis. Na cultura laica, Francisco de Assis pode ser visto como um ambientalista medieval. As criaturas, em seus escritos, são vistas de forma integrada à criação e devem, portanto, louvar o

Criador, leituras que compartilham espaço das interpretações bíblicas às poéticas. Francisco de Assis extrapola sua própria vida e pelo seu legado se torna um símbolo e personagem emblemático a ser seguido e imitado, pelos seus feitos e virtudes.

1.2.1 *Laudato Si'*: a natureza como parte da mesma família em Francisco de Assis

Francisco de Assis, em 1225, um ano antes de sua morte compôs *O Cântico das Criaturas*, também chamado de *Cântico do Irmão Sol*, que poderia ser ainda nomeado de *Laudato Si'*, ou *Louvado Seja*, dada a ênfase a este termo ao longo do canto religioso cristão em tom de louvor e poesia. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, existe uma solidariedade entre todas as criaturas pelo fato de terem o mesmo Criador, e de todas estarem ordenadas à sua glória (CIC 344). O Cântico das Criaturas, neste contexto, apresenta-se como um convite a refletir e pensar sobre tudo o que circunda o homem como parte de uma mesma família, portanto, interligados e interconectados.

O Cântico de Francisco de Assis a todas as criaturas representa um louvor a Deus em comunhão com todo o universo. Ele entoa um concerto harmônico junto à criação, em que o ser humano é visto como tão ínfimo diante da grandeza de Deus, que não é digno sequer de nomeá-lo, é neste saudar e cantar às Criaturas e ao Criador, aos moldes de Francisco de Assis que os próximos versos se debruçarão, devido a sua importância, como fonte de compreensão do pensamento franciscano e sua relação com o meio ambiente. Esta visão de integralidade com a natureza é retomada sob um novo escopo na encíclica *Laudato Si'*, publicada pelo Papa Francisco, em 2015 e que será tema de discussão do segundo capítulo. Segue abaixo *O Cântico do irmão Sol*, muito conhecido como *O Cântico das Criaturas*: transcrito da coletânea *Obras Completas de Francisco de Assis* (Siveira; Reis, 1997, p. 71-72) e citado na obra *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja* (Siveira; Reis, 1997, p. 71-72 *apud* Boff, 2014, p. 116-117)

O cântico do irmão sol

Altíssimo, onipotente, bom Senhor!
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.

Só a Ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,

Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante,
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras,
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo,
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã, e mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã, a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor
E dai-lhe graças,

E servi-o com grande humildade.

Nos parágrafos subsequentes serão abordados pontos reflexivos a partir do *Cântico do irmão Sol*, subdividido em conjuntos temáticos, dada a grandeza do conteúdo e do modo de ser, ver e viver no mundo proposto por Francisco de Assis. Em “Altíssimo, Onipotente, Bom senhor! Teus são o louvor, a glória, a honra e toda bênção. Só a Ti, Altíssimo, são devidos, e homem algum é digno de te mencionar”, reconhece a primazia de Deus sobre todas as Criaturas, e enquanto Criador, somente Ele é digno de toda honra, louvor e glória, ou seja, Francisco aqui delimita o espaço e lugar do homem, frente ao criador, entre o que adora e o que é adorado. Fazendo um paralelo com a sociedade antropocêntrica atual, pode-se observar que o homem é retirado do centro e colocado em paralelo às outras criaturas, dando ao Criador e Senhor, o lugar de centralidade.

No trecho posterior: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente, o Senhor irmão Sol, que clareia o dia e com a sua luz nos alumia, ele é belo e radiante, com grande esplendor; de ti, Altíssimo, é a imagem”, Francisco de Assis começa a louvar a Deus por meio de suas criaturas, qualificando-as com sua beleza e valor. Neste ponto, sua composição se assemelha com o texto de Gênesis 1, já abordado nos tópicos anteriores, em que vai elencando cada etapa da Criação. Inicia o louvor em forma de agradecimento a Deus por ter criado os astros e a imensidão do céu, referenciando, portanto, o Sol, que na cultura pagã é tido como um deus, e no Cristianismo foi adequado à celebração da data de nascimento do Cristo como o Sol, aquele que trará luz à humanidade. Na sequência, ergue louvor a Deus pela lua e pelas estrelas: “Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as estrelas, que no céu formaste claras, e preciosas e belas”.

No decorrer do cântico poético de louvor às criaturas, Francisco de Assis menciona os quatro elementos da natureza, delimitando as características essenciais e diferenciais de cada qual, no quebra cabeça e sinfonia da criação. Inicia com o vento, responsável pela temperatura e curso das estações, servindo também de sustento para todas as criaturas: “Louvado seja, meu Senhor, pelo irmão vento, pelo ar, ou nublado ou sereno, e todo o tempo, porque às tuas criaturas dás sustento”. Prossegue, ressaltando o ensinamento de humildade da água, sua preciosidade e utilidade: “Louvado sejas, meu senhor, pela irmã água, que é mui útil e humilde, e preciosa e casta”. Continua exaltando de forma poética o fogo, como aquele que ilumina e aquece: “Louvado sejas, meu Senhor, pelo meu irmão fogo, com qual iluminas a noite, ele é belo e jucundo, vigoroso e forte”. Finaliza o louvor, aos quatro elementos, com o aplauso à Terra, a qual chama de irmã e também mãe, visto que dela provém o sustento para todas as criaturas,

com suas flores e frutos; mesmo as ervas daninhas são incluídas e benditas aos olhos do santo: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a Mãe Terra, que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas.”

No item sequencial do cântico, Francisco de Assis inicia a reflexão sobre aspectos da conduta humana diante dos desafios apresentados pelo mundo. O autor aborda duas questões essenciais para a humanidade: a vivência do perdão e a busca pela paz; e conclui que aqueles que vivem sobre a égide do amor são bem-aventurados e serão coroados, reconhecidos pelo Senhor: “Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor, e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que sustentam a paz, que por ti, Altíssimo, serão coroados”.

E por fim, Francisco de Assis traz para o cântico a visão da morte corporal como irmã, aquela que auxilia o ser humano na travessia para a eternidade, e que ela também é boa e necessária: “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, da qual homem algum pode escapar. Ai dos que morrerem em pecado mortal, felizes os que ela achar conforme a tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal nenhum”. E conclui com o convite de louvor e serviço ao Criador: “Louvai e bendizei ao meu Senhor, e dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade.” O cântico ressoa, enfim, como um vibrar da gratidão e grandeza das criaturas diante de Deus e um louvor a todos os benefícios que estas criaturas proporcionam aos homens, tornando-se uma com ele.

Nelson Porto, que ilustra a obra *Francisco de Assis - homem do Paraíso*, cujo texto é escrito por Leonardo Boff, (1986, p. 17), também faz uma referência textual ao Cântico das Criaturas, em que diz assim: “Este cântico é a confissão de um homem que conheceu a mais perfeita alegria, reconheceu e elogiou as virtudes, mergulhou até o fundo, e viveu a plenitude das 4 estações. Estigmatizado foi até o fim.” Segundo Nelson (1986), que observa *O Cântico das Criaturas* por uma perspectiva artística, retoma que a composição foi escrita, por Francisco de Assis, quando ele já estava praticamente cego e, ainda assim, ressalta com detalhes o sol, o céu, a lua e as estrelas, bem como a importância da harmonia entre todas estas vidas criadas por Deus. Nesse sentido, encontramos mais um texto católico que convida o ser humano, a lembrar-se de sua condição de criatura e da necessidade de convívio com a natureza de forma contemplativa e integrada, ao contrário da ação destruidora que marca a contemporaneidade.

O Cântico das Criaturas ou do *Irmão Sol* foi escrito originalmente no dialeto da Úmbria, faz parte da literatura mundial e seu formato é o de oração-poema. Sobre a autenticidade de sua autoria, ela vem afirmada por Celano (Silveira; Reis, 1997) e pela tradição manuscrita. No códice 338 da Biblioteca Comunal de Assis, tem-se: “Começam os louvores das Criaturas, que

o bem-aventurado Francisco de Assis compôs, para louvor e honra de Deus, quando estava doente em S. Damião”, e afirma que foi em meio a um sofrimento enorme, entre a estigmatização e a morte, que da sua alma brotou este convite jubilante a todas as criaturas para louvarem o Senhor.

Sobre esse momento que precede a morte de Francisco de Assis, Celano compara o Cântico à Criação, como um novo “cântico dos três jovens na fornalha ardente” (Silveira; Reis, 1997), que mesmo em meio ao fogo que os consumia, cantavam louvores ao Criador e proclamavam sua fé. A fornalha ardente é representada pelos seus padecimentos que o consumiam, porém sem que ele perdesse a alegria e o desejo de louvor ao Senhor pelas “maravilhas” criadas. O homem compadece diante da morte, mas não deixa de manifestar sua admiração pela criação.

O aludido texto — Cântico das Criaturas — conforme interpreta Leonardo Boff (1986), sinaliza que Francisco de Assis não queria estar sobre as coisas, nem cantar por meio delas, mas queria estar com elas num sentido pleno de fraternidade as quais chama de irmãos e irmãs, sem hierarquias. Seu amor e louvor por todas elas se demonstra em forma de canção, repleta de ternura e de contemplação junto à criação. Os olhos corporais, enxergavam muito pouco, no entanto, seu coração grato e jubiloso lhe revelava a beleza das criaturas.

Leonardo Boff, na obra *São Francisco de Assis, ternura e vigor* (1981), enfatiza que Francisco de Assis se faz “um” com todas as criaturas, não acima, nem abaixo, mas junto, como filhos do mesmo Pai, unidos em uma mesma irmandade. Esta visão traz uma nova perspectiva para a Igreja, cuja tradição considerava até então, o ser humano como filho de Deus, estando acima de todas as outras criaturas. A inovação trazida por Francisco de Assis reside na dimensão de horizontalidade relacional, numa mística de filiação universal: “se todos são filhos de Deus, então todos são irmãos entre si. Todos vivem na grande *Casa paterna*. Vigora uma grande intimidade com todas as coisas” (Boff, 1981, p. 52). Dessa forma, *O Cântico das Criaturas*, escrito há mais de um século é extremamente atual, não apenas por ser um clássico das artes e das religiões, mas por trazer essa relação de interdependência entre os seres como via para se alcançar uma sociedade de harmonia, amor, paz e justiça.

Sob esse prisma de louvor, amor e acolhida à Criação, Francisco de Assis convida o ser humano a amar a natureza de forma despojada, aberta e responsável, levando-o a se lembrar sempre, que todos os seres vivos fazem parte do mesmo bioma. As atitudes humanas, por mais insignificantes que possam parecer, contribuem diretamente na construção de um planeta, mais harmônico, equilibrado e sustentável. Para tal, é preciso conhecer melhor a casa em que habitamos, suas particularidades e os principais problemas que a afetam. A intervenção humana

tem trazido riscos, cada vez maiores de manutenção da vida como um todo, comprometendo as gerações futuras. Faz-se, portanto, necessário exercitar o respeito pela Criação, de modo especial pelo meio ambiente, através da promoção de relações fraternas com a vida e com os povos. Assim, ao seguir os passos deixados por Francisco de Assis, a humanidade poderá enxergar a natureza com o prisma de seu olhar: como uma irmã, unida pelo laço original do seu Criador, conforme ilustra Gênesis e *Laudato Si'*, quando compreendem a natureza como parte da mesma família.

1.2.2 *Fratelli Tutti*: A Irmandade e Fraternidade em Francisco de Assis

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz! Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz! Ó Mestre, fazei que eu procure mais. Consolar, que ser consolado. Compreender, que ser compreendido. Amar, que ser amado. Pois é dando, que se recebe. Perdoando, que se é perdoado e é morrendo, que se vive para a vida eterna!

Somos todos irmãos e irmãs: este é o lema que perpassa a vida e trajetória do *Poverello* de Assis. Todos e todas, criação e criaturas, filhos e filhas de um mesmo Pai Criador. A partir deste recorte, buscarei delinear um pouco sobre este traço da fraternidade em Francisco de Assis, partindo da reflexão de uma oração popularmente conhecida da Igreja Católica, e até para além dos muros da instituição, como a *Oração de São Francisco* ou *Oração pela Paz*, visto que esta trará elementos importantes da trajetória de vida de Francisco de Assis. A *Oração de São Francisco*, conforme explica Leonardo Boff (1999), apareceu pela primeira vez em 1913 em uma revista na Normandia, na França, sem referência do autor. A oração se tornou universal a partir de sua publicação no *Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano, em 20 de janeiro de 1916, ganhando maior visibilidade em 28 de janeiro quando foi publicada no diário católico francês *La Croix*. O mundo passava pela I Guerra Mundial e vinham de todas as partes orações pela paz. Esta oração era inclusive direcionada ao Sagrado Coração de Jesus, devoção introduzida no final do século XIX, com o intuito de resgatar a riqueza da “santa humanidade de Jesus” (Boff, 1999).

A oração pela paz surge então num contexto de guerra, movida por um desejo humanitário de reconciliação, e após sua publicação ganhou a mente e os corações de pessoas do mundo inteiro, sedentos por paz, em união na oração das mais variadas religiões e povos, se

tornando uma oração humanitária. Segundo Boff (1999), o que fez esta oração ser atribuída a São Francisco foi uma casualidade histórica: dada as características devocionais ao Coração de Jesus, muito difundida na época pela Igreja, e a similaridade das características e aspectos da vida de São Francisco, pouco tempo após a publicação da Oração pela Paz, um visitante da Ordem Terceira Secular de Roma, na França, solicitou a impressão de um cartão com a estampa de São Francisco de um lado e do outro a Oração pela Paz, contendo embaixo uma pequena frase, com os dizeres: “essa oração resume os ideais franciscanos e, ao mesmo tempo, representa uma resposta às urgências de nosso tempo”. Desde então, esta oração passou a ser conhecida como a *Oração de São Francisco*. Embora, a oração não tenha sido escrita por São Francisco, vários trechos do que nela vem impressa, podem ser encontradas espalhadas ao longo de seus escritos, como por exemplo, no escrito *Admoestações: Das virtudes que afugentam os vícios*:

Onde há caridade e sabedoria, não há medo nem ignorância.
 Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação.
 Onde à pobreza se une a alegria, não há cobiça nem avareza.
 Onde há paz e meditação, não há nervosismo nem dissipação.
 Onde o temor de Deus está guardando a casa, o inimigo não encontra porta para entrar.
 Onde há misericórdia e prudência, não há prodigalidade nem dureza de coração. (Siveira; Reis, 1997, p. 69-70 *apud* Boff, 1999, p. 21).

A *Oração pela Paz* resume o carisma franciscano e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ela expressa as virtudes e vivências que são trazidas nos Evangelhos, assumidas por Francisco de Assis como roteiro para a vida. Leonardo Boff relembra as semelhanças entre o Sagrado Coração de Jesus e a devoção franciscana citando Pe. Antônio Vieira, no sermão sobre as chagas de São Francisco: “Vesti Cristo e tereis Francisco, desvesti Francisco e tereis Cristo.” (Boff, 1999, p. 20). Observando as características de despojamento de Cristo e de Francisco, seu amor e entrega junto aos irmãos, é possível perceber várias semelhanças entre o seguidor e o Mestre, o que explica o encantamento, devoção e seguimento do exemplo de Francisco ao longo dos séculos.

A escolha desta tão clássica oração se deve ao fato de trazer à tona anseios e virtudes universais necessárias à humanidade, desde sempre. Ela é atemporal, podendo ser rezada, meditada e suplicada tanto por cristão, como por gnósticos ou ateus. Sua temática é da ordem da intimidade do coração humano, nos revelando os polos do amor, do perdão, da compaixão: “Meditando com atenção os versos da *Oração de São Francisco* constatamos nela a presença dos dramas e das esperanças humanas mais persistentes na história” (Boff, 1999, p. 28). Com

ênfase na importância das atitudes fraternas entre os seres, algo que tem sido considerado um desafio para a humanidade, é que este estudo debruçar-se-á nas próximas páginas.

A *Oração de São Francisco* traz em seu início um chamamento a Deus como Senhor, no sentido de percebê-Lo como Aquele que detém o senhorio e domínio sobre o suplicante: “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz!”. Este título também foi mencionado diversas vezes ao longo dos evangelhos, como chamamento referido a Jesus pelos seus discípulos e seguidores. Aquele que é servo do Senhor, solicita que ele o use como um instrumento, não de algo banal, mas, como promotor e difusor da paz. Na oração sendo publicada no curso da I Guerra Mundial, e tendo Francisco também participado em batalhas em sua época, tornam o texto atual. Além disso, esse contexto de guerras trazem proximidade com a vida de Francisco de Assis, de modo que a oração passa a ser atribuída a ele. Boff (1999) esclarece que o termo Senhor, quando aplicado a Deus, faz menção ao Deus criador, que criou tudo a partir do nada, e que se faz presente em tudo o que criou. Ressalta ainda, que o termo Senhor traz, ainda, uma conotação política, visto que o título era designado a reis e imperadores.

A paz, no mundo constantemente marcado por guerras, seja a que ocorre hoje na Ucrânia, ou a I ou II Guerra Mundial e tantas outras registradas historicamente, desde a morte de Abel, provocada pelo seu irmão Caim, clamam por consciência de fraternidade, de mudança de rota e de atitude frente ao poder, à vaidade e ao egoísmo. A paz é uma manifestação na sociedade, no coletivo, de algo que segundo Boff (1999, p. 30) se inicia no individual: “Há uma convicção dos mestres espirituais e dos sábios de todas as culturas, segundo a qual a paz entre as pessoas e os povos passa pela alma e pelo coração”, ou seja, para que o mundo esteja bem, é necessário que cada qual esteja bem consigo mesmo, imbuídos de um desejo de construção da paz, do micro para o macro, da pequena casa doméstica, para a grande casa — planeta. E para refletir e buscar ser instrumento desta paz, como a oração propõe, é preciso refletir sobre as raízes da falta de paz, como a rivalidade, a inveja, o medo, a cultura de morte e destruição e o distanciamento dos ensinamentos da fonte originária, que é Deus.

Construir a paz implica refazer o caminho de volta à Fonte, que passa pela espiritualidade. Ela nos permite encontrar Deus entranhado em todas as coisas e fornece o alfabeto para decifrar a mensagem que orienta a caminhada humana (Boff, 1999, p. 42).

Logo, a fraternidade e a paz parecem-nos indissociáveis, de modo que continuamos tecendo um pouco mais sobre a temática da paz. A paz norteia toda a estrutura da oração, que inclusive a nomeia, sendo importante ressaltar que a paz da qual Francisco de Assis fala não é

qualquer paz, mas a que se refere àquela que Cristo dá, tal qual a presente no livro de João 14:27: “deixo-vos a paz, eu vos dou a minha paz; não como o mundo dá eu a dou”, com isso a paz da qual Francisco de Assis quer ser instrumento é a paz revelada por Cristo no sermão da montanha, o das bem-aventuranças, que vem de certa forma sendo descrita ao longo de toda a oração, refletindo a vivência do próprio Francisco de Assis, como norma de conduta de vida. Na reflexão de Boff (1999, p. 60) sobre a questão de ser instrumento da paz expressa como anseio na *Oração de São Francisco*, o autor diz:

Quem quiser ser instrumento da paz de Deus deve ele mesmo ser uma pessoa pacificada, imbuída de cuidado essencial e cheia de espírito das bem-aventuranças, que é o que traz a paz. Deve irradiar paz de dentro para fora a partir de sua identidade mais profunda.

Sob este viés de reflexão, a paz torna-se algo para além de uma manifestação interna, mas é fruto de um movimento íntimo de autoconhecimento ou, numa perspectiva cristã, uma conversão verdadeira à cultura do amor, do perdão, da misericórdia e das demais virtudes que embasam a cultura da paz. A paz, nesse sentido, abrange a comunidade de irmãos e irmãs, a sociedade e a paz perene com a natureza e com a Mãe Terra. A personificação desta cultura de paz pode ser vislumbrada na figura símbolo de Francisco de Assis:

Francisco se fez então pessoa-instrumento de paz, da paz que Deus quer para a humanidade. A paz não ficou sendo apenas um desejo vão, nem simples proposta. Foi resposta radical, por obra e graça do Mistério e pela colaboração humilde e jovial de um dos melhores homens que o cristianismo produziu, Francisco de Assis (Boff, 1999, p. 70).

Na sequência da *Oração de São Francisco* vem sendo delineada as ambiguidades de sentimentos e ações humanas, como num jogo de luz e sombra na vida do ser humano, seja no amor-ódio, ofensa-perdão, discórdia-união, dúvida-fé, erro-verdade, desespero-esperança, tristeza-alegria, trevas-luz. No enredo da vida humana, existem momentos em que impera o amor, que inclui e acolhe, e outros quando impera o ódio e a destruição. Como fazer então para que reine o amor e que ele supere o ódio? Segundo Boff um caminho é: “Organizar um projeto fundamental de vida onde o amor seja o eixo central, onde a fonte inspiradora de nossos desejos e de nossas ações, das mais simples às mais altas, nasça do amor” (Boff, 1999, p. 74). Sob esse prisma discutido pelo autor, é possível interpretar o amor como atitude concreta que vai ao encontro às necessidades do outro, que brote do interior, mas se manifeste no exterior, portanto, seria o amor como um projeto, para além de um conceito.

A oração prossegue com: “Onde houver ofensa, que eu leve o perdão”, enquanto o que se observa é uma sociedade - tanto da época em que foi publicada a súplica, como a de hoje, marcada pelas desigualdades sociais e preconceitos, sejam eles leprosos, deficientes, mulheres, povos originários, negros, crianças, idosos, pobres, ou qualquer outra situação de marginalidade. Neste contexto, como levar a proposta do perdão? Boff pontua que o perdão não é esquecer o que foi praticado, mas trazer no peito um sentimento de justiça, aliado à necessidade de pedir e de ofertar o perdão, através do reconhecimento da culpa, criando espaço para que a fraternidade, solidariedade e respeito possam ser alicerces de uma convivência cordial:

Perdoar os que os ofenderam não significa esquecer os golpes e as feridas recebidas. É a capacidade de ver o ofensor não apenas como um ofensor, mas como um ser humano a ser lastimado pela maldade que perpetrou, e ao mesmo tempo perceber que ele é portador de potencialidades capazes de transformá-lo em irmão. Perdoar é abri-lo para essa possibilidade (Boff, 1999, p. 78).

Um dos pontos cruciais das guerras, brigas e contendas vividas pela humanidade se deve à discórdia, ao não entendimento, à ausência de diálogo e de se chegar a acordos plausíveis para as partes envolvidas. A suprema expressão da discórdia pode ser percebida nas guerras aos níveis mundial, nacional, regional, local ou ancestral. A discórdia reina no coração e se manifesta em forma de ódio e vingança. Em uma sociedade que apregoa como valor o individualismo, a busca dos próprios interesses, como seres totalmente independentes da natureza, ser um promotor da união torna-se um grande desafio. Para ser instrumento da união é preciso eliminar as causas que levam à discórdia, desenvolver atitudes fraternas, de compreensão e tolerância, respeitando as diferenças, numa visão holística da realidade, integral e integradora:

A visão integradora da unidade da história nos permite dizer como os sábios orientais e os místicos cristãos: o coração do universo, o coração da flor, o coração da vida, o coração do ser humano e o coração de Deus, são, em sua última radicalidade, uma coisa só. Encontram-se sempre unidos de forma dinâmica e convergente (Boff, 1999, p. 82)

O modo de ver e viver da contemporaneidade, cada vez mais demarcado pela tecnociência, pela busca de comprovações científicas, torna-se solo fértil para dúvidas, incertezas e questionamentos acerca de tudo que circunda o ser, inclusive de questões que são muito próprias da fé e da espiritualidade. A fé pode ser entendida sobre dois aspectos: a fé como confiança, e a fé enquanto crença. Como confiança é atitude de entrega a algo e a alguém maior, superior, ao Deus interior, e que dá força nas lutas e batalhas cotidianas. Ao passo que, como

crença, é a aceitação da revelação histórica de Deus e de seu plano de comunhão, é aquela que elimina as dúvidas sobre o futuro humano, é a certeza daquilo que não se vê. Sobre um mundo cada vez mais descrente repleto de dúvidas, incertezas e inseguranças, Leonardo Boff expressa uma releitura em forma de prece, haja vista a reflexão trazida neste trecho da oração:

Senhor, onde houver dúvida, que eu leve a fé. Não deixeis que a dúvida apague as estrelas-guias que iluminam nossa caminhada. Dai-nos a fé-confiança que nos coloca em vossas mãos. Concedei-nos a fé-crença em vosso desígnio que nos quer reunidos em vosso Reino junto com toda a criação. Amém. (Boff, 1999, p. 87)

Em um mundo alimentado de dúvida e incertezas, como saber o que é erro e mentira e o que é verdadeiro? O erro faz parte da vivência humana, de sua condição de falibilidade. Existem diversos erros que provêm de julgamentos, preconceitos e ilusões quanto ao outro, ou em relação a si mesmo. Assim, podem ocorrer equívocos por ignorância, seja por não buscar o conhecimento, ou realmente por falta de acesso. Hoje, vivemos na era das *fake news*, onde o que é erro e verdade precisam ser constantemente verificados, a fim de não se cometer injustiças, que é um dos frutos do engano. Situação, esta, que pode enganar o próprio ser humano, quando ele comete o “erro” de pensar que está dissociado do que acontece ao planeta: “Não estamos apenas sobre a Terra. Somos a própria Terra que sente, que pensa, que ama e que venera” (Boff, 1999, p. 89). A verdade deve perpassar a conduta humana, a partir de cada qual com atitudes coerentes de transparência nas palavras e ações. É preciso aprender com os erros pessoais, coletivos e históricos, a fim de que eles não sejam replicados, e ser um anunciador e promotor de verdades, colaborando na construção de uma nova consciência: “Levar a verdade é mais do que anunciar mensagens verdadeiras. É criar condições de transparência e de justiça para que a verdade emerga por si mesma e mostre sua luz libertadora e criadora” (Boff, 1999, p. 90).

Um ser humano sem esperança é um ser humano sem brilho e sem forças para prosseguir. Em tempos de ansiedade e depressão, como das guerras, quando a *Oração de São Francisco* foi difundida, seja na atualidade, a esperança, tal como o cuidado, o desejo, o amor e o instinto de sobrevivência, são aparatos essenciais para que a humanidade siga em frente, portanto, geradores de energia para abastecer as demais virtudes. Uma pessoa desprovida de esperança se entrega ao desespero, perde o sentido da vida. Muitas situações podem levar ao desespero, dentre elas, a fome e a miséria social, assim como a eminência da morte; situações estas que fogem ao domínio e controle, nas quais o ser humano tanto se acostumou, e aí, é que se faz primordial o abastecimento nesta fonte interna de esperança, de acreditar que algo novo

pode brotar do sofrimento, seja a luta pelas justiças sociais, ou a ressignificação da morte: “A fênix ressurge das cinzas e das sombras da morte pela esperança na vida transfigurada e feliz para além desta vida” (Boff, 1999, p. 95).

Em que consiste a alegria e a tristeza? Como lidar com estes dois aspectos presentes ao longo da existência humana? O que pode ser percebido na sociedade é que muitas vezes as vidas expostas nas telas, e mesmo no dia a dia, funcionam como uma falsa fachada dos sentimentos que ali se encontram. Muitas estampas belas e sorridentes, mascarando tristezas profundas, num mecanismo de fuga constante de viver ou lidar com o sofrimento, com as perdas e com a própria realidade. Para além das tristezas pessoais e subjetivas, existe também um entristecer quanto a destruição da Terra, de suas matas, florestas, animais, biomas, num processo contínuo de depredação. A tristeza pode ser cultivada pelo egoísmo e incompreensão, assim como a alegria é fruto da generosidade, da partilha e da solidariedade, estando interligada diretamente à visão de fraternidade universal tão difundida pelo espírito franciscano: “Essa alegria é fruto do empenho abnegado de muitos. Produz vida exuberante porque resulta de uma prática de solidariedade entre todos, prática querida e abençoada por Deus” (Boff, 1999, p. 99).

A *Oração da Paz* então prossegue, chamando Jesus de Mestre, aquele que instrui, forma e orienta os seus seguidores. O Mestre não apenas ensina, mas vive o que ensina. E a este grande Mestre, é solicitado um impulso de que se procure algo a mais, um conteúdo de essência que preencha a existência do suplicante, que ecoa como contraditório na sociedade imediatista na qual vivemos e que se busca a todo custo ser detentora de razão. O “mais” que aparece antes de cada súplica, traz uma dinâmica de despojamento do “eu”, que vai de encontro à necessidade do outro, numa prática de generosidade, fruto de aprendizado com o próprio Mestre: “Fazei que eu procure mais, consolar do que ser consolado”, ir ao encontro dos que estão à margem, sem teto, lar, abrigo, esperança; daqueles que estão aflitos em meio aos ferimentos e sofrimentos da alma. É o despojamento de si e dos próprios interesses: “Consolar, mais do que ser consolado, revela a grandeza do ser humano. É como Jesus na cruz, que se esqueceu de suas chagas e escutou as lamúrias do ladrão a quem prometeu vida eterna” (Boff, 1999, p. 111).

Em seu curso, a mesma oração avança para questões mais profundas da existência humana, abrangendo a compreensão e o amor, e o suplicante pede para compreender e amar, mais do que ser amado e compreendido. Para compreender mais do que ser compreendido é preciso estar aberto ao diálogo que desfaz os equívocos, ao distanciamento para refletir com cautela, e o ouvir a si, livrando-se da amargura e desenvolvendo da autoconfiança, “compreender mais que ser compreendido é a experiência de autossuperação na direção do outro” (Boff, 199, p. 115). Neste mesmo sentido, o “mais amar do que ser amado” subverte

novamente a lógica egoística de pensar antes em si, visto que ser amado é muito mais cômodo do que amar. O ser amado é da ordem da gratificação, já o amar é da doação, da entrega de si ao outro.

O primeiro amor que o ser humano tem consciência é o do útero materno, de ser acolhido e sustentado por alguém do qual o embrião se sente extensão. Rompido o cordão, o bebê humano se torna totalmente necessitado do amor, cuidado e atenção, para sobreviver; ou numa linguagem mais profunda do amor apresentado no evangelho, “aquele que tudo crê, suporta e espera” (Cor 13:4). Nesta perspectiva, é possível exemplificar este amor, na figura de Francisco de Assis, visto que, amar mais que ser amado é, “a força de sairmos de nós mesmos e de ficarmos no outro por causa do outro mesmo. Dando-lhe valor, cuidado, ternura, cordialidade e convivialidade. São Francisco conseguiu amar os leprosos e a todas as criaturas como a irmãos e a irmãs muito queridos” (Boff, 1999, p. 120).

Por fim, a Oração da Paz subverte mais uma vez a lógica racional e capitalista na qual a humanidade tantas vezes se espelha: “é dando que se recebe, é perdoadando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna”. Todos esses termos num primeiro momento ressoam como antagônicos, dar-receber, perdoar-perdoado, morte-vida, porém, a lógica do amor, da entrega, do abandono e da obediência ao que Jesus ensinou, é contrária às leis humanas, conforme diz Cristo por meio do Evangelho: “O Meu reino não é deste mundo” (Jo 18:36). Os bens espirituais aqui ofertados, divididos, se multiplicam, a riqueza aqui buscada não é a material, mas a que vem do alto. Já o ato de perdoar, é entregar ao outro o que a ele pertence, o alívio em relação à culpa: “Perdoar é procurar ultrapassar-se a si mesmo, deixando para trás a amargura e vontade de vingança e ganhando um patamar mais alto a partir do qual poderemos ver de maneira diferente o ofensor” (Boff, 1999, p. 198).

A Oração da Paz, conforme esboçada, traz conceitos de amor, solidariedade, verdade, partilha, perdão, compreensão, num ato de entrega e cuidado para com as criaturas, podendo tais gestos serem reunidos naquilo que São Francisco percebia como fraternidade. Outro ponto que vale ressaltar é a conscientização da necessidade de mudança, que parte do individual para o coletivo, da responsabilização: “onde houver...que eu leve...”, o olhar para as situações que precisam ser modificadas e se dispor como instrumento transformador. Este modo de ver a fraternidade será discutido, posteriormente, no capítulo três do presente estudo, que tem como mote discussões embasadas na Encíclica *Fratelli Tutti*, publicada pelo Papa Francisco em 2020, e que teve em Francisco de Assis sua inspiração.

1.3 OS DOIS FRANCISCOS: O DE ASSIS E O DE ROMA

Dois homens, em tempos distintos, que tiveram chamados de formas diferentes, mas que disseram “sim!” ao Cristo, representando referências na história da Igreja, que se encontrava em “ruínas”, cada época à sua forma tanto no tempo do *poverello* Francisco de Assis, quanto do Bispo de Roma, Papa Francisco. A presente seção capitular buscará apresentar a similaridade no projeto de vida e missão de ambos para a Igreja Católica. Habitantes de tempos históricos distintos, e de posições hierárquicas diferentes, porém com alguns desafios parecidos, os dois Franciscos se mostram homens de oração e de ação e em prol das mudanças, de visão e pensamento sem, no entanto, se desviarem-se da fé, da doutrina e da obediência aos ensinamentos do Cristo.

Jorge Mario Bergoglio, ao assumir o pontificado como Bispo de Roma, sob o título de Papa Francisco como referência ao Santo de Assis: Francisco de Assis, aponta para o caminho e exercício ministerial que buscará seguir, ou seja, as atitudes e focos de atenção que Francisco de Assis trouxe para a Igreja de seu tempo, porém agora em uma releitura nos desafios da atualidade. Desta forma, aqui, num primeiro momento, será discutido, o convite feito a Francisco de Assis, pelo próprio Cristo Crucificado, na capela de São Damião, conforme relatos dos textos da época: “Vai e reconstrói a minha Igreja, que está em ruínas”. Esta convocação feita a Francisco, em Assis, também é extensível ao Papa Francisco de Roma, visto que as ruínas, às quais o Cristo faz referência, não são apenas a física, mas muito mais abrangentes, se considerados os desafios para manutenção da fé e de seus ensinamentos. Assim, os aspectos proximais e distintos entre a realidade enfrentada e vivenciada por ambos serão ressaltados em um paralelismo, a fim de compreender um pouco mais o que une ambos em suas missões.

Num segundo momento serão refletidas algumas reverberações dos ensinamentos e carisma trazidos por Francisco de Assis, que foram absorvidos e ressignificados por Papa Francisco de Roma, em seu pontificado até então. Suas encíclicas, homilias e discursos, trazem um novo frescor e vigor para a Igreja, ou nas palavras do Papa Francisco ao assumir seu pontificado: “Quem se aproxima da Igreja deve encontrar as portas abertas e não fiscais de alfândega da fé. Prefiro mais uma Igreja acidentada do que uma Igreja doente em razão de seu fechamento” (Boff, 2014, p. 16). Eis a Igreja que o Papa deseja e sonha, em confronto com a realidade que ele encontra.

1.3.1 “Vai e reconstrói a minha Igreja”

Eis o chamado feito ao *poverello* de Assis: “Vai e reconstrói a minha Igreja, pois está em ruínas”. Quando Francisco de Assis tinha por volta de vinte anos, teve início uma guerra entre as cidades italianas de Perugia e Assis. Ele quis ir combater em Espoleto, entre Assis e Roma, mas ficou doente. Durante o período que esteve enfermo, Francisco de Assis ouviu uma voz sobrenatural que o pedia “servir ao amor e ao Servo”. Aos poucos, começou a sentir em seu coração uma necessidade de vender seus bens para “*comprar a pérola preciosa*” a respeito da qual ele lera no Evangelho. (Silveira; Reis, 1997)

Uma das narrativas sobre a vida deste Santo contidas em *São Francisco de Assis — Escritos e Biografias de São Francisco de Assis — crônicas e outros testemunhos do primeiro século do franciscanismo*, diz que certa vez, ao ver um leproso, apesar da repulsa natural, dominou sua vontade e beijou o doente. A partir desse gesto, impulsionado pelo Espírito Santo, ele passou a fazer visitas e a servir aos doentes que se encontravam nos hospitais. Começou a ter atitudes que antes não havia praticado como presentear aos pobres com suas próprias roupas ou com o dinheiro que dispusesse no momento.

O então nomeado **chamado de Francisco de Assis**, tornou-se na vida do santo, um divisor de águas. Em um dia comum, Francisco foi sozinho à Igreja de São Damião, em Assis, para rezar, em certo momento ele sentiu que o crucificado falava com ele, e disse por três vezes a frase: “Francisco, repara minha casa, pois olhas que está em ruínas” (Silveira; Reis, 1997). A partir daquele pedido, Francisco vendeu tudo o que tinha e levou o dinheiro ao padre da Igreja de São Damião, pedindo-lhe para viver ali, na Igreja. Uma singela oração de autoria de Francisco de Assis resume bem este momento de seu encontro com o Cristo no crucifixo e é narrada de forma ilustrativa na obra *São Francisco de Assis. O Homem do Paraíso*:

Senhor, quem sois Vós e quem sou eu?
 Vós o altíssimo Senhor do céu e da terra.
 E eu um miserável vermezinho, vosso infinito servo!
 Grande e magnífico Deus, meu Senhor Jesus Cristo!
 Iluminai o meu espírito e dissipai as trevas da minha alma!
 Dai-me uma fé íntegra,
 Uma esperança firme,
 Concedei, meu Deus,
 que eu Vos conheça muito,
 para agir sempre segundo os vossos ensinamentos
 e de acordo com a vossa santíssima vontade. Amém.
 (Boff; Porto, 1986, p. 26)

Em contraste temos a Oração diante do Crucifixo, extraída de (Silveira; Reis, 1997, p. 130-131)

Ó glorioso Deus altíssimo, iluminai as trevas do meu coração, concedei-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito. Dai-me, Senhor, o (reto) sentir e conhecer, a fim de que possa cumprir o sagrado encargo que na verdade acabais de dar-me. Amém.

Conforme nos Relata Boff (1986), ao saber o que Francisco havia feito, seu pai foi buscá-lo indignado, levou-o para casa, bateu nele e o deixou preso pelos pés. Sua mãe, porém, assim que o marido se ausentou, libertou o filho que retornou a São Damião. Seu pai foi novamente ao seu encontro, solicitando que retornasse com ele para casa ou que renunciasse à sua herança. Ao contrário do que o pai possa ter pensado, ao agir assim, Francisco renuncia a herança e diz: “As roupas que levo pertencem também a meu pai, tenho que devolvê-las”, fica nu e diz a seu pai: “Até agora tu tens sido meu pai na terra, mas agora poderei dizer: Pai nosso, que estais nos céus” (Boff, 1986, p.29). Esse despojamento, entrega e abandono de Francisco de Assis à sua devoção ao Pai manifestam todo o percurso de sua missão, embasada na fé, na humildade, no louvor e na confiança em Deus que cuida de todas as suas criaturas. No livro I Fioretti, capítulo X, citado por Boff (1986) é transcrita uma narrativa em que Frei Masseo questiona porque ele havia sido o escolhido por Cristo e agora todos vinham ao seu encontro, já que ele não era nobre, belo ou dotado de ciência. Porém, Francisco de Assis tendo elevado a mente a Deus, responde com o fervor do espírito:

Queres saber por que a mim? Queres saber por que a mim? Queres saber por que todo mundo anda atrás de mim? Isto recebi dos olhos de Deus altíssimo, os quais em cada lugar contemplam os bons e os maus: porque aqueles olhos santíssimos não encontraram entre os pecadores nenhum mais vil nem mais insuficiente nem mais pecador do que eu. Por isso me escolheu para confundir a nobreza, e a grandeza e a força e a beleza e a sabedoria do mundo, para que se reconheça que toda a virtude, todo o bem é dele e não da criatura, e para que ninguém se possa gloriar na presença dele, mas quem se gloriar se glorie no Senhor a quem pertence toda honra e glória na eternidade. (Boff, 1986, p. 29).

Francisco de Assis, após ter rejeitado sua filiação terrena, se põe-se a pedir esmolas pelas ruas de Assis, a fim de reparar a Igreja de São Damião. Após concluir essa obra, dedicou-se a reforma da Igreja de São Pedro, de onde partiu posteriormente para morar numa capela nomeada de Porciúncula, que pertencia a abadia de Monte Subasio, sob a responsabilidade dos beneditinos, e foi ali, ouvindo o evangelho proclamado no dia, que entendeu a força e clareza

de seu chamado: “Ide a pregar, dizendo: o Reino de Deus tinha chegado. Dai gratuitamente o que haveis recebido gratuitamente. Não possuas ouro, nem duas túnicas, nem sandálias” (Mt 10:7-10). Após ter ouvido a proclamação destas palavras, Francisco de Assis tirou suas sandálias, seu cinturão, ficando somente com a túnica. Firme em seu propósito de atender ao que havia ouvido na homilia, ele se empenhou ao máximo por viver aquelas palavras do evangelho e transmiti-las aos demais, sendo então um reconstrutor dentro, não mais apenas da igreja física, mas também espiritual, conforme reitera a interpretação de um sonho de Frei Ludovico, contemporâneo a Francisco de Assis, em relação ao qual, a revelação do significado, transcrevo a seguir:

A missão de Francisco não se esgotou na reconstrução de igrejas nem na fundação da Ordem Franciscana com todos os seus ramos. Seu espírito evangélico tem a missão de perenemente recriar a igreja a partir daquela única fonte que legitimamente permite refazer sempre de novo a Igreja: Jesus Cristo pobre e seu evangelho cujos primeiros destinatários são os pobres. Desta fonte bebeu sua própria planta, dentro da planta maior que é a Igreja (Boff, 1984, p. 40).

A partir do momento que Francisco, entregou-se a ouvir Deus em oração e deixando-se guiar pela voz do Espírito Santo, seu jeito de pregar e levar Jesus foi ganhando a admiração e seguimento de outros jovens, que abandonaram tudo o que tinham para segui-lo em missão. Hoje, uma imensidão de frades franciscanos que iniciou com a conversão de seis, representa o legado de Francisco de Assis. Certo dia, contemplando as misericórdias divinas em sua vida, Francisco pediu ao Senhor que o revelasse o caminho que ele e seus confrades seguiriam, e como ocorrido em tantas outras situações, foi arrebatado em êxtase e pôde ver com clareza os acontecimentos futuros, a qual Celano narra em *São Francisco de Assis – Escritos e Biografias de São Francisco de Assis – crônicas e outros testemunhos do primeiro século do franciscanismo*:

Francisco dirigiu-se alegremente aos irmãos dizendo: confortai-vos, caríssimos, e alegrai-vos no Senhor, nem vos entristeçais por parecerdes poucos, nem vos desanime a minha simplicidade ou a vossa, porque, como o Senhor me mostrou na verdade, Deus nos vai fazer crescer como a maior das multidões e nos vai espalhar até os confins da terra. Para vosso maior proveito, sou obrigado a contar o que vi. Preferiria calar, se a caridade não me obrigasse a contá-lo. Vi uma enorme multidão de homens vindo a nós e querendo viver conosco este gênero de vida e esta Regra de santa religião. Parece-me ter ainda em meus ouvidos o seu rumor, indo e vindo, conforme a disposição da obediência. Vi-os caminhando em multidões pelas estradas, quase de todas as nações, vindo para cá. Vem franceses, apressam-se espanhóis, correm alemães

e ingleses e se adianta uma multidão enorme de outras línguas diversas (Silveira; Reis, 1997, p. 197).

Conforme descrito por Celano em *São Francisco de Assis – Escritos e Biografias de São Francisco de Assis – crônicas e outros testemunhos do primeiro século do franciscanismo*, Deus concedeu a Francisco o dom da profecia e dos milagres. Certa vez, quando Francisco pedia esmolas a fim de usar a oferta na restauração da Igreja de São Damião, ele falava: “Um dia haverá ali um convento de religiosas, em cujo nome se glorificará o Senhor e a Igreja” (Silveira; Reis, 1997, p. 197). A profecia se materializou cinco anos depois, quando Santa Clara e suas irmãs religiosas estabeleceram ali moradia. Em outro momento ao curar um homem que se encontrava com o rosto desfigurado pelo câncer, São Boaventura indaga a São Francisco de Assis: “Não se há que admirar mais o beijo do que o milagre?” (Silveira; Reis, 1997, p. 197). Desta forma é possível perceber a ação efetiva do evangelho de Cristo encarnada na figura símbolo de Francisco de Assis, tanto pelos milagres que ocorriam por seu intermédio, quanto pela sua conduta de abandono, fé e confiança na providência divina.

A fundação da Ordem dos Frades Menores, conduzida por São Francisco de Assis, ocorre em 1210, quando o grupo que o acompanhava contava com doze membros. São Francisco de Assis escreveu uma regra simples, com linguagem informal. O conteúdo desta regra era, em grande parte, composta pelas orientações de Jesus para que alcancemos a perfeição. De posse da Regra, juntamente com seus confrades, foi a Roma apresentá-la ao Sumo Pontífice. Lá, porém, encontraram relutância quanto a aprovação da nova comunidade. O ideal de Francisco de Assis sobre a pobreza foi considerado muito rígido. Um cardeal, no entanto, afirmou: “Não podemos proibir que vivam como Cristo mandou no Evangelho”. Desta forma, receberam a aprovação e voltaram a Assis, vivendo em oração, na pobreza, na santa alegria e na fraternidade, junto à Igreja da Porciúncula. Posteriormente, o Papa Inocêncio III convocou Francisco de Assis para que fosse a Roma e assim verbalizou a aprovação da regra. Na sequência o papa orientou que fizessem a tonsura, o corte dos cabelos, e lhes fez o envio de missão de pregarem a penitência.

Um ponto importante de discernimento para aceitação da criação da ordem franciscana e da regulamentação de sua regra foi o fato de o papa, dias antes de Francisco ir ao seu encontro, ter tido um sonho no qual a sua Catedral balançava, e quando estava prestes a desmoronar, surgia um monge enviado por Deus, que, sozinho, segurava as muralhas que iriam desabar e as impedia de cair. Este homem era um jovem, magro, vestido com roupas simples. Com a chegada de São Francisco de Assis e os seus doze amigos para pedir a Inocêncio III que os autorizasse

a pregar, ele reconheceu em Francisco o monge pobre com o qual havia sonhado, e compreendeu a grande obra que Deus tinha a fazer através de Francisco e disse-lhe: “Na verdade, é por meio desse homem piedoso e santo que a Igreja de Deus será restabelecida nas suas bases!”. O “*poverello*” pensou que o Papa se referia à restauração da arruinada capela de São Damião onde rezava com seus amigos, pois Francisco já tinha ouvido o Senhor lhe dizer do Crucifixo desta capela: “Francisco, vai e reconstrói a minha casa, porque está a ponto de desabar”. E assim, Francisco, mesmo sem compreender a complexidade da reforma a qual o Papa se referia, fez com a sua vida e a sua obra, uma grande reforma nos alicerces da Igreja Católica.

A opção do modo de vida de Francisco de Assis causou muito espanto aos que com ele conviveram. Como pode, alguém vivendo em extrema pobreza, passando muitas vezes frio e fome, ter uma postura diante da vida de profundo amor e alegria imensa a Deus, a qual ele, ainda expressava por meio de poesias e canções. Quando o interrogavam, sobre o motivo de tamanha alegria, ele respondia: “ela deriva da pureza do coração e da constância na oração”. O modo de vida de Francisco de Assis atraiu para si muitos discípulos, assim como uma jovem, filha do Conde de Sasso Rosso, Clara, que na época tinha 17 anos. Ao ouvir a pregação de Francisco, Clara compreendeu que era aquele tipo de vida que ela queria viver. A partir desta constatação, Francisco tornou-se seu pai e guia espiritual, dando origem a Ordem Segunda dos Franciscanos, a das Clarissas. Na sequência, Inês, irmã de Clara, se juntou a ela e, posteriormente, Beatriz também foi para o claustro.

Uma dimensão muito importante, e que merece menção na trajetória de Francisco, conforme apresenta Boff (1996), é a sua face de homem libertado, libertador e livre. Em sua prática não estão em conformidade, seja com o sistema social de burguesia, feudal ou comunas, nem mesmo com o poder religioso no qual também se aglutina o civil, o que bem expressa Francisco em seu *Testamento* com a palavra *exivi de saeculo* (sai do mundo), ou seja, do mundo baseado em relações de interesses. Posto isso, nota-se uma grande aproximação com a proposta de Jesus, cujo Reino não pertence a este mundo. Desta forma, o caminho traçado e apresentado por Francisco de Assis é tomado como loucura, na qual o próprio “*poverello*” reconhece literalmente: “O Senhor me disse que Ele queria que eu fosse um novo louco no mundo” (Boff, 1996, p. 113). Esta loucura faz com que ele se apresente como livre de vinculações financeiras ou de cargos hierárquicos; ele, mesmo sendo o fundador de uma ordem, se apresenta-se como leigo e servo, anseia pelo último lugar, seu anseio é ser o mais pobre dos pobres. O maior desejo que parece pulsar no peito do santo de Assis é sua união plena com a “dama” pobreza, e sua

intimidade com o sumo bem, conforme podemos conferir em sua declaração poética, que se encontra transcrita por Boff e Porto:

Vós sois o Bem, o Bem Universal, o Sumo Bem
 Vós sois o trino e Uno, Senhor e Deus, Bem universal.
 Vós sois o Bem, o Bem universal, o sumo Bem, Senhor e Deus, vivo e verdadeiro.
 Vós sois a delícia do amor.
 Vós sois a Sabedoria.
 Vós sois a Humildade.
 Vós sois a Paciência.
 Vós sois a Segurança.
 Vós sois o Descanso.
 Vós sois a Alegria e o Júbilo.
 Vós sois a Justiça e a Temperança.
 Vós sois a plenitude da Riqueza.
 Vós sois a Beleza.
 Vós sois a Mansidão.
 Vós sois o Protetor.
 Vós sois o Guarda e o Defensor.
 Vós sois a Fortaleza.
 Vós sois o Alívio.
 Vós sois nossa Esperança.
 Vós sois nossa Fé.
 Vós sois nossa inefável Doçura.
 Vós sois nossa eterna Vida, ó grande e maravilhoso Deus,
 Senhor onipotente, misericordioso Redentor
 (Boff; Porto, 1986, p. 115).

A relação de aproximação de Francisco com a natureza sempre foi o ponto mais difundido e ressaltado na vida do santo. Seu amor fraterno abarcava a toda a Criação, de forma indistinta, retomando a reflexão de interdependência do elo rompido no Éden. Enquanto a sociedade da época promovia e exaltava a inclinação humana ao pecado, o “*poverello*” (pobrezinho), cantava louvores à Criação. Sua forma de reverenciar a criação, as criaturas e ao criador parecia loucura aos expectadores do seu tempo. O bem mais valioso para Francisco eram as virtudes do homem, a beleza e a perfeição da natureza, em contraponto a todas as riquezas e bens materiais que ele pudesse ter.

Francisco, o santo de Assis, propalou uma visão de mundo acerca do cuidado com a terra, entendendo-a como mãe e irmã, para ele, todos e todas provinham da mesma irmandade, de modo que a expressão de amor pelo próximo se fazia incondicional e sem hierarquias. Tais atitudes serviram, muitos séculos depois de seu tempo, como fonte de inspiração para o pontificado de Jorge Mario Bergoglio e para a escrita de duas encíclicas: *Laudato Si'* e *Fratelli*

Tutti, publicadas pelo Papa Francisco, que serão discutidas nos capítulos dois e três, respectivamente, deste presente estudo.

1.3.2 Francisco de Assis como inspiração para o Francisco de Roma

O Papa Francisco, Jorge Mario Bergoglio, é o 266º Papa da Igreja. Nasceu em 17 de Dezembro de 1936, em Buenos Aires, Argentina. Filho de imigrantes italianos: Regina Maria Sivori e Mario José Bergoglio. Foi ordenado sacerdote na Companhia de Jesus, a em 1969, nomeado provincial em 1973 e reitor do Colégio Máximo, em Buenos Aires, em 1980. Foi ordenado bispo em 1992, nomeado Arcebispo de Buenos Aires em 1998 e cardeal em 2001. Em 13 de março de 2013, foi eleito Papa. Um aspecto que merece destaque sobre o Papa Francisco, além da escolha do nome inovador em referência ao Santo de Assis, que ainda não havia sido escolhido por nenhum anterior a ele, é o seu perfil carismático. Desde sua posse ele vem rompendo com vários aspectos do sistema burocrático, apresentando também uma autocrítica ao seu próprio ministério, com um discurso engajado às necessidades de seu tempo. O Papa Francisco conheceu e reconheceu as crises pela qual o mundo e a Igreja passavam e ainda passam, e tem buscado viabilizar soluções, por meio da tomada de consciência em diálogo com o mundo.

Eleito Papa, Jorge Mário Bergoglio tomou para si e para seu pontificado o nome de Papa Francisco, tendo escolhido o nome do santo de Assis justamente para reafirmar a diretriz de seu pontificado, a favor da pobreza, simplicidade, fraternidade e cuidado com a vida humana e do planeta. Esta escolha ressoa como um alerta de questões urgentes que precisam ser levantadas e modificadas. Com este chamado, une sua voz ao importante trabalho de conscientização de todos aqueles que atuam em prol da sustentabilidade. São Francisco de Assis leva a repensar e proclamar a interdependência da humanidade com a natureza, não por um prisma científico, mas, espiritual. O modo de ser de Francisco de Assis, e os ensinamentos por ele emitidos, remete seus leitores à importância da ligação de todos os seres, de modo que isso apenas será possível, se praticada a fraternidade para que se alcance a tão desejada convivência harmoniosa entre os seres vivos e a terra. Todavia, a fim de que isso aconteça, é essencial uma atitude de corresponsabilidade, como cuidadores e jardineiros tal como recomenda o livro de Gênesis no tocante à criação. São Francisco nos instiga, a amar a natureza, por meio de um contato próximo, tocando-a e sentindo-a, numa relação de intimidade com a mesma, buscando nela a conexão com aquilo que somos. Sob este prisma, o Papa Francisco reitera, na obra *Vamos*

Sonhar Juntos, que é necessária uma conversão interna do ser, de uma tomada de consciência dele enquanto natureza e que se manifestará em forma de respeito à Criação:

Para falar sobre a Criação são necessárias a poesia e a beleza. Junto com a beleza vai o sentido da harmonia, que deixamos de lado quando somos parciais e esquecemos outras realidades. A existência torna-se desequilibrada quando focamos no técnico e no abstrato e perdemos nossas raízes no mundo natural. Quando descuidamos da Mãe Terra, perdemos não somente o que necessitamos para sobreviver, mas também a sabedoria da boa convivência (Papa Francisco, 2020, p. 41).

A dinâmica da natureza necessita ser vislumbrada de forma harmônica, de modo que em consonância com a consciência de todo o potencial científico e tecnológico disponível na atualidade, seja possível um enfrentamento efetivo e eficaz dos problemas e desafios atuais relativos ao meio ambiente e à qualidade de sobrevivência de todos os seres no planeta. É necessário, porém, que além do conhecimento do que necessita ser feito, haja um movimento, que ultrapasse o saber e o querer, mas se lance ao dispor-se a fazer. A Igreja iniciou um engajamento mais efetivo de forma mais recente, lançando um olhar mais crítico de preocupação e atenção aos problemas da natureza, refletindo teologicamente sobre as condições do meio ambiente, as suas possíveis consequências para a vida e sobre a responsabilidade humana na preservação da Criação. Segundo Libânio (2010), um olhar teológico sobre a ecologia direciona o comportamento humano a uma consciência de comunhão entre ele e a totalidade da realidade criada. O autor exemplifica com a questão da devastação crescente da Amazônia, sobre a qual não basta apenas indignação, é preciso ação, para que a terra não chegue à esterilidade: “a gravidade do problema ecológico vai desde a luta contra a poluição do ar e da água, até a criação de uma mentalidade nova, religiosa, de encantamento por todo o cosmos” (Libânio, 2010, p. 55).

Ao pensar na figura símbolo dos dois Franciscos, em suas representatividades e papéis desempenhados, e também dos desafios e ações tomadas por ambos, cada qual no seu tempo, é possível traçar algumas similaridades. Dentre elas, pode-se iniciar com a postura de Mario Jorge Bergoglio ao ser indicado como o novo Papa no dia 13 de março de 2013 no “*Habemus Papam*” anunciado ao mundo na Praça São Pedro, em Roma. O sucessor eleito de Pedro não se conclama Papa, mas Bispo de Roma, apontando para uma nova forma de “conduzir o rebanho”. Assim, demonstra o seu interesse em ter uma Igreja de todos, para todos. Seu exemplo de humildade se manifesta em gestos concretos como, por exemplo, o ato de abrir mão do uso das vestes suntuosas, do crucifixo de ouro, do sapato vermelho. Seu gesto de despojamento, no entanto,

significará para muitos uma verdadeira crise “na” e “para” a Igreja. Nenhum Papa antes, na história da Igreja, havia escolhido o nome Francisco, até porque poderia soar como uma contradição. Como disse o Papa Francisco, se intitulando um Papa vindo “do fim do mundo”, visto que é o primeiro papa latino-americano, proveniente de regiões de periferias, tem em seu projeto uma proposta ousada que vem de encontro ao mundo globalizado. O Papa relata que o anseio por assumir o nome veio do desejo de ter uma Igreja pobre para os pobres. No dia 16 de março de 2013, três dias após assumir o pontificado, o Papa explicou em entrevista o significado da escolha do nome:

Quando foi alcançado o número de votos que me faria papa, aproximou-se de mim o Cardeal brasileiro Cláudio Humes, me beijou e disse: “não te esqueças dos pobres”. Em seguida, em relação aos pobres, pensei em São Francisco de Assis. Depois pensei nos pobres e nas guerras. Durante o escrutínio, cujo resultado das votações se punha ‘perigoso’ para mim, veio-me um nome no coração: Francisco de Assis. Francisco, o homem da pobreza, da paz, que ama e cuida da criação, um homem que transmite um sentido de paz, um homem pobre. Ah. Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres. (Boff, 2014, p. 9)

Com a escolha deste nome tão simples e ao mesmo tempo tão impactante na história da Igreja, o Papa Francisco anuncia ao que veio, e qual será o rumo de seu pontificado. Um papa vindo de fora da velha cristandade europeia, tal como os seus antecessores, despojando-se de símbolos e títulos de poder, inspirando-se de forma enfática em Francisco de Assis, que teve como regras básicas de vida o amor e o cuidado com os excluídos, marginalizados, e com toda a criação, embasando a sua conduta, de modo declarado, no evangelho. Dessa forma, séculos depois da revolução de Francisco de Assis, outro homem busca retomar sua missão de pobreza, humildade, confraternização e convivialidade entre todos os seres, numa busca de paz e equilíbrio entre a humanidade e com a Mãe Terra. Desafios tão antigos e tão novos, lançados diante duas figuras simbólicas inseridas no tempo e na história, com olhares e escuta atenta aos ensinamentos divinos. Tal como Francisco de Assis ocupou-se das feridas dos leprosos de seu tempo, o papa conclama que: “a fé tem que ter olhos abertos para as chagas dos pobres, estar perto deles e as mãos operosas podem erradicar as causas que produzem a pobreza” (Boff, 2014, p. 95).

Jorge Mario Bergoglio, ao assumir a Igreja como Papa Francisco, a encontra imersa numa grave crise institucional de autoridade, credibilidade e liderança, envolvida em vários escândalos financeiros e atos de pedofilia, cometidos por padres, bispos e um cardeal. A Igreja, na época em que soube dos atos criminosos, manteve-se omissa quanto as punições, o que

inferiu em perda da credibilidade, conforme explica Boff (2014, p. 18): “Como pretende ser especialista em direitos humanos e mãe e mestra da verdade e da moral, se por obras e omissões, nega abertamente o que prega?” É neste contexto de descrédito e corrupção, e de renúncia ao papado por seu predecessor, que o argentino Cardeal Jorge Mario Bergoglio, agora como Bispo de Roma, assume a missão de guiar a Igreja em crise. E qual tipo de Igreja está em crise? Segundo Boff (1914, p. 21) “é a Igreja-instituição-monárquica-absolutista, cujas razões não conseguem convencer os fiéis e nem se sustentam diante do senso-comum”. E complementa, lançando uma visão crítica: “este tipo de Igreja não é progressista, nem tradicionalista. É simplesmente medieval e tributária do iluminismo dos reis absolutos por vontade de Deus.” Neste sentido, o nome Francisco, inspirado no santo de Assis, torna-se certo e providencial.

O Papa Francisco vem “do fim do mundo” para trazer esta ruptura de modelo papal desempenhado até então por seus predecessores. Anseia que “os pastores tenham cheiro de ovelhas”, e não fiquem apenas do alto de sua hierarquia a lançar sermões, mas se misturem aos fiéis, os conheçam, entenda suas necessidades e dificuldades. O modelo que, segundo ele, havia imperado até então era o de uma Igreja da Tradição, modelo do “Papa João Paulo II que corria o mundo, empunhando uma cruz como testemunho de que vinha a salvação. Era o modelo mais radicalizado ainda de Bento XVI” (Boff, 2014, p. 38). O modelo trazido pelo Papa Francisco é o do diálogo, é o do Concílio Vaticano II e dos Concílios de Medellín (1968) e Puebla (1979), que veem o cristianismo como uma fonte de água viva, portadora do Espírito Criador e da essência do sonho de Jesus. O Papa Francisco, contudo, adverte: “Devemos caminhar unidos nas diferenças: não há outro caminho para nos unirmos. Este é o caminho de Jesus” (Boff, 2014, p. 38). Desta forma, aponta que a base de todo este novo pensar e repensar a forma de ser Igreja no mundo passa pelo respeito, pela escuta e pelo diálogo.

O modelo de Igreja, proposto pelo Papa de Francisco, é o de uma Igreja Salvadora que busca voltar humildemente às suas raízes, ou seja, na figura de Jesus histórico, que procure reproduzir a vocação missionária de Cristo, anunciadora da graça e da misericórdia. Trata-se de uma Igreja preocupada em cumprir o papel de guardiã, seguidora dos ensinamentos trazidos no livro de Gênesis, no que tange aos cuidados com os seres vivos e com a Terra. Uma Igreja “em saída”, humana e fraterna, bem próxima daquilo que Francisco de Assis também ensinou e viveu em seu tempo, tendo como centro não mais a Igreja absolutista, mas a humanidade. O Papa Francisco tem buscado em sua trajetória como pontífice denunciar a lógica do poder e da violência, do culto ao deus dinheiro, levando à reflexão temas importantes como o cuidado com a casa comum e a fraternidade. Neste sentido, o Papa alerta que é preciso estar atento, enquanto Igreja que somos, para não cair nesta tentação:

Quando a mídia fala da Igreja, pensa que a Igreja são os padres, as freiras, os bispos, os cardeais e o papa. Mas a Igreja somos todos nós, (...) e todos nós devemos despojar-nos dessa *mundanidade*: o espírito contrário às bem-aventuranças, o espírito contrário ao espírito de Jesus” (Papa Francisco, 2014, p. 91).

O exemplo do Papa Francisco mostra-se como um desafio para os demais preladados da Igreja: viver com simplicidade e sobriedade, numa relação próxima com o povo, um convite ao encontro com os mais necessitados. Como disse Frei Beto, citado por Boff (2014, p. 64): “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”, e as pegadas que o Papa Francisco tem deixado são de passos bem firmes e nítidos do caminho que deseja para a Igreja, seja pela sua imensa liberdade de espírito, com a qual adaptou sua forma de ser Papa ao seu estilo pessoal, ou pela rupturas que tem feito desde o dia que foi eleito Bispo de Roma, vestindo-se com sobriedade, de branco, com seus sapatos pretos habituais, aliviando-se dos símbolos de poder como a cruz de ouro com pedras preciosas e o *mantelo*, peça de brocados e preciosidades, colocada sobre os ombros do papas predecessores como símbolo dos imperadores romanos.

O Papa Francisco, ao assumir o nome do Santo de Assis como roteiro de seu pontificado, se aproxima do Jesus da gruta de Belém, e também da temática da ecologia. Esta aproximação se dá, não de forma superficial, mas integrada, com o ser externo e interno, pois conforme bem expressou Boff (2014, p. 70); “no nível humano, a ecologia externa somente é alcançada se houver uma contrapartida nossa que se deriva da ecologia interior”. Com este modo de ver e compreender a ecologia, o Papa busca como inspiração Francisco de Assis, onde há uma convergência destas duas ecologias, numa reconciliação do universo com Deus, conforme retratado no *Cântico das Criaturas*, já discutido anteriormente.

O olhar de Francisco de Assis sobre os pobres é de que estes devem ser vistos e tratados como irmãos, numa fraternidade humana e sustentável. Desta perspectiva surge seu sonho de “uma Igreja pobre, para os pobres” (Boff, 2014, p. 89). A experiência de vida que o Papa Francisco traz em sua bagagem é a dos movimentos sociais, e de trabalhos desenvolvidos junto às periferias. A pobreza sobre a qual o Papa fala insistentemente “não se supera pela filantropia, mas por políticas públicas para que alcancem a justiça social, devolvam dignidade aos oprimidos e os torne cidadãos autônomos e participativos” (Boff, 2014, p. 89). Neste aspecto, Papa Francisco conclama a luta pelo bem, pela paz e pela justiça social, e a Igreja deve ser colaboradora neste processo de combate à fome, à miséria e à corrupção. Na primeira obra publicada por ele, a qual contém sua mensagem para os brasileiros, diz:

Queridos amigos, certamente é necessário dar o pão a quem tem fome, é um ato de justiça. Mas existe também uma fome mais profunda, a fome de uma felicidade que só Deus pode saciar. Fome de dignidade. Não existe verdadeira promoção do bem comum, nem verdadeiro desenvolvimento do homem quando se ignoram os pilares fundamentais que sustentam uma nação, os seus bens imateriais: a vida (...), a família (...), a educação integral (...), a saúde (...), e a segurança, na convicção de que hoje a violência só pode ser vencida a partir da mudança do coração humano (Papa Francisco, 2014, p. 97).

O Papa Francisco busca em seu pontificado reluzir os ensinamentos de Francisco de Assis, dos pequenos aos mais grandiosos gestos, de um espírito livre, terno e acolhedor, assemelhando as características aprendidas com o *poverello*:

Trata-se de um homem de grande inteireza (...) As atitudes serenas e fortes mostram um homem de grande enternecimento e que realizou uma significativa síntese pessoal entre o seu eu profundo e o seu eu consciente. (...) Ele evoca ao mesmo tempo leveza e segurança (Boff, 2014, p. 99).

Uma característica marcante na vida de Francisco de Assis, e que ressoa no Papa Francisco, é a humildade. Ele não se apresenta ou se coloca como mestre e doutor, mas busca difundir seu papel como pastor, disposto a acolher e ouvir. Não reforça o exclusivismo institucional, porém, encaminha reflexão sobre a importância da fé estar alicerçada com a história da humanidade. Por isso enfatiza:

Deus o encontramos caminhando. Deus é sempre uma surpresa e, portanto, jamais se sabe onde e como encontrá-lo. Não é você quem fixa o tempo nem os lugares do encontro com Ele. (...) A tradição e a memória do passado devem levar a abrir novos espaços a Deus (Boff, 2014, p. 129).

Nesta perspectiva, temos um Papa que ensina aprendendo e aprende ensinando com humildade, respeito e amorosidade; sobretudo acerca de ser fraterno, mediante uma contemporaneidade de supervalorizações hierárquicas.

O Papa Francisco chama a atenção para a Igreja como serva e, tal como o Cristo anunciou, a define também como hospital de campanha que deve estar aberta a receber todos os que se encontram feridos. Aponta também para uma ferida no coração da própria Igreja, a necessidade de que seus pastores, ministros e representantes tenham atitudes coerentes para com o evangelho, sendo missionários que vão ao encontro do outro, de suas necessidades, tal como Francisco de Assis fez outrora, indo ao encontro dos leprosos e cuidando de suas chagas, uma “Igreja em saída” e dialogal com o mundo. Estes são alguns dos sonhos que o Papa traçou

para seu pontificado e vem buscando seguir, com grandes sacrifícios e enfrentamentos, no seio da própria Igreja, ao longo do seu decurso enquanto Bispo de Roma:

Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, tomar a seu cargo as pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, levanta o seu próximo. Isto é Evangelho puro. Deus é maior que o pecado. As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer os corações das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores e não funcionários ou clérigos de Estado (*La Civiltà Cattolica* in Boff, 2014, p. 137).

Ao colocar em Francisco de Assis a fonte de inspiração do pontificado, podemos considerar o fato do Papa buscar integrar um modo de ser e estar no mundo, diferenciado, respeitoso para com as criaturas, afetuoso para com os mais necessitados, não sob uma ótica romantizada e utópica, mas realista e integrada, moradores de uma mesma casa e membros de uma mesma família. Leonardo Boff (1914, p. 74) chama a atenção, em uma leitura atualizada da figura símbolo de São Francisco, onde ele estaria

mais próximo dos povos originários, como os yanomami ou os andinos, que se sentem parte da natureza, do que dos filhos e filhas da modernidade técnico-científica, para os quais a natureza, tida como selvagem, está ao nosso dispor para ser domesticada e explorada.

Nessa perspectiva da visão integradora entre os demais seres e biomas e o ser humano, o Papa Francisco, após escuta de vários representantes dos povos originários, convocou o Sínodo para a Amazônia a fim de refletir sobre a *Cultura do Bem Viver*, ensinada ao longo das gerações, e de que forma a Igreja e a humanidade poderiam aprender e praticar este novo olhar de interdependência, a fim de salvaguardar a vida no planeta. O Sínodo, ocorrido no mês de outubro de 2019, que resultou também em documentos como o *Instrumentos Laboris* e o *Documento Final*, ambos com o título: *Amazônia novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, trouxe como fruto também a exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. Nesta exortação, o Papa Francisco ressalta o forte sentido comunitário que os povos da Amazônia têm, e em virtude da vida ser um caminho comunitário, estes povos nos ensinam muito sobre a divisão de tarefas, de responsabilidades e da função do bem comum. Aos membros dos povos nativos, o Papa agradece na Exortação Apostólica *Querida Amazônia*: “com a vossa vida, sois um grito lançado

à consciência (...) Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum” (QA, 2020, pag. 15).

O Papa Francisco de Roma, ao longo dos seus dez anos de pontificado, celebrado em 2023, tem buscado disseminar as sementes deixadas pelo seu predecessor e inspirador, Francisco de Assis. Além de suas atitudes concretas e de seu despojamento pessoal, tem, enquanto Bispo de Roma, publicado textos referenciais. Duas destas orientações, inspiradas no *Poverello*, são as encíclicas *Laudato Si’ -Louvado sejas*: sobre o cuidado da casa comum, e *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. Ambas trazem em seus títulos os temas a que se propõem. *A Laudato Si’*, publicada em 2015, dois anos após o início do pontificado de Papa Francisco, é um anúncio de que a Igreja precisa estar inserida no mundo, orientando e instruindo sobre as necessidades urgentes de cuidado. Já em 2020, o pontífice publica, no dia dedicado a Francisco de Assis, a encíclica *Fratelli Tutti*, que tem como ponto de ênfase o diálogo entre os povos, as questões sociais, políticas e econômicas. Aborda ainda a temática da fraternidade e da solidariedade, como caminhos essenciais e necessários para a promoção de um Reino de Paz, onde todos possam viver verdadeiramente como irmãos e irmãs.

2 LAUDATO SI’: UM OLHAR DE CUIDADO COM A NATUREZA

“Cada ser vale por si mesmo porque existe e, ao existir, expressa algo do Ser e daquela Fonte originária de energia (...), cada ser expressa o próprio Criador.”

Leonardo Boff

Ao debruçarmos no estudo da natureza, cuja reflexão é tão emergencial, vários conceitos que giram em torno do assunto precisam ser repensados: cuidado, *casa comum*, ecologia integral. O cuidado é algo inerente à existência humana. Sem o cuidado dos genitores ou de um responsável o bebê humano não consegue sobreviver. Estes cuidados englobam o físico, biológico, emocional, psíquico e espiritual. Somos natureza, integrados, interligados a ela, e tal como nós, ela necessita de cuidado. Dessa forma, a intenção neste capítulo é de apresentar a visão de natureza abordada na encíclica *Laudato Si’*.

Para tanto, buscar-se-á contextualizar de como e de onde partiu a inspiração para a escrita da encíclica *Laudato Si'*, assim como o contexto social, político e econômico em que esta foi elaborada. Além disso, será abordada a ecologia integral, conceito chave no documento, e os desdobramentos que este proporcionou. O Sínodo Pan Amazônico servirá também de aporte e discussão para o presente capítulo, tendo em vista sua relevância sobre o assunto aqui explanado.

A *Laudato Si'* é inaugurada com uma frase de otimismo: “Nada neste mundo nos é indiferente” (LS 03)¹. O olhar do catolicismo para com a natureza, a partir da *Laudato Si'*, apresenta os dilemas atuais da humanidade, com o intuito de discutir e traçar alternativas, em diálogo com os diversos saberes, em busca de soluções, abarcando a amplitude deste tema. É com esta postura responsável e de compromisso com a natureza que o Papa Francisco abordará os vários pontos que estão imbricados na temática da Ecologia Integral.

Ao longo de toda a techedura da encíclica *Laudato Si'*, o Papa buscará trazer elementos e estudos diversos, de várias áreas do conhecimento, para abordar as questões ambientais, não ficando restrito a documentos eclesiásticos, mas ampliando seu discurso com pensadores e intelectuais dos tempos antigos e modernos. Citará autores como o mestre sufi Ali Al-Khawwas, Dante Alighieri, Paul Ricoeur, Teilhard Chardin, São Tomás de Aquino, São Francisco de Assis, Tomás de Celano e o patriarca ecumênico Bartolomeu, dentre outros, reforçando assim, a relevância e valorização das mais variadas colaborações sobre a temática da ecologia.

A postura dialógica do Papa Francisco, apresentada na *Laudato Si'* e que se estende também ao seu pontificado, representa uma nova visão que a Igreja quer ser no mundo, uma Igreja em saída, movimento este que teve seu pontapé inicial no Concílio Vaticano II, com um renovar eclesial e doutrinário. O conceito de Igreja em saída, destacado em vários discursos do atual pontífice, é o de uma Igreja que vai ao encontro daquilo e daqueles que mais necessitam de atenção no mundo. Uma Igreja inserida junto aos assuntos mais emergentes tal como a fome, a luta por igualdade de oportunidades, preservação dos direitos humanos, dignidade, preservação dos recursos naturais, o cuidado com os idosos, crianças, e uma nova visão e

¹LS ao longo do texto é uma sigla que será utilizada para designar a encíclica *Laudato Si'*, e o número subsequente refere-se ao parágrafo em que a citação pode ser encontrada. *Laudato Si'* — Louvado Sejas — sobre o cuidado da *casa comum* foi publicada em 18 de junho de 2015. É a segunda encíclica publicada pelo Papa Francisco, após a *publicação* de *Lumen Fidei* em 2013.

inserção mais ativa e atuante da Igreja no mundo. Ultrapassando o espaço geográfico do templo, a Igreja vai ao encontro dos que mais necessitam, por isso, em saída, mobilizando-se em direção ao outro ou no dizer convocatório do Papa: “que os pastores tenham cheiro de ovelhas” ou ainda “que seja pobre com os pobres.” (Vatican, 2021)

Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco, é reflexo de todo o processo vivenciado pela Igreja com o Concílio Vaticano II, assim como dos encontros ocorridos em Puebla, Aparecida, dentre outros, e também da sua atuação junto à teologia da libertação e aos movimentos sociais dos quais participou ao longo de toda a sua vida eclesial. A participação do Papa nestes movimentos e a sua perspectiva sobre o modo de ser Igreja no mundo atual influenciaram e delinearão toda a escrita da encíclica *Laudato Si'*. Essa carta-documento é apresentada de forma acessível e dialógica, tanto na escrita quanto no conteúdo, aberta a todos e todas que se interessam pelos assuntos nela abordados.

A *Laudato Si'* é um convite ao confronto da mensagem trazida pelo Papa, é um marco em direção à busca do cumprimento efetivo da doutrina social da Igreja. O caminho apresentado pelo Papa Francisco, a fim de que tal proposta se torne efetiva, é o de descobrir e redescobrir o mundo em que habitamos, sob uma perspectiva diferente. Conclama a evocar as lembranças originais que ficaram escondidas na memória ancestral, retomando, assim, o olhar de admiração, frente à beleza sagrada que se revela na natureza. Por fim, nesta carta, escrita pelo Papa Francisco, ressoa o cantar da natureza, que convida a humanidade a resgatar o sentido de irmandade, para dizer também, junto a todas as criaturas: “*Laudato Si'*”.

2.1 GÊNESE E CONTEXTUALIZAÇÃO DA *LAUDATO SI'*

O título com o qual a Encíclica foi nomeada teve como inspiração a invocação pronunciada por São Francisco de Assis “Louvado sejas, meu Senhor”, que no *Cântico das criaturas* recorda que a Terra, a nossa *casa comum*, “se pode comparar ora a uma irmã, com quem se partilha a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços”. Nesse cântico poético de louvor, Francisco de Assis, declama uma irmandade junto a todas as criaturas, à terra, aos animais, e a tudo o que nela habita como parte de uma mesma família.

O que está em análise, no texto referencial da encíclica *Laudato Si'*, não são apenas explicações sobre questões ecológicas em um documento papal, mas o chamamento a uma responsabilização, de toda a humanidade ao cuidado com a Terra que é a *casa comum* de todos os seres vivos; todavia, deparamo-nos, hoje, com uma Terra doente e exaurida, devido aos maus tratos que sofreu e vem sofrendo. Seu lamento de dor é ouvido nas tempestades, furacões, tufões, queimadas e crimes ambientais, e seu clamor, une-se aos gemidos de todos os que se encontram abandonados, descartados, excluídos e esquecidos pela sociedade e que necessitam de cuidado e atenção.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco pontua: “Estamos incluídos na natureza, somos parte dela e compenetramo-nos.” (LS 139). Este termo ‘compenetrar’ reflete uma forma de pensar diferenciada da relação entre humanidade e natureza. A natureza sob a perspectiva aqui apresentada é de que esta não apenas perpassa a vida humana, mas a adentra, fazendo-se uma com ela, numa relação de intimidade e interligação, ou seja, tudo o que ocorre com cada parte influencia diretamente a outra. Com efeito, esta constatação de que está tudo interligado e inter-relacionado, de forma una, integral e dependente, faz com que se retome a missão ética de responsabilidade que a humanidade tem com a natureza, em cuidá-la, preservá-la e respeitá-la como uma extensão de si mesma.

Uma indagação que perpassa a *Laudato Si'* citada na sequência, e considerada um ponto chave na proposta da referida carta, aponta este olhar reflexivo que a mesma traz: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?” (LS 160). Esta pergunta não referencia apenas o meio ambiente de maneira isolada, mas lança a proposta de uma investigação mais profunda a respeito do sentido da existência humana. Convida cada ser humano para assumir o seu papel de responsabilização, partindo do individual para o coletivo. Convoca a ações efetivas de mudanças, para que as gerações posteriores tenham uma casa bem cuidada, em que possam habitar, e não uma herança ambiental, moral e ética, destruída pelo consumismo que a tudo e a todos corrói.

O cuidado “da” e “com” a *casa comum* é uma preocupação central ao longo de toda a encíclica, tanto que aparece como subtítulo da mesma. O texto convida o leitor a repensar a relação e interação entre homem e natureza, e a busca de entendimento da responsabilidade pela crise ecológica que também é humanitária, porque é integral. Dessa forma, evidenciam-se elementos de ordem educacional, teologal e espiritual, formativos, informativos e explicativos a respeito da natureza humana, ecológica, social, econômica e política da humanidade.

Este repensar a *casa comum* e o cuidado com a mesma é realizado, ao longo dos tópicos a seguir, por meio da análise interpretativa de trechos do Livro de Gênesis que fazem referência ao cuidado com a criação, relidos sob um novo prisma, ou seja, analisada de uma forma em que o homem não está colocado no centro, como dono ou administrador das obras do Criador, mas como guardião e corresponsável por tudo o que ocorre com a Terra. Seguindo as orientações e reflexões apresentadas pelo Papa Francisco, na *Laudato Si'*, realizamos uma revisitação da narrativa da criação com os óculos da ecologia integral, e procuramos analisar de que forma os apelos e explicações, nela contidos, podem repercutir, na Igreja, na sociedade e na forma de interação do ser humano consigo, com o outro e com o planeta em que habita.

2.1.1 Uma releitura da Boa Nova da Criação

Por muito tempo, a visão do homem como dominador da Criação serviu como justificativa para a exploração irresponsável do meio ambiente, colaborando para que se chegasse à crise ecológica que ocorre hoje. Sabemos que o livro de Gênesis traz duas versões da Criação e da missão do ser humano, conforme foi abordado no capítulo anterior. Em Gênesis 1, aparecem dois trechos que merecem destaque: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança para que domine...; sede fecundos e multiplicai-vos, enchei e subjuguai a terra, dominai sobre os peixes...” (Gn 1:26). Em *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*, Boff (2008) alerta para a diferença do contexto histórico e cultural da época em que o texto foi escrito, há mais de três mil anos, de modo que para os leitores atuais, inserido num quadro cultural bem distinto, possa haver outras interpretações. Em sua origem, o texto sugere apontar o ser humano como representante de Deus, sendo aquele que prolonga a obra criadora. Dessa forma, também os termos “subjuguai a terra e dominai” devem ser entendidos contextualmente. Porém o “subjugar e dominar” lidas no contexto da modernidade parece ter remetido ao dominador, aquele que escraviza, explora e extrai da natureza benefícios individuais e sociais: “Essa interpretação legitimava, com a força da palavra de Deus, o saque que a Terra sofreu e sofre. Precisamos rever essa compreensão e resgatar o sentido originário, profundamente ecológico, da mensagem bíblica” (p. 60).

Leonardo Boff (2008) apresenta a necessidade de leitura do texto da Criação sobre um outro prisma. Reitera que Gênesis 2 apresenta uma visão do ser humano integrado e amigo da

natureza, alguém que foi colocado no jardim do Éden “para cultivar e guardar” (Gn 2:15). Se este sentido tivesse sido mais difundido do que o outro, poderia ter evitado uma interpretação distorcida. Dessa forma, o autor argumenta: “Hoje, num contexto de crise de nosso paradigma de sociedade, ela ganha grande relevância. É nele que os professores da fé bíblica se inspiram para atitudes ecológicas benéficas e responsáveis” (Boff, 2009, p. 60). Assim, a visão do ser humano como administrador da criação, causando-lhe a falsa impressão de ser proprietário e dono de tudo o que havia na Terra, colaborou para que houvesse uma relação desarmônica entre o meio ambiente e o ser humano, como se fossem distintos e independentes. O Papa Francisco, porém, ao longo da encíclica *Laudato Si'*, revê com criticidade este posicionamento, conforme podemos constatar a seguir:

Uma apresentação inadequada da antropologia cristã acabou promovendo uma concepção errada da relação do ser humano com o mundo. Muitas vezes, foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos. Mas a interpretação correta do conceito de ser humano como o senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável (LS 116).

O Capítulo II da encíclica *Laudato Si'* é nomeado de Evangelho da Criação, sendo composto por sete itens, que seguem um roteiro didático de definição e delimitação da temática, tais como são ordenados a seguir: “A luz que a fé oferece”; “A sabedoria das narrações bíblicas”; “O mistério do universo”; “A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a Criação”; “Uma comunhão Universal”; “O destino comum dos bens” e “O olhar de Jesus”. A temática da criação é um assunto de destaque e discussão ao longo de toda a encíclica. Nela, o sumo pontífice, convida a uma reflexão que muda o olhar em relação ao papel do ser humano na orquestra da criação, retirando-o do seu lugar de poderio e dominação.

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração de Gênesis, que convida a ‘dominar’ a terra (cf. Gn 1:28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja (...). Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. (LS 67).

O Papa Francisco traz na *Laudato Si'* o convite a uma leitura bíblica reflexiva, a partir da qual interpreta que cabe ao ser humano a responsabilidade de “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2:15). Assim, há uma mudança da visão antropocêntrica do homem, colocando-o como responsável pela criação e irmão da mesma, que merece respeito, dignidade e cuidado, tal como todas as criaturas. Ele aponta que uma leitura mais atenta sobre a narrativa da criação, trazida no Livro de Gênesis mostra um Deus que, ao criar o mundo com tudo o que nele há, orgulha-se do que fez: “Deus, vendo a sua obra, considerou-a, muito boa” (Gn 1:31), e em prosseguimento a sua obra cria o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1:26). Com isso, pode-se concluir que o ser humano é fruto do cuidado, amor e bondade divina, e como tal deve refletir estas características que são próprias de sua essência.

Lynn White Júnior (1967), no artigo: *As raízes históricas de nossa crise ecológica*, afirma que a visão disforme e desintegrada entre homem-natureza era alimentada por uma perspectiva do Livro de Gênesis, que colocava a natureza a serviço do ser humano, instrumentalizando-a, ampliando, justificando e até legitimando o poderio antropocêntrico, através da interpretação judaico-cristã preconizada por muito tempo. Contudo, décadas após a publicação desse artigo, o Papa Francisco promulga aquela que é tida como a primeira encíclica verde, ou seja, que discute as questões ambientais de forma ampla e diferenciada, acessível a todos e todas, e não se restringindo a um público específico, dada a importância e universalidade dos temas por ela levantados.

O Papa Francisco, ao longo do capítulo dois da encíclica, traz para discussão a importância das convicções da fé. Para ele, estas são capazes de oferecer aos cristãos, incluindo ele e todos os que professam o cristianismo, a motivação ao cuidado com a natureza e com os irmãos e irmãs. Para ele, estas convicções devem servir como norteadoras da conduta do indivíduo e da comunidade que as segue. Por isso, considera de suma importância que as pessoas que creem em Deus conheçam melhor os compromissos ecológicos, que estão enraizados nas convicções cristãs, conforme delineia: “os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte de sua fé.” (LS 64).

A narrativa em torno do Evangelho da criação é construída na encíclica *Laudato Si'*, a partir da reflexão de textos bíblicos, principalmente do Livro de Gênesis, no qual o pontífice retoma o valor da dignidade e da pessoa humana como um plano da criação divina, visto que é

“feito à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1:26). Como criatura e cocriador, o ser humano é igualmente colaborador no cuidado com todas as criaturas. Para o Papa Francisco, a partir, das narrativas bíblicas de Gênesis, a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais, que se encontram intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo ele, o ponto de ruptura da harmonia entre estes elementos ocorre pelo pecado, devido à vaidade e ao sentimento de onipotência do homem em querer ser como Deus e ocupar o seu lugar.

Ao analisar as questões trazidas pelo Papa Francisco sobre a influência do “pecado”, apontada como causa principal de destruição da harmonia na criação, é possível fazer um paralelo com várias situações que acontecem na atualidade, em que uma parcela da humanidade se deixa dominar pelo deus consumismo, pela ganância, numa luta insana pelo poder, egocentrismo e superioridade do capital em detrimento de tudo e de todos. Ao elevar a falta de cuidado com a natureza ao patamar de pecado, equiparando-o aos demais pecados, como transgressão a vontade de Deus, o Papa ressalta a importância das criaturas e obras da criação e devolve o olhar de dignidade que lhes é próprio. Destruir a casa em que se habita é, sob a ótica da *Laudato Si'*, um ato de violência, de aniquilação da obra do criador, é dilacerar o outro e a si mesmo, e, portanto, um pecado, necessitando de arrependimento, perdão, reparação e mudança de conduta. Assim, o caminho indicado, pelo Papa Francisco, é o de uma conversão ecológica, ou seja, uma mudança interior em relação à natureza.

Nesse sentido, o Pontífice exemplifica a figura de Francisco de Assis como um modelo de conversão a ser seguido, visto que este viveu uma sã relação com a criação. Para o Papa Francisco, a mudança deve ser vivenciada primeiro no coração e implica numa reconciliação, num estreitar de laços com a criação. Desta forma, a conversão integral implica em uma conversão ecológica e exige: “reconhecer de que modo ofendemos a criação de Deus com nossas ações e com nossa incapacidade de agir” (LS 218).

Segundo o Papa Francisco, o conflito entre ser humano e natureza gerou uma distorção do mandato de “dominar” a terra (cf. Gn 1:28) e de “cultivar e guardar” a terra (cf. Gn 2:15). Este é um ponto nodal e complexo de reflexão dentro da encíclica, visto que o termo dominar e domínio reforçam a prevalência do ser humano sobre a natureza, numa relação utilitarista da terra. Ao reconduzir a função do ser humano como jardineiro, guardião e cuidador da natureza, retoma o senso de responsabilidade do ser humano frente à criação. Dessa forma, identifica-se uma análise reflexiva sobre a criação em Gênesis e a possibilidade de um redirecionamento

interpretativo do papel do ser humano, não mais como dominador, explorador da natureza, mas, como aquele responsável por proteger, cuidar, preservar, numa relação de reciprocidade responsável. Assim, o Papa Francisco traz para discussão a dimensão de interconexão e integralidade entre o humano e a natureza, não como coisas distintas, mas como partes de uma mesma essência e, portanto, sujeitas aos mesmos danos e consequências. A poluição do ar, dos rios, queimadas das matas e o aniquilamento da fauna e flora representam destruir não apenas o que rodeia o ser humano, mas destruir a própria humanidade, que é também natureza.

Para que haja um equilíbrio entre o ser humano e a Criação, é essencial que o ser humano se reconheça como parte de um todo, numa relação de interdependência, habitantes de uma mesma *Casa Comum*, onde tudo se encontra interligado; conceito este bastante discutido ao longo de toda a encíclica. Sobre esta relação de interdependência nos esclarece Moltmann e Boff:

O gênero humano é aquele que, para preservação de sua vida sobre a Terra, depende da existência dos outros animais, das plantas, do ar e da água, da luz e dos horários do dia e da noite, do sol, da lua e das estrelas. Sem esses elementos, ele não pode sobreviver. O ser humano existe sim, porque os outros seres criados também existem. Todos eles podem existir sem o ser humano, mas este não o pode sem eles. É exatamente por isso que não é correto interpretar o ser humano como se ele fosse o dominador divino ou como o solitário jardineiro da natureza. A despeito de sua posição especial e sua vocação peculiar, o gênero humano é também criatura dentro da grande comunhão de seres criados. “Ele é uma parte da natureza (Moltmann; Boff, 2014, p. 23-24).

Muitos autores têm se debruçado sobre este repensar a criação a partir do prisma de uma ecologia integral, dentre os quais, merecem destaque Jurgen Moltmann e Leonardo Boff. Na obra *Há esperança na criação ameaçada?* ambos discutem o paradigma da Era Moderna em que imperou o poderio dos seres humanos sobre a natureza, resultando em drásticas consequências ambientais, que são ampliadas a cada dia. Para os autores, a alternativa para mudar esta situação é sair da posição paralisante de “nada fazer”.

É preciso pensar numa nova teologia ecológica: Nós precisamos desenvolver uma forma de compreender a natureza, bem como uma nova concepção de ser humano para que, assim, possa surgir uma nova forma de experimentar Deus em nossa cultura. (Moltmann; Boff, 2014, p. 18).

No *Evangelho da Criação*, o Papa Francisco delinea sua perspectiva de ecologia integral. Segundo ele, toda a abordagem ecológica deverá integrar uma perspectiva social, que considere os direitos dos menos favorecidos. Tem posicionamento favorável, quanto à legitimidade da propriedade privada, porém, ressalta que os bens adquiridos devem ser postos a serviço de um destino geral, de um bem comum, colocando em discussão os hábitos injustos de uma parte da humanidade. (LS 93). A doutrina social da Igreja se faz presente ao longo de toda a encíclica, retomando ensinamentos que estão na base da tradição da instituição e da opção preferencial pelos pobres.

O Papa Francisco, em entrevista concedida a Carlo Petrini, diz que, diferente do que muitos pensam ou escrevem, a *Laudato Si'* não é uma encíclica verde, ou um texto ambientalista, mas é antes de tudo, uma encíclica social: “Se se fala de ecologia, de fato, devemos partir do pressuposto de que nós somos os primeiros a fazer parte da ecologia” (Petrini, 2021, p. 36). Há uma preocupação na encíclica em aliar o cuidado com a natureza fragilizada ao ser humano que se encontra à margem, num intuito de resgate do valor e da dignidade da existência de cada ser vivo. Segundo o documento, “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrar em benefício de todos.” (LS 95); logo, trata-se da responsabilidade em reconhecer a existência dos outros.—Sob esta perspectiva, o Papa Francisco aborda na *Laudato Si'*, o senso de responsabilidade que o ser humano precisa ter perante a uma terra que não é dele, mas de Deus, e com isso respeite as leis da natureza (LS 68-69). Assim, é possível perceber que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, pois se preocupa com todas as criaturas:

Se vires o jumento do teu irmão ou seu boi caídos no caminho, não te desvies deles; mas ajuda-os a levantarem-se (Ex 23,12). Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada. (Dt 22:4-6).

Outro ponto importante de reflexão, em torno da boa nova da criação é a que a coloca como pertencente à ordem do amor, não proveniente do caos ou do acaso, mas de uma decisão, livre, e amorosa do Criador: “Faça-se”. E ao final de cada dia de obra realizada, Deus concluía

que “tudo era bom”, o criador se rendia à beleza e bondade impressa em cada uma de suas criações:

A natureza nada mais é do que a razão de certa arte-concretamente a arte divina — inscrita nas coisas, pela qual as próprias coisas se movem para um fim determinado. Como se o mestre construtor de navios pudesse conceder à madeira a possibilidade de se mover a si mesma para tomar a forma da nave (LS 79).

A encíclica aponta no livro de Gênesis, além da narrativa da criação, a narração de Caim e Abel e de Noé. Traz à tona reflexões-que elucidam acerca da maldade e bondade impressas no ser humano, e sua capacidade de escolha frente às situações que a vida apresenta. Deus exalta o cuidado e zelo de Abel em seu pastoreio e abençoa sua oferta dada com generosidade, contudo amaldiçoa Caim por ter ofertado por obrigação e não por amor. Caim, então, por inveja e vingança, mata o próprio irmão. Esta narrativa bíblica, retratada no Livro de Gênesis, nos remete a situações bem contemporâneas, nas quais, em nome da inveja, egoísmo, ciúme e orgulho, terra e irmãos são destruídos. Já com a narrativa de Noé, Deus ameaça a destruir a humanidade, pois percebe que nela não impera mais a justiça e a paz.

Nestas narrações tão antigas, ricas de profundo simbolismo, já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros. (LS 70).

Nesse contexto, e voltada para a questão do cuidado com a vida, o texto base da Campanha da Fraternidade 2020, teve como tema: “Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso” e o lema: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10:33-34), usou como ponto de reflexão a Parábola do Bom Samaritano. Amplia-se, pois, o ponto de compreensão e reflexão ao cuidado também com o planeta, visto que, a *casa comum* também está ferida, negligenciada e esquecida à beira do caminho, necessitando ser vista, cuidada e amparada pela misericórdia do samaritano:

O domínio da economia, que retira o olhar para a pessoa do centro, orientando-se por outros interesses, é o motor da desigualdade social que agride a vida,

não só do ser humano, mas de todo o planeta, modificando nossa Casa Comum. Constatamos assim, que por essas e outras razões, a exuberância da criação e da vida não esconde também seus limites, fraquezas, dores e sofrimentos, os quais tem suas raízes, ora na própria natureza, ora na ação humana marcada pelo egoísmo, pela ganância e pelo desejo desmesurado de ter e alimentada por um sistema político-econômico voraz e insaciável. (CNBB, 2019, n. 61).

Segundo Boff (2015), o principal conceito teológico que o Papa Francisco imprime na *Laudato Si'* é não ver a natureza, de forma crua, mas a criação, que é moldada como um ato de amor do Criador. Boff, explica o conceito da encarnação, pelo qual Cristo não assumiu simplesmente a natureza humana, mas a matéria do mundo e o próprio mundo. Francisco busca olhar a criação em sua totalidade, em que todas as criaturas e obras da criação merecem o mesmo respeito, atenção e cuidado, visto que são obras de um mesmo Criador, em constante relação e inter-relação, ligadas e interligadas. Para Boff (2015), Deus é o exemplo maior da inter-relação. É pela eterna relação de Deus-Trindade, que todas as coisas existentes no mundo, ressoam e vivem sempre relacionadas. Com isso, tal como a Trindade está interconectada, tudo o que está no Universo está em constante relação, dependência e interligação.

As escrituras, segundo enfatiza Papa Francisco, não se propõem a fortalecer o antropocentrismo despótico, pelo contrário, “descreve a convicção atual de que está tudo inter-relacionado” (LS 70). É importante, segundo o Papa, apurar o olhar frente ao texto bíblico, a fim de evitar uma leitura equivocada e direcionada aos próprios interesses. Por isso, na encíclica *Laudato Si'*, ressoa o convite a vivenciar a experiência da comunhão universal entre todos os seres, unidos por laços invisíveis, interligados nas nervuras da mística da vida, que a tudo e a todos perpassa, fazendo-os irmãos e irmãs que devem ser respeitados na sacralidade de sua integridade.

De acordo com Suess (2017), os verbetes *criação* e *criatura* representam o DNA da encíclica, designam a própria *casa comum*, e por isso são constantemente retomados ao longo de todo o documento. O convite a refletir sobre o cuidado com a *casa comum*, feito pelo Papa na encíclica, pode ser sintetizado no “cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades” (LS 14). Assim, lançar um novo olhar, de acolhimento e integralidade com a criação, torna-se uma atitude de coragem e desbravamento, principalmente, quando este ato surge do representante maior da fé católica, o Papa. É um remodelar a natureza no seio da espiritualidade e colocar em xeque, outras perspectivas, muitas

vezes, dentro da mesma profissão de fé. O Papa, ao ressaltar a importância de mirar a paisagem ecológica sobre um novo prisma, demonstra um ato de resistência diante da sociedade de consumo, propondo novas formas de viver e habitar o mundo.

O Papa Francisco, chama a atenção, por fim, para o fato de que é preciso sair da estagnação, ou do simplesmente tomar ciência e consciência da situação em que a *casa comum* se encontra. É preciso retomar a coerência cristã e desenvolver, na prática, as virtudes da solidariedade, fraternidade, compaixão em relação a toda obra criada, criaturas e criação: “Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos.” (LS 91). Enfatiza também, que, a raiz da crise ecológica não é algo externo ao homem, pelo contrário, nasce do seu interior, da falta de vivência de sua atribuição primeira como criatura, ou seja, de uma relação harmoniosa e de cuidado com a criação segundo o propósito divino, uma humanidade que fosse realmente humana.

Esse descaso com a essência repercute na falta de cuidado e do adoecimento das demais criaturas, como consequência dessa crise humana: “a violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS 02). A *Laudato Si'* busca trazer uma leitura mais integrativa junto a todos os seres, realçando que a casa que habitamos deve ser vista de forma una e interligada, numa construção dialógica e respeitosa. Enfim, a encíclica traz em seu cerne uma visão holística do universo, em que toda criação traz impressa uma mensagem divina e toda a natureza é em si uma manifestação da presença de Deus: “Toda criação tem em si uma mensagem refletida do amor de Deus que revela, portanto, a harmonia do Universo” (LS 84-88).

2.1.2 Ecologia Integral: ambiental, econômica e social

Segundo o Papa Francisco, a crise ecológica tem sua raiz, na atitude humana e no seu modo de conceber a vida, assim como no domínio do paradigma tecnocrático e das consequências que o mau uso dele confere. Ao discutir na *Laudato Si'* a intervenção do ser humano na natureza e a globalização do paradigma tecnocrático, o Papa Francisco ressalta que durante muito tempo o homem fez uso da natureza, de acordo com as possibilidades oferecidas por seus ciclos, numa relação de respeito, que a permitia recompor aquilo que dela foi retirado.

Hoje, no entanto, o que se percebe, é uma extração desenfreada em prol de benefícios próprios, sem respeito algum com a mãe Terra, pensando-se unicamente num crescimento infinito e ilimitado que usurpa, sem medir as consequências; atitude essa movida por interesses econômicos, financeiros e tecnológicos, esquecendo-se que os recursos naturais não são ilimitados, e que cada intervenção junto à natureza, terá um preço a ser pago.

Para Papa Francisco, o progresso e o avanço que a tecnociência trouxe para a humanidade, não é o problema, ao contrário: “a ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu” (LS 102). O ponto central é a forma como a tecnociência é usada, sendo colocada muitas vezes acima do ser humano, não como um bem a serviço da humanidade, mas como um instrumento de dominação e manipulação. Ao longo do capítulo três da encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco expõe o quanto o campo de estudo científico bem delineado, e para “fins úteis”, tem colaborado na evolução da humanidade e auxiliado para melhorar sua qualidade de vida; desde as pequenas coisas, como objetos de uso doméstico, até os meios de transporte, pontes, descobertas médicas, construção de edifícios e espaços públicos.

Papa Francisco chama a atenção para o fato de que as pessoas, que tem o domínio de informações e conhecimento sobre biotecnologia, informática e de tantas outras potencialidades e descobertas científicas, trazem consigo um grande poder sobre o conjunto do gênero humano, que pode ser usado tanto para o bem como para o mal. Porém, a questão para a qual o pontífice chama a atenção é que, de fato, o homem moderno não foi preparado para o uso correto do poder, e com isso se coloca em posição majoritária, de poderio e dominação, submetendo a tudo e a todos, não fazendo o uso necessário dos valores éticos e morais tão essenciais ao exercício de uma saudável convivência com os outros semelhantes e com o planeta: “o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência.” (LS 105).

Para ele, o ser humano não age com autonomia quando se deixa levar pelo imediatismo, egoísmo e violência; ao contrário, deixa de ser livre e de dominador, passa a ser dominado. Assim, para se entender a modernidade e a técnica moderna, é preciso compreender o ser humano inserido em seu processo cultural. Segundo o Papa Francisco: “não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS 118), ou seja, para ele, é necessário que o ser humano, que faz uso da tecnociência, inserido em uma determinada cultura, reavalie sua postura frente ao mundo em que habita. O ser humano faz parte de um contexto histórico, cultural e social que

muitas vezes o oprime e o consome, mas é justamente neste lugar em que ele se encontra que as mudanças necessárias podem e devem ser construídas. O cuidado começa a partir da forma como cada qual enxerga suas experiências no espaço em que se encontra. A mudança real começa com a adequação quanto a forma de se ver e de se responsabilizar pelo que acontece no planeta, proporcionando, assim, ações favoráveis em torno da sua relação com a natureza.

A mãe Terra reclama os ataques que vem sofrendo, ao longo das décadas, por meio dos desarranjos climáticos, aquecimento global, tempestades, enchentes e furacões. A água e o ar puros são cada vez mais escassos e monetizados como um bem disputado pelas grandes potências mundiais. Leonardo Boff, em *As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral* (2012) ressalta que não podemos ficar presos apenas a uma perspectiva da ecologia ambiental, mas é preciso considerar também a ecologia social e política, que tem como objetivo analisar como as sociedades se relacionam com a natureza, e de que modo utilizam seus recursos, as formas de produção, os padrões de consumo, o tratamento dos resíduos, a divisão dos benefícios dos recursos naturais junto aos cidadãos, e como estas sociedades buscam regenerar os recursos escassos para preservar e garantir o futuro das gerações vindouras.

A proposta feita pela *Laudato Si'* é a de uma revisão e análise sobre os dilemas socioambientais, que a humanidade vivencia, devido a um crescimento e desenvolvimento linear, que não leva em conta os interesses universais. Papa Francisco denuncia que esta forma de ser sociedade produz dois tipos de injustiça: a injustiça social e a injustiça ecológica. Cada dia mais, os noticiários, as redes sociais e a mídia em geral mostram o efeito e reflexo desta injustiça ecológica e social. A crise climática, hoje, enfrentada é global, mas as mortes ocorrem em regiões pontuais e refletem as desigualdades e injustiças sociais.

Os “acidentes ambientais” são muitas vezes “avisados” e manifestados pela natureza por meio dos sinais que ela emite, como o ocorrido com o rompimento das barragens em Mariana-MG (novembro de 2015) e Brumadinho-MG (janeiro de 2019), no Brasil; porém, isso não significa o poupar vidas, como se pode constatar nos exemplos anteriormente elencados. O que infelizmente pode-se observar, é que muitas vezes, o valor da vida humana é desconsiderado em prol dos lucros e ganhos das grandes empresas. A maioria dos que sofrem, em consequência dos desastres ambientais, são aqueles mais vulneráveis, que não tiveram acesso a moradias em locais mais seguros, tal como o que ocorreu em Petrópolis-RJ (fevereiro de 2022). O crescimento maciço e desordenado nas cidades, as baixas condições sanitárias, a

má distribuição de renda, o desemprego, a fome e a miséria, e a falta de um planejamento urbano eficiente, junto com uma gestão pública, que não olha para o todo dos seus municípios, geram cada vez mais disparidades entre os povos e nações.

A encíclica reforça a importância da construção de políticas públicas essenciais que priorizem o benefício comum, principalmente, dos menos favorecidos e de uma transformação da conduta humana no uso dos bens e recursos disponíveis. As tragédias não podem e nem devem ser naturalizadas, e suas consequências não são apenas ecológicas, mas, principalmente, humanas, são resultado da conduta humana, e daí a necessidade de um novo posicionamento.

No capítulo quatro da encíclica, que recebe o nome de Ecologia Integral, Francisco aponta que o autêntico progresso só ocorrerá quando houver uma melhoria global na qualidade de vida humana, o que implica analisar o espaço onde as pessoas residem. É preciso repensar a forma de habitar “o” e “no” mundo, rever a urbanização dos espaços públicos e cidades, o lazer, a educação, o transporte, o saneamento, a saúde, o trabalho e a ocupação territorial; por isso é necessário que se tenha uma política, realmente, voltada para a construção do bem comum:

A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição. (LS 156).

A Encíclica *Laudato Si'* reitera que o grande desafio da atualidade é lidar com a deterioração ética e cultural que acompanha a deterioração ecológica. Para o Papa Francisco, o indivíduo inserido na pós-modernidade está em risco permanente de se deixar levar pelo individualismo, buscando satisfazer seus anseios e desejos imediatos, por meio do consumo de bens ou de informações que o desviam do cuidado com as relações em família, entre amigos, vizinhos e comunidades.

Papa Francisco alerta, ao longo da encíclica que: “para além de uma leal solidariedade entre as gerações há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração” (LS 163), ou seja, para se construir uma sociedade justa e igualitária, e uma ecologia sustentável para as gerações predecessoras, é preciso mudar o presente, em suas relações de amizade, solidariedade, fraternidade e justiça social, e, para tal, é necessária uma revolução integral, da forma como o ser humano se relaciona no mundo.

Ele propõe, no capítulo cinco da encíclica, empreender em todos os níveis da vida: social, econômica e política um diálogo honesto, que estruture processos de decisão transparentes. Ele reforça no capítulo seis, que nenhum projeto pode ser eficaz se não for animado por uma consciência formada e responsável. De acordo com a *Laudato Si'*, a ecologia integral “é inseparável da noção de bem comum” (LS 156) e deve ser entendida de modo concreto no contexto das desigualdades sociais, econômicas e da oferta de oportunidades, em que, cada vez mais, não só objetos, mas também, as pessoas são descartadas e privadas dos direitos humanos fundamentais. A vida diária é englobada pela ecologia integral com uma atenção particular ao ambiente urbano. O ser humano tem uma grande capacidade de adaptação e “admirável é a criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de dar a volta às limitações do ambiente, [...] aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade” (LS 148). Para que se tenha um desenvolvimento autêntico, é necessário, pois, um melhoramento integral na qualidade da vida humana.

Guiado pela visão de uma Ecologia Integral, o Papa Francisco vai delimitando as causas e soluções possíveis da crise ambiental, climática e social pela qual a humanidade passa, propondo diversos cuidados e iniciativas em favor da vida na Terra, nas esferas da ética, da política e da economia. Sob o ponto de vista ético, pontua que é preciso corrigir as expressões de antropocentrismo desordenado, reconhecer a dignidade do trabalho, atentar para os ensinamentos da ciência biológica ampliar os espaços de debates para que se tenham possibilidades de expor os problemas e buscar soluções em grupos que atendam a decisões em prol do bem comum.

No âmbito político, o Papa Francisco reforça que, é preciso repensar a forma de consumo e desperdício, aprimorar as políticas públicas e governança que legisla sobre a extração de recursos naturais com fins de proteção do ecossistema, cuidar dos espaços públicos e comuns, visando a integração entre meio ambiente e habitação, respeitar os direitos fundamentais da pessoa humana, reavaliar a cultura do descarte para o reaproveitamento de materiais, promover maior acesso a energias limpas e renováveis, praticar ações globais que possam ao mesmo tempo reduzir o nível de poluição e auxiliar no desenvolvimento dos países e regiões mais pobres.

Sob o viés da economia, insiste que é preciso promover a capacitação e inserção das pessoas no mercado de trabalho, principalmente, dos mais pobres; além disso, reitera que a economia deve ser capaz de favorecer a diversificação produtiva e a criatividade empresarial,

com enfoque na valorização das comunidades locais e empreendimentos de pequena escala. O papa pontua também a importância de se favorecer a melhoria agrícola nas regiões pobres, com investimentos em infraestruturas rurais, incentivando a cooperação de organizações comunitárias e defendendo o interesse dos pequenos produtores, portanto, segundo orienta a encíclica: “Um desenvolvimento tecnológico e econômico somente é considerado progresso se deixa um mundo melhor e promove qualidade de vida integralmente superior” (LS 194).

Em “Virtudes para um Mundo Possível: comer, beber juntos e viver em paz” (2006) Leonardo Boff traz um panorama sobre o dilema da fome e miséria no mundo. Denuncia que os alimentos são vistos apenas como produtos pelos detentores dos negócios, e que isso revela, muitas vezes, a desvalorização do pequeno produtor rural, da agricultura familiar e da produção de alimentos orgânicos em prol do ganho e dos lucros, abarcando uma privatização e mercantilização dos bens públicos essenciais tais como a saúde, o ensino, a energia, a água.

Em *Direitos do Coração* Leonardo Boff (2015) relembra o acordo da Cúpula Mundial da alimentação, ocorrida em 1996, que propunha erradicar a fome até o ano de 2015:

A seguridade alimentar existe quando todos os seres humanos tem, a todo momento, um acesso físico e econômico a uma alimentação suficiente, sã e nutritiva, permitindo-lhe satisfazer suas necessidades energéticas e suas preferências alimentares a fim de levar uma vida sã e ativa. (Boff, 2015, p. 50).

Porém, em 1998, e em 2014, a ONU informou que esta proposta não será alcançada a menos que se diminua o fosso das desigualdades sociais: “Enquanto não dermos este salto, fruto da solidariedade, não teremos completado ainda nossa humanidade” (2015, p. 51). A respeito da temática da água, o autor reforça que nenhum ser humano poderia, ou deveria ser privado do uso da água, visto que ele é um bem essencial à vida no planeta. Aponta que a água doce, devido a sua escassez, é vista como recurso hídrico e bem econômico e por isso virou mercadoria e fonte de lucro. O futuro da vida dependerá da forma como tratamos a água: “Importa enfatizar que a água não é um bem econômico como qualquer outro. Ela está tão ligada à vida que deve ser entendida como vida. A vida não deve ser transformada em mercadoria” (Boff, 2006, p. 46).

Cada dia que passa, esta mercantilização sobre os itens básicos de consumo se torna mais evidente, seja a energia, água, alimentos, educação, saúde, transporte, numa cultura de morte que oprime e elimina a vida humana de forma desigual e descartável. A qualidade de vida mínima não é garantida pelo Estado, levando a exclusão; desta forma, se evidencia que a delimitação de pertença, valor e sobrevivência do ser humano, no mundo, está cada vez mais atrelada ao poder econômico e à capacidade de produção o que se tornou ainda mais agudizado no período pandêmico.

Para o Papa Francisco, comprometer-se pelo bem comum, significa fazer escolhas solidárias com base em uma “opção preferencial pelos mais pobres” (LS 158), escolha esta fundamental na doutrina social do catolicismo. Para o pontífice, esta é a melhor maneira para deixarmos um mundo sustentável às gerações futuras, não com belos discursos, mas através de um compromisso de cuidado com os pobres de hoje, ou seja, com aqueles que sequer tem acesso a estes bens básicos oferecidos pela natureza.

Cresce um novo paradigma de re-ligação, re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem, inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra. Essa viragem se mostra pelo crescimento dos grupos que cultivam a ecologia, a meditação e a espiritualidade, cresce também o número dos que acompanham com atenção o impacto ambiental dos projetos realizados pelas empresas privadas ou pelo estado. (Boff, 2014, p. 29).

Um dos frutos da *Laudato Si'*, são as “Comunidades *Laudato Si'*”. Estas comunidades surgiram no ano de 2018, são grupos espontâneos que se identificam com a ecologia integral proposta pelo Papa Francisco, e tem como missão o empenho no cuidado com a *casa comum* e também na luta contra as injustiças sociais. Movidos pelo espírito de uma ecologia integral, as Comunidades *Laudato Si'* têm iniciativas de formação e informação com cursos, círculos de palestras e simpósios que carregam o nome da encíclica, tais como: Animadores LS, Semana LS, Círculos LS, Retiros LS, dentre outros. Estas comunidades tem como referencial básico de orientação a Encíclica *Laudato Si'*, bebendo também na fonte da Encíclica *Fratelli Tutti* e da Exortação Apostólica *Querida Amazônia*. Nesse sentido, é comemorado na última semana do mês de maio, nas “Comunidades *Laudato Si'* ao redor do mundo, a Semana *Laudato Si'*, em referência a data de publicação do documento. Além desta data, é comemorado, ao longo de

cada ano, “O Tempo da Criação”, que inicia dia 01 de setembro com encerramento no dia 04 de outubro, dia da festa São Francisco de Assis, padroeiro da ecologia.

O Tempo da Criação é um período em que a Igreja reserva, ao longo do ano, para convidar os cristãos do planeta a rezarem e terem ações de cuidado com a criação de Deus. É um momento de reflexão da relação do ser humano com o meio ambiente, incentivando-o na criação de projetos e mobilizações em prol da sustentabilidade “no” e “do” planeta. É considerado um tempo ecumênico e dialógico em torno do tema, visto que é aberto a todos e todas que se interessem pela causa, independente, ou não, de sua profissão de fé. Já para quem está no âmbito da Igreja, este é um momento propício de viver e testemunhar a fé de forma comprometida com a construção de uma vida mais justa e solidária. A celebração do Tempo da Criação iniciou em 1989 com os cristãos ortodoxos, quando o Patriarca Ecumênico Dimitrios I proclamou a data de 01 de setembro como um dia de oração pelo ambiente, este dia marca o início do ano para a Igreja Ortodoxa. Em 2015, poucos meses após a publicação da *Laudato Si'*, o Papa Francisco acrescentou formalmente o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação e, em 2019, convidou os católicos a participarem do tempo completo. A cada ano, é sugerido um tema para ser refletido tais como: Biodiversidade, Jubileu pela Terra, dentre outros (IHU, 2020).

Em entrevista concedida a Carlo Petrini, em 30 de maio de 2018, o Papa Francisco ressalta a importância de se viver uma verdadeira laicidade, aquela que se abre ao transcendente e que possibilita a transcendência de si mesmo, de abertura ao mundo e ao outro. Para o pontífice, é urgente que os crentes entendam o humanismo agnóstico, que é uma realidade, e que esta é uma chave de abertura essencial ao diálogo e crescimento:

Todas as obras de solidariedade são aberturas a uma alteridade, ao transcendente, mas não crescemos na total separação das esferas e, por isso, não conseguimos pensar nela como comunicantes. É um erro fundamental (Petrini, 2021, p. 31).

2.2 A PEDAGOGIA DO CUIDADO COM A NATUREZA

A Ecologia Integral é a temática central da encíclica *Laudato Si'* e deste novo olhar diante da natureza e do ser humano em constante interligação. A proposta deste subcapítulo é

refletir sobre a necessidade de uma pedagogia do cuidado, de uma nova forma de educar a humanidade sob o prisma de uma visão integral da natureza. Para tanto, por meio de uma ótica pedagógica, serão analisados pontos confluentes, com o conceito de Ecologia Integral, como a questão ambiental, social e econômica. Os tópicos aqui apresentados trarão discussões em torno da formação de um ser humano mais solidário, fraterno, que busque viver de forma mais harmônica, integrada e respeitosa com o meio que o cerca. Questões inerentes à temática como consumismo, sentimento de onipotência e individualismo que levam a decisões e atitudes desastrosas para o planeta também serão abordadas ao longo deste subcapítulo.

O conhecimento sobre a situação do planeta, em decorrência da intervenção humana, e a urgência do cuidado com a *casa comum* são essenciais para que o processo de conscientização e mudança de paradigmas possa ocorrer. Este ensinamento deve ser passado não de forma alarmista, mas realista, despertando, em quem aprende, o senso crítico e a mobilização em direção a planejamentos e alternativas necessárias e viáveis de mudanças sobre o ser e estar no mundo. Ao longo da encíclica, o Papa Francisco faz duras críticas ao capitalismo e ao antropocentrismo e insiste em debater as questões sociais, nas quais, segundo ele, impera a contradição entre capital e trabalho. Ele retoma a doutrina social da Igreja e vai orientando sobre a necessidade urgente de mudança e quebra de paradigmas, a fim de escutar o clamor da Terra em conjunto com o clamor dos pobres.

Na discussão sobre ecologia integral, é preciso considerar o ambiente onde as relações são estabelecidas como um bem comum, ou no dizer da *Laudato Si'*, uma “*casa comum*” como um habitat de toda a humanidade. Falar de “Cuidado da *casa comum*” ou pedagogia do cuidado, como aqui está proposto, implica tratar da responsabilidade dos moradores desta *casa comum*, para com o local onde habitam, das suas normas de convivência, das relações estabelecidas entre os membros da casa única, bem como dos seus direitos e deveres. Esta tomada de consciência acontece por meio da educação, ética e cultural, daí a importância de se educar a sociedade para uma nova postura frente aos desafios que se impõe de forma emergencial. Há desafios nas questões ambientais, sociais, econômicas e, para tal, faz-se necessário estabelecer uma nova pedagogia do cuidado, com mudanças de hábitos que iniciam do individual para o coletivo. Conforme salienta Francisco: “A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa traduzir-se em novos hábitos” (LS 209).

2.2.1 Leonardo Boff e a convocação ao cuidado com a mãe Terra

Leonardo Boff é professor, teólogo, filósofo, e um dos grandes referenciais no que tange a pesquisas, publicações e divulgações sobre a temática da ecologia e ecoteologia na atualidade. Seu estudo, neste âmbito, vem de um longo percurso de caminhada. Já em 1999, ele publicou um de seus maiores marcos sobre o tema, a obra *Saber Cuidar*, que pode ser percebida como fruto dos estudos e discussões ocorridas no evento Eco 92². Além dessa obra, aqui destacada, várias outras, escritas pelo autor, trazem discussões acerca da busca do cuidado com a Terra, de sua proteção e preservação, porém, esta continua sendo uma das que mais se sobressaiu, tanto em difusão quanto em número de reedições. Em *Saber Cuidar* (2014), Leonardo Boff traz uma reflexão no tocante ao cuidado e à compaixão, pelos outros, bem como pelo planeta Terra. Pontua, ao longo da obra, que o mundo virtual gerou um encapsulamento sobre si mesmo pela falta do toque, do tato e do contato humano e, assim, afetou a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a “com-paixão”.

Em entrevista concedida ao Instituto Humanas Unisinos (IHU), em 18 de Junho de 2015, Leonardo Boff informou ter enviado contribuições ao embaixador argentino no Vaticano, em forma de artigos e livros, frutos de 30 anos de trabalho em torno da questão ecológica, a fim de contribuir na elaboração da encíclica, conforme fora solicitado pelo Papa Francisco. Segundo o autor, os textos enviados se concentravam na temática do cuidado, da *casa comum*, da ética e da espiritualidade; porém, se o Papa fez uso, ou não desses materiais, não o cabe dizer, visto que o Pontífice consultou vários peritos, e, desta forma, a encíclica é do Papa e não de seus colaboradores.

Para Boff (IHU, 2015), o valor maior da encíclica *Laudato Si'* não está apenas naquilo que ela propõe, mas nos ensinamentos que ela abarca, dos bispos espalhados pelo mundo inteiro, na junção de vários pensamentos e pensadores que se complementam. Além disso, traz

² Eco-92: A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro, marcou a forma como a humanidade encara sua relação com o planeta. Foi naquele momento que a comunidade política internacional admitiu claramente que era preciso conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos da natureza. Na reunião — que ficou conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra —, que aconteceu 20 anos depois da primeira conferência do tipo em Estocolmo, Suécia, os países reconheceram o conceito de desenvolvimento sustentável e começaram a moldar ações com o objetivo de proteger o meio ambiente. Referência: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-rio-92-sobre-o-meio-ambiente-do-planeta-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises.aspx>

em si, o exercício de colegialidade, ao valorizar as contribuições das inúmeras conferências nacionais e continentais, desde a dos USA, até as do Paraguai e da Patagônia. Papa Francisco honra ainda seus predecessores, embora estes não tenham ido ao ponto axial na discussão sobre a forma de habitar o planeta.

Para Leonardo Boff, é preciso despertar para uma reflexão crítica sobre os problemas do mundo, onde a falta de atitudes de cuidado são sintomas graves para a humanidade, a degradação ambiental do planeta, as relações superficiais entre as pessoas e a falta de conhecimento de si mesmo, levam à falência da Terra. O autor propõe, então, um novo *ethos*, ou seja, um modo-de-ser-essencial (re)significando as formas de agir e resgatando o cuidado inerente a existência humana. O termo cuidar podendo remeter, numa primeira acepção, à área de atuação da saúde, torna-se justamente o viés semântico a que Boff e Papa Francisco buscam focar em relação ao cuidado com a *casa comum*, visto que, a terra junto com seus filhos encontra-se enferma. Ela precisa reabilitar-se, ser habitada e reabitada de uma forma saudável em que seja respeitada, valorizada e integrada em toda a sua dimensão. Conforme expressa Boff na obra *Direitos do Coração* (2015), sustentabilidade e cuidado devem estar unidos para que se instaure um novo paradigma:

Sustentável é uma realidade que consegue se manter, se reproduzir, conservar-se à altura dos desafios do ambiente e estar sempre bem. E isso resulta do conjunto das relações de interdependência entre todos os seres e fatores, com seus respectivos habitats. (...) Para que a sustentabilidade realmente ocorra, especialmente quando entra o fator humano, capaz de intervir nos processos naturais, não basta o funcionamento mecânico dos processos de interdependência e inclusão. Faz-se mister uma outra realidade a se compor com a sustentabilidade: o cuidado. Este constitui uma relação amorosa, não agressiva e protetora dos processos vitais. Ele também funda um novo paradigma. (Boff, 2015, p. 124).

Leonardo Boff (2014) apresenta a origem do ser humano por meio de fábulas e mitos. Para o autor, o ser humano apenas constitui-se homem, a partir do cuidado, sendo este essencial à sua condição. Com a fábula-mito elaborada por Higino sobre o cuidado essencial, o autor explica o sentido do cuidado para a vida humana como forças que atuaram nos universais mais importantes: o céu (Júpiter), a terra (Tellus), a história e a utopia (Saturno).

Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você Terra, deu-lhe o corpo: receberá, portanto também de volta o seu corpo quando esta criatura morrer. Mas como você Cuidado, foi quem, por primeiro moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu (Saturno): esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil. (Boff, 2014, p. 51-52)

A partir desta fábula, o autor aponta como caminho uma nova ternura para com a vida e um sentimento (pathos) autêntico de pertença a Mãe-Terra por meio do “cuidado essencial”. Além disso, ele apresenta dois conceitos cruciais que perpassam toda esta obra, e são retomados também, ao longo de seus escritos posteriores que são as formas de ser, de estar inserido no mundo: a do trabalho e a do cuidado. Segundo Boff (2014), o modo-de-ser-no-mundo pelo trabalho é o de interação e de intervenção na natureza. Já o outro modo de ser-no-mundo se realiza pelo cuidado em que a relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Tendo em vista o ser-no-mundo e o cuidado, o ser humano deve passar por uma alfabetização ecológica, revendo os hábitos de consumo, aprendendo a conviver, a mostrar seu carinho e sua generosidade, alimentar o amor, o contato humano, aumentar a capacidade de sentir, aprendendo a cuidar do planeta, sempre envolto em uma ética de cuidado.

Em *Direitos do Coração*, Boff (2015) explana sobre quatro sentidos do cuidado, com uma interpretação que parte desde os gregos, dos romanos, passando por Santo Agostinho e culminando em Heidegger. O primeiro sentido do cuidado é o de uma atitude amorosa e protetora para com a realidade pessoal, social e ambiental. Um segundo sentido se refere ao temor e medo diante de realidades e situações. O terceiro sentido é a vivência da relação entre a necessidade de cuidar e a de ser cuidado, ou seja, a predisposição. Já o quarto cuidado se refere a precaução e prevenção, de situações e consequências danosas previsíveis e imprevisíveis. Ao concluir, sua reflexão sobre os sentidos do cuidado, o autor diz:

O cuidado está ligado a questões vitais que podem significar a destruição de nosso futuro ou manutenção de nossa vida sobre esse pequeno e belo planeta. Só vivendo radicalmente o cuidado garantiremos a sustentabilidade à nossa Casa Comum e à nossa vida. Sustentabilidade e cuidado no arco da responsabilidade coletiva constituem os fundamentos capazes de sustentar outro tipo de civilização mais amiga da vida, mais respeitosa dos limites dos bens e serviços de cada ecossistema, e, por fim, com capacidade de garantir um mundo melhor para nossos filhos e netos. (Boff, 2015, 127-128).

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Retomando as palavras de Leonardo Boff, em sua obra *O Cuidado Necessário*: “O cuidado revela que não somos seres independentes. Somos profundamente ecodependentes, portadores de uma carência fundamental que é suprida pelas pessoas, pela cultura e pelos recursos e serviços da natureza.” (2012, p. 37). A essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado, e sendo este essencial, não pode ser suprimido nem descartado. O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma: o da convivialidade.

Segundo Boff (2012), este novo paradigma passa pelo resgate de uma razão cordial, que se estrutura no afeto, e é dele que surge o mundo desejável: “Em seu interior é que emerge a dimensão existencial do cuidado, nascem os valores, aquilo que nos agrada e desagrada, que é bom para nós e para os outros e que nos move para a ação” (p. 83). Outra exigência é refundar o pacto natural de reciprocidade para com a Terra, em uma relação de cuidado mútuo com as águas, fauna, flora e toda biodiversidade que recebemos como dom do Criador. É preciso ainda, segundo o autor, neste novo paradigma do cuidado, o uso da justa medida e da autocontenção: “É imperativo assumirmos a autolimitação como uma forma urgente de cuidado, como um sacrifício necessário para preservarmos os bens comuns (...) abrir caminhos para uma cultura da simplicidade voluntária e para um consumo solidário e responsável” (Boff, 2012, p. 91).

Em seu preâmbulo - a *Carta da Terra*³- apresenta o retrato do caos que se instalou no processo do desenvolvimento da humanidade e, por incrível que pareça, para muitas pessoas ainda é difícil acreditar que estejamos vivendo momentos cruciais e decisivos na vida do planeta. É preciso enxergar com clareza que a situação do planeta está caótica e que é nosso dever fazer algo para mudar este quadro socioambiental:

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-

³ A Carta da Terra foi primeiramente idealizada pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, em 1987. Em 1992, no Rio de Janeiro, durante a CNUMAD, foi elaborada a primeira versão da Carta da Terra. Ainda que tenha sido apresentado nesse evento, a Carta da Terra foi somente ratificada e assumida pela Unesco em 2000 no Palácio da Paz em Haia, Holanda, com a adesão de mais de 4.500 organizações do mundo, incluindo o Brasil, sendo uma inspiração para a busca de uma sociedade em que todos sejam responsáveis por ações de paz, respeito e igualdade. (<https://www.todamateria.com.br/carta-da-terra/>)

se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações. (Preâmbulo Da Carta Da Terra, 1992).

Leonardo Boff (2003) elucida ao longo da obra *Ética e Eco-espiritualidade* que a *Carta da Terra* está enlaçada pelo termo cuidado e sustentabilidade, como forma de realçar a centralidade de um novo paradigma planetário essencial, que seja capaz de regenerar e preservar a natureza, na construção de um novo *ethos*. O autor chama a atenção, ainda, para a responsabilidade de cada vivente no cuidado com a *casa comum* e no tratamento de respeito que a ela se deve devotar, conforme ressalta a seguir:

Somos responsáveis pela vida ou pela morte de nosso planeta vivo. Depende de nós o futuro comum, nosso e de nossa querida Casa Comum: a Terra. Como meio de salvação da Terra é invocada a ecologia. Não nos seus relacionamentos respeitosos e sinérgicos para com a Terra e para com tudo o que ela contém. (Boff, 2003, p. 53).

Outrossim, Boff (2012) ressalta, em *Cuidado Necessário*, sobre a condição de a Terra ser um organismo vivo. Da terra, provém o sustento humano, os alimentos, o ar, a água e uma infinidade de vidas das quais os animais, incluindo os homens são dependentes. Porém, a humanidade é a porção ciente e “inteligente”, de modo que isso lhe confere a responsabilidade pelo cuidado, cabendo, pois, aos seres humanos a obrigação de guardar e preservar o planeta.

Não estamos fora e em cima dela, mas participando da rede de relações que abarca todos os seres, para o bem e para o mal. Se poluo o ar, acabo adoecendo e afetando todos os demais seres vivos. Se recupero a mata ciliar do rio que passo em meu terreno, preservo as águas, colaboro para com o aumento de seu volume e melhora minha qualidade de vida, dos pássaros e dos insetos que polinizam as árvores frutíferas e as flores do jardim. (Boff, 2012, p. 10).

Em *Ethos Mundial* (2009), Boff discute que a questão em torno do alarme ecológico dos últimos séculos se encontra na relação que os seres humanos tiveram com a mãe Terra e seus recursos, levando em consideração a máxima de seus interesses utilitaristas, não respeitando a subjetividade, autonomia e alteridade dos seres da natureza. Reforça que, para se conservar o patrimônio, tanto cultural quanto natural acumulados, é preciso que ocorra uma mudança de paradigma civilizatório, em que haja uma maior colaboração entre os vários povos, culturas e religiões.

Na obra *Nova Era: A civilização Planetária*, Boff alerta para a importância do ser humano se descobrir cada dia mais como parte da natureza e de extinguir a ideia de dominador em relação à mesma, mas expandir para a convivialidade numa nova aliança de respeito, fraternidade e diálogo. Dessa forma, pode-se perceber que, a noção, tão difundida na *Laudato Si'*, de interdependência e codependência entre os seres vem sendo refletida bem antes da promulgação da encíclica.

O ser humano precisa da natureza para seu sustento e ao mesmo tempo a natureza, marcada pela cultura precisa do ser humano para ser preservada e para manter ou recuperar seu equilíbrio. Os seres todos da natureza são sujeitos de direitos, pois tudo o que existe e vive merece viver e existir. (Boff, 1994, p. 73).

Leonardo Boff, em sua obra *Ética da Vida* (2009), aponta para a importância de se refletir e agir de forma justa para com a Terra. Segundo o autor, o ser humano tem uma dívida com a Terra, pois ela já existia muito antes de o ser humano surgir; logo, a Terra tem o direito de continuar existindo, ainda que a humanidade tenha se voltado contra ela. Cabe ao ser humano assumir a oportunidade de se redimir. a chance de se redimir: “A justiça ecológica propõe uma nova atitude com a Terra, de benevolência e de mútua pertença, e ao mesmo tempo uma atitude de reparação das injustiças praticadas” (p. 37). O termo de mútua pertença, muito se assemelha ao da Ecologia Integral, em que o ser humano e a Terra, ou *casa comum*, estão interligados, e vivem em uma relação de codependência, termo este muito utilizado pelo Papa Francisco ao longo de toda a encíclica *Laudato Si'*.

Na obra *O doloroso parto da Mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social*, publicada em 2021, Leonardo Boff chama a atenção para a necessidade de uma convivência harmônica entre a natureza e a humanidade, pois é necessário tomar a

consciência de prática do *Ethos*. Esta ética deve brotar da essência humana e despertar um novo modo de ser e habitar o mundo: Ocorre que “ethos”, hoje, não é apenas a morada que habitamos, a cidade na qual vivemos, o país ao qual pertencemos, “Ethos” é a *Casa Comum*, o inteiro Planeta Terra. Precisamos de um “ethos” planetário. Em *Ética da vida: a nova centralidade*, publicada, em 2009, por Leonardo Boff, o autor já alertava sobre a necessidade de uma solidariedade planetária, por meio da qual se possa resgatar a tradição da solidariedade de luta pelos oprimidos, no âmbito político, cultural e ético. Porém, a solidariedade, aqui, enfatizada é mais ampla, e abrange a todos os seres:

Agora não se pode mais restringir a solidariedade para com os oprimidos e excluídos. Em primeiro lugar, vem a Terra como um todo, pois ela demanda um cuidado especial para ser curada e possibilitar a vida para todos. Ser solidário para com ela é reconhecer-lhe autonomia e respeitar os recursos que ela mesma usa para se refazer e se autocurar. Em seguida trata-se de cuidar dos seres mais ameaçados. (...) Ademais, importa também solidarizar-se com outros organismos vivos e ameaçados em extinção. (Boff, 2009, p. 77).

Em outra obra, também publicada em 2021 e intitulada *A Nova Visão do Universo: de onde vem a Terra, a Vida, o Espírito e Deus*, Leonardo Boff traz, de forma didática e ilustrativa, a origem de tudo o que há no Universo, dos seres que habitam a Terra, sobre o surgimento da vida humana e a participação divina em toda a criação. Esta obra, por ter uma linguagem acessível, busca, de forma pedagógica informar a adolescentes, jovens e adultos, sobre o cuidado com o planeta, tema que o autor aborda como uma preocupação central em suas inúmeras obras e pontua que apressar este processo formativo-educativo melhora os resultados alcançados.

Segundo Boff (2021), ao analisar a história do planeta, pode-se perceber o ser humano, enquanto predador, aquele que desfloresta e destrói ecossistemas e extermina seres vivos sem o menor cuidado, transformando o jardim do Éden num matadouro. Porém, segundo o autor a missão do ser humano não é esta, mas a de utilizar a inteligência para ser o guardião e cuidador da Terra com todos os seus bens e serviços. O ser humano “existe para ser feliz, proteger a natureza e se encantar com a grandeza do universo”. Embora, num primeiro momento, a proposta, apresentada por Boff, possa soar utópica demais, o autor reforça, que é, somente, por meio da informação e conscientização da realidade em que o Planeta se encontra, pelo maior número de pessoas possível, que atitudes concretas poderão ser tomadas.

O ser humano, homem e mulher, é o próprio universo que chegou a ter consciência. É a própria Terra que, num momento avançado de sua evolução, começou a sentir, a pensar, a amar e a cuidar. Somos a porção consciente e inteligente da Terra. Esta Terra somos nós, sou eu e você, somos todos nós. Nós somos Terra. (Boff, 2021, p. 61).

Portanto, atingir essa consciência sobre a necessidade do cuidado requer pensar numa nova postura, a qual endossamos com Boff, de pedagogia do cuidado. Isso significa que é urgente zelar pela natureza, no sentido de compreender a Terra como mãe, *casa comum*, ou seja, a morada de todos os seres vivos. No entanto, alcançar uma ecologia integral tem sido um desafio quando a casa não é percebida neste nível de pertencimento e de responsabilidade comum a todos.

2.2.2 Casa Comum: a morada de todos nós

O termo *casa comum*, que aparece como subtítulo na Encíclica *Laudato Si'*, aponta para o tom de cuidado e responsabilidade que a mesma abordará junto à natureza e ao planeta Terra, ou seja, à moradia comum a todos que nela habitam. Independente da morada, seja ela casa, apartamento, aldeia, rua, campo ou cidade, de forma individual ou com outras pessoas, de forma coletiva, todos e todas, povos, nações e etnias, são moradores de uma mesma *casa comum*, a mãe Terra. Percebe-se que a tônica que perpassa pela tecedura de toda a encíclica são as temáticas do respeito, do diálogo e da mudança de consciência frente às questões que precisam ser enfrentadas, sejam estas, sociais, ecológicas ou econômicas, e o foco principal será o da relação humana com o planeta e com os seus semelhantes.

O Papa Francisco propõe com o uso do termo *Casa Comum* apresentado na encíclica *Laudato Si'*, uma nova forma de se pensar a ação da Igreja junto à sociedade. Segundo o pontífice, a realidade experimentada, e os desafios enfrentados pela humanidade devem vir antes da doutrina. Sob seu ponto de vista, o ser humano deve ser colocado antes das normas morais, a vida importa mais que as teorias, e o evangelho vem antes da Tradição. Essa postura tem incomodado a ala dogmática, seja sobre o que diz nos documentos, homilias e discursos, como por exemplo, sua fala em encontro ocorrido em Florença no qual o Papa reitera: “A

doutrina cristã não é um sistema fechado, incapaz de gerar perguntas, dúvidas, interrogações, mas é viva, sabe inquietar, animar. Tem uma face não rígida, um corpo que se move e se desenvolve, tem a carne macia: a doutrina cristã chama-se: Jesus Cristo” (Passos, 2016, p. 100). Dessa forma, é possível perceber no Papa Francisco, um ser Igreja em constante *aggiornamento*, ou seja, seguindo as instruções do Concílio Vaticano II, sua proposta é ter uma Igreja sempre atualizada, inserida com a realidade e as necessidades de seu tempo, em constante movimento, em direção daqueles que dela necessitam.

De acordo com o capítulo quatro da *Laudato Si'*, a forma como as instituições se posicionam, na sociedade, interferem no ambiente e na qualidade de vida humana e o que acontece em uma região influi também na outra, ou seja, está tudo interligado. Nesse sentido, “a ecologia social é necessariamente institucional e progressivamente alcança as diferentes dimensões, que vão desde o grupo social primário, a família, até a vida internacional, passando pela comunidade local e a nação” (LS 142). A Encíclica *Laudato Si'* apresenta uma forte unidade dialógica, e por isso mesmo desafiadora:

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. (LS 16).

Para Leonardo Boff (2014), os sintomas da crise civilizacional, aparecem sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono. Exemplifica esse descuido e descaso na vida de crianças utilizadas no mercado mundial, no destino dos pobres e marginalizados da humanidade, dos desempregados e aposentados. Aponta, ainda, para um descuido e abandono dos sonhos de generosidade, da sociabilidade das cidades e do descuido e descaso pela coisa pública, na forma de organizar a habitação e, enfim, da *nossa casa comum*: o planeta Terra. O desafio lançado pelo Papa Francisco, e “endossado” por Leonardo Boff, é o da construção de um novo *ethos* civilizacional, que permita formas mais cooperativas de convivência nas relações humanas e com a natureza.

Nesse cenário, a escola desempenha um papel primordial no processo formativo do indivíduo, tanto pelas interações estabelecidas, quanto pelas experiências e conteúdos ali aprendidos. A educação ambiental torna-se, pois, é de suma importância e deve ser desenvolvida por meio de práticas pedagógicas que privilegiem as abordagens de interação dos conteúdos. O papel formativo educacional é de suma importância, para refletir e discutir a forma como se habita o planeta em uma sociedade, onde impera a “cultura do descartável”, onde os recursos naturais estão cada vez mais escassos e as catástrofes ambientais aparecem frequentemente nos noticiários, em decorrência da ação humana junto ao meio ambiente.

Refletir a temática da educação ambiental no espaço escolar é ultrapassar o conteúdo curricular programático das ciências biológicas. Educar sobre meio ambiente, no ambiente educacional e nos mais variados espaços da sociedade, implica rever a forma de ser e estar no mundo. Este tema é amplo e abrange várias disciplinas: geografia, matemática, português, ensino religioso e história, devendo, portanto, ser estudado de forma contextualizada e reflexiva, proporcionando ao aluno e aluna a criticidade sobre sua responsabilidade, enquanto agente transformador quanto a tudo o que acontece ao planeta, onde habita. Significa reconhecer-se como parte deste ambiente. Sobre este aspecto educacional, o Papa Francisco salienta a importância sobre o valor da educação escolar: “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida.” (LS 213).

Pensar o meio ambiente sob o olhar da Pedagogia do Cuidado é, analisar economia, desigualdades sociais, modos de produção e mudanças de comportamento, sendo a escola um lugar “ímpar” de aprendizagem e trocas de experiências, de conhecimento e de estruturação do senso crítico entre o coletivo e o individual. Esta proposta de uma nova cultura ecológica é apresentada como alternativa fundamental no processo de conversão ecológica, conforme apresenta o Papa Francisco na *Laudato Si'*:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. (LS 111).

O Papa Francisco destaca no capítulo cinco da encíclica, como linhas de ação e orientações, o papel da família, como agente formador e transformador na vida em sociedade. Segundo o pontífice, é nesse espaço sagrado que os valores, normas de conduta, afetividade e espiritualidade são tecidos. No processo educacional, pode-se salientar que, para ele, é muito importante o saber transmitido tanto pelos antepassados, quanto pela geração atual, pois estes são os alicerces na estruturação das futuras gerações: “Na família cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas” (LS 213).

Ao longo do referido capítulo, o Papa Francisco apresenta outro ponto importante para a mudança do olhar sobre a ecologia, ou conversão ecológica. Ele destaca o papel da catequese e da importância de se educar para a vivência do verdadeiro cristianismo, por meio de uma espiritualidade ecológica, que tem suas convicções enraizadas no Evangelho, devendo ser o roteiro orientador do modo de pensar, sentir e viver, daqueles que se assumem cristãos. Ele reconhece que os cristãos nem sempre fizeram frutificar as riquezas dadas por Deus à Igreja, e que muitas vezes desconectou corpo, natureza e realidades do mundo, não estabelecendo uma comunhão entre todos os elementos da existência. O Papa chama a atenção, de forma particular dos cristãos, numa linguagem clara, acessível e pedagógica, com o objetivo de orientar e propor uma alteração de conduta, ou conversão ecológica, termo recorrente ao longo da encíclica.

A crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto, temos de reconhecer também, que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente: Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e se tornam incoerentes. Falta-lhes, pois, uma *conversão ecológica*, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. (LS 217).

Francisco aponta ainda, a responsabilidade das várias instituições, associações e da política, que devem esforçar-se continuamente na formação e conscientização da população. Ele assume, enquanto Igreja, o seu papel formativo, nos seminários e casas religiosas, e o desempenho no processo educativo para o cuidado com o meio ambiente, além, da responsabilidade individual de nos educarmos uns aos outros. Enfatiza, por fim, que todo o processo se torna ineficiente se não houver uma mudança de visão e perspectiva frente à natureza.

A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado. (LS 215).

A esperança de mudança mostra-se, às vezes, frágil diante de tanta destruição, visto que, os laços que levam ao extermínio e morte das formas de vida que habitam a Terra estão intrinsecamente interligados, tal como um grande novelo cheio de nós, e de condutas que destroem a *casa comum*. Paralelo a isso, os beneficiários do atual sistema mundial não estão envolvidos ou preocupados em elaborar mudanças significativas, pelo contrário, “tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente. Assim se manifesta como estão intimamente ligadas à degradação ambiental e a degradação humana e ética” (LS 56).

Leonardo Boff, em *As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral*, delinea de forma pedagógica comportamentos e atitudes necessárias para que o ser humano evite sua condenação à morte. Para o autor, é preciso que o ser humano desenvolva a sensibilidade para com a natureza e todos os seus seres e posteriormente exerça o cuidado: “devemos cuidar da comunidade de vida com compreensão, com compaixão e amor” (2012, p. 27), devemos também assumir nossa responsabilidade universal, tomando consciência das consequências dos atos, dar primazia à cooperação e a solidariedade e, por fim, cultivar a espiritualidade, que está para além das religiões, mas é algo inerente à dimensão profunda do ser humano e “se expressa pelo amor, pelo cuidado, pela compaixão, pela aceitação do outro e pela esperança” (2012, p. 28).

A reflexão, aqui proposta, é de uma leitura da Encíclica *Laudato Si'*, no horizonte da educação, voltada para uma nova consciência e responsabilidade ambiental. “A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo” (LS 23). Dessa forma, educar para uma mudança de consciência requer refletir e estabelecer estratégias de estilos de vida diferente, novas formas de produzir e consumir, com isso, é preciso refletir também o contexto da economia que visa apenas o lucro a todo custo, e se esquece do meio ambiente e do semelhante.

É fundamental construir e fazer nascer uma nova concepção e visão de mundo, por meio do conhecimento das ciências da Terra, da cosmologia, da astrofísica, da mecânica quântica, da biologia. Para isso, é preciso ultrapassar os muros da academia, das escolas, é preciso despertar o senso crítico adormecido. Cabe oferecer à humanidade uma visão global do que está a acontecer ao nosso planeta, e que independentemente de onde os fatos ocorrem, eles repercutirão na vida de todos. Sob o viés da proposta da Ecologia Integral, trazida na *Laudato Si'*, todos somos parte do grande Todo, filhos desta Grande mãe, que clama e geme por atenção e cuidado. Acerca dessa consideração, acrescenta-se, aqui, a publicação feita em 2023 da obra *O Espírito da Floresta*, por Bruce Albert e Davi Kopenawa, cujo texto apresenta similaridade com a visão de interligação entre o ser humano e a natureza apresentada por Francisco na *Laudato Si'*:

Não pensem que a floresta está morta, que tenha sido posta ali sem motivo. Se estivesse inerte, nós também não nos mexeríamos. É ela que nos faz mexer. Está viva. Não a ouvimos se queixar, mas a floresta sofre, como os humanos. Sente dor quando a queimam e suas grandes árvores gemem ao cair. É por isso que não queremos deixar que a destruam. (Albert; Kopenawa, 2023, p. 59).

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco apresenta que em nosso planeta está “tudo interligado” e convida a um novo modo de entender a relação profunda entre todas as criaturas, a sentir-se um com o todo, defensor e dependente de tudo o que está ao redor, de todos os seres vivos, dos biomas; enfim, em harmonia e sintonia com a Natureza. A temática do meio ambiente foi abordada pela Igreja Católica, de forma enfática, na Campanha da Fraternidade do ano de 2017. Embora o tema tenha atravessado todo o ano, fora tratado de forma mais elaborada no período quaresmal, levantando o debate dos compromissos individual e coletivo dos cristãos e não cristãos com a *casa comum*. Esse olhar diferenciado sobre o meio ambiente vem, então, sendo retomado em vários momentos no discurso e ação da Igreja.

Atendendo a orientações do Papa Francisco, e diante da constatação da falta de aplicabilidade de políticas públicas emancipatórias em relação aos biomas brasileiros — que, além da biodiversidade, são condicionantes para a vida e cultura dos povos — a Igreja conclama os homens e as mulheres para se aproximarem de Deus, a partir do cuidado para com a criação. Novamente, aqui, faz-se ecoar, o conclave ao cuidado com a criação e suas criaturas tão norteador e presente na narrativa da *Laudato Si'*. As reflexões da temática proposta pela

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tiveram como intuito apresentar, as principais iniciativas já existentes para a manutenção da riqueza natural básica do povo brasileiro, além de propostas sobre o que se pode e se deve fazer em respeito à natureza, obra da Criação. Segundo o então, bispo auxiliar de Brasília (DF) e secretário-geral da CNBB, Dom Leonardo Ulrich Steiner, agora, Cardeal: “a depredação dos biomas é a manifestação da crise ecológica que pede uma profunda conversão interior.”⁴

Um ponto de análise inovador na encíclica, e que traz uma reflexão, até radical, relaciona-se à questão econômica e à visão de progresso, norteando-a ainda mais no viés não apenas de uma encíclica verde, mas uma encíclica acima de tudo social. O Papa propõe em muitas situações decrescer, diminuindo o ritmo de produção e consumo, como alternativa de sobrevivência e mudança de paradigma: “Assim se nalguns casos o desenvolvimento sustentável implicará novas modalidades para crescer, noutros casos (...) devemos pensar também em abrandar um pouco a marcha, pôr alguns limites razoáveis e até mesmo retroceder antes que seja tarde” (LS 193).

Leonardo Boff (2012), na obra *O cuidado Necessário*, relembra o ensinamento e a sabedoria trazida pelos *maias*, cuja cosmovisão se aproxima muito da moderna cosmologia e da física quântica. Segundo estes povos: “O universo é construído e mantido por energias cósmicas pelo ‘Criador e Formador de tudo’ (...). A Mãe Terra é um ser vivo que vibra, sente, intui, trabalha, engendra e alimenta todos os seus filhos e filhas” (p. 95). Dessa forma, o bem-estar do ser humano provém da relação de harmonia e respeito diante de cada ser. Segundo Boff, é preciso retomar este saber ancestral, pois neles se encontra a base do resgate da humanidade e da salvação de nossa *Casa Comum*: “Auscultando esta sabedoria tão holística e humanizadora nos descobrimos velhos e superados. Eles são os novos e os portadores daquelas visões e sonhos que sempre, em tempo de crise, salvaram a humanidade” (p. 96).

Em relação a esta tomada de consciência sobre as consequências do desmando, descaso e utilitarismo para com a biodiversidade, cada dia mais, pode-se perceber esta urgência, sobre o prisma da realidade nacional, seja na Amazônia, ou nos demais ecossistemas e florestas espalhadas pelo Brasil. As queimadas, o descarte irregular do lixo, a exploração dos bens que a Terra produz e sua má distribuição, são apenas alguns dos reflexos que podem ser percebidos

em nossa nação. O Papa Francisco, em documento enviado aos conferencistas do evento “*Laudato Si’ e as Grandes Cidades: um debate sobre o futuro da Casa Comum*”, ocorrido entre os dias 13 e 15 de julho de 2017, no Rio de Janeiro, já apontava para a importância dos três Rs:

São 3Rs que ajudam a atuar de forma conjunta diante dos imperativos mais essenciais de nossa convivência: respeito, responsabilidade e relacionamento. Segundo ele o respeito pode e deve ser repassado às gerações futuras, de maneira que elas possam prosseguir desfrutando e admirando a natureza. A responsabilidade para com a obra da criação é uma tarefa primordial, visto que a atual situação é o reflexo da maneira irresponsável com que o ser humano tem tratado a criação. E, por último, o pontífice destacou o relacionamento, afirmando que, tanto nas áreas urbanas como rurais, há uma crescente falta de relação. (Ribeiro; Somensari, 2017, s/p)

No decorrer da *Laudato Si’*, o Papa Francisco apresenta o amor e o cuidado como indissociáveis. Afirma ser o amor, repleto de pequenos gestos de cuidado mútuo: se há amor, há cuidado, se há cuidado há amor. A indissociabilidade na sociedade contemporânea pode ser percebida nas situações de isolamento, quando as pessoas se fecham em “bolhas”, entre as quais originam frequentemente atos de injustiça e violência como reflexos de uma pobreza humanitária.

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também as macros relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos’. (LS 231).

Segundo o Papa Francisco (LS 14), dois fatores dificultam as soluções diante dos problemas socioambientais que o planeta enfrenta. O primeiro, seria a negação e a indiferença, e o segundo, uma acomodação e confiança cega em possíveis soluções tecnológicas. Ele clama por uma nova solidariedade universal, como uma base concreta de um percurso ético e espiritual que deveria ser seguido por todos. As múltiplas causas da crise ecológica e sua complexidade, requerem a busca de soluções com interpretações e contribuições variadas: “As diversas riquezas culturais dos povos, sua arte e poesia, sua vida e espiritualidade podem contribuir para iluminar essa complexa realidade em crise” (LS 63). Assim, a encíclica se abre a escuta dos

povos e culturas que se põe não só a ouvir, mas também a partilhar seus ensinamentos, sai do lugar de única transmissora da verdade, para aprender com o outro, crescer e buscar soluções e decisões coletivas. Atitude essa expressa no termo “igreja em saída” verbalizada pelo Papa em vários de seus discursos.

Um termo que se faz presente, ao longo de toda a encíclica *Laudato Si'* e que diz respeito a todos nós, é a *Casa Comum*, procurando ressoar que tudo está interligado e que somos codependentes uns dos outros, fazemos parte de um mesmo habitat e, se ele fenece, pereceremos todos. Esta visão se faz consonante com o pensamento dos povos originários, conforme elucida Boff em *Covid-19, A mãe Terra contra-ataca a humanidade*, ao citar as sábias palavras do Cacique Seattle, proferidas no ano de 1856:

De uma coisa sabemos: a Terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família, tudo está relacionado entre si. O que fere a Terra fere também os filhos e filhas da Terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida, ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si mesmo fará. (Boff, 2020, p. 31).

A esperança de mudança mostra-se, às vezes, frágil diante de tanta destruição, visto que, os laços que levam ao extermínio e morte das formas de vida que habitam a Terra estão intrinsecamente interligados, tal como um grande novelo cheio de nós, e de condutas que destroem a casa comum. Os beneficiários do atual sistema mundial não estão envolvidos ou preocupados em elaborar mudanças significativas, pelo contrário, “tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente. Assim se manifesta como estão intimamente ligadas à degradação ambiental e a degradação humana e ética” (LS 56).

Leonardo Boff, em *As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral*, delinea, de forma pedagógica, comportamentos e atitudes necessárias para que o ser humano evite sua condenação à morte. Para o autor, é preciso que o ser humano desenvolva a sensibilidade para com a natureza e todos os seus seres e, posteriormente, exerça o cuidado: “devemos cuidar da comunidade de vida com compreensão, com compaixão e amor” (Boff, 2012, p. 27), devemos também assumir nossa responsabilidade universal, tomando consciência das consequências dos atos, dar primazia à cooperação e a solidariedade e por fim, cultivar a

espiritualidade, que está para além das religiões, mas é algo inerente à dimensão profunda do ser humano e “se expressa pelo amor, pelo cuidado, pela compaixão, pela aceitação do outro e pela esperança” (Boff, 2012, p. 28).

A reflexão, aqui, proposta é de uma leitura da Encíclica *Laudato Si'* no horizonte da educação, voltada para uma nova consciência e responsabilidade ambiental. “A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo” (LS 23). Dessa forma, educar para uma mudança de consciência requer refletir e estabelecer estratégias de estilos de vida diferentes, novas formas de produzir e consumir, com isso, é preciso atentar-se ao contexto da economia global que visa apenas a lucratividade material com foco em resultados para os quais o meio ambiente não constitui integralidade do negócio a ser gerido.

Segundo Boff (2012), *o marketing*, enquanto arma sedutora do capitalismo, criou uma subjetividade coletiva voltada para o consumo excessivo, tornando-se consumismo. Quando se compra para muito além do necessário à sobrevivência, adquire-se, na cultura mercadológica, o rótulo de poder, de aparência e *status*, num excesso de supérfluos que minam e destroem o planeta. Estes exageros exaurem a Mãe Terra, numa ânsia de suprir os estilos de vida cada vez mais desmedidos e desregrados, que poluem os rios, não economizam água, não reciclam o lixo, tornando cada vez mais insustentável a permanência no/do planeta. A estratégia é fazer uso do sistema dos Rs, proposta pela *Carta da Terra*: reduzir, reutilizar, reciclar, tudo o que é consumido. Outras iniciativas propostas estão na produção de alimentos orgânicos, nas agrovilas, no extrativismo e na *florestania*: “a floresta enquanto floresta é vista como sujeito e como cidadão” (Boff, 2012, p. 100).

Portanto, a reflexão sobre o planeta no sentido de ser “nossa casa comum”, conforme ressaltado pela encíclica, convoca ao cuidado, exigindo determinadas posturas por parte da humanidade. Nesta seção pensamos a pedagogia do cuidado como um caminho possível; todavia, há muitos desafios e eles serão os próximos objetos de estudo, desta tese.

2.3 LAUDATO SI' FRENTE AOS DESAFIOS HUMANOS

Esta seção do capítulo dois apresentará os desdobramentos da *Laudato Si'*, dentre eles, a realização do Sínodo para a Amazônia e os documentos elaborados em decorrência deste,

visto que, a *Laudato Si'* foi um dos eixos principais a impulsionar e nortear este evento. O Sínodo e as exortações, que vieram após sua realização, são apresentados com foco em alguns pontos específicos, no decorrer deste estudo. São trazidas também ao longo dos dois tópicos a seguir, reflexões acerca de como a humanidade tem vivenciado os reflexos da pandemia da Covid-19 e o papel da Igreja nesse contexto. Outros acontecimentos, como discursos, viagens e exortações realizadas após a promulgação da referida encíclica, vêm de encontro aos desafios apresentados na atualidade, tanto antes, quanto após a pandemia, haja vista o luto, o valor da vida, o trabalho, o desemprego, a educação, a degradação ambiental, as questões econômicas, sociais, sanitárias, a saúde mental, a espiritualidade e a dignidade humanas.

Os tópicos a seguir acrescem contribuições e reflexões de Leonardo Boff e Ailton Krenak sobre a necessidade de se repensar e construir um novo mundo, uma nova visão frente a realidade da mãe Terra, um repensar da postura e ações, diante das distopias que se apresentam à humanidade. Após a manifestação da Pandemia da Covid-19, pelo mundo, e de todo o descaso presenciado sobre a vida humana, animal e vegetal no planeta, como um todo, coloca-se em urgência repensar o modo de ver o mundo de forma integral e integrada, assim, a *Laudato Si'* se torna cada dia mais atual e essencial como indicação de estudo, de leitura, releitura e efetivação do que ali é orientado. É preciso habitar a Terra de uma nova forma, seguindo caminhos diferentes, novos e inovadores, pelos quais não impere mais o individualismo. Trata-se de uma emergência para a superação do paradigma tecnocrático e antropocêntrico. A encíclica *Laudato Si'* busca ser esta luz, este farol a direcionar novos roteiros, apresentando valores que direcionam para um rumo em que todos possam conviver em harmonia.

2.3.1 *Querida Amazônia: a importância da Laudato Si'* para o sínodo Pan Amazônico

Esta seção traz trechos de um depoimento dado pelo Papa Francisco, em 04 de setembro de 2020, e transcritos na Revista IHU (Online) com o título: *Minha Conversão Ecológica*. Pode-se observar que as reflexões que o pontífice faz, ao longo de seu depoimento, partem de sua experiência pessoal. Inicialmente, ele, tal qual muito de nós, não se atenta sobre a importância de se pensar e agir em relação ao cuidado com a Natureza e aos problemas reais enfrentados pela humanidade em função desse descaso.

Agradeço a todos vocês pela visita e agradeço ao Presidente do Episcopado.

Vejo que cada um de vocês tem a tradução do que vou dizer. E parte da conversão ecológica é não perder tempo. E por isso texto oficial vocês já têm. Agora prefiro falar espontaneamente. O original o entrego. Eu gostaria de começar com um pedaço de minha história. Em 2007 aconteceu a Conferência dos Bispos da América Latina no Brasil, em Aparecida. Eu estava no grupo de redatores do documento final, e chegaram propostas sobre a Amazônia. Eu dizia: ‘Mas esses brasileiros, como enchem a paciência com essa Amazônia! O que a Amazônia tem a ver com evangelização?’ Este era eu em 2007. Depois, em 2015, saiu a *Laudato Si'*. Tive um percurso de conversão, de compreensão do problema ecológico. Antes eu não entendia nada! (IHU, 2020, online).

Em outro trecho, deste mesmo discurso, o Papa relata sobre o papel da publicação da *Laudato Si'*, antes do encontro em Davos, como forma de pressionar as autoridades ali presentes, para a importância de se repensar a questão ecológica, assim como, as formas de impedir, ou pelo menos minimizar os impactos ambientais causados pelo capitalismo desenfreado, visto que neste evento estariam reunidas as maiores autoridades mundiais.

Quando fui a Estrasburgo, na União Europeia, o Presidente Hollande enviou a Ministra do Ambiente, Ségolène Royale, para me receber. Conversamos no aeroporto... No começo um pouco, porque havia o programa a cumprir, mas depois, no final, antes de partir, tivemos que esperar um pouco e conversamos mais. E a senhora Ségolène Royale me disse o seguinte: ‘É verdade que o senhor está escrevendo algo sobre ecologia? – *C'était vrai!* – Por favor, publique antes do encontro de Paris!’. Chamei a equipe que estava fazendo a encíclica – para que vocês saibam que eu não escrevi ela pessoalmente, foi uma equipe de cientistas, uma equipe de teólogos e todos juntos fizemos essa reflexão –, eu chamei essa equipe e disse: ‘Deve sair antes da reunião de Paris’ – ‘Mas por quê?’ – ‘Para fazer pressão’. (IHU, 2020, online)

Em outro momento do depoimento, o pontífice ressalta que a conversão ecológica parte do interior para o exterior, sendo preciso tomar consciência para depois agir. Acontece de dentro pra fora, é uma mudança de concepção que reverbera em atitudes novas. O Papa expõe que a metodologia usada na elaboração e escrita da encíclica foi a de uma junção de pesquisas consistentes e comprovadas, de acordo com a formação e especialidade de cada pesquisador e que, após a leitura e compilação de todos estes estudos, ele fez a redação final, dando o seu tom específico e pessoal à encíclica. Dessa forma, mais que um texto que a princípio poderia ser visto apenas como doutrinal, a encíclica *Laudato Si'*, vem como um manual de formação e

orientação, aberta aos pesquisadores, aos leigos e ao público geral, independente da profissão de fé, dada a envergadura e, ao mesmo tempo, a linguagem acessível e didática que a mesma oferece.

De Aparecida a *Laudato Si'* para mim foi um caminho interior. Quando comecei a pensar nessa Encíclica, chamei os cientistas – um belo grupo – e disse a eles: ‘Digam-me as coisas que são claras e comprovadas e não hipóteses, as realidades’. E eles trouxeram essas coisas que vocês leem ali hoje. Depois, chamei um grupo de filósofos e teólogos [e disse a eles]: ‘Eu gostaria de fazer uma reflexão sobre isso. Trabalhem vocês e dialoguem comigo’. E eles fizeram o primeiro trabalho, depois eu fiz a minha intervenção. E, no final, a redação final foi feita por mim. Essa é a origem.

Mas quero ressaltar isso: do não entender nada, em Aparecida, em 2007, à Encíclica. Eu gosto de dar testemunho disso. Devemos trabalhar para que todos tenham esse caminho de conversão ecológica. (*Minha Conversão ecológica*, depoimento do Papa Francisco. (IHU, 2020).

Num outro recorte, desse mesmo depoimento, o Papa Francisco aponta sobre a questão da Amazônia e a importância do Sínodo como uma extensão e desejo de efetivação da proposta apresentada na *Laudato Si'*. O Sínodo apresentará questões emergenciais de mudança na Igreja e na humanidade e refletirá sobre o papel colaborativo da Igreja nesse processo. Analisará pontos sensíveis, ainda, não levantados e que apresentam vozes e opiniões distintas dentro da própria instituição. Nesse discurso, o Papa debate, ainda, sobre a importância da quebra de rótulos em torno da imagem do indígena e o quanto foi rico e gratificante refletir sobre a aplicação da prática do “bem viver” e da relação de harmonia e intimidade do indígena com a criação: “Eles falavam com uma linguagem de sabedoria e inteligência muito alta! Não apenas de inteligência, mas de sabedoria”. (IHU, 2020)

Sobre a aprendizagem com os povos originários, o Papa Francisco alerta para a importância do retorno às origens, às raízes, à escuta dos mais velhos, e ressalta o papel de se manter o elo entre o sentir, o pensar e o fazer. Ele critica o excesso de saber acadêmico, quando este despreza a harmonia desta tríade, anteriormente, exposta, e alerta que os especialistas, quando desenraizados da sabedoria humana, comportam-se apenas como robôs, ou seja, meros reprodutores de conceitos que não pensam, não sentem e não fazem. Boff (2012), em *O Cuidado Necessário*, já pontuava sobre a importância de aprender com os povos originários a habitar e se relacionar com o planeta:

O bem-viver visa uma ética da suficiência e da decência para toda a comunidade, e não apenas para o indivíduo. O bem viver supõe uma visão holística e integradora do ser humano inserido na grande comunidade terrenal que inclui, além dele, o ar, a água, os solos, as montanhas, os lagos, as árvores e os animais. Consiste em buscar um caminho de equilíbrio e estar em profunda comunhão com a Pacha Mama (Terra), com as energias do universo e com Deus (Boff, 2012, p. 105)

No tocante aos povos indígenas o Papa Francisco já havia feito menção também na exortação apostólica *Evangelium Gaudium*:

Os povos aborígenes podem ajudar-nos a descobrir o que é uma sobriedade feliz e, nesta linha, tem muito para nos ensinar”. Sabem ser felizes com pouco, gozam dos pequenos dons de Deus sem acumular tantas coisas, não destroem sem necessidade, preservam os ecossistemas e reconhecem que a terra, ao mesmo tempo que se oferece para sustentar a sua vida, como uma fonte generosa, tem um sentido materno que suscita respeitosa ternura. (Papa Francisco, 2013, p. 198).

O que pode ser percebido ao longo da encíclica *Laudato Si'* e das exortações apostólicas promulgadas pelo Papa Francisco é uma grande receptividade aos ensinamentos trazidos por outras culturas e povos. Vemos, ao longo de todo o texto, o acolhimento à sabedoria ancestral, uma receptividade ao que é diferente, como forma de crescimento e desenvolvimento a partir do saber partilhado e compartilhado, um brinde a riqueza das diferenças. Em uma sociedade que muitas vezes descarta os idosos e o saber trazido por eles, o Papa exorta a importância da valorização da sabedoria ancestral e do ensinamento por eles transmitidos. Segundo Francisco, todos nós temos muito a aprender com os povos originários, no que tange ao respeito e valorização da ancestralidade: “O ‘bem viver’ não é a doce vida, não, o não fazer nada, não. O bem viver é viver em harmonia com a criação. E nós perdemos essa sabedoria do bem viver. Os povos originários nos trazem essa porta aberta”. (IHU, 2020).

Segundo nos relata Boff (2022), na obra *O casamento ente o céu e a Terra: contos dos povos indígenas do Brasil*, o “índio” não existe. O que existe são centenas de nações indígenas, com diferenças e peculiaridades diversas entre si, que somam mais de duzentas, só no Brasil, sendo isso ignorado pela maioria das pessoas. Os povos indígenas são os testemunhos vivos da

Terra, vindo de um holocausto que, em solo brasileiro, perdura por mais de quinhentos anos e, com os quais, devemos agir com solidariedade e reparação. Esses povos nos ensinam a rica lição, da necessidade de mantermos o casamento entre o Céu e a Terra:

Se mantivermos unidos Céu e Terra, espírito e matéria, o Grande Espírito e o espírito humano, então salvaremos a humanidade e a nossa Grande Mãe Terra (...) Essa, seguramente é a grande missão dos povos originários e o seu maior desafio: ajudar-nos a salvar a Terra, nossa mãe, que a todos gera e sustenta e sem a qual nada neste mundo é possível. (Boff, 2022, p. 213).

Krenak (2022) salienta sua alegria ao saber que o Papa Francisco incluiu, em suas recomendações para a educação, a invocação dos ancestrais, resgatando os vínculos com suas origens, valorizando o saber passado pelos anciãos. Segundo Krenak, é preciso falar, conhecer e respeitar a diversidade cultural, num processo educacional que valorize o saber do aprendiz, em sua relação com o cotidiano, despertando um espírito de colaboração e não de competitividade, e que, ao invés de buscarmos formatar as pessoas num padrão para serem alguém na vida, seria necessário antes, proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo o que for necessário na vida. Nesse sentido, a forma de educar as crianças, aos moldes indígenas, tem muito a contribuir para um aprendizado comprometido com a pedagogia do cuidado, sob o prisma de uma ecologia integral:

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm pra comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra. (Krenak, 2022, p. 118).

Boff apresenta, em *O Casamento entre o Céu e a Terra: contos dos povos indígenas do Brasil* (2022), vários mitos indígenas e conclui que estes foram tecidos a partir da observação deles junto a natureza, buscando nela a força necessária para enfrentarem os desafios cotidianos. A fonte de saber dos povos originários reside na sinfonia que eles têm com o universo e pela escuta da Mãe Terra, com a qual partilham filiação, juntamente com todos os seres:

Sabem melhor do que nós, filhos e filhas da razão técnico-científica, casar Céu e Terra, integrar vida e morte, compartilhar trabalho e diversão, confraternizar ser humano com a natureza (...) Nisso eles têm sábias lições a nos dar (Boff, 2022, p. 231).

Esse saber passado e vivenciado pelos indígenas precisa ser resgatado pela humanidade como um todo, a fim de trazer um sentido ético e construtivo para a humanidade.

De acordo com o que nos relata Boff (2015)⁵, o texto e o tom da encíclica são típicos do Papa Francisco e da cultura ecológica que ele acumulou. Mas, também, muitas expressões e modos de falar remetem ao que vem sendo pensado e escrito principalmente na América Latina. Os temas da “casa comum”, da “mãe Terra”, do “grito da Terra” e do “grito dos pobres”, do “cuidado”, da “interdependência entre todos os seres”, do “valor intrínseco de cada ser”, dos “pobres e vulneráveis”, da “mudança de paradigma”, do “ser humano como Terra” que sente, pensa, ama e venera, da “ecologia integral”, entre outros, são recorrentes no pensamento latino-americano.

No Sínodo Pan Amazônico, a *Laudato Si'* foi um dos principais documentos a iluminar os debates. Nesta encíclica, a respeito dos povos indígenas amazônicos, Papa Francisco diz: “eles são os melhores guardiões da natureza. Eles têm experiência milenar e sabedoria singular.” O Sínodo Amazônico é apresentado como um grande projeto eclesial, cívico e ecológico que visa superar limites antes existentes e redefinir as linhas pastorais, adequando-as aos tempos e necessidades atuais. “Esse evento eclesial iluminará não apenas a Igreja da Amazônia com seus povos, mas toda a Igreja Universal. Tudo está interligado” diz o Papa Francisco (Hummes, OFM, 2019, p. 07).

Na exortação apostólica *Querida Amazônia*, o Papa Francisco apresenta quatro sonhos que a Amazônia lhe inspira: o sonho social, sobre a luta pelos direitos e escuta dos mais pobres e dos nativos; o sonho cultural, sobre as riquezas culturais e ancestrais dos povos originários; o sonho ecológico, a respeito do cuidado com a beleza natural; e por fim, o sonho eclesial, em que as comunidades cristãs assumam o jeito de ser amazônico, dando à Igreja novos traços. Estes sonhos, apresentados pelo Papa Francisco, trazem à tona a questão da interligação e

⁵ - A encíclica do Papa Francisco, por Boff: “Esperança e confiança no ser humano”, Estadão, 22 de junho de 2015.

interdependência dos seres, discutida por várias vezes, ao longo da encíclica *Laudato Si'* e também da exortação *Querida Amazônia*:

(...) Essa insistência em que 'tudo está estreitamente interligado' (QA 41), vale especialmente para um território como a Amazônia. Se o cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis, isso torna-se particularmente significativo lá onde 'a floresta não é um recurso para explorar, é um ser ou vários seres com os quais se relacionar' (QA 42).

Em um ecossistema como o amazônico, é incontestável a importância de cada parte para a conservação do todo. As próprias terras costeiras e a vegetação marinha precisam de ser fertilizadas por aquilo que o rio Amazonas arrasta (QA 48). A discussão acerca da interligação e interdependência e a “insistência”, neste ponto, devem-se ao fato desta estratégia ser tão necessária ao cuidado, o qual precisa ser proclamado, repetido, reforçado para além do projeto eclesial.

Após três anos da realização do Sínodo, o que pode ser constatado é que muitos dos anseios que o antecederam, e mesmo, após seu acontecimento, não foram alcançados. Muitas expectativas levantadas pelos fiéis, e por aqueles que beberam na fonte da *Laudato Si'*, não encontraram respostas aos seus dilemas. Foi um Sínodo inovador no seio da Igreja, tal como a própria promulgação da encíclica, porém, a efetivação das propostas realizadas não foi executada. Uma das críticas feitas em relação ao Sínodo Pan Amazônico é o da orientação de se erguer um templo católico no coração da Amazônia para acolher os povos originários, com toda uma metodologia de abordagem, espaço e rito inculturados. Entretanto, o ponto principal a ser considerado, neste momento histórico, deveria ser o de defesa e de cuidado para que a tradição e sabedoria trazidas por estes povos não sejam extintas; de modo que, assimilar seus ensinamentos e não buscar um processo de conversão significa efetivar uma pedagogia do cuidado.

Deve-se ressaltar que a forma como esse processo de “evangelização” é proposta é bem diferente frente ao realizado há milhares de anos pela Igreja, mas, ainda assim, este é um ponto contraditório do Sínodo e também da própria exortação *Querida Amazônia*, em que o Papa Francisco aponta que a Igreja pode ser um veículo capaz de ajudar na recuperação cultural dos povos indígenas em uma síntese com o anúncio do Evangelho. Aborda ainda, a importância de apreciar a espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de toda a criação,

espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom e a admiração sagrada que estes povos têm frente à natureza.

A Amazônia é um todo plurinacional interligado, um grande bioma partilhado (...) Dirijo esta exortação ao mundo inteiro. Por um lado, faço isso para ajudar a despertar a estima e a solicitude por esta terra que também é “nossa”, convidando a admirá-la e reconhece-la como um mistério sagrado; por outro lado, porque a atenção da Igreja às problemáticas desse território obriga-nos a retomar brevemente algumas questões que não devemos esquecer e que podem servir de inspiração para outras regiões da terra enfrentarem os seus próprios desafios. (QA 5)

O Papa ressalta que se trata de alinhar a relação com Deus presente no cosmos a uma relação com um “Tu”, que sustenta a própria realidade, ou seja, uma personificação de Deus em Jesus Cristo. Para ele, a visão de Jesus Libertador e Redentor não é inimiga ou contraditória da visão cósmica de mundo desses povos, visto que o “Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um gérmen de transformação definitiva” (LS 235).

Ele está, gloriosa e misteriosamente, presente no rio, nas árvores, nos peixes, no vento, enquanto é o Senhor que reina sobre a criação sem perder as suas chagas transfiguradas e, na Eucaristia, assume os elementos do mundo, dando a cada um o sentido do dom pascal. (QA, n. 74)

Em 30 de Julho de 2022, estava programada uma viagem penitencial do Papa Francisco ao Canadá, sua trigésima sétima viagem, e a quarta de um Papa, nesse território, as outras três foram realizadas pelo Papa João Paulo II nos anos de 1984, 1987 e 2002. Esta viagem teve como objetivo o diálogo e escuta das comunidades nativas que sofreram abusos por políticas de assimilação cultural, dentre os quais o Papa reconhece que houve o envolvimento e contribuição de muitos cristãos e membros de instituições religiosas católicas. Nesse sentido, Papa Francisco pontua: “pelo comportamento deplorável daqueles membros da Igreja Católica, peço perdão a Deus.” (IHU, 2022). Esta atitude de revisitar e assumir o que de “errado” a Igreja fez, ao longo dos séculos, com a humildade que lhe é própria, configura um ponto de mudança importante a ser considerado na história e postura da Igreja.

E, nos dias de hoje, a Igreja não pode ser menos comprometida, chamada como está a escutar os clamores dos povos amazônicos (...). Não podemos negar que o joio se misturou com o trigo, pois os missionários nem sempre estiveram do lado dos oprimidos, deploro-o e mais uma vez ‘peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América’ e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da Amazônia (QA 19)

Em 22 de Julho, na mensagem para o dia mundial de oração pelo cuidado da criação, o Papa Francisco convida a todos para se unirem junto ao “grandioso coro cósmico”, cantando junto com Francisco de Assis o louvor ao Senhor com todas as suas criaturas. No entanto, o Papa ressalta que esta doce canção é acompanhada por um coro de gritos amargos. Segundo ele, o primeiro grito é o da Mãe Terra, que geme implorando para que a humanidade cesse com os abusos e destruição. Posteriormente, ouve-se o grito das diversas criaturas que estão à mercê de um “antropocentrismo despótico” (LS 68).

O Papa aponta, na sequência, para o grito dos mais pobres e, principalmente, dos povos indígenas que são massacrados, além de terem seus territórios invadidos e devastados; segundo ele é um grito em forma de “clamor que brada ao céu” (QA, 2020, p. 9). Por fim, esse grito vem também de nossos lares, de nossos filhos que clamam aos adultos que cuidem da sua casa: “Gritam nossos filhos, ameaçados por um egoísmo míope, os adolescentes pedem-nos ansiosamente, a nós adultos, que façamos todo o possível para prevenir ou pelo menos limitar o colapso dos ecossistemas do nosso planeta”. (IHU, 2022).

Aos membros dos povos nativos, agradeço e digo novamente que, “com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência (...), Vós sois memória da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum. (QA 19)

O Tempo da Criação, no ano de 2023, teve como foco de discussão a água como bem precioso e universal: “Que a justiça e a paz fluam” e foi inspirado na passagem do Livro do Profeta Amós 5,24. O Tempo da Criação inicia sempre no dia 1º de setembro, dia mundialmente dedicado à oração pelo cuidado da criação, encerrando no dia 4 de outubro, por ocasião da festa de São Francisco de Assis. Durante esse período, vários encontros, reflexões e atividades são realizadas em torno do tema. A imagem de divulgação do Tema do *Tempo da Criação*⁶ trouxe

⁶ - <https://seasonofcreation.org/pt/>

a figura de um lado um rio limpo e caudaloso e do outro um deserto. O texto proclamado pelo profeta Isaías: “porque eis que vou fazer obra nova, a qual já surge: não a vedes? Vou abrir uma via pelo deserto, e fazer correr arroios pela estepe” (Isaías 43, 19), foi utilizado para dar ênfase à necessidade de atitudes para que a realidade atual seja modificada.

A biodiversidade está sendo destruída e extinta a uma velocidade alarmante vista. O futuro das próximas gerações está ameaçado pelos impactos causados pela perda da biodiversidade e das crises climáticas. Além disso, esse tempo de reflexão convidou à urgência de se implementar a paz e a justiça na Terra, justiça que convida ao arrependimento e mudança de atitude, alimentando a esperança no combate ao desespero.

A importância da água para a sobrevivência do planeta vem sendo discutida pelo Papa Francisco, desde a *Laudato Si'*, assim como o fez na *Querida Amazônia*. Segundo ele, a água encanta no grande Amazonas, que abraça e vivifica tudo ao seu redor, e para ilustrar este seu pensamento, ele cita o poeta Pablo Neruda:

Amazonas,
capital das sílabas d'água,
pai patriarca, és
a eternidade secreta
das fecundações,
chegam-te rios como pássaros
(QA, 44)

Conforme ressalta Boff (2022), em *O Casamento entre o Céu e a Terra: contos dos povos indígenas do Brasil*, para os povos originários, tudo é vivo, todas as coisas estão ligadas e interligadas entre si; para eles, a realidade divina está presente em tudo, nas festas, danças, rituais, tudo é uma experiência de encontro com Deus, o que enche a vida deles de encantamento, reverência e respeito a todas as coisas; para eles, “tudo é sinal da presença das energias celestes e divinas” (p. 233). Essa consciência ancestral precisa e deve ser resgatada pelo mundo, imerso no materialismo, num processo de conscientização, a fim de alterarmos o nosso destino que cada vez se mostra mais trágico. Boff convida à reflexão a partir do depoimento dos irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas:

Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os 'civilizados' são uma sociedade sofrida. O índio, por sua vez, estacionou no tempo e no espaço. O mesmo arco que ele faz hoje, seus antepassados faziam há mil anos. Se eles pararam nesse sentido, evoluíram quanto ao comportamento do homem dentro de sua sociedade. O índio em sua aldeia tem um lugar estável e tranquilo. É totalmente livre, sem precisar de dar satisfação

de seus atos a quem quer que seja. Toda estabilidade da comunidade, toda coesão está assentada num mundo mítico. Que diferença enorme entre as duas humanidades: uma tranquila, onde o homem é dono de todos os seus atos: outra, uma sociedade em explosão, onde é preciso um aparato, um sistema repressivo para poder manter a ordem e a paz dentro da sociedade. Se uma pessoa der um grito no centro de São Paulo, uma radiopatrulha poderá levá-la presa. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem vai perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre. (2022, p. 234-235)

O Conceito de “pecado ecológico” foi um dos temas debatidos no Sínodo da Amazônia, e está em análise para ser inserido no Catecismo da Igreja católica, sendo acrescentado, assim, como um dogma na doutrina da Igreja. Em uma audiência com advogados penais, ocorrida no dia 15 de outubro de 2019, no Vaticano, o Papa disse que “...se está pensando em introduzir no Catecismo da Igreja Católica o pecado contra a ecologia”. O Catecismo é o livro que sintetiza todo o pensamento e a doutrina da Igreja, orientando os fiéis, especialmente, em questões relacionadas a fé e a moral. A inserção desse tipo de pecado no Catecismo implica em oficializar a ideia do pecado e conversão ecológica, deixando de ser uma visão pessoal do Papa Francisco, para ser oficialmente ensinada por toda a Igreja. Com isso, ao promulgar a *Laudato Si'*, o pontífice, dá um passo grandioso, não apenas sob a perspectiva de subsídio documental, mas também, teologal e doutrinário, a respeito da visão ecoteológica católica, assim como, o endossa ao publicar a exortação apostólica *Querida Amazônia*: “O grito da Amazônia chega a todos, porque a ‘conquista e exploração de recursos (...) hoje chega a ameaçar a própria capacidade acolhedora do ambiente: ao ambiente como ‘recurso’ corre o perigo de ameaçar o ambiente como ‘casa’” (QA 48).

A perspectiva ecoteológica se faz presente num momento crucial de crise ecológica e humanitária, em que diversas vozes de outras lideranças religiosas se unem em coro para alertar quanto ao risco eminente e já em curso, tal como alerta (Krenak, 2022): “Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso.” (p. 38).

Tal como os povos originários apresentam as consequências alarmantes que o Planeta tem sofrido, devido ao mau uso do poder e à devastadora ação humana, cabe ao restante da humanidade tomar consciência do dano e da influência de seus atos. Torna-se, pois,

fundamental e urgente mudar de direção, antes que não haja como reduzir ou pelo menos pausar os impactos causados.

2.3.2 A pandemia como uma oportunidade de repensar a humanidade

A presente seção apresenta reflexões acerca da pandemia, como um grito de alerta da mãe Terra, e dos efeitos ambientais e humanos trazidos por ela. A perspectiva do Papa Francisco na *Laudato Si'* e de Leonardo Boff, diante dos desafios da atualidade, aponta para a necessidade de se desenvolver uma Pedagogia do Cuidado e ressalta que a interligação e interdependência, entre todos os seres, estão aliadas ao entendimento da Terra, enquanto organismo vivo.

A pandemia da Covid 19 trouxe à tona o sentimento de que todos estamos sujeitos às consequências dos atos praticados em relação à natureza. Tirou o ser humano do seu lugar de onipotência e de falsa sensação de imortalidade, demonstrando o quanto a vida é frágil e efêmera. A pandemia revelou, ainda, o abismo de diferenciação na prevenção e tratamento da doença pelos países mais ricos, no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, científico, cultural e, sobretudo, em relação ao acesso à informação e às vacinas, assim como aos efeitos da crise econômica em relação aos países mais pobres. No entanto, a morte atingiu a todos e todas, pobres e ricos, pessoas das mais variadas religiões, etnias e nações. Não fez distinções, e com isso isolou o ser humano em casa, levando-o a questionar quais os valores regem a sociedade e a própria existência.

Ao longo da encíclica, Papa Francisco retoma as pandemias e os flagelos vivenciados pela humanidade e pelo planeta Terra, ao longo da história. Pontua que a pandemia da Covid 19, enquanto tragédia global, serviu para reforçar a consciência de comunidade mundial, que deve ser olhada como um todo, e a pertença de todos os seres, como vulneráveis e responsáveis por tudo que ocorre ao seu redor, e da mesma forma atingidos. A pandemia veio alertar que não dá pra se ver enquanto ser isolado e à parte do que ocorre no mundo. O isolamento de cada qual em suas casas provocou reflexão sobre a importância do cuidado consigo e com o outro, e do papel de cada um num engajamento coletivo de combate ao vírus, que foi letal para todos, independente de raça, credo, gênero, idade ou nação. Segundo o Papa, a pandemia recorda a importância da coletividade, da fraternidade e da solidariedade entre os povos.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades (...). Com a tempestade, caiu o disfarce dos estereótipos com que mascaramos o nosso 'eu' sempre preocupado com a própria imagem; e ficou evidente, uma vez mais esta (abençoada) pertença comum, à qual não podemos nos subtrair: a pertença como irmãos (FT 32).

O impacto causado pela pandemia levou a pensar em todos os seres humanos de forma coletiva e não apenas nos benefícios de alguns. A reflexão a respeito da impermanência e do valor da vida humana abriu espaço para que a humanidade repensasse a forma de ser, habitar e conviver no mundo, visto que “a tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização de nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência” (FT 33).

Para Papa Francisco, o desastre mundial, que a pandemia escancarou, diz respeito à maneira como vivemos e nos portamos no planeta. É fruto da nossa irresponsabilidade desmedida em consumir todos os recursos naturais e humanos, como se fossem ilimitados. Porém, é preciso que guardemos as lições trazidas pela pandemia e não caiamos no esquecimento de uma vida anestesiada, sem sentido e inconsequente, num consumismo desmedido, ou num encapsulamento egoísta. A experiência vivenciada com o sofrimento de tantas famílias e de vidas ceifadas precisa ser entendida como uma lição sobre os riscos para a humanidade quando a terra é ferida, ou seja, quando o descuido com a natureza se transforma em morte. Ele se coloca em súplica para que saíamos do imperativo do “nós” em detrimento dos outros, mas que “tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros” (FT 35).

As situações limítrofes levam o ser humano ao extremo de suas emoções. Elas podem provocar crises de ansiedade, pânico, depressão. A vivência do luto sem despedida na perda de entes queridos, desemprego, crise econômica e sanitária, estrangulamento dos atendimentos hospitalares, tudo isso marcou o período pandêmico. Esta situação também impulsionou o exercício da solidariedade, da proximidade com a família de uma maneira nova, de modo que o distanciamento e isolamento contribuíram para um novo repensar a própria existência e propósito de vida. Nesse contexto, a vivência da espiritualidade, a prática de rituais religiosos

e o encontro com o outro foram modificados e, em alguns casos, tornaram-se fonte de fortalecimento e refúgio para muitos. As saídas ficaram restritas, o uso de máscaras, álcool, cuidados básicos de higiene consigo, e com os outros, tornaram obrigatórios. Valores como empatia, reciprocidade, altruísmo, foram colocados em prática, assim como, o egoísmo, e posturas não científicas se evidenciaram.

Sob esse viés, a pandemia possibilitou uma reanálise do papel do homem no planeta, da sua fragilidade e efemeridade, e o quão dependentes somos uns dos outros. O vírus não poupou raça, credo, status, ou qualquer outro símbolo de poder e dominação delineado pelo ser humano. A humanidade de forma geral esteve e está sujeita ao vírus e vivenciou as consequências de sua ação. Dessa forma, pode-se dizer que, existe um mundo pré-covid, e outro pós-covid, que apresenta seus efeitos a cada dia e cujas consequências teremos a oportunidade de observar no decorrer das décadas. Não dá pra sair ileso ou sem ser modificado, vivendo a experiência limítrofe entre vida e morte. Uma alternativa apontada por Leonardo Boff, em *Direitos do Coração* (2015), para que as pessoas, de um modo geral, possam ter uma melhor qualidade de vida, é o exercício do que ele denomina de convivialidade. Este termo, embora não exista descrição no dicionário, refere-se à capacidade de fazer conviver as dimensões de produção e de cuidado, de efetividade e compaixão, num equilíbrio multidimensional que reforce o sentido de pertença universal. Em *O doloroso parto da Mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social*, publicado em 2021, Leonardo Boff informa que, com a intrusão da Covid-19, dezenas de etnias indígenas foram afetadas, àquela época, mais de 800 contaminados, já se contavam 28 mil falecidos, e acredita-se em um número muito maior.

No sentido de preservação da floresta e também da vida humana, Krenak (2022) diz que a experiência da pandemia foi arrasadora, e que, a seu ver, ela não vem para ensinar nada, mas para devastar as nossas vidas: “se você está achando que alguém que vem pra te matar vai te ensinar algo, só se for a correr ou a se esconder” (p. 47). Diz ainda ao longo de sua reflexão que não demorará muito tempo, o ser humano será espectador da própria vida, consumindo tudo o que quiser, num capitalismo que devorará o próprio planeta. Outro ponto que o autor aborda é o de desejo de imortalidade e medo da morte que muitos seres humanos têm: “... Nós somos os únicos chatos do planeta que queremos prevalecer na face da Terra a todo custo e, claro, não entrar na lista de extinção de jeito nenhum” (p. 54) e complementa sobre a prevalência da vida humana no planeta: “(...) a vida começou sem os humanos e vai acabar sem a gente. Não somos os donos da chave nem seremos os últimos a sair” (p. 54).

Davi Kopenawa também clama pelo seu povo. Relata que desde a chegada do homem branco em sua floresta, a fumaça da epidemia os seguiu e lá se alojou: “Quando os brancos que são atingidos por ela vêm até nós, eles nos contaminam e depois a epidemia *xawara* devora todo mundo” (p. 157). Nessa perspectiva, além da destruição da floresta, *habitat* natural dos povos originários, o homem branco, também leva a morte, por meio das mais variadas doenças e vírus, como ocorreu também na epidemia da Covid 19, causando a morte de milhares de pessoas:

Os brancos nos contaminaram sem parar desde há muito tempo. Por isso é que os nossos desapareceram, um após os outros. Não queremos mais morrer da fumaça de epidemia dos brancos. Já estivemos bastante amedrontados com seu poder de morte. Agora, queremos poder morrer de velhice, como antigamente (Albert; Kopenawa, 2023, p. 159).

Leonardo Boff (2020) reflete sobre a presença do coronavírus, numa lógica comparativa ao capitalismo global, que há séculos está em guerra contra a natureza e contra a Terra. O capitalismo com sua exploração exacerbada da força de trabalho, acumulação de bens e serviços da natureza e mercantilização de todas as coisas, transformou a natureza num baú ilusoriamente ilimitado de recursos, porém, “um planeta já velho e limitado não suporta um crescimento ilimitado” (Boff, 2020, p. 134). Segundo o autor, a Covid-19 fere o ideário capitalista, mas reflete também a iniquidade humana, social e ecológica.

Em busca de soluções políticas pós-coronavírus, o autor propõe algumas alternativas. Dentre elas, é possível destacar: A busca de um capitalismo verde, incorporando o fator ecológico de reflorestamento e conservação da natureza. Implantação do comunismo de terceira geração, colocando os bens e serviços do planeta sob a administração plural e global para redistribuir a todos, o que implicaria numa nova consciência ecológica. O ecossocialismo, que implica um contrato social mundial com um centro plural de governança para resolver os problemas globais da humanidade. E por fim, a alternativa do bem viver e conviver. Essa alternativa é, porém, considerada pelo próprio autor, como muito utópica: “Talvez quando a humanidade se descobrir como espécie habitando numa única *Casa Comum* terá condições de realizar o bem-viver e o bem-conviver” (Boff, 2020, p. 137).

O que pôde ser notado, em âmbito nacional, durante o período crítico da pandemia, foi o descaso e abandono do governo em relação às causas ambientais, e também às que tangem a

sobrevivência e qualidade de vida dos povos originários. O país se encontra num momento crítico em relação aos investimentos e cuidados com a educação, cultura, trabalho, lazer, saúde e defesa ambiental. Este caos que a humanidade vivencia, é refletido em toda a *casa comum*, embora os menos favorecidos sintam e sofram muito mais as consequências de toda a crise pandêmica e humanitária. Os gemidos e gritos de fome, frio e desalento, tanto da Mãe Terra, quanto de seus filhos, podem ser ouvidos, muitas vezes, de forma abafada pela surdez daqueles que se isentam diante dos acontecimentos à sua volta.

A imunidade dos povos originários se mostrou insuficiente no combate ao vírus, e, por falta dos recursos médicos necessários e negligência dos órgãos públicos, muitas tribos ficaram expostas ao desaparecimento. Isso nos remete a uma tragédia irreversível, pois tribos pequenas com 40 e 50 membros, ao morrerem, levam consigo todo um povo, cultura e língua, além de toda a sabedoria ancestral adquirida, ao longo das gerações, passada por cada tribo que nos remete ao ensinamento genuíno daqueles que nos precederam e servem de pontes alternativas na construção de um futuro mais justo, de uma ressignificação do planeta, a partir das experiências passadas. Para Krenak, ela vai além, é um sustentáculo para a própria sanidade: “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (Krenak, 2020, p. 14).

Para Ailton Krenak, em *A vida não é útil*, a relação da humanidade com o planeta é distópica, em vez de imaginar mundos, a gente os consome. O autor expõe que a mesma dificuldade que muitos apresentam em compreender que a Terra é um organismo vivo, ele tem em entender o capitalismo como ente. Para Krenak, o capitalismo é um fenômeno que afeta a vida e o estado mental das pessoas no mundo inteiro, ele norteia as suas decisões, manipula e as cega, com o seu consumismo desenfreado: “Depois que comermos a Terra, vamos comer a Lua, Marte e outros planetas” (Krenak, 2020, p. 68).

Leonardo Boff (2020) diz que, para superar este modo utilitarista como estamos acostumados a habitar a *Casa Comum*, é necessário sonhar com o planeta como nossa grande Mãe e que este sonho se tornará realidade quando despertarmos para a urgência de um outro mundo necessário. Em consonância com esta visão, Libânio esboça que é preciso ter cautela para que, ao analisar aspectos da ecologia, não se perca o seu verdadeiro sentido. Para ele, no estudo sobre ecologia, o importante é mergulhar na ideia de integralidade ecológica, de uma verdadeira cosmovisão. O autor narra, ainda, que o astronauta russo, ao contemplar a Terra de

longe, fora dela, viu-a como planeta azul, o que serve de ótima exemplificação de imagem da ecologia integral.

Primeiro, ele distanciou-se da Terra, saiu dela. Pode vê-la como algo fora de si, o que, antes, nunca o conseguimos fazer. Sempre a pensamos estando dentro dela. E, ao observá-la na sua beleza azul e resplendente, foi tomado de êxtase. Em segundo lugar, relativizou tudo o que existe dentro dela de diferenças, de vaidades, de arrogâncias, de poderes. Os seres humanos e a Terra se fundiram numa única realidade: ‘O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama. Chora e venera’. (Libânio, 2010, p. 45)

Durante o período mais crítico da Pandemia, o mundo parou, mas a alternativa proposta e aprendida nesse tempo, não é descer em fuga da realidade caótica em que estamos, mas usar dos tantos ensinamentos da pandemia, para despertar uma nova postura e consciência em direção às mudanças emergenciais que precisam ser realizadas, partindo do individual para o coletivo. Krenak pontua que se, após a pandemia, quisermos reconfigurar o que foi vivenciado é necessário enxergar o processo como transformação e admitir que a inserção no mundo e na biosfera precisarão ocorrer de forma diferente, é preciso habitar o planeta de outra maneira: “vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. E nós ansiamos por esta novidade, ela é capaz de nos surpreender” (Krenak, 2020, p. 45). Aspiramos que este tempo de “período sabático”, de distanciamento, trazido pela pandemia possa ter proporcionado uma aprendizagem real para a espécie humana, que as lições aprendidas, neste período de reclusão, possam produzir bons frutos de conscientização e responsabilização, a médio e longo prazo na humanidade, em sua conduta ética, e no cuidado com a natureza e com o seu semelhante.

Krenak, em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), alerta para a importância de refletirmos: qual é o mundo que estamos deixando para as futuras gerações? Adverte que imersos no antropocentrismo, esquecemo-nos dos ensinamentos, recomendações e conselhos sobre o cuidado com a Terra e ao que está em seu entorno, transmitidos por nossos antepassados. Para o autor, é preciso pensar o mundo para além de nós, pois, muitas consequências serão colhidas por aqueles que virão, e nós seremos os responsáveis por esta colheita. Krenak esboça, ao longo desta obra, questões acerca da conduta humana e dos resultados provenientes destas, dentre as quais destacam-se, nas suas palavras: *Qual mundo vocês estão empacotando para deixar às gerações futuras? Falando de outro mundo, já se perguntou para as gerações futuras, se o mundo que você está deixando é o que eles querem?*

A maioria de nós, não vai estar aqui quando a encomenda chegar. Quem vai receber são os nossos netos, bisnetos, no máximo, nossos filhos idosos. Que mundo e que serviço de delivery você está pedindo? Pensar sobre estas questões implica em tomar consciência do papel de cada qual na efetivação das mudanças que tanto se fazem necessárias. Do micro cosmos ao macro. Do individual ao coletivo. De nosso lar, para nossa *casa comum*: a Mãe Terra.

Krenak (2022), na obra “Futuro Ancestral”, publicada no período pós-pandêmico, discute a importância de se conhecer as florestas e de preservá-las, em um combate constante contra o capitalismo e consumismo desmedidos:

À noite suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (Krenak, 2022, p. 14).

O autor fala de um outro lugar, distinto do antropocêntrico: “Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessas mesmices da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos” (p. 14).

Krenak (2022) resgata, ao longo de sua obra, a importância da água, não apenas como bem de consumo, mas de sustentação cultural, econômica, espiritual e existencial de muitos povos, tendo nos rios um lugar de pertencimento junto à sua ancestralidade. Krenak, denuncia os abusos cometidos contra os rios, seja em seu uso como potencial energético, construção de barragens, exportação de minérios e grãos. Questiona, ainda, até que ponto chegará à humanidade com sua exploração, colocando em risco o extermínio dos rios e de si mesmo, pois, ao sujar as águas dos rios, estamos acabando com a manutenção de vida no planeta, todas elas, incluindo a nossa. A partir disso, ele expõe um desejo, em forma de súplica: “respeitem a água e aprendam sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (p. 27).

Leonardo Boff, em *O Doloroso parto da Mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social* (2021), sinaliza que a humanidade está passando por uma crise de conversão e de transformação, e neste processo precisamos, enquanto humanidade, ter

ciência de nossa responsabilidade pela única casa que temos, comum a todos nós, e que se fomos capazes de criar as nossas armas de auto-destruição, teremos que ser capazes de retroceder este processo, caso contrário, seremos os protagonistas, de nossa própria tragédia. Para Boff (2015), é seguindo os ensinamentos do Criador, com uma visão fraterna e de solidariedade, junto a todos os povos, nações e à mãe Terra, de cujo húmus viemos, (pensamentos estes tão difundidos na *Laudato Si'*) é que poderemos viver num mundo mais igualitário e acolhedor. Boff (2003), na obra *Ética e Espiritualidade*, reitera: “Somos todos oprimidos e empobrecidos, pois não temos os futuros da humanidade e da Terra garantidos. As forças diretivas da natureza não garantem mais a sobrevivência; o ser humano deve politicamente decidir viver e garantir futuro para si e para sua *Casa Comum*” (p. 42).

Para os Yanomami, conforme descreve Albert e Kopenawa (2023), a “terra-floresta”, não é um cenário mudo e inerte, mas uma entidade viva e dotada de uma essência. Os seres humanos não são os únicos habitantes da “terra-floresta”, mas há uma imensa variedade de outros seres que interagem com eles. Dessa forma, ao destruir os rios e matas, seja por meio de garimpos ilegais, queimadas, derrubada de árvores, além de destruir os humanos que habitam nesses territórios, destrói-se também o habitat de várias espécies não humanas, que fazem parte de toda uma cadeia de sobrevivência entre os seres. Assim, a destruição da “terra-floresta” traz a fome e a morte:

Como os humanos, a 'terra-floresta' sofre e sente dor quando derrubam suas árvores. Ela morre quando é incendiada, dando lugar a uma terra seca e quente, onde vai se instalar *Ohinari a o* espírito da fome. Diz-se então que 'a floresta tem valor de fome', *urihi a ne ohi*, e que essa entidade maléfica sopra, dia após dia, seu pó xamânico nas nartinas dos humanos a fim de enfraquece-los para deles se alimentar (Albert; Kopenawa, 2023, p. 43).

O Papa Francisco na escrita da encíclica teve como inspiração Francisco de Assis e buscou adequar a sua mensagem, tão antiga e, ao mesmo tempo, tão atual, ou seja, a da difusão de uma ética amorosa e cordial, em que a ecologia interior e exterior possa irmanar-se com todos os seres. Nesse sentido, torna-se viável refletir em torno do comentário de Eloi Leclerc, um dos maiores pensadores franciscanos de nosso tempo:

Em vez de enrijecer-se e fechar-se num soberbo isolamento, Francisco deixou-se despojar de tudo, fez-se pequenino, colocou-se com grande humildade, no meio das criaturas. Próximo e irmão das mais humildes dentre elas. Confraternizou-se com a própria Terra, com seu húmus original, com suas raízes obscuras. E eis que a ‘nossa irmã e Mãe-Terra’ abriu diante de seus olhos maravilhados um caminho de uma irmandade sem limites, sem fronteiras. Uma irmandade que abrangia toda a criação. O humilde Francisco tornou-se o irmão do Sol, das estrelas, do vento, das nuvens, da água, do fogo e de tudo o que vive, e até da morte. (Boff, 2015, p. 149).

Este clamor, junto à criação, deve estar aliado ao clamor das criaturas, dos povos e de suas necessidades, nesta dimensão, social, ambiental, econômica e, por isso mesmo, integral, em que tudo está interligado como obra do Criador. Boff (1995), na obra *Princípio-Terra: a volta à Terra como pátria comum*, expressa seu desejo para a relação do homem com a Terra:

Queremos sentir a Terra em primeira mão. Sentir o vento em nossa pele, mergulhar nas águas da montanha, penetrar na floresta virgem e captar as expressões da biodiversidade. Ressurge uma atitude de encantamento, reponta uma nova sacralidade e desponta um sentimento de intimidade e de gratidão. (...) A cortesia, tão apreciada por São Francisco de Assis, ganha aqui sua livre expressão. (...) O universo dos seres e dos viventes nos enche de respeito, de veneração e de dignidade (Boff, 1995, p. 35).

Dessa forma, o roteiro principal de transformação para a humanidade, proposto por Leonardo Boff, por Francisco de Assis e pelo Papa Francisco, é o de resgatar a sua irmandade junto à criação. É tornar-se um com ela, com tudo o que lhe ocorre. Ter este cuidado amoroso e comprometido com o solo, a água, o céu, o ar, com os meios de produção, com as formas de consumo, com o acolhimento ao outro, num sentimento familiar, como elos do mesmo clã, membros da mesma *casa comum* é exercitar a pedagogia do cuidado. Faz-se necessário despertar este Espírito Criador, consciente e inteligente que habita em cada ser humano e que o torna apto a ser guardião, cuidador e “um” com a criação: “O espírito dorme na pedra, sonha na flor, acorda no animal e sabe que está acordado no ser humano” (Boff, 2021, p. 71)

2.3.3 *Laudate Deum*: um alerta emergencial

O Papa Francisco publicou a exortação apostólica *Laudate Deum*, no dia 4 de outubro, dia dedicado a Francisco de Assis, tal como havia feito com a *Laudato Si'* e com a *Fratelli Tutti*. Seu intuito, ao publicar esta exortação, é complementar a encíclica *Laudato Si'* de 2015, discutida ao longo deste capítulo da tese. Segundo o que o Papa expõe no início desta exortação, a humanidade não está reagindo o suficiente, o que está levando a mesma a um processo de ruptura.

O tom de exortação do Papa é o de um Pai que corrige e orienta seus filhos e filhas a mudarem de postura frente a uma situação alarmante. Em um texto mais sintético que a Encíclica *Laudato Si'*, porém, inflamado e com vários dados e alertas sobre a situação planetária. O Papa Francisco apresenta na *Laudate Deum*, de forma pontual, as questões climáticas, consequências e possíveis saídas que precisam ser construídas pra agora, a fim de ir freando os danos enfrentados, e reduzir os posteriores.

A exortação *Laudate Deum* está dividida em 06 capítulos e 73 parágrafos. Esta exortação vem como um chamamento à corresponsabilidade diante da emergência das mudanças climáticas, pois, conforme elucida, "o mundo está desmoronando e talvez se aproximando de um ponto de ruptura". É um dos "maiores desafios que a sociedade e a comunidade global enfrentam", além disso, "os efeitos das alterações climáticas recaem sobre as pessoas mais vulneráveis" (LD 03)

No primeiro capítulo, o Papa explica que, "os sinais da mudança climática estão aí, cada vez mais evidentes", por mais que muitos possam negar. Ele aponta "fenômenos extremos, períodos frequentes de calor anormal, seca e outros gemidos da terra", e demonstra que: "é possível verificar que certas mudanças climáticas, induzidas pelo homem, aumentam significativamente a probabilidade de fenômenos extremos mais frequentes e mais intensos". E para aqueles que amenizam os efeitos da crise climática, o Papa responde: "aquilo que agora estamos a assistir é uma aceleração insólita do aquecimento. Provavelmente, dentro de poucos anos, muitas populações terão de deslocar as suas casas por causa destes fenômenos" (LD 6).

O Papa Francisco também adverte para a não culpabilização dos pobres, visto que, segundo o pontífice "uma reduzida percentagem mais rica do planeta polui mais do que o 50% mais pobre". A África, que "alberga mais da metade das pessoas mais pobres do mundo, é responsável apenas por uma mínima parte das emissões no passado" (LD, 9). Na sequência, o Papa elucida sobre a problemática de que o menor uso de combustíveis fósseis levará "à diminuição dos postos de trabalho", sinalizando que "milhões de pessoas perdem o emprego" devido às diversas consequências da mudança climática, e conclui que a transição para o modelo de energias renováveis, "bem administrada", é capaz de "gerar inúmeros postos de trabalho em diferentes setores. Por isso é necessário que os políticos e os empresários se ocupem disso imediatamente" (LD 10). Assim, já no início desta exortação, o Papa Francisco vem refutando algumas conclusões equivocadas e apresentando meios de viabilizar mudanças emergenciais.

O Papa Francisco pontua sobre a estreita relação entre a crise climática e a intervenção do homem na emissão de poluentes pós o processo de industrialização que aumenta de forma desregrada "A concentração na atmosfera dos gases com efeito estufa... nos últimos cinquenta anos, o aumento sofreu uma forte aceleração" (LD 11). Paralelamente, a temperatura "aumentou a uma velocidade inédita, sem precedentes nos últimos dois mil anos" (LD 12). Isso provocou a acidificação dos mares e o degelo glacial. Contudo, segundo a percepção do Papa Francisco, a crise climática não tem sido foco de "interesse às grandes potências econômicas, preocupadas em obter o maior lucro ao menor custo e no mais curto espaço de tempo possíveis" (LD 13). Com isso o Papa denuncia o descaso das grandes potências em relação ao colapso que a terra vem sofrendo, em prol de um consumismo sem limites. No decorrer da exortação o Papa diz:

Vejo-me obrigado – continua Francisco a fazer estas especificações, que podem parecer óbvias, por causa de certas opiniões ridicularizadoras e pouco racionais que encontro mesmo dentro da Igreja Católica. Mas não podemos continuar a duvidar que a razão da insólita velocidade de mudanças tão perigosas esteja neste facto inegável: os enormes progressos conexos com a desenfreada intervenção humana sobre a natureza (LD 14).

O Papa encerra o capítulo um dessa exortação, pontuando que muitos efeitos e danos causados pela crise climática já são irreversíveis por pelo menos centenas de anos. É "urgente uma visão mais alargada... tudo o que se nos pede é uma certa responsabilidade pela herança que deixaremos atrás de nós depois da nossa passagem por este mundo" (LD 18).

O paradigma tecnocrático é o segundo tema abordado pelo Papa Francisco na exortação *Laudate Deum*, na qual se discute a ideia de um ser humano sem limites que "consiste, substancialmente, em pensar como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia" (LD 20). Na sequência, a discussão centra-se na concentração de poder e dominação nas mãos de poucos, que em grande parte movidos cegamente pelo capital conduzem de forma egoísta o seu governar "Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem, sobretudo se se considera a maneira como o está a fazer... (LD 23). O Papa alerta que "o mundo que nos rodeia não é um objeto de exploração, utilização desenfreada, ambição sem limites" (LD 25), embora seja desta forma que constatamos que esteja sendo visto. Porém, conforme lembra o Papa, todos estamos incluídos na natureza, e "isso exclui a ideia de que o ser humano seja um estranho, um fator externo capaz apenas de danificar o ambiente" (LD 26), ou seja, ele não é apenas agente de suas ações, mas também vítima das consequências geradas por ela.

Na *Laudate Deum*, ainda no capítulo dois, o Papa aponta para questões muito atuais, tal como a decadência ética do poder "Realizamos progressos tecnológicos impressionantes e surpreendentes, sem nos darmos conta, ao mesmo tempo, que nos tornamos altamente perigosos, capazes de pôr em perigo a vida de muitos seres e a nossa própria sobrevivência" (LD 28) e do mal uso do marketing e de informações falsas: "A decadência ética do poder real é disfarçada pelo *marketing* e pela informação falsa, mecanismos úteis nas mãos de quem tem maiores recursos para influenciar a opinião pública através deles" (LD 29)

No capítulo três da exortação, o Papa denuncia a fraqueza da política internacional, insistindo na importância de favorecer "acordos multilaterais entre Estados" (LD 34). Ele ainda aborda que as "organizações mundiais mais eficazes (...) dotadas duma real autoridade possa «assegurar» a realização de alguns objetivos irrenunciáveis" (LD 35). Papa Francisco lamenta que oportunidades de reflexão e mudanças de atitudes como as crises globais sejam desperdiçadas, "assim como sucedeu na crise financeira de 2007/08 e com a pandemia, que trouxeram maior individualismo, menor integração, maior liberdade para os que são verdadeiramente poderosos e sempre encontram maneira de escapar ilesos" (LD 36).

O desafio proposto pelo Papa Francisco é o de "recriar um novo multilateralismo à luz da nova situação global" (LD 37). O multilateralismo que ele propõe é "um multilateralismo «a partir de baixo» e não meramente decidido pelas elites do poder" (LD 38). Ele recorda que é preciso um "quadro diferente para uma cooperação eficaz" (LD 42). Dessa forma, é preciso um

modo de se ver e vivenciar a democracia, que esteja realmente preocupada com todos "uma espécie de maior «democratização» na esfera global... Deixará de ser útil apoiar instituições que preservem os direitos dos mais fortes, sem cuidar dos direitos de todos". (LD 43)

No quarto capítulo da exortação, o Papa faz um apanhado geral das conferências realizadas sobre o clima, desde a ECO 92, sobre os progressos e falências desde então, porém, muitas das propostas realizadas, tanto em 92, quanto em Quioto, como na COP 21, em Paris, não foram executadas. O Papa admite que muitas questões só podem ser resolvidas a longo prazo, mas aponta também os fracassos, devido à falta de responsabilidade de alguns países de efetivarem as propostas realizadas e firmadas, nos quais o Papa aponta algumas explicações: "hoje podemos afirmar que os acordos tiveram um baixo nível de implementação, porque não se estabeleceram adequados mecanismos de controle, revisão periódica e sanção das violações (LD 32). E complementa: "as negociações internacionais não podem avançar significativamente por causa das posições dos países que privilegiam os seus interesses nacionais sobre o bem comum global" (LD 33).

No capítulo cinco da exortação, o Papa lança o olhar para a COP 28 em Dubai, e suas expectativas: "Não podemos renunciar ao sonho de que a *COP28* leve a uma decidida aceleração da transição energética, com compromissos eficazes que possam ser monitorizados de forma permanente. Esta Conferência pode ser um ponto de viragem" (54). O Papa Francisco reitera a importância de se tomar a questão ambiental de forma séria e urgente, pois trata-se de um problema humano e social. Pede ainda, o fim da "atitude irresponsável" dos que ridicularizam a questão ambiental por interesses econômicos, visto que, trata-se "dum problema humano e social em sentido amplo e a diversos níveis. Por isso requer-se o envolvimento de todos" (LD 59). Por fim, o Papa expressa seu desejo para a COP 28: "Oxalá que, a partir da *COP28*, sejam estratégias capazes de pensar mais no bem comum e no futuro dos seus filhos, do que nos interesses contingentes de algum país ou empresa. Possam assim mostrar a nobreza da política, e não a sua vergonha" (60).

No capítulo sexto, e último desta exortação, Papa Francisco aponta as motivações espirituais que devem direcionar os católicos, a um compromisso que brota da fé cristã, e recorda as razões desse compromisso, incentivando "os irmãos e irmãs de outras religiões a fazerem o mesmo" (LD 61). O papa salienta que: "A cosmovisão judaico-cristã defende o valor peculiar e central do ser humano no meio do maravilhoso concerto de todos os seres... formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde" (LD 67).

Ele reitera que é importante refletir que "não há mudanças duradouras sem mudanças culturais... e não há mudanças culturais sem mudança nas pessoas" (LD 70). Para isso é essencial uma mudança que inicie a partir de uma conscientização da micro casa, que ira reverberar para o planeta como um todo: "Os esforços das famílias para poluir menos, reduzir os esbanjamentos, consumir de forma sensata estão a criar uma nova cultura" (LD 71). O pontífice, por fim, conclui a exortação lembrando que:

As emissões *pro capite* nos Estados Unidos são cerca do dobro das dum habitante da China e cerca de sete vezes superiores à média dos países mais pobres, podemos afirmar que uma mudança generalizada do estilo de vida irresponsável ligado ao modelo ocidental, teria um impacto significativo a longo prazo. Assim, juntamente com as indispensáveis decisões políticas, estaríamos no caminho do cuidado mútuo.

Assim, com esta exortação que vem complementar todas as elucidações feitas em 2015 pela *Laudato Si'*, o Papa Francisco vem alertar sobre a urgência de ações em defesa da Casa Comum, apontando os efeitos já constatados e acumulados na crise que o planeta enfrenta, cuja consequência é fruto da definição que o Papa aponta já no título desta exortação: “*Laudate Deum*’ é o título desta carta, porque um ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior inimigo para ele mesmo” (LD 73).

3 FRATELLI TUTTI: UM OLHAR DE CUIDADO COM O OUTRO

O cuidado representa uma relação amiga da vida, protetora de todos os seres, pois os vê como um valor em si mesmo, independente do uso humano

Leonardo Boff

Este capítulo final da tese tratará sobre as contribuições do cuidado com o outro, relacionando essa atitude a temáticas como a solidariedade, a fraternidade, o acolhimento, hospitalidade, direitos humanos, globalização e diálogo, trazidos em forma de discussão pela encíclica “*Fratelli Tutti: Todos irmãos*”, promulgada em 03 de outubro do ano de 2020. Ao longo do capítulo, de modo a consubstanciar as proposições sobre a importância do cuidado, será estabelecida uma leitura crítica de algumas noções em Leonardo Boff, que discorre há bastante tempo sobre o assunto, antes mesmo da publicação da referida encíclica: “Temos que entrar num processo de mudança de paradigma. Essa mudança precisa ser dialética, vale dizer,

assumir tudo o que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente, mais globalizado e benfazejo” (Boff, 1995, p. 29).

No prefácio da obra *Habitar a Terra: qual o caminho para a fraternidade universal* (Boff, 2020), Pierluigi Mele faz uma associação entre o Papa Francisco e Leonardo Boff, como irmãos universais, aqueles que se apresentam como precursores do futuro e plenitude da humanidade, unidos pela ecologia integral. Ambos inspiram e motivam a ter e ser esperança em meio ao caos. Por fim, ele diz que, pela capacidade de ouvir os pobres e os últimos, Papa Francisco e Leonardo Boff tornaram-se irmãos de todos, irmãos universais, e anseia que tal como eles se uniram em prol de ideais semelhantes, isso se difunda nas pessoas com a mesma aspiração: “Que Deus inspire este sonho em cada um de nós” (Boff, 2022, p. 14).

A encíclica *Fratelli Tutti* se coloca como defensora dos direitos humanos, da busca de uma vida íntegra, e denuncia tudo aquilo que é considerado como aspecto de uma “cultura de morte” na sociedade. Este contexto temático ganha forma, por meio da análise minuciosa e questionadora da Parábola do Bom Samaritano, e também, da necessidade de se gestar um mundo em que impere a justiça, a fraternidade e a solidariedade. Neste sentido, a *Fratelli Tutti* pode ser vista como uma complementaridade da *Laudato Si'*, ou seja, sob a ótica do respeito à dignidade humana, do cuidado e responsabilidade com o outro, como uma extensão de si mesmo. Ela traz à tona o outro aspecto do cuidado e do conceito de ecologia integral, já anunciado na *Laudato Si'*, de um cuidado com todos os seres vivos, com a natureza, os povos, as nações, a partir da base estrutural da sociedade.

O olhar de cuidado para com o outro, na perspectiva do texto papal, considera vários fatores, tais como: sociais, ambientais, políticos, de garantia de direitos e de preservação da dignidade humana. Um ponto relevante para a análise que se propõe aqui, presente no documento, e que vem, inclusive estampado já no título da encíclica, leva-nos, ainda que implicitamente, ao questionamento do que é ser irmão? Dessa forma, o conceito de irmandade e fraternidade se entram em questão, embasados na análise comparativa entre textos bíblicos, história da humanidade e sociedade atual, tecidos de forma incisiva na narrativa do Papa Francisco.

O título que nomeia a carta *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, traz em si um apelo de repensar o que significa a fraternidade, a amizade entre os povos e a solidariedade. O nome da encíclica pode ser pensado também, como uma provocação, que se faz presente, em alguns momentos da narrativa: Somos todos irmãos? Vivemos todos como membros de uma mesma família? Desfrutamos dos mesmos bens e direitos? Agimos com responsabilidade de forma igualitária na mesma casa comum que habitamos?

A carta-documento, *Fratelli Tutti*, tal como a sua predecessora, *Laudato Si'*, são textos sociais e buscam na doutrina social da Igreja, em textos bíblicos e ainda em dados de pesquisas atuais, alicerces para promover discussões acerca da necessidade de uma nova consciência planetária e humanitária, ultrapassando assim, o âmbito religioso. Ambas, são cartas destinadas à humanidade que se preocupa e se ocupa em desenvolver uma mentalidade e agir, mais humano e solidário para com todos os seres. São ensinamentos, questionamentos, lições e ponderações destinadas a todos e todas que se comprometem em conhecer e buscar novos caminhos, sendo um marco diferencial também dentre as encíclicas promulgadas em outros pontificados, visto que, o ponto principal nos documentos anteriores era atingir a cristandade católica, a nível de formação, em sua grande maioria doutrinal, e a aspectos específicos do catolicismo. As duas encíclicas em referência, no entanto, de forma inédita, abrem-se a reflexões que abrangem questões universais e estão direcionadas à humanidade como um todo, e não apenas aos cristãos e ou católicos.

Outro ponto a ser abordado, neste capítulo, é o do Amor Universal, tema debatido ao longo de toda a encíclica *Fratelli Tutti*, em outros textos do Papa Francisco e também na bibliografia de Leonardo Boff, que serão utilizados para embasar e discutir o tema. O amor aqui refletido é aquele que se volta para o cumprimento de um desejo do Papa: “o sonho de um paradigma da fraternidade universal entre os humanos e com todos os seres da natureza” (Boff, 2022, p. 77).

O paradigma da fraternidade, no entanto, não depende apenas de um olhar filosófico e educativo, quanto de Boff, ou solidário e empático, quanto do Papa Francisco, é necessária uma mudança de postura cultural, social e econômica adversa ao quadro do paradigma da Modernidade em que se sobressai o sentimento de antropocentrismo e o homem é o dominador de tudo e de todos. A tecnociência e o capitalismo são as leis que regem a maior parte das sociedades e estados na administração da vida e dos países, logo, o individualismo é imperativo. Desta forma, para que a mudança proposta por ele na *Fratelli Tutti* possa se tornar uma realidade, é preciso mudar o centro das atenções, construir um novo paradigma.

Essa encíclica propõe um paradigma alternativo: o do frater, o do irmão, o da fraternidade universal e da amizade social. Desloca, portanto, o centro: de uma civilização técnico-industrialista, dominadora, consumista e individualista para uma civilização fraterna, solidária, da preservação e do cuidado de toda a vida (Boff, 2020, p. 41).

A encíclica *Fratelli Tutti* é feita de desafios e questionamentos, mais do que um processo de conscientização, deve suscitar, aos leitores, o espírito de irmandade e de indignação diante

das injustiças e desigualdades, tanto sociais, quanto políticas e humanitárias. Este documento representa uma intimação à mudança de rota, a um repensar e remodelar de propostas e modos de habitar o mundo e de rever os conceitos de fraternidade. Conforme enfatiza o Papa Francisco: “a afirmação de que os seres humanos somos irmãos e irmãs (...) nos coloca uma série de desafios que nos deslocam, nos obrigam a assumir novas perspectivas e a desenvolver novas reações” (FT 128).

3.1 A PEDAGOGIA DO CUIDADO COM O OUTRO

A pedagogia do cuidado traz como foco de discussão, a forma de olhar, amparar, acolher, ser compassivo, ver o mundo e seus desafios, a partir da responsabilidade e cuidado com o outro. Neste subcapítulo, a pedagogia do cuidado terá como referencial a *Parábola do Bom Samaritano*, analisada pelo Papa Francisco na *Fratelli Tutti* e também por Leonardo Boff. Sobre a atitude de acolhimento, Boff já ressaltava sua importância em 2005, em sua obra “*Virtudes para um Mundo Possível: hospitalidade*”, chamando atenção para a importância de reconhecermos o nosso papel de corresponsabilidade para com o outro e para com o planeta, visto que somos todos moradores da mesma casa, devemos nos ajudar mutuamente e buscarmos conviver de forma harmoniosa, suscitando nos corações relações de boa vontade para com o próximo.

A acolhida não deve ser vivida como uma condenação porque não temos outra saída. Devemos viver a acolhida jovialmente como quem vê no outro um próximo, um companheiro de caminhada, um irmão e uma irmã, membros da grande família humana, outrora dispersa, e agora, reunida na mesma Casa Comum (Boff, 2005, p. 167).

O amor Universal também é um tema de suma importância a ser refletido e discutido dentro do contexto da Pedagogia do Cuidado. Não um amor de palavras, teorias ou preceitos, mas o amor prático, construído e alicerçado no dia a dia, tendo no outro uma extensão de si mesmo e do próprio Cristo. É preciso redescobrir o valor da vida e da dignidade humana, em uma sociedade que na maioria das vezes precifica e monetiza tudo, este valor fica às vezes relegado em segundo plano, a interesses e vantagens econômicas, ou conforme o Papa: “Há sociedades que aceitam que haja possibilidades para todos, mas suposto isso, defendem que tudo depende de cada um (FT 108)”. Ele, reforça em seu discurso, que muitas vezes é imperativa a ideia de que investir a favor das pessoas frágeis pode não ser rentável e até implicar em menos eficiência, mas, que é necessário, que cada dia mais, os Estados estejam orientados em primeiro

lugar para a construção do bem comum. Para tal, é preciso traçar novos rumos e o caminho primeiro é pela via do amor. Amor sem distinções, preceitos e preconceitos.

Para Leonardo Boff (2014), um dos maiores desafios apresentados às políticas que buscam traçar o caminho da ética e do cuidado, é o da presença massiva de uma grande população de pobres e marginalizados na sociedade, fazendo com que dois terços da humanidade vivam em extrema pobreza: “Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes” (Boff, 2014, p. 164). Para complementar este pensamento, Papa Francisco (2020) enfatiza que é imperativo que as pessoas reivindiquem dignidade para todos os seres humanos e denunciem os abusos e violações da mesma. É preciso solidariedade, empatia e compaixão, ser verdadeiramente, um com o outro: “A busca do bem comum é muito mais que a soma dos bens individuais. Significa considerar todos os cidadãos, procurando responder efetivamente às necessidades dos mais desfavorecidos” (Papa Francisco, 2020, p. 34).

3.1.1 Parábola do Bom Samaritano: compaixão com o próximo

O capítulo dois da encíclica *Fratelli Tutti* traz como título: *Um estranho no Caminho* para referenciar a Parábola do Bom Samaritano, que servirá de ponto de questionamento e análise ao longo de todo o texto da encíclica. Assim como o Papa Francisco já havia feito em relação aos destinatários da *Laudato Si'*, o pontífice pontua sobre a *Fratelli Tutti*: “esta Encíclica se dirige a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas” (FT 56). Dessa forma, a presente encíclica amplia seu olhar para além das questões teológicas ou doutrinárias, visto que desenvolve uma discussão aberta sobre problemas que envolvem todo o mundo, dos países mais ricos aos mais pobres, e de questões e desafios a serem discutidos por todas as pessoas, independente de credo, raça ou nação a qual pertençam.

A Parábola do Bom Samaritano tem um papel central de interpelação a todos aqueles que se debruçam no estudo da *Fratelli Tutti*. Sobre essa relação, lê-se no trecho bíblico, conforme está apresentado na encíclica (FT 37-38):

Um doutor da Lei, se levantou e, para experimentar Jesus, perguntou: ‘Mestre que devo fazer para herdar a vida eterna?’ Jesus lhe disse: ‘Que está escrito na Lei? Como lê?’ Ele respondeu: ‘Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.’ Jesus lhe disse: ‘Respondeste corretamente. Faze isso, e viverás.’ Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ Jesus, retomou: ‘Certo

homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo, espancaram-no e foram embora, deixando-o meio morto'. Por acaso descia por aquele caminho um sacerdote, mas, ao ver o homem, passou longe. Assim também um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante pelo outro lado. Um samaritano, porém, que estava viajando, chegou perto dele e, ao vê-lo, moveu-se de compaixão. Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas azeite e vinho. Depois, colocou-o, sobre seu próprio animal e o levou a uma hospedaria, recomendando: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, eu o pagarei quando eu voltar'. No teu parecer, qual dos três fez-se o próximo do homem que caiu nas mãos de assaltantes? Ele respondeu: 'Aquele que usou de misericórdia para com ele'. Então Jesus lhe disse: 'vai e faze o mesmo' (Lc 10, 25-37).

A Parábola do Samaritano traz como pano de fundo a questão da atitude de compaixão em contraste com a indiferença frente ao outro; na referida parábola, este outro, é um desconhecido, o qual os doutores da Lei e mesmo os Levitas, homens do templo, não se dispuseram a prestar auxílio. Papa Francisco pontua que, o antigo preceito de “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv19:18), era entendido pela tradição judaica como uma referência apenas aos seus patriotas. Com esta parábola, Jesus alarga este amor, acolhimento e misericórdia, ampliando-o a todos, indistintamente, é um apelo universal que abarca toda a condição humana.

O Papa Francisco traz à tona as características de cada personagem presente na narrativa, a fim de analisar o papel e representatividade de cada qual na parábola e na história humana. O início da referida parábola apresenta os salteadores, em um assalto já consumado, em que imperou a violência e o abandono e coloca a questão do que é mais importante: o correr atrás dos ladrões ou socorrer o ferido? Jesus na narrativa volta o olhar para o homem ferido, para o que ficou abandonado, sua preocupação é com aquele que necessita de uma atenção maior. Por meio da Parábola, Cristo, busca para além do instruir, levar ao questionamento e ampliar o olhar, sobre os feitos, realizados ou não, por cada personagem, frente a situação de abandono e vulnerabilidade do outro.

Na sequência, Papa Francisco aborda sobre os dois personagens que passam distante: o sacerdote e o levita, e reforça que o fato de serem pessoas religiosas não pode e nem deve ser ignorado, com isso, apresenta um ponto em que todos devem estar atentos: “o fato de crer em Deus e adorá-lo não é garantia de viver como agrada a Deus” (FT 74). Na reflexão, sobre a postura dos religiosos junto ao homem abandonado a beira do caminho, o Papa esclarece que ocorre muitas vezes a presença do paradoxo de aqueles que dizem não acreditar em Deus, terem uma postura muito mais cristã do que aqueles que se dizem crentes, e exorta aos cristãos com uma citação de São João Crisóstomo: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja

desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez” (FT 74).

Na *Fratelli Tutti*, o autor chama a atenção para a atitude hipócrita que uma grande parcela da sociedade revela, visto que “os salteadores do caminho” encontram naqueles que “passam pelo caminho olhando para o outro lado” uma dupla aliada: a cumplicidade ou indiferença. Nesse conjunto de hipocrisias, o Papa Francisco ressalta a impunidade dos delitos, o uso das instituições para interesses próprios e a desqualificação da vida humana enquanto dom a ser cuidado e preservado. Há ainda, os que semeiam desesperança e desencanto, dizendo, que não há muito o que possa ser feito, mantendo-se isentos e a parte, e em outros momentos o lugar que podemos ocupar enquanto personagem desta narrativa é o de ferido, excluído e abandonado. É preciso, em situações como esta, segundo o Papa Francisco (2014, p. 84), exercer a vocação primária do ser Igreja, o servir:

Servir significa acolher a pessoa que chega, com atenção, significa ser humilde diante de quem é necessitado e estender-lhe a mão, sem cálculos, sem receio, com ternura e compreensão (...) Servir significa trabalhar do lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo relações humanas, de proximidade, vínculos de solidariedade.

Leonardo Boff (2006), na obra *Virtudes para um outro mundo possível: convivência, respeito e tolerância* (2006), discorre, ao longo do primeiro capítulo, uma reflexão detalhada acerca da Parábola do Bom Samaritano. O autor contextualiza historicamente os conflitos e separação entre os judeus e os samaritanos, rivalidades estas que abarcam desde a manutenção dos textos bíblicos como os cultos em locais sagrados distintos. Porém, o que prevalece como ponto focal de discussão, não é a diferença ideológica ou religiosa entre o ferido e quem o auxilia, mas justamente o ato de doação, para além da fé de preceitos. O preceito maior enfatizado pela parábola é o amor. Segundo Boff (2006) o gesto do Bom Samaritano serve para reforçar o critério de atitude para com o outro, independente das diferenças, numa definição de quem verdadeiramente é o nosso próximo, ou seja, todos aqueles que sofrem e necessitam de acolhimento. Com isso a parábola vem reforçar um amor que se doa indistintamente, que se abre a todos e todas: “Esse encontro misericordioso entre um samaritano e um judeu é uma forte provocação, que desmente toda manipulação ideológica, desafiando-nos a ampliar nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal” (FT 83).

O samaritano ‘aproximou-se’. Dependeu dele fazer do outro um próximo. Próximo é aquele de quem me aproximo. Defino-me, incluindo o outro e

dando-lhe primazia. Lança-me um desafio, emite um grito lancinante, estende a mão buscando socorro. Quando me dobro sobre o outro, eis que surge o próximo (BOFF, 2006, p. 23).

Na visão reflexiva trazida por Boff sobre a parábola do Bom Samaritano, ele pontua que de todos os que passaram e viram a pessoa caída a beira do caminho, o que teve a atitude mais necessária e esperada, foi justamente aquele, que na visão dos judeus, seria considerado como fora da lei divina. O samaritano, esqueceu de si, dos seus afazeres, da sua viagem, e enxergou o próximo, vê o outro em sua necessidade e integralidade: “O Samaritano vê com os olhos do coração. Por isso enche-se de compaixão” (Boff, 2006, p. 21). Esta compaixão passa por duas etapas a do despojamento, de colocar-se no lugar do outro e esquecer-se de si por um momento, e cuidado, colocando-se a serviço do outro de forma solidária às suas necessidades, se fez dele um verdadeiro próximo, ao se aproximar de sua dor, e deixar que ela o tocasse e movesse, fazendo com que agisse de forma ética e por isso fosse denominado com o adjetivo diferencial de Bom.

É preciso, segundo o Papa Francisco, alimentar no ser humano o que é bom, colocar-nos a serviço do bem. Este processo deve ser iniciado do particular para o coletivo, é fazer-se presente junto àqueles que precisam de ajuda e encontram - se à margem, sejam homens, mulheres, jovens, crianças ou idosos, sendo pois, solidário e solícito tal como o samaritano o foi, visto que somos corresponsáveis nas transformações que se fazem necessárias no mundo. É preciso sair da inércia, do comodismo e da impotência. Para tal, traça um caminho, o qual é apontado pelo próprio texto bíblico na realização deste projeto de acolhida e cuidado com o outro:

As dificuldades que parecem enormes são a oportunidade para crescer, e não a desculpa para a tristeza inerte que favorece a sujeição. Mas não o façamos sozinhos, individualmente. O samaritano procurou um estalajadeiro que pudesse cuidar daquele homem, como nós somos chamados a convidar outros e a encontrar-nos em um ‘nós’ mais forte do que a soma de pequenas individualidades (FT 78).

Na perspectiva da hospitalidade, trazida pela Parábola, Papa Francisco aborda a importância do acolhimento aos migrantes e a concretude do amor, num apelo a vivência do amor fraterno, que busca embasar em textos bíblicos tanto do Antigo Testamento: “Não maltrates o migrante nem o oprima, pois vós fostes migrantes na terra do Egito” (Ex 22, 20), como do Novo Testamento: “quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4, 20). Ele pontua, acerca da parábola, um Jesus que convida a ultrapassar

fronteiras em relação a quem seja este próximo, este ponto é reforçado, principalmente, porque o homem caído a beira do caminho era um judeu e quem o auxiliou foi um samaritano. Os samaritanos, aos olhos dos judeus eram impuros, contagiados por ritos pagãos, no entanto, foi justamente um cidadão da Samaria que veio a socorrer um judeu ferido.

Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os ‘sinais dos tempos’. Através deles, o Senhor chama-nos a uma conversão, a libertar-nos dos exclusivismos, da indiferença e da cultura do descarte. Através deles, o Senhor convida-nos a reaproximarmos da nossa vida cristã na sua totalidade e contribuir, cada qual segundo a sua própria vocação, para a construção de um mundo cada vez mais condizente com o projeto de Deus (Petrini, 2021, p. 182).

Ao analisar a Parábola do Bom Samaritano e dos personagens em cena, Papa Francisco aplica as reflexões à economia e à política, e lança uma questão direta aos leitores: com qual dos personagens você se identifica? Boff (2022) ao pontuar sobre este recorte na *Fratelli Tutti* expõe e reflete sobre um novo paradigma de fraternidade e amor social, ou seja, “se desdobra no amor em sua concretização pública, no cuidado dos mais frágeis, na cultura do encontro e do diálogo, na política como ternura e amabilidade” (p. 44). Sob este ponto de vista, resgata-se a base da essência humana: o cuidado. O ser humano que é cuidado por Deus e cuida de si e dos que o circundam, como membros de uma mesma família. É o desempenho verdadeiro da palavra humanidade, visto que por ser humano é vulnerável a riscos e depende de alguém que o socorra em situações difíceis.

A Campanha da Fraternidade do ano de 2020 teve como tema “Fraternidade e vida, dom e compromisso” e como lema “Viu e sentiu compaixão e cuidou dele”, sobre esta temática o Papa Francisco ressaltou três atitudes importantes que a parábola do Bom Samaritano indica: “ver, sentir compaixão e cuidar”. Na ocasião, ele enviou uma mensagem à Igreja do Brasil, acerca da campanha a ser meditada durante o período quaresmal:

Alegro-me que, há mais de cinco décadas, a Igreja do Brasil realize, no período quaresmal, a Campanha da Fraternidade, anunciando a importância de não separar a conversão do serviço aos irmãos e irmãs, sobretudo, os mais necessitados. Neste ano, o tema da Campanha trata justamente do valor da vida e da nossa responsabilidade de cuidá-la em todas as suas instâncias, pois a vida é dom amoroso de Deus que devemos continuamente cuidar (...) Somos chamados a ser uma Igreja samaritana.⁷

⁷ - *in acidigital*: Papa Francisco convida brasileiros a imitar o Bom Samaritano e cuidar da vida.

A Parábola do Bom Samaritano, foi tema de discussão da Campanha da Fraternidade, no mesmo ano de publicação da *Fratelli Tutti*, porém em período anterior, reforça o reflexo da direção do pontificado do Papa Francisco, o de uma Igreja em Saída, daquela que pratica a Cultura do Encontro, ou no dizer do Papa, uma Igreja Samaritana, que acolhe e cuida dos que se encontram à margem. Tal como o que havia ocorrido com a Campanha da Fraternidade de 2017 sobre a temática da Ecologia Integral, reforçando e traçando rotas de ação em relação à *Laudato Si'*, a Campanha da Fraternidade de 2020, veio abrindo discussões para a encíclica que estava a caminho.

A parábola do Bom Samaritano se mostra como um eixo norteador dentro da encíclica *Fratelli Tutti*, servindo como referencial de modelos e padrões de conduta. Um exemplo bíblico sempre atual de como o ser humano vê no outro um próximo ou não, e traça, ao longo da narrativa de Cristo, a postura humana desejada e esperada. Esta conduta ética ocorreu independente de um padrão religioso, mas foi uma motivação interna, de empatia, compaixão e cuidado, livre de interesses, ou cumprimento de normas. Esta parábola traz em si, assim como a encíclica de uma forma geral, um questionamento crítico-social atemporal, servindo de base ao longo dos tantos apontamentos e reflexões que o documento traz.

O Papa Francisco, na obra *Vamos Sonhar Juntos: o caminho para um futuro melhor* (2020), fruto de uma conversa com Dr. Austen Ivereigh, escritor e jornalista britânico, autor de duas biografias do Papa Francisco (2020), ao refletir sobre a parábola do Bom Samaritano, retrata sua atitude junto ao homem à beira do caminho, como exemplo a ser imitado. Traça os passos do samaritano como um roteiro: detém-se, aproxima-se, age e entra no mundo do homem ferido, tem empatia, compaixão, acolhe seu sofrimento e busca dar-lhe um futuro melhor. E conclui: “Agir como o Samaritano, numa crise, implica permitir que eu, seja tocado por aquilo que vejo, sabendo que o sofrimento vai me mudar” (Papa Francisco, 2020, p. 09). Desta forma, nos convida a revisitar o papel humanitário, social, político e de cuidado para com o outro.

Ao Longo da reflexão em torno da Parábola do Bom Samaritano, é possível perceber que, a base central que envolve toda a narrativa é a do cuidado, numa relação amorosa de acolhimento e proteção e no envolvimento com o outro, a partir da perspectiva do amor ao próximo, independente de quem seja este outro, numa entrega gratuita de amor e cuidado.

Papa Francisco argumenta, na *Fratelli Tutti*, que o cuidado com a casa comum, subtítulo da *Laudato Si'*, abrange a tudo e a todos, seres humanos, natureza, sistema político, ético, de valores: “quando falamos em cuidar da Casa Comum, que é o planeta, fazemos apelo aquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas” (FT 117). Assim, o cuidado é a resposta imperativa contra o ódio, a exclusão e a

violência, seja na época em que Jesus contou a Parábola, assim como na modernidade, visto que os ensinamentos contidos nesta narrativa são atemporais.

Ele traz à tona, ao refletir a Parábola do Bom Samaritano, atitudes como a solidariedade, empatia, misericórdia em contraponto à atitude de indiferença e acomodação, que a sociedade tanto da época de Cristo, quanto a atual, vivenciam, e que muitas vezes, “se faz de cega”, se isenta e “lava as mãos”, diante do sofrimento alheio: “Estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos problemas alheios. São sintomas de uma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento” (FT 65). Este ponto da encíclica *Fratelli Tutti*, traz um termo que se faz presente também na *Laudato Si'*, que é o de uma sociedade enferma, doente, tal como a casa que se encontra em estado alarmante de saúde. Daí o termo cuidado, que mais que uma palavra, traz consigo todo um sentido de mudança de consciência e de postura. Não é apenas o homem a beira do caminho que está doente, mas toda uma sociedade que precisa ser tratada, repensada, curada em suas mazelas, físicas, estruturais, naturais, espirituais e humanas.

O discurso do texto bíblico, norteador das discussões apresentadas pelo Papa Francisco, pode ser encontrado na prática ao longo dos séculos e é retratada nas situações de indiferença social e política, marginalidade e exclusão de muitos que são colocados à beira do caminho, sem nome, sem lar, sem identidade e dignidade, sujeitos a toda espécie de sofrimento, seja pela fome, dor física, moral e material, que garantam o mínimo para a sua sobrevivência. A parábola e as reflexões trazidas por ele têm íntima consonância com o tempo atual, seja pelo contexto marcado pela pandemia da Covid-19, quando a encíclica foi escrita e promulgada, seja pelos desafios diários que a humanidade tem vivido e podem ser observados em cada noticiário ou manchete. Logo, a encíclica se torna viva e vivificadora na construção de um novo agir e pensar.

Os personagens abordados ao longo da história são uma tipificação das atitudes também encontradas frequentemente, nos dias atuais. Seja daqueles que tem papéis representativos e importantes na sociedade, algumas vezes até com funções religiosas, mas não são capazes de doar tempo, dinheiro, acolhimento e cuidado e agem com indiferença, assim como a ação daqueles que têm pouco, ou de quem não se espera muito, mas são os que demonstram compaixão e atenção aos que se encontra à margem, tal como fez o samaritano. Francisco coloca o dedo na ferida, e questiona o leitor, na encíclica *Fratelli Tutti*, de forma direta e reflexiva:

Com quem você se identifica? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles você se assemelha? Precisamos reconhecer a

tentação que nos cerca de nos desinteressar pelos outros, especialmente pelos mais frágeis. (...) Habituaamo-nos a olhar para o outro lado, a passar à margem, a ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima (FT 64).

O ser humano está abandonado e o bom samaritano é retratado como um modelo a ser seguido, no resgate da cidadania e humanidade, em que todos fazem parte de uma mesma família e origem, a da raça humana. Os gestos dele foram o de alguém que realmente se importa sem esperar nada em troca, sem jogos de interesse ou popularidade, faz porque o seu coração compassivo o motiva, e como conclui o Papa Francisco: “a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo do encontro”. Dessa forma, ele fala do valor de cada vida e do próprio tempo, a partir do que ele denomina de a “cultura do encontro”. Em um mundo baseado em tantos desencontros e ritmos acelerados.

3.1.2 O convite à vivência do amor universal

A busca pela prática do Amor Universal proposto pela Parábola e reforçado pelo Papa na *Fratelli Tutti* abarca a perspectiva de ver no outro, a beira do caminho, o semelhante, o próximo, membros todos e todas da mesma família. Este outro se apresenta abandonado, ferido, fragilizado, desconhecido, dependente da compaixão, acolhida e misericórdia daqueles que cruzam o seu caminho. Cada personagem da história ali retratado, fala da condição humana, do lugar que cada qual ocupou, ocupa ou ocupará em determinado momento da vida. Desse modo, a Parábola convida à prática do amor universal, independente de raça, crença ou nacionalidade, conforme ressalta o Papa Francisco: “é o amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; o amor que nos permite construir uma grande família na qual todos nós podemos nos sentir em casa (...). Amor que sabe de compaixão e dignidade” (FT 62).

Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco, traz à tona, não um Deus distante, mas aquele que convida a uma práxis verdadeiramente cristã, na concretude dos desafios diários, na busca pela plenitude que só pode ser alcançada no exercício do amor, sendo este um motivador de novas atitudes e lutas em prol da defesa da dignidade de todo ser humano: “Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído ‘nas margens da vida’. Isso deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isso é dignidade (FT 68)”.

O convite que Papa Francisco faz e retoma em tantos outros discursos, anteriores e posteriores a este, é de que as pessoas se doem e se permitam encontrar com o outro, buscando ouvi-lo, ampará-lo, acolhê-lo em suas necessidades, pois o encontro com o outro é um encontro

consigo mesmo. Este conceito da “Cultura do Encontro”, é um referencial teológico pastoral do pontificado, e até uma postura prévia na vida eclesial do pontífice, conforme elucida Ferraz (2021, p. 87). Esta postura se agrega a já apresentada anteriormente da “Igreja em saída”, ou seja, aquela que vai para além de seus muros, em busca do “encontro” com aqueles que mais necessitam. Desta forma, o desejo do Papa Francisco é de que a Cultura do Encontro não seja algo restrito apenas ao âmbito eclesial, mas que permeie toda a sociedade. O encontro é a arte do exercício do amor. Ou, ainda como disse Boff (2015, p. 146): “O amor se orienta pelo outro. Significa uma aventura abraâmica, a de deixar sua própria realidade e ir ao encontro do diferente e estabelecer uma relação de aliança, de amizade e amor com ele.”

Ao esboçar a Cultura do Encontro na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco cita o poeta brasileiro, Vinícius de Moraes, em um trecho da faixa *Samba da Bênção*, de 1962: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215), e complementa sua reflexão, de que esta cultura é um estilo de vida com muitas facetas, que se juntam como em um poliedro compondo uma unidade rica de matizes. Este poliedro representa as diferenças que convivem, integram-se e respeitam-se, e neste multiverso podem crescer e iluminar-se mutuamente, afinal, “na realidade de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo” (FT 215).

Papa Francisco esboça uma faceta importante do amor, a ternura, e sobre a importância de cultivá-la. A ternura é um sim fecundo ao amor, é a sacralidade do afeto e da dedicação, é um ato de coragem e destemor, daqueles que se lançam ao encontro acolhedor do outro. Segundo o papa, a ternura pode e deve ser vivenciada nos vários setores da vida, seja na família, no ambiente de trabalho, no meio religioso, no âmbito acadêmico, enfim, onde existir esta interlocução com o outro. Pontua que também na política deve-se amar com ternura: “Em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos” (FT 102).

O amor verdadeiro leva à quebra do individualismo, do egocentrismo, faz com que passos sejam dados em direção ao outro e às suas necessidades. É o que movimenta a ter atitudes de solidariedade, empatia e fraternidade. É este amor que deve mobilizar o ser humano tanto no individual quanto no coletivo, a lutar contra as injustiças, discriminações e exclusões e buscar o bem comum, como bem define o Papa Francisco, em *Vamos Sonhar Juntos* (2020, p. 34): “A busca do bem comum é muito mais que a soma dos bens individuais. Significa considerar todos os cidadãos, procurando responder efetivamente às necessidades dos mais desfavorecidos”.

O Cristianismo, que tem seu alicerce em Jesus e no Evangelho, coloca como ponto central da conduta cristã a ética do amor universal e incondicional, visto que Cristo amou de tal forma a humanidade que se entregou por ela, para resgatá-la das trevas do individualismo, do sofrimento, da exclusão. Desta forma o amor a ser buscado, difundido e vivenciado pelos cristãos, deve ter em Cristo o seu modelo maior. Os valores da compaixão, solidariedade, fraternidade e perdão são estruturais ao longo de toda a encíclica *Fratelli Tutti*. Discutindo sobre a ética cristã do amor, Boff (2020) reflete que os cristãos mais falharam do que realizaram as propostas feitas pelo seu Mestre, tendo em vista os tantos genocídios e etnocídios ocorridos na América Latina e pelo mundo afora, num retrocesso à idade mundial das trevas. Neste sentido Boff retoma o pensamento de Sigmund Bauman: “ou a humanidade se dá as mãos para juntos nos salvamos ou então engrossaremos o cortejo daqueles que caminham rumo a própria sepultura” (Boff, 2020, p. 162).

A citação de Bauman, trazida por Boff (2020), conecta-se com a reflexão apresentada pelo Papa Francisco na *Fratelli Tutti*: “ou nos salvamos todos, ou ninguém se salva” (FT 31). A alternativa então é, ou mudamos o modo como habitamos e convivemos na mesma casa comum, ou todos estarão sujeitos ao extermínio. Segundo Boff (2020), em *O doloroso Parto da mãe Terra*, é necessário, seguir alguns marcos fundamentais para que esta mudança urgente possa ser concretizada, dentre os quais destaca: um novo estado de espírito, de amor, de respeito e de renúncia à violência. O resgate do afeto, da empatia e da compaixão. Tratar com seriedade o cuidado e a precaução. Respeito a todos os seres. Atitude de solidariedade e de cooperação. Responsabilidade coletiva. Biocivilização centrada na vida e na Terra, na amizade e fraternidade entre os povos. Finalizando Boff (2020, p. 171) complementa: “temos que nos reinventar como seres humanos, pois somos ainda demasiadamente desumanos uns para com os outros e cruéis para com a Terra-Gaia”.

Ao discorrer sobre a temática do amor, Leonardo Boff (2020) busca grandes personalidades para lhe servirem de inspiração e suporte reflexivo. Cita o pintor Vincent Van Gogh, que se recusou a viver numa sociedade sem amor, pois para ele o amor é a força motriz de toda atividade, é preciso colocar sentimento em tudo que se faz: “É o amor que qualifica nosso sentimento de dever e define claramente nosso papel (...) o amor é a mais poderosa de todas as forças” (Boff, 2020, p.174). Ainda, Boff (2020) faz referência, ainda, ao elogio do amor na carta de São Paulo “1 Cor 13:1-13”, e retoma trechos da Imitação de Cristo de Thomas Kempis (1441): “Grande coisa é o amor. É um bem verdadeiramente inestimável que por si só torna suave o que é penoso e suporta sereno toda a adversidade. (...) Só quem ama, compreende o amor” (Kempis, livro III, cap. 5, in Boff, 2020, p.175).

Leonardo Boff (2020) amplia o olhar sobre o amor, visto que seu fundamento é o próprio Deus: “Deus é amor” (1Jo:4, 16). O amor faz parte da natureza, e genética humana, porém não lhe é exclusivo. Segundo Boff, o amor é presente na realidade global e cósmica, é um acontecimento do próprio ser das coisas, presente em tudo, onde todos estão incluídos. Sobre este aspecto cosmológico do amor, Boff cita James Watson, que juntamente com Francis Crick decodificou a dupla hélice do código genético em 1953:

O amor, pertence à essência da humanidade. O amor, esse impulso que nos faz ter cuidado com o outro foi o que permitiu a nossa sobrevivência e sucesso no planeta. É esse impulso, creio, que salvará nosso futuro... Tão fundamental é o amor à natureza humana que estou certo de que a capacidade de amar está inscrita em nosso DNA (...) o amor é a maior dádiva de nossos genes à humanidade (Watson, 2005, p. 433-434, *in*: Boff, 2020, p. 176).

O amor, segundo o Papa Francisco, engloba um conjunto de outras virtudes e deve trazer consigo, a unidade, a comunhão fraterna, que gera a harmonia, o diálogo e o respeito, sendo estes elos essenciais na promoção do bem e da paz. A Igreja, neste contexto, deve ser uma promotora da união. Conforme nos recorda o Papa Francisco (2014, p. 29), retomando o versículo da Carta de São Paulo aos cristãos de Éfeso: “Exorto-vos, pois, prisioneiro pela causa do Senhor, que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados, com toda a humildade, amabilidade e magnanimidade e caridade, para conservar a unidade”; ou seja, embasado na passagem bíblica, ele reforça que a humildade, os gestos de serviço e de amor são as bases estruturais da unidade na Igreja e nas relações como um todo. O pontífice conclui esta reflexão sobre a Igreja ser casa de comunhão em forma de súplica ao Senhor:

Senhor, conceda-nos a graça de viver cada vez mais unidos, de nunca sermos instrumentos de divisão; fazei com que nos comprometamos, como reza uma bonita prece franciscana, a levar o amor onde houver ódio, a levar o perdão onde houver ofensa e a levar a união onde houver discórdia (Francisco, 2014, p. 30).

Boff considera o amor como um projeto pessoal civilizatório, visto que infelizmente, o sistema mundial imperante, de forma geral, não ama as pessoas. “A força do amor atravessa todos os estágios da evolução e enlaça todos os seres dando-lhes irradiação e beleza. Não há razão que os leve a se comporem em elos de espontaneidade e liberdade. Fazem-no por puro prazer e por alegria de conviver” (Boff, 2020, p. 177).

As duas encíclicas abordadas ao longo do estudo: *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, têm como intuito apresentar princípios e valores essenciais para se percorrer um caminho novo. Um

percurso que considere a interdependência entre Terra e humanidade, que formam uma só unidade, que pense, ame, cuide e celebre toda a obra da criação. Leonardo Boff (2022) ressalta o apelo do Papa Francisco feito na *Fratelli Tutti*, o de viver o amor social e a real fraternidade universal entre todos os humanos e os demais seres da natureza. Este apelo é ao mesmo tempo angustiador e esperançador. Angustiador em virtude de estarmos “no mesmo barco e que ou nos salvamos todos juntos, ou ninguém se salva” (FT 06). Esperançador por crer na criatividade humana que pode projetar um mundo onde impere o amor, o cuidado, a solidariedade e a irmandade universal. Nessa mesma direção, o documento *Carta da Terra* pontua a importância do comprometimento de todos na construção de uma nova realidade, ao falar sobre a paz, a resume como: “aquela plenitude que resulta das relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o Todo maior do qual somos parte” (Boff, 2020, p. 129).

Ao trazer à tona a discussão sobre o amor universal, o Papa reflete sobre o amor político, como extremamente necessário de ser vivenciado. Para ele, embora possa parecer utópico, o amor político implica reconhecer todo ser humano como um irmão, ou irmã e buscar por meio da amizade social, integrar a todos. Para que isto se torne possível é importante que haja um esforço no exercício da caridade, gerando processos sociais de justiça e fraternidade, cuja alma seja a caridade social: “Convido uma vez mais a revalorizar a política, que é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum” (EG 205, *in*: FT 180).

O Papa Francisco, na obra *Vamos Sonhar Juntos* (2020), delinea que entre o processo de aproximar do outro e das suas necessidades, e o passo da ação para curar e reparar, há um passo essencial, que é o de discernir e escolher. Vivemos em uma sociedade em que predomina o barulho, o imediatismo, o automatismo e a pressa. A preocupação maior de grande parcela da população está voltada para os próprios interesses, sem tempo a perder ou dispender com o que não trará retorno financeiro ou de status. O que impera na sociedade é o mecanismo da troca, do capital, da rentabilidade, e o que foge a este padrão é considerado neste modo de ver o mundo, como ultrapassado e sem sentido. Porém, o Papa Francisco alerta para a importância de reservar um tempo produtivo de silêncio, oração, meditação em meio a tantos ruídos internos e externos, a fim de que cada qual, reconheça seu lugar, valor e papel no mundo. Segundo ele, para discernir e escolher é necessário mais do que apenas se conectar com a realidade, mas saber que somos amados por Deus, ouvir o chamado do espírito e cultivar o diálogo.

Em conformidade com o que o Papa Francisco discute sobre o amor universal, a amizade, a solidariedade, a fraternidade, o diálogo e a convivialidade, Boff (2015) discutia em

sua obra *Direitos do Coração*, o quanto é necessário alimentar pequenos gestos de gentileza, como irradiação do cuidado e da ternura, ambas essenciais para a mudança do paradigma individualista tão difundido em nossa sociedade: “onde reina gentileza, o poder é serviço e o serviço é amor. E com o amor temos as coisas que tem valor e que nos colocam mais perto de Deus, que se auto definiu como Amor” (p 195).

Nesta perspectiva é importante ressaltar que o amor, é da ordem do desapego, da humildade, do doar e doar-se, de forma plena. O entregar-se ao outro, ocupar-se no cuidado e zelo que transpõe o individualismo é um exercício diário e contínuo de aprendizagem e aprimoramento humano e espiritual: “Ao perder, ganhamos, e ao esvaziarmo-nos, ficamos plenos. Dizem por aí que essa foi a trajetória de Jesus, de Buda, de Francisco de Assis, de Gandhi, de Madre Teresa e de outros” (Boff, *Direitos do Coração*, 2015, p. 73). É na trajetória seguida por estes grandes símbolos da espiritualidade que o Papa Francisco busca aprofundar o conceito de Amor Universal.

3.2 CONTEXTOS DA *FRATELLI TUTTI*

Este sub capítulo buscará abordar a amplitude da encíclica *Fratelli Tutti*, que cruza as fronteiras de um documento eclesial, para uma carta que lança discussões políticas, sociais, econômicas, estando aberta ao mundo enquanto o confronta. Aponta também, os desafios e estratégias possíveis e necessárias para a mudança paradigmática de um modelo global, individualista, tecnocrático e consumista, para um olhar igualitário em que a dignidade humana seja preservada e defendida.

A *Fratelli Tutti* foi publicada em 03 de outubro de 2020, dia dedicado pela Igreja a memória de São Francisco de Assis. Foi lançada para a Igreja e para o mundo, em um contexto mundial, quando a pandemia da Covid 19 havia se alastrado por inúmeros países, trazendo mortes e caos na saúde, na economia e no cotidiano de todos. Na escrita da encíclica *Fratelli Tutti*, Papa Francisco de Roma inspirou-se novamente em Francisco de Assis, propondo um caminho de fraternidade e de vivência prática do evangelho de Cristo, na construção de um mundo mais fraterno, justo e pacífico.

Nesse cenário da Covid-19 Leonardo Boff, publicou em 2020, antes ainda da publicação da referida encíclica, a obra *Covid-19: A Mãe Terra contra-ataca a humanidade*, cujo conteúdo apresenta estreita consonância tanto com a *Laudato Si'*, como com a *Fratelli Tutti*, que ainda seria publicada. Leonardo Boff apresenta ao longo do livro, os alertas reflexivos que a pandemia traz para a humanidade. Segundo o autor, a pandemia do coronavírus obrigou o ser humano a

pensar o que realmente importa e tem valor, se a vida humana ou os bens materiais, o individualismo ou a solidariedade, e principalmente, resgatou a necessidade de harmonia dos seres humanos entre si e com a natureza. Tal necessidade de busca de paz, da harmonia e plenitude é reiterada por Boff (2020, p. 128), ao resgatar um trecho da *Carta da Terra*: “A paz é a plenitude que resulta de relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, com outras culturas, com outras vidas, com a Terra e com o Todo maior do qual somos parte”

Em um contexto mundial com grandes mudanças climáticas, novo vírus, guerras, miséria, fome e desemprego, a *Fratelli Tutti* emerge como um norteador, convocando a uma tomada de consciência em relação a tudo o que ocorre ao planeta: com a natureza, a economia, a política. Apresenta um discurso inquietante, justamente para tirar da zona de conforto, levando o leitor a se comprometer com as mudanças necessárias. Na *Fratelli Tutti* o Papa também faz uma autocrítica da Igreja como um todo, clero e leigos, e expande o convite a todos independente da profissão de fé.

3.2.1 Contexto social, político e econômico apresentado pela *Fratelli Tutti*

A *Fratelli Tutti* foi escrita e promulgada num contexto de grande crise econômica e humanitária, em alguns países como no Brasil, em situações de profunda crise política, ética e social. Leonardo Boff abordou em diversos discursos, entrevista e obras, sobre o que ele designou de inflação da razão que trouxe em muitas situações como resultado uma lobotomia, em que o ser humano se tornou incapaz de se colocar no lugar do outro. Nesse ponto ele denuncia a postura do então presidente Jair Messias Bolsonaro, na condução das dificuldades trazidas pela pandemia ao país:

O que mais lamentamos no atual presidente brasileiro, é que o mesmo se desinteressou pelo coronavírus, considerando-o, contra toda a ciência mundial, como uma ‘gripezinha’ ou uma ‘histeria coletiva’. Frio, mostra-se incapaz de se solidarizar com os parentes das vítimas que muito sofrem por não poderem fazer o velório, nem sepultarem seus entes queridos (Boff, 2020, p. 118).

O Papa Francisco, na obra *Vamos Sonhar Juntos: o caminho para um futuro melhor*, publicada em 2020, diz que estar em crise, significa ser peneirado, sacudido em nossa forma de pensar, e onde nossas prioridades e estilos de vida são postos em questão. Os momentos de crise, são oportunos para o crescimento, é na provação que mostramos nossa misericórdia ou

mesquinhez, como conclui, “Nunca se sai igual de uma crise. Caso se passe por ela, sai-se melhor ou pior, mas nunca igual” (Papa Francisco, 2020, p. 7).

Na conversa com Ivereigh, o Papa Francisco (2020) faz uma análise minuciosa dos valores que definem a posição do ser humano, diante do sofrimento enfrentado por seu semelhante e questiona o lado escolhido por cada qual, no momento de uma tomada de atitude. Tendo em vista que esta publicação se deu num período de auge da Pandemia da Covid-19, e pontua: “O que é mais importante: cuidar das pessoas ou fazer com que a economia não pare? Cuidamos das pessoas ou as sacrificamos no altar da bolsa de valores?” (Papa Francisco, 2020, p. 7).

Esta temática se tornou pauta de discussão nas economias mundo afora, assim como as consequências no mercado financeiro, o desemprego, a fome e a miséria. Outro ponto abordado, foi a grande crise humanitária, quando vidas foram perdidas, sem receberem o socorro que poderiam tê-las salvo da morte, sendo que em muitos destes casos, o mesmo ocorreu devido a uma má gestão política, egoísmo frente aos próprios interesses, e por uma postura anticientífica em relação ao uso de vacinas. Esta conduta fez com que a dor e as consequências do sofrimento tomassem uma proporção ainda maior.

Papa Francisco critica, ao longo da obra *Vamos Sonhar Juntos* (2020), o destaque que a Crise trazida e causada pela Pandemia da Covid-19 recebeu em contraponto a tantas outras questões humanitárias que assolam o mundo, e são tratadas de forma pouco visível; porém, várias outras crises, igualmente terríveis estão presentes há séculos e são ignoradas por nós, tal como as guerras mundo afora, o tráfico de armas, os milhares de refugiados que tentam escapar da fome e da miséria, a destruição da natureza, as mudanças climáticas. Todas essas mazelas, embora não sejam noticiadas com a mesma ênfase com que foi a Pandemia Mundial, também afetam toda a humanidade.

Diante dessas ponderações, orienta que nos unamos na construção de um mundo novo, e aponta, a partir da reflexão bíblica de Gênesis, que no dizer de Deus a Adão e Eva para serem fecundos, a ordem de mudar, construir e dominar a Criação, se dirigia no sentido positivo de criar a partir dela e com ela: “Não somos protagonistas, somos cocriadores. Quando o Senhor nos pede que sejamos fecundos, dominemos a terra, ele quer dizer é que sejamos cocriadores do nosso futuro” (Papa Francisco, 2020, p. 10).

No ano de 2021, no ápice da pandemia da Covid-19, Leonardo Boff, publicou a obra *O doloroso parto da mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social*. Nessa publicação, o autor traz à tona várias discussões apresentadas pelo Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, traz exemplos concretos de questões de desumanidade e catástrofes que

ocorreram ao longo dos últimos anos no Brasil e no mundo para a reflexão e ponderação do leitor. Aponta autores que lhe serviram de respaldo para o debate e apresenta alguns caminhos e decisões urgentes de serem colocadas em prática a fim de que se mude o rumo da história de caos humanitário.

No capítulo 12 da obra acima referenciada, intitulado a humanidade e a desumanidade dentro de nós, Boff mostra o quanto a Covid-19 veio para quebrar as barreiras do individualismo e do egocentrismo, das pessoas e dos países, visto que todos, independentemente, de seu poder econômico ficaram sujeitos ao ataque viral. A pandemia serviu para escancarar a fragilidade, vulnerabilidade e egoísmo da humanidade, porém evidenciou também o lado humanitário, fraterno e solidário que ainda resiste dentro dos seres humanos. Para Boff (2022) a trilha a ser seguida dentro do contexto de caos em que a sociedade atual vive deve ser a do cuidado e dos meios que garantam uma vida digna a todos.

O que nos tem salvado é a solidariedade, a interdependência, a generosidade e o cuidado de um para com outro. Pôs à luz o que importa: a vida e os meios da vida como a saúde, a alimentação saudável, o emprego e interajuda entre todos, a segurança, a educação. Nisso se revela nossa verdadeira humanidade (Boff, 2020, p. 69).

Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, ressalta que para o amor se tornar algo eficaz, ele deve seguir uma dimensão social, em que a caridade seja a base para um dinamismo universal em uma caridade que gere um mundo novo. A caridade pontuada pelo Papa é mais do que um sentimentalismo subjetivo, mas um compromisso com a verdade. A luz da verdade que deve ser buscada constantemente é, segundo Papa Francisco, “simultaneamente a luz da razão e da fé” (FT 185). O Papa aponta como essenciais o desenvolvimento das ciências no alcance dos resultados esperados, visto que “quando se está em jogo o bem dos outros, não bastam as boas intenções, mas é preciso conseguir efetivamente aquilo de que eles e seus países necessitam para se realizar” (FT 285). Com isto, o Papa reforça a vivência do amor para além dos discursos, embasado na prática, provido de todos os aparatos necessários para que ele possa se efetivar.

Sobre a atividade do amor político e o exercício do amor na política, Papa Francisco ressalta que é indispensável organizar e estruturar a sociedade para que o próximo não venha a se encontrar na miséria. Esta é uma demonstração de caridade que cuida e provém o necessário para conferir dignidade às pessoas e povos. Neste sentido o Papa conclama o poder político a exercer e assumir seu papel transformador na sociedade: “É caridade se alguém ajuda outra pessoa fornecendo-lhe comida, mas se o político lhe cria um emprego, exerce uma forma sublime de caridade, que enobrece a sua ação política” (FT 186).

O fundamento do amor na política deve-se ocupar em reduzir as desigualdades vividas pela e na sociedade, as quais o Papa Francisco contextualiza e aponta ao longo de toda a encíclica. Para ele, é necessário se ter um olhar atento e caridoso para se praticar o autêntico espírito da política. O Papa traz neste documento a base da doutrina social da Igreja, refletindo em seu viés de compromisso, enquanto instituição dentro de uma sociedade, num vértice que tanto anuncia como denuncia, que clama e também conclama, que entra em confronto e debate com questões emergenciais de serem vistas e revistas na modernidade. Reforça a importância de uma educação que proporcione a construção da solidariedade, e que crie subsídios para que a mesma ocorra. O pontífice esboça a relevância do papel a ser desempenhado pelas figuras políticas na defesa dos direitos humanos fundamentais:

Os políticos são chamados a cuidar da fragilidade, da fragilidade dos povos e das pessoas. Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio dum modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à ‘cultura do descarté’ (...); significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade’ (FT 188).

Segundo o Papa Francisco, o maior desafio para o sistema político é garantir soluções eficazes no combate à exclusão social e econômica e suas consequências, como tráfico de pessoas, de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual, trabalho escravo, prostituição, tráfico de drogas, de armas, terrorismo e criminalidade. Para que não se caia numa normalização destas situações e se cause um amortecimento das consciências, ele aponta para a necessidade de

ter cuidado com as nossas instituições, para que sejam realmente eficazes na luta contra esses flagelos. Consegue-se isso, aproveitando de forma inteligente os grandes recursos do desenvolvimento tecnológico (FT 188).

Desta forma, é preciso usar de forma produtiva todo o conhecimento científico e tecnológico em prol do bem comum e das mudanças necessárias para garantir o respeito à dignidade humana, buscando uma globalização que garanta a defesa e manutenção dos direitos humanos mais essenciais para todos.

Na *Fratelli Tutti*, o Papa, chama a atenção também para a questão da fome e o preço de alimentos essenciais, inacessível a uma grande parcela da população, devido a especulação financeira, “tratam os alimentos como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos (...) A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável” (FT 189). Junto à fome, soma-se a falta de acesso à

saúde, ao saneamento básico, o acesso à água potável, necessidades básicas à sobrevivência humana, negados por um sistema político mundial, que em grande parte prioriza apenas os próprios interesses, “é preciso ir além dos discursos e das boas intenções. Trata-se daquele mínimo que não se pode adiar mais” (FT 189).

Na *Fratelli Tutti*, Papa Francisco discorre que o amor político e social abarca sacrifícios e implica integrar os povos num olhar de caridade e abertura, exigindo do governante escuta e renúncias. Confessa que embora possa parecer uma utopia ingênua, este anseio e sublime objetivo não devem ser abandonados. Enfatiza também que qualquer tipo de intolerância fundamentalista deverá ser combatida, entre os grupos e povos, buscando educar a todos para o respeito às diferenças e dignidade de todo ser humano. Nesta direção, o Papa lembra, que ele juntamente com Imã Ahmad Al-Tayyeb, pedem “aos artífices da política internacional e da economia mundial, que se comprometam seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente” (FT 192).

Papa Francisco aponta na *Fratelli Tutti* as polaridades dos termos e condutas “populismo” e “populista”, chegando-se ao ponto de em muitos casos se enquadrar os indivíduos e governos como “populista” ou “não populista” com a intenção de dar crédito ou descrédito aos mesmos. O pontífice pontua que existem líderes populares, que são sensíveis ao sentir as necessidades do povo e seguir em direção às decisões que busquem a concretização do bem comum. Em contrapartida, existem aqueles que alimentam o populismo para atrair e instrumentalizar politicamente a cultura do povo, porém a serviço de interesses próprios e de sua manutenção no poder. Assim, é necessário estar atento a legitimidade de ação do povo, que é o que sustenta e embasa uma democracia.

A pretensão de introduzir o populismo como chave de leitura da realidade social contém um ponto fraco: ignora a legitimidade da noção de povo. A tentativa de fazer desaparecer da linguagem essa categoria poderia levar à eliminação da própria palavra ‘democracia’, cujo significado é precisamente ‘governo do povo’ (FT 157).

O tema da Campanha da Fraternidade 2018 foi “Fraternidade e Superação da Violência” e o lema: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8). Em 2021 foi “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e o lema: “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade” (ef2:14). Pela terceira vez o tema da fome é tratado pela Igreja no Brasil em Campanha da Fraternidade. A primeira vez foi em 1975 e depois em 1985. O tema de 2023, já anunciado pela CNBB é “Fraternidade e Fome” e o Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (1Mt14:16). O

objetivo da Campanha é “despertar a solidariedade dos fiéis em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução à luz do Evangelho” (CNBB, www.cnbb.org.br, 25 de julho 2022).

Com a discussão dos temas acima elencados, a CNBB e a Igreja no Brasil, reforçaram a necessidade de se discutir e elaborar propostas concretas de combate à fome e à violência. Estes temas, seguidos de seus lemas, servem como norteadores das questões que percorrem um movimento cíclico ao longo dos anos, necessitando de serem revisitados. O tema da fome reaparece na discussão da Campanha, em um momento que milhões de pessoas morrem pela falta de alimento no mundo e de forma particular no Brasil, A campanha expõe os índices da fome e miséria gerada pelo desemprego e desigualdades sociais.

Leonardo Boff (2022) aponta que o que impede o exercício pleno da fraternidade é o que ele denominou de vontade de poder. Esta constatação o autor retrata já ter sido percebida por C. G. Jung, o qual concluiu que a vontade de poder, é o mais perigoso arquétipo do ser humano, pois lhe dá a ilusão de ser como Deus: “onde predomina o poder, ai não há mais lugar para a ternura nem para o amor” (Jung, *in*: Boff, 2022, p. 57). Ainda, Boff (2022) reforça este pensamento de que jamais haverá fraternidade entre os humanos e os demais seres, enquanto imperar o arquétipo de poder dentro de cada um de nós. É preciso buscar resgatar a fraternidade universal proposta por Papa Francisco a fim de que a humanidade sobreviva, caso contrário, “se nos entregarmos à sedução do poder-dominância, romperemos todos os laços, e a indiferença, o ódio, a vingança e a barbárie poderão invadir todo o espaço da consciência” (Boff, 2022, p. 58).

Além dos direitos sociais e econômicos, ele defende também os direitos de igualdade entre gêneros, aos estrangeiros, e da responsabilidade dos empresários em fornecer oportunidades a todos, auxiliando na implementação das capacidades econômicas e tecnológicas, fazendo crescer os bens e aumentando a riqueza do país. Devem também proporcionar o desenvolvimento das pessoas, a fim de que a miséria seja superada, fornecendo oportunidades de trabalho diversificadas. Na *Fratelli Tutti*, Papa Francisco retoma o debate já iniciado na *Laudato Si'* sobre a vocação dos empresários e o direito à propriedade privada, desde que seja feito um uso adequado e fraterno da mesma: “A atividade dos empresários é uma nobre vocação orientada para produzir riqueza e melhorar o mundo para todos” (LS 95).

3.2.2 Economia de Francisco e Clara

O Papa Francisco convocou, em carta-convite divulgada, em 11 de maio de 2019, representantes do mundo todo, em sua maioria jovens, para tratar de uma nova economia denominada simbolicamente de “Economia de Francisco”. O encontro ocorreu em março de 2020, em Assis, Itália, gerando um amplo movimento, por parte de comunidades de diversas religiões, em torno da proposta de que a economia deve servir à sociedade, e não o contrário. O Papa explicou que Assis era o lugar apropriado para inspirar uma nova economia, pois

foi ali que Francisco despojou-se de toda a mundanidade para escolher a Deus como bússola da sua vida, tornando-se pobre com os pobres e irmão de todos. Sua decisão de abraçar a pobreza também deu origem a uma visão econômica que permanece atual. (Papa Francisco, 2020, n.p).

Mobilizado pela gravidade da situação econômica e social caótica e de alargamento cada dia maior das desigualdades em que o mundo vive, ampliada pela pandemia do Covid 19, o Papa buscou inspiração no jovem Francisco de Assis, para convocar os jovens de seu tempo à missão. Segundo Papa Francisco, o objetivo do movimento é “trazer gente jovem, além das diferenças de crenças ou nacionalidade, para um acordo no sentido de repensar a economia existente, e de humanizar a economia de amanhã: torná-la mais justa, mais sustentável, assegurando uma nova preeminência para as populações excluídas”.

Em carta destinada aos jovens sobre o movimento, o Papa Francisco escreveu:

‘Francesco vai, repara a minha casa que, como vês, está em ruínas’. Estas foram as palavras que moveram o jovem Francisco, tornando-se um apelo especial a cada um de nós. Quando vos sentis chamados, envolvidos e protagonistas da ‘normalidade’ a ser construída, sabeis dizer ‘sim’, e isto infunde esperança. (...) Vós manifestais uma especial sensibilidade e preocupação em identificar as questões cruciais que nos interpelam. Fizeste-lo de uma perspectiva particular: a economia, que é o vosso campo de investigação, estudo e trabalho. Sabeis que é urgente uma narração econômica diferente, é urgente reconhecer responsabilmente que ‘o atual sistema mundial é insustentável de vários pontos de vista’ e fere a nossa irmã terra, tão maltratada e despojada, e ao mesmo tempo os mais pobres e os excluídos. Caminham juntos: a terra é despojada e há muitos pobres excluídos. Eles são os primeiros prejudicados... e também os primeiros esquecidos. (Papa Francisco, 2020, n.p).⁸

⁸ Carta-convite do Papa Francisco, in: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201121_videomessaggio-economy-of-francesco.html
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont->

O novo humanismo, proposto pelo Papa Francisco, tem como princípio a ecologia integral, na qual “tudo está interligado”. O movimento intitulado Economia de Francisco e Clara tinha um encontro assinalado para acontecer de forma presencial em Assis, na Itália, em 2020, mas que em virtude da pandemia, tornou-se um encontro virtual, para discussão da “nova economia” com renomados especialistas em desenvolvimento sustentável e economia solidária. O objetivo principal deste encontro foi promover trocas entre teorias e práticas, a fim de elaborar uma proposta alternativa, apontando, em linhas gerais, uma forma mais justa, sustentável e inclusiva de estabelecimento da economia. Sob este viés, economia e política caminham juntas, numa elaboração de governança que se contraponha ao modelo atual.

Os participantes traçaram alguns pontos importantes para nortear a prática dessa “nova economia”, as quais são apresentadas na obra *O Novo Humanismo* (2022) e transcritas, de modo sucinto, a seguir: (I) ativar uma comunhão mundial das tecnologias a fim de superar a pobreza nos países de baixa renda; (II) que os bens comuns à humanidade sejam pautas na agenda de discussões no mundo inteiro; (III) que não se use econômicas para ofender e descartar os pobres; (IV) o direito a um trabalho digno e o respeito aos direitos humanos seja preservado; (V) abolição dos paraísos fiscais; (VI) fundação de novas instituições financeiras mundiais que tenham um caráter democrático e inclusivo; (VII) introdução de um comitê ético independente nas instituições financeiras e empresas, que viabilizem justiça social e redução dos impactos ambientais; (VIII) revisão da gestão de pessoas dentro das empresas; (IX) priorização de uma educação de qualidade; (X) oportunidades igualitárias no mercado de trabalho.

Por fim, a declaração é encerrada com uma citação bíblica extraída do Livro de Isaías 2, 4: “estes quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem se aprenderá mais a fazer guerra”. Os supracitados participantes prosseguem afirmando que não mais tolerarão que recursos a serem usados para educação e saúde, sejam direcionados para construir armas para as guerras. Na conclusão do documento, eles, de forma especial os jovens, comprometem-se: “Pedimos isso antes de tudo, de nós mesmos e nos comprometemos a viver os melhores anos das nossas energias e inteligência para que a economia de Francisco seja cada vez mais sal e fermento da economia de todos” (Declaração Final, 2020 *apud* Papa Francisco, 2022, p.45).

O último encontro ocorreu em Assis, em setembro de 2022, e trouxe diversas propostas, discussões e trocas de experiências, nesse movimento, que vem sendo mantido e alimentado por vários jovens e lideranças ao longo de três anos.

A Articulação Brasileira para a Economia de Francisco e Clara (ABEFC)⁹ lançou em 2023 uma cartilha intitulada *A Economia de Francisco e Clara: denúncia às violências financeiras e anúncios de economias para o bem viver*. A cartilha que traz vários norteadores sobre a Economia de Francisco inicia com uma citação do Papa: “Hoje temos que dizer não a uma economia de exclusão e desigualdade. Esta economia mata” (cf. *Evangelli Gaudium*, 53). A partir da exortação feita pelo Papa Francisco e atentos aos lamentos da Mãe Terra e dos povos a ABEFC, busca, juntamente com diversos movimentos populares, colaborar na construção de outros modelos econômicos que ultrapassem o atual modelo que tem exterminado cada dia mais com a Mãe Terra. Estas pessoas vivem em um sistema de comunidade cooperativa e colaborativa, tal qual relata o texto bíblico que faz referência a Igreja primitiva:

Todos aqueles que abraçaram a fé viveram juntos e colocaram tudo em comum; venderam seus bens e posses e dividiram o dinheiro entre todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias eles se reuniam no templo, partiam o pão em suas casas e comiam juntos com alegria e simplicidade de coração. Eles louvaram a Deus e foram estimados por todo o povo. (Atos 2:44-47)

A Cartilha Economia de Francisco e Clara traz a mensagem do Papa Francisco aos jovens sobre uma economia que proporcione a construção de uma *Casa Comum* habitável, diferente da que se tem hoje, “em ruínas”, e, assim, como foi Francisco de Assis, todos são convidados a restaurar essa casa:

Hoje, falar de economia quase parece coisa antiga: hoje se fala de finanças, e as finanças são uma coisa aquosa, uma coisa gasosa, não é possível aferrá-la. Certa vez, uma boa economista em nível mundial me disse que fez uma experiência de encontro entre economia, humanismo e religião. E esse encontro foi bom. Ela quis fazer o mesmo com as finanças e não conseguiu. Cuidado com essa ‘gasosidade’ das finanças: vocês devem retomar a atividade econômica a partir das raízes, das raízes humanas, como foram feitas. Vocês são chamados a se tornar artesãos e construtores da casa comum, uma casa comum que está ‘ficando em ruínas’. Digamo-lo: é assim. Uma sociedade e uma economia sem jovens são tristes, pessimistas, cínicas. Se vocês querem ver isso, vão a essas universidades ultra especializadas em economia liberal e olhem na cara dos jovens e das jovens que estudam lá. (ABEFC, 2023, p. 06)

A Economia de Francisco e Clara, apresentada pelo Papa Francisco, traz um modo de ver diferenciado em relação à terra e ao meio ambiente. Para o Papa, não basta conhecer o caos

⁹ - <<https://anima.pucminas.br/wp-content/uploads/2023/03/Cartilha-Economia-de-Francisco-e-Clara.pdf>>.

no qual estamos imersos, é preciso ter atitudes concretas para sair dele. Não devemos ficar à mercê de que a próxima cúpula internacional aconteça, para viabilizar soluções, mas é preciso agir de imediato frente às queimadas, explorações e devastações. As soluções ambientais a serem buscadas devem ter como prioridade as minorias. Conforme expressa o Papa Francisco no encontro da Economia de Francisco e Clara:

Há uma urgente necessidade de reconstituir esse patrimônio espiritual essencial. A técnica pode fazer muito; ela nos ensina o ‘quê’ e o ‘como’ fazer: mas não nos diz o ‘porquê’; e assim as nossas ações se tornam estereis e não preenchem a vida, nem mesmo a vida econômica. Encontrando-me na cidade de Francisco, não posso deixar de me debruçar sobre a pobreza. Fazer economia inspirando-se nele significa se comprometer a colocar os pobres no centro. A partir deles, olhar para a economia, a partir deles, olhar para o mundo. Eu diria mais: uma economia de Francisco não pode se limitar a trabalhar ‘pelo’ ou ‘com’ os pobres. Enquanto o nosso sistema produzir descartes e operarmos de acordo com esse sistema, seremos cúmplices de uma economia que mata. Talvez a resposta não esteja naquilo que nós podemos fazer, mas no modo como conseguimos abrir caminhos novos para que os próprios pobres possam se tornar os protagonistas da mudança. São Francisco amava não só os pobres, mas também amava a pobreza. Esse modo de vida austero, digamos assim. Francisco ia ao encontro dos leprosos não tanto para ajudá-los, mas porque queria se tornar pobre como eles. (ABEFC, 2023, p. 07)

A partir do discurso trazido acima, pelo Papa Francisco, pode-se perceber a tônica da *Igreja em Saída*, na prática do encontro, que não só compreende ou visualiza a necessidade do outro, mas se faz um com ele, tal como São Francisco o fez. E continua em seu discurso, conforme exposto na cartilha, orientando os jovens: “Vocês também melhorarão a economia se olharem as coisas a partir da perspectiva das vítimas e dos descartados. Mas, para ter os olhos dos pobres e das vítimas, é preciso conhecê-los, é preciso ser amigo deles.” Na sequência, o Papa apresenta e discursa sobre as três linguagens que fazem parte da vida humana: a linguagem do pensamento — cabeça; do sentimento — coração; e do fazer — mãos. E orienta: “você deve fazer aquilo que sente e pensa, sentir aquilo que faz e pensar aquilo que sente e faz.” E o Papa conclui com uma oração pedindo a intercessão de São Francisco:

Pai, te pedimos perdão por termos ferido gravemente a terra, por não termos respeitado as culturas indígenas, por não termos estimado e amado os mais pobres, por termos criado riqueza sem comunhão. Deus vivo, que com o teu Espírito inspiraste o coração, os braços e a mente destes jovens e os fizeste partir a uma terra prometida, olha com bondade a sua generosidade, o seu amor, a sua vontade de gastar a vida por um ideal grande. Abençoa-os, Pai, em seus empreendimentos, em seus estudos, em seus sonhos; acompanha-os nas dificuldades e nos sofrimentos, ajuda-os a transformá-los em virtude e em

sabedoria. Apoiar os seus desejos de bem e de vida, sustenta-os nas suas decepções diante de maus exemplos, faz com que não desanimem e continuem no caminho. Tu, cujo Filho unigênito se fez carpinteiro, dá-lhes a alegria de transformar o mundo com o amor, com a engenhosidade e com as mãos. Amém. E muito obrigado.¹⁰

Segundo dados apresentados pela cartilha, temos apenas uma década para conter o aquecimento global, conforme o relatório da ONU, endossado por toda a comunidade científica: Os dados apresentados têm o objetivo de convocar a uma real conscientização e mudança de postura, gerando ações eficazes e eficientes na preservação e no cuidado com a Mãe-Terra:

Se excedermos o limite de 1,5 graus Celsius para o aquecimento global, os efeitos serão catastróficos. Eles já estão! Secas, enchentes, tempestades e tornados. Isso não é o suficiente para pôr um fim a isso? De que outras tempestades estamos esperando? Novos rios mortos? Novas represas que perturbam a vida? Mais água suja derramada pelas chuvas? Mais fuligem entrando em nossas narinas? Mais cólera, asma, bronquite e febre amarela? E quando os rios secarem e os mares se transformarem em desertos? E quando o ar queimar ao entrar em nossas narinas? O que diremos aos nossos netos? O que nossos netos dirão de nós?¹¹

A Economia de Francisco e Clara, conforme apresenta a cartilha, tem como ação inicial a produção de energias limpas e renováveis. A energia solar, eólica e todas as outras energias limpas que se pode descobrir a partir da ciência da ética boa. O movimento da Economia de Francisco e Clara busca inspiração no aprendizado herdado dos povos originários: nosso Teko Porã, a “boa maneira de viver na Casa” dos povos Guarani, nossos irmãos, que tanto têm a nos ensinar no cuidado de nossa casa e de nossa mãe, a Mãe Terra, nosso dom”.

A cartilha busca como fonte de inspiração os santos de Assis, principalmente no *Cântico das Criaturas*, do qual transcrevo a adaptação de um trecho apresentado na cartilha:

Bonito e radiante, Louvado seja você, em todas as suas criaturas. A Economia do Irmão Sol e da Irmã Lua nas Estrelas. Louvado seja você, Irmão Vento, pelo ar e pela nuvem. Sereno, você dará sustento a suas criaturas. Útil e humilde, saciará nossa sede. As diversas frutas, as flores coloridas e as ervas aromáticas, Todos nós somos filhos de nossa Mãe Terra. Louvai e bendizei a meu Senhor, E obrigado a ele!¹²

¹⁰ - Papa Francisco, em Assis - Itália, 24 de setembro de 2022 in (ABEFC, 2023 p. 09).

¹¹ - Papa Francisco, em Assis - Itália, 24 de setembro de 2022 in: (ABEFC, 2023, p. 14)

¹² - Extrato adaptado da Carta De Francisco E Clara: diretamente do Brasil para a reunião de Assis, (ABEFC, 2023, p. 16).

Muitos pesquisadores e autores têm se debruçado sob o estudo da temática ecologia, economia e política, dentre eles, destaco o autor Joan Martínez Alier. Ele é professor do Departamento de Economia e História Econômica da Universidade Autônoma de Barcelona e presidente da Sociedade Internacional de Economia Ecológica. Uma obra de grande relevância para quem se embrenha pelo caminho de novos modelos de economia e sua interseção com a política e questões sociais é a obra *O ecologismo dos pobres* (2002), que tem sido utilizada como uma fonte de contribuição importante para debates sobre meio ambiente, política e economia.

Em relação a obra *O ecologismo dos pobres* (2002), o Dr. Roberto Naime, colunista do portal *Eco Debate*, Doutor em Geologia Ambiental e professor do curso de Engenharia industrial e do Programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Qualidade Ambiental na Universidade - Fundação da Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale), ressalta que a presente obra discute as causas dos problemas ambientais causados pela exploração cada vez maior dos recursos naturais pelo nosso modelo econômico, ocasionando também graves conflitos sociais. Segundo Naime (2017), o que o autor Alier busca enfatizar na obra *Ecologismo dos Pobres* é que o meio ambiente não consegue absorver a poluição e os resíduos lançados nele, comprometendo a sobrevivência no planeta, ou seja, “não se está apenas comprometendo as futuras gerações humanas, se está eliminando espécies da biodiversidade que nem se conhece, e fomentando conflitos ambientais agora.”

Naime (2017) apresenta ainda, na síntese que fez da obra que, segundo Alier (2002), o protocolo de Kyoto não consegue solucionar o conflito ecológico-distributivo. Com isso, nota-se a grande dívida ecológica que o Norte do hemisfério deve ao Sul, em vários contextos, seja o do comércio, o das alterações climáticas, da biopirataria ecologicamente desigual, assim como da exportação de resíduos tóxicos. A obra apresenta também as muitas experiências de resistência popular e indígena contra o avanço das atividades agrícolas ou de mineração. O consumismo tem levado a Terra a exaustão. Os pobres são os mais prejudicados por esta exploração excessiva, seja, pelos projetos de mineração, barragens, zonas industriais, pois têm suas possibilidades de subsistência ameaçadas em virtude de dependerem deste meio ambiente bem cuidado e preservado para a própria subsistência, daí derivando o nome “ambientalismo ou ecologismo dos pobres.”

Naime (2017) ressalta, ainda, ao longo do artigo sobre a obra de Alier (2002), que a economia ecológica surge como uma crítica à economia com a qual estamos habituados e, critica também as bases nas quais a contabilidade no atual sistema estão embasadas, ou seja,

questiona até onde o crescimento vale à pena, visto que há tantas perdas por detrás dele, tais como os danos causados aos rios, às florestas, e à saúde da população. Todos estes aspectos devem ser considerados a partir desses conflitos ambientais que o autor pesquisa, apresentando e debatendo os dados. Por fim, é importante considerar como a cada dia se torna mais indispensável uma Ecologia Política, que considere, além dos conflitos ambientais, os diversos atores nele inseridos.

Dessa forma, o que a obra de Alier (2002), conforme Naime (2017) apresenta em seu artigo, está alinhada com as informações e propostas trazidas posteriormente para discussão pelo Papa Francisco, tanto na *Laudato Si'*, destacada pelo pontífice não apenas como encíclica verde, mas, principalmente como encíclica social, assim como pela encíclica *Fratelli Tutti*, que promove discussões extremamente atuais sobre política, saúde, educação, economia e dignidade humana, dentre outras.¹³

Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco reforça o chamado de reflexão à participação social, política e econômica numa perspectiva “que inclua os movimentos populares e anime as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com aquela torrente de energia moral que surge da incorporação dos excluídos na construção do destino comum” (FT 169). O Papa Francisco denuncia, ao longo dos textos, o atual modelo econômico, sobre a valorização financeira de bens essenciais à manutenção da vida, tais como fontes de água, biodiversidade e ar puro que são utilizados não pensando em seu valor social, mas como moeda de troca conforme o valor de mercado. Dessa forma, Papa Francisco conclama a reverter esta situação por meio de políticas públicas saudáveis, com ações que visem manter a dignidade humana, em um mercado econômico responsável que se comprometa na “preocupação com a natureza, a justiça para os pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior” (LS 10).

O Papa conclama as grandes empresas e corporações que cessem as suas práticas exploratórias:

Em nome de Deus, quero pedir às grandes corporações extrativistas — mineração, petróleo, silvicultura, imobiliária, agronegócio — que parem de destruir florestas, pântanos e montanhas, que parem de poluir rios e mares, que parem de envenenar pessoas e alimentos. (ABEFC, 2023, p. 22)¹⁴

¹³ - Ecologistas E Naccion, *on line*.

¹⁴ - Papa Francisco em mensagem aos Movimentos Populares in: (ABEFC 2023, p. 22)

A obra *Realmar a Economia: a Economia de Francisco e Clara*, publicada em outubro de 2023, traz artigos, de pesquisadores diversos, que vem se empenhando em estudar e apresentar estratégias eficazes, de uma economia que seja sustentável e que abrace a todos de maneira igualitária. Como exemplo, destaco o artigo: Clara de Assis e uma economia com alma. A figura de Clara de Assis, contemporânea a Francisco de Assis, embora não tenha sido trazida pela pesquisa, trata-se de uma figura de grande envergadura, e fonte de ensinamentos, que se complementam na dinâmica revolucionária de uma nova forma de ser e estar no mundo.

A figura de Clara de Assis é representativa no que tange ao cuidado e à partilha. Seu modo de agir, e de administrar o mosteiro, foi de simplicidade e doação, de quem olhava, primeiramente, para aqueles que mais necessitavam, e se colocava como aquela que serve e acolhe. Estes preceitos aplicados em sua vida foram fonte de inspiração para o conceito, aqui, abordado de Economia de Francisco e Clara:

Reconhecer Clara enquanto uma mulher que pertence ao carisma franciscano integra uma visão de mundo e de economia na qual entendemos a urgência da presença feminina em sua inteireza: isso é permitir a integralidade da experiência fundante do carisma.

(Brasileiro, 2023, p. 50)

A figura de Clara, abordada na obra *Realmar a Economia* é a de quem soube romper o tecido da indiferença, por meio da partilha e da cooperação, por meio de uma economia que integra as comunidades, bairros, movimentos solidários que se impõe frente às consequências degradantes que o capitalismo pode apresentar:

A Economia de Clara inspira o século XXI para a política do Comum, que é estabelecermos contra condutas que apontem para experiências coletivistas de partilha, de colaboração e de superação de modelos individualistas, competitivos e consumistas. (Brasileiro, 2023, p. 56)

A Cartilha da Economia de Francisco tem como eixo central de discussão a opção pelo cuidado com a *Casa Comum* e com os povos que nela habitam. O chamado do Papa para as cidades que se dispõem a buscar e viver a Economia de Francisco é que elas se organizem de tal forma, a se transformarem em instrumento da ação missionária da Igreja, mobilizando a transformação do modelo econômico atual de exploração para um modelo orientado pela opção cristã de “realmar a economia”.

A referida Cartilha, apresenta entre as páginas 23 e 26, dez princípios que devem ser considerados e observados para viver a economia de Francisco e Clara, num formato de Credo

e compromisso com os tópicos ali elencados, que são os que a seguir serão expostos: 1) Cremos na Ecologia Integral; 2) Cremos no Desenvolvimento Integral; 3) Cremos em alternativas anticapitalistas; 4) Cremos nos Bens Comuns; 5) Cremos que “Tudo está interligado”; 6) Cremos na potência das periferias vivas; 7) Cremos na economia a serviço da vida; 8) Cremos nas Comunidades como Saída; 9) Cremos na Educação Integral; 10) Cremos na solidariedade e no clamor dos povos. Estes princípios visam nortear a conduta missionária e planos de ação das Comunidades da Economia de Francisco e Clara e se baseiam nas orientações dadas pelo Papa Francisco em suas encíclicas e discursos.

Inserido neste projeto de Economia, surgiram as *Casas de Francisco e Clara* (CFC), com o intuito de promoverem uma economia de proximidade, cuidado e defesa dos direitos humanos. Essas casas não pressupõe a obrigatoriedade de um espaço físico. O espaço como referência é sobretudo o ambiente oferecido, que favorece a mística, a troca, o diálogo, a escuta, o planejamento e a realização dos projetos. (ABEFC, p. 29). No decorrer da Cartilha são expostos dois valores fundamentais que serviram de inspiração para a criação das Casas de Francisco e Clara. O primeiro é reconhecer a existência de formas alternativas de fazer economia, o que pode ser observado com “os frutos da Economia Solidária, dos Bancos Comunitários, de iniciativas de integração campo-cidade, com projetos com empreendedores locais, coletivos de produtores comunitários e com o trabalho cooperado” (ABEFC, p. 29). Conforme informa a ABEFC, é missão das Casas integrá-los cada vez mais na vida comunitária, a fim de que a comunidade seja meio e fim do trabalho desenvolvido por eles. O segundo valor é “reconhecer a cidadania econômica de todos os atores sociais; mulheres e homens, no campo ou na cidade, produzindo e consumindo, são sujeitos que fazem e transformam a economia.” (ABEFC, p. 29).

Com o intuito de esclarecer qual é a identidade do espaço-referência do movimento Casas de Francisco e Clara, a ABEFC traz dez eixos místicos que fundamentam esse movimento: 1) Lugar de encontro dos(as) empobrecidos(as); 2) Lugar de trabalho e contemplação; 3) Lugar de cultivo e preservação da biodiversidade; 4) Lugar de inovação, com energias renováveis; 5) Lugar de potencializar o desenvolvimento regional territorial; 6) Lugar de vivenciar e aprofundar o humanismo solidário do Papa Francisco; 7) Lugar de conhecer espiritualidades para libertação; 8) Lugar-farol de esperança para as juventudes; 9) Lugar de partilhar experiências globais por outro mundo possível; 10) Lugar de escutar os gritos da Terra e da humanidade. E como conclusão da reflexão, com base nos dez eixos descritos, é apresentado um eixo complementar e sintetizador dos dez anteriores, sem o qual os demais não se efetivam: “(...), é necessário que antes sejam ambientes de pertença. Sem pertença não haverá

acolhida, escuta, mística e trabalho transformador. As Casas Francisco e Clara (CFCs) precisam ser espaços de construção coletiva para ‘fazer com’, ‘conhecer com’, ‘planejar com’ e atuar com a comunidade.” (ABEFC, p. 32).

Ao longo do estudo de toda a Cartilha da *Economia de Francisco e Clara*, o que se evidencia é a busca pela vivência de uma cultura de paz, solidariedade e harmonia com a natureza e com os povos, num sentido de atender ao chamado do Papa Francisco de viver uma “economia samaritana”, que vá ao encontro dos que dela mais necessitam, fazendo-se presente em todos os espaços e lugares.

As Casas de Francisco e Clara são uma forma de se organizar no território. Os trabalhos, o espaço e a sustentabilidade de cada Casa brotam da experiência de cada comunidade que se reúne com o desejo comum de responder aos problemas locais sendo lugar-farol de esperança. Vá, chame todo o povo que rega o sonho bom de uma ‘Nova Terra’, chame a juventude inquieta por viver e viver bem, reúna o melhor do hoje para construir o amanhã diferente, em que a economia seja a forma mais bela de cuidar da “Oikos”. Das Casas, novos Franciscos e Claras vão realmar a humanidade. (ABEFC, 2023, p. 33)

Tendo percorrido sobre a *Economia de Francisco e Clara* e corroborando entendimento de que a organização deste território onde habitamos precisa ser cuidado, a próxima seção refletirá sobre a importância da percepção pela humanidade de uma conexão que seja de irmandade, isto é: uma relação tal de fraternidade em que “somos todos irmãos”.

3.3 SOMOS TODOS IRMÃOS

O conceito de irmandade, fraternidade e amizade social, tal como a importância do diálogo na garantia dos direitos humanos, serão os pontos-chaves de discussão nesta seção. Estes temas são debatidos ao longo de toda a encíclica *Fratelli Tutti*, e já tinham sido previamente explanados na *Laudato Si'*. Francisco relata que a visão de ecologia integral começou a crescer dentro dele lentamente, e o levou a concluir que o destino da humanidade está intrinsecamente unido ao destino da casa comum, de uma forma que não se pode separar um do outro. O cuidado com a natureza e com o outro não é, segundo o papa, uma questão de ideologia, “é uma realidade que nos ameaça. A humanidade está cada vez mais doente, assim como nossa casa em comum, nosso ambiente, nossa criação” (Papa Francisco, 2020, p. 40).

O Papa Francisco, já no capítulo um da encíclica “As sombras de um mundo fechado”, aborda as muitas distorções presentes na modernidade, tal qual a manipulação e a deformação de conceitos como democracia, liberdade e justiça social; o egocentrismo; a exploração de

peças e recursos em prol do capital, o domínio da cultura do descarte das coisas e das pessoas; o desemprego, o racismo, a pobreza; a desigualdade de direitos, trabalho análogo ao escravo, o tráfico de pessoas, uma economia que mata. Estes problemas ocorrem em âmbito mundial e, segundo o pontífice, requerem uma ação globalizada. A iniciativa de um novo modelo econômico, deverá, portanto, buscar:

Uma economia diferente, que faz viver e não matar; inclusiva, que humaniza e não desumaniza; que cuida da Criação e não a depreda. Um evento que nos ajude a estar juntos e nos conhecer, e que nos leve a fazer um 'pacto' para mudar a atual economia e dar uma alma à economia do amanhã (Papa Francisco *apud* Drumond, 2022, Vatican.va on line).

A respeito dessa irmandade que a tudo e a todos abriga como uma só família, o Papa Francisco reforça a necessidade de garantir o básico para o desenvolvimento das sociedades, não apenas sob um ponto de vista econômico e social mas, principalmente, humano. Este é um ponto central no cultivo da paz e nas sementes de esperança que nutrem os sonhos e as expectativas, na construção de um mundo melhor e possível para todos: “A paz real e duradoura só é possível a partir de uma ética global de solidariedade e cooperação à serviço de um futuro modelado pela interdependência e a corresponsabilidade na família humana inteira” (FT 127).

Como eixo motriz no processo de construção das soluções sociais, econômicas e humanitárias, o Papa Francisco ressalta o papel essencial do diálogo entre os povos e as instituições, por uma irmandade na sociedade, que plural e diversificada se respeita, acolhe e soma esforços na busca de estratégias. Atitude essa com amparo na solidariedade de quem sai de si em direção à necessidade do outro, que rema contra o individualismo e dos próprios interesses em busca do bem comum, seja na política, nas famílias, escolas, instituições e igrejas, em abertura ou saída, para criar possibilidades reais de transformação e acolhimento, ao se referir aos migrantes, mas que também engloba toda vida humana. Ele pontua ainda: “é nosso dever respeitar o direito que tem todo ser humano de encontrar um lugar em que possa não apenas satisfazer as necessidades básicas dele e da sua família, mas também de realizar-se plenamente como pessoa” (FT 129).

3.3.1 Direitos Humanos: fraternidade e amizade social

Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco pontua que aliado ao avanço tecnológico e às inovações científicas, presentes de forma marcante no mundo globalizado e moderno, é

necessário se ter equidade e inclusão correspondentes a este processo; que, para além de planetas distantes descobertos pela ciência, é urgente descobrir “as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor” (FT 31). Com esse pensamento, não refuta o papel científico e da tecnociência como algo ruim, mas ressalta a importância de eles serem aliados na construção de uma sociedade mais justa e digna, e chama a atenção de que antes de nos preocuparmos com o que ocorre distante, é preciso estar atento ao que está próximo e necessita de nosso cuidado.

Ao longo da encíclica, retoma as pandemias e os flagelos vivenciados pela humanidade e pelo planeta Terra, ao longo da história. Pontua que a pandemia da Covid 19, enquanto tragédia global, serviu para reforçar a consciência de comunidade mundial, que deve ser olhada como um todo, e a pertença de todos os seres, como vulneráveis e responsáveis por tudo que ocorre ao redor, e da mesma forma atingidos. A pandemia veio alertar que não dá pra se ver, enquanto ser isolado e à parte do que ocorre no mundo. O isolamento de cada qual em suas casas levou a reflexão da importância do cuidado consigo e com o outro, e do papel de cada um num engajamento coletivo de combate ao vírus, que foi letal para todos independente de raça, credo, gênero, idade ou nação. Segundo o Papa, a pandemia recorda a importância da coletividade, da fraternidade e da solidariedade entre os povos.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades (...). Com a tempestade, caiu o disfarce dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou evidente, uma vez mais esta (abençoada) pertença comum, à qual não podemos nos subtrair: a pertença como irmãos (FT 32).

O que pode ser percebido no mundo globalizado, no período pré pandemia, é o corte dos gastos e “custos humanos” e uma exploração desenfreada dos recursos naturais e da mão de obra humana. Com o impacto causado pela pandemia, esta postura precisou ser revista e repensada, levando a pensar em todos os seres humanos e não apenas nos benefícios de alguns. O choque da realidade de impermanência e valor da vida humana fez com que a humanidade repensasse a forma de ser, habitar e conviver no mundo, visto que “a tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização de nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência” (FT 33).

Para o Papa Francisco, o desastre mundial que a pandemia escancarou, tem a ver com a maneira como vivemos e nos portamos no planeta, é fruto da nossa irresponsabilidade desmedida em consumir todos os recursos naturais e humanos, como se fossem ilimitados. Porém, é preciso que guardemos as lições trazidas pela pandemia e não caiamos no esquecimento de uma vida anestesiada, sem sentido e inconsequente, num consumismo desmedido, ou num encapsulamento egoísta. Que o sofrimento de tantas famílias e das vidas ceifadas não tenham sido em vão. Ele se coloca em súplica para que saíamos do imperativo do “nós” em detrimento dos outros, mas que “tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros” (FT 35). Mm

Ao longo de toda a encíclica *Fratelli Tutti*, retoma a questão crucial de se combater os abusos contra a dignidade humana. Denuncia o tráfico humano, a violência e o abuso psicológico, vividos por muitos imigrantes ao longo de sua jornada em busca de uma realidade melhor para si e para sua família. Os imigrantes são usados no tráfico humano, prostituição, tráfico de drogas e de órgãos; sofrem exploração com trabalho escravo, e são vistos como máquinas de produção, descartados e tratados como objetos, perdendo a dignidade própria e de direito de cada ser humano, os migrantes trazem consigo esta dignidade intrínseca que é desrespeitada por muitos, que os tratam como menos importantes e de menor valor. O Papa chama a atenção, principalmente, em relação à postura cristã, na acolhida para com os estrangeiros:

É inaceitável que os cristãos partilhem dessa mentalidade e dessas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas, em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno (FT 39).

Papa Francisco convoca na *Fratelli Tutti*, todas as religiões a auxiliarem no enfrentamento do desafio de transformar em realidade o sonho da fraternidade universal e do amor social: “elas oferecem uma contribuição valiosa na construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade” (FT 271). Nesse sentido, o Papa vislumbra uma união, que ultrapassa os muros do catolicismo, mas conclama a todas as instituições que propagam os valores éticos e fraternos a unirem forças em prol de uma reestruturação mais digna, humana e igualitária para todos.

Ao se referir ao processo migratório, tão presente no mundo globalizado, Papa Francisco enfatiza o quanto o intercâmbio entre os povos é fecundo, tanto para quem acolhe outros povos, como para quem é recebido em terras distantes de sua pátria. Esta ajuda mútua acaba por

beneficiar a todos. As diferenças culturais, econômicas, sociais, de idiomas ou geográficas não devem servir de barreira ao encontro com o outro, pelo contrário, devem alimentar o desejo de acolhida da diferença como uma oportunidade de crescimento e novas descobertas, um momento rico de trocas mútuas, um partilhar de dons recíprocos, um brinde à riqueza e beleza da diversidade.

A chegada de pessoas diferentes, que provêm de um contexto vital e cultural distinto, transforma-se em um dom, porque as histórias dos migrantes são histórias também de encontro entre pessoas e entre culturas: para as comunidades e as sociedades onde chegam são uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento integral de todos (FT 133).

Um ponto de referência e intercâmbio sobre o que está acontecendo ao mundo e o processo de traçar novas alternativas concretas sobre a economia, problemas sociais e ambientais vividos em torno do planeta, é o movimento da *Economia de Francisco* que, segundo a fala do Papa Francisco em carta aos jovens, a define como:

Uma nova economia, inspirada em Francisco de Assis, hoje pode e deve ser uma economia amiga da terra e uma economia de paz. Trata-se de transformar uma economia que mata numa economia da vida, em todas as suas dimensões.” (Papa Francisco, s.d., n.p.).

O objeto principal de estudo da encíclica *Fratelli Tutti* é como o próprio subtítulo já sublinha a promoção da fraternidade e da amizade social, porém, ao longo de toda a techedura da carta a referência aos direitos humanos é uma constante, ressaltando que esta finalidade de fundo não será alcançada sem que os direitos humanos estejam no centro. Estes temas são o que o Papa Francisco denomina de “novo sonho”, “que não se limite a palavras” (FT 6), mas, que espera fazer renascer um “anseio mundial” (FT 8) de fraternidade. A vida humana está destinada à procura da plenitude. Por meio desse desejo nela presente ela ganha sua dinâmica. Este é o, pois, o “anseio pela felicidade”, como está escrito na declaração de Independência Norte-americana. Esse desejo faz parte dos direitos universais da pessoa humana, e por isso não é somente um direito particular, mas um direito de toda pessoa.

...Quando levamos a sério esse “anseio por felicidade” e não queremos somente nosso prazer particular, nós nos deparamos com a infelicidade massiva e começamos a sofrer e a gritar junto com os infelizes. A compaixão é condoer-se solidariamente com a vida que surge a partir da infelicidade reinante no mundo. Ela é a outra face do ‘anseio por felicidade’ (Moltmann, Boff, 2014, p. 75).

Diante da crise na qual se encontra a humanidade, Moltmann e Boff (2014), propõem quatro princípios e quatro virtudes, para que haja possibilidade de garantir um futuro melhor para a terra e para a vida. Dentre os quatro princípios se encontram: o cuidado, o respeito, a responsabilidade universal e a cooperação; e, como forma de suporte a estes princípios, quatro virtudes devem ser observadas: a hospitalidade, a convivência, a tolerância e a comensalidade. Segundo os autores, todos os esforços serão inúteis sem a discussão de princípios e valores que sustentem a civilização, ou “caso contrário, a crise continuará sua corrosão até se transformar em tragédia” (p. 98).

Nesse contexto de esforços somados em busca de soluções, cabe ressaltar, que em 2024, quando se completa 60 anos da iniciativa pela CNBB, o tema que foi definido para ser discutido na Campanha da fraternidade, será “Fraternidade e amizade social” e o lema: “Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23, 8). Este mesmo tema já foi abordado na campanha de 2018. Segundo Padre Patriky Samuel Batista, assessor de Campanhas da CNBB, o que a Igreja do Brasil tomará em discussão a partir deste tema é:

É tempo de refletir sobre a fraternidade e a amizade social, converter o coração, promover a comunhão e não descuidar daquilo que é caro a todos nós: a dimensão social do Evangelho precisa ser redescoberta. Cuidar da vida partindo da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo que tem ressonâncias na comunidade, na sociedade. E o lema, nos inspira a trilhar esse caminho (Redação A12, CNBB, 25 de novembro 2022).

Os temas já discutidos nas campanhas da fraternidade anteriores, assim como os que estão a serem discutidos pela Igreja no Brasil, estão em consonância direta com as propostas feitas pelo Papa Francisco tanto na *Laudato Si'*, como na *Fratelli Tutti*. A CNBB, em consulta popular e junto aos bispos, define quais os temas que necessitam de uma maior ênfase naquele período, em diálogo com o tempo presente e com a sociedade. Este dinamismo das campanhas, com temas polêmicos e necessários fortalece a convocação feita pelo Papa Francisco, de ser “uma Igreja em saída”, que vai ao encontro do povo, que está junto com ele e sente suas dores e necessidades.

Durante o tempo quaresmal o tema é debatido, a partir da luz da passagem bíblica apresentada no lema de cada campanha, e também de músicas e textos básicos próprios. O período da quaresma, para o catolicismo é um tempo de recolhimento interno, de conversão, de percorrer o caminho do sofrimento de Cristo e também do sofrimento humano de forma

particular, de abertura e acolhimento das dores de cada ser. Por ser um tempo de chamado e conversão, algumas propostas penitenciais em relação ao tema são sugeridas durante o processo, em consonância com o tema, como forma de tornar efetivo o que está sendo discutido. Cada Campanha cumpre o ciclo de um ano que vai da quarta-feira de cinzas de um ano, até a quarta-feira de cinzas do ano subsequente. Porém a ênfase maior é realizada durante o tempo quaresmal.

A necessidade de uma conversão ecológica, desafio este já lançado anteriormente pelo Papa Francisco, abrange também a dimensão humana, na sua forma de ser e estar no mundo, de se relacionar na sociedade, de consumir, como cultiva e cuida da terra e do outro, como age nos diversos setores pelos quais transita, seja no ambiente familiar, de trabalho, estudo, enfim, na forma como desempenha seu papel. Papa Francisco (2020, p. 42) reforça que o seu apelo feito a favor da ecologia integral “vai muito além do cuidado com a natureza, trata-se de cuidarmos uns dos outros como criaturas de um Deus que nos ama, e de tudo o que isso envolve”.

Em contraposição ao império do *dominus*, ele apresenta o paradigma do *frater*, de onde se deriva a *fraternidade universal*. Incluindo homens e mulheres, irmãos e irmãs. A modernidade, conforme esboça Boff (2022, p. 40) “é o reino do dominus: o ser humano como senhor e dono da natureza e da Terra, destituídas de propósito e de valor intrínseco”. Desta forma, o paradigma alternativo. Proposto pela encíclica *Fratelli Tutti* é o do *frater*, de agir com irmandade, como membros de uma mesma família, fraterna e universal, que acolhe indistintamente pela via da amizade social, ou conforme reflete Boff, sobre a intenção do Papa exposta na encíclica. Logo, nesta mudança de ótica e de paradigma: “superaremos a visão apocalíptica da ameaça do fim da espécie por uma visão de esperança, de que podemos e devemos mudar de rumo” (Boff, 2022, p. 41).

O Papa Francisco, ao longo da encíclica *Fratelli Tutti* instiga ao questionamento de quais são os ideais e caminhos concretos a serem buscados por aqueles que desejam construir um mundo mais justo e fraterno em suas relações, na vida em sociedade, na política e nas instituições. Ele pontua que, tal como a *Laudato Si'*, a *Fratelli Tutti*, é antes de tudo, uma encíclica social, cujo inspirador, São Francisco de Assis, usava o termo que nomeia o documento “para se dirigir a todos os irmãos e irmãs e lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho” (FT 01).

O eixo motivador do documento é fomentar a fraternidade e a amizade social universal. Seu contexto de escrita e publicação é perpassado pela pandemia da Covid-19 que conforme reitera o Papa “irrompeu de forma inesperada quando eu estava a escrever esta carta”. Contudo,

os protocolos de saúde alertaram que “ninguém se salva sozinho” e que chegou realmente o momento de “sonhar como uma única humanidade”, na qual somos “todos irmãos”. (FT 7-8).

O Papa Francisco, ao abordar sobre a universalização dos direitos humanos, diz que “de fato, os direitos humanos não são iguais para todos” (FT 22). O pontífice reforça que os direitos humanos são essenciais no progresso econômico e social de um país, e que ao ter os direitos garantidos “florescem também a criatividade e a audácia”, alerta que observa “numerosas contradições” nas sociedades contemporâneas que levam a perguntar se a “igual dignidade de todos os seres humanos” é mesmo “reconhecida, respeitada, protegida e promovida em todas as circunstâncias”. Afirma que persistem formas variadas de discriminação e injustiças, embasadas no lucro e que exploram, descartam e até matam o homem. A contradição expressada pelo Papa Francisco consiste em que, “enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados” (FT 22).

O Papa Francisco pontua que “a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens” (FT 23). Segundo o Papa, ainda que as palavras possam dizer uma coisa, “as decisões e a realidade gritam outra”. Alerta para o que chama de “duplamente pobres” as mulheres que além da exclusão sofrem violência (FT 23). O documento também chama a atenção para o tráfico humano que é análogo ao processo de escravidão: “ainda hoje milhões de pessoas [...] são privadas da liberdade e constrangidas a viver em condições semelhantes às da escravatura” (FT 23). Afirma que, na raiz destas práticas, está “uma concepção da pessoa humana que admite a possibilidade de, a tratar como um objeto” (FT 23). Para o Papa Francisco, o tráfico de pessoas e outras formas atuais de escravidão são um “problema mundial”, que “precisa ser tomado a sério pela humanidade no seu conjunto”, num “esforço comum e igualmente global por parte dos diferentes atores que compõem a sociedade” (FT 24). Desta forma o pontífice amplia o campo de visão e de detalhamento das violações dos direitos humanos em suas peculiaridades. É uma exclusão, dentro da exclusão, como no caso específico das mulheres. Ele refletirá também as questões do racismo, xenofobia e descarte do humano em pontos subsequentes do documento.

O Papa Francisco expõe no capítulo três da *Fratelli Tutti*, intitulado “Pensar e Gerar um Mundo Aberto” que o direito a viver com dignidade deve ser garantido a todos, uma vez que os direitos não têm fronteiras, ninguém pode ser excluído, independentemente do local onde nasceu. Sob este prisma, o Papa pede que seja levada em consideração “uma ética das relações internacionais” (FT 126), porque cada país pertence igualmente a todos, estrangeiros ou não, e

os bens do território não podem ser negados àqueles que têm necessidades, independente de virem de outro país e cultura. Em relação a esta temática, prossegue no quarto capítulo, intitulado “Um coração aberto ao mundo inteiro” exortando que os migrantes, provindo muitas vezes de regiões de guerras, perseguições, catástrofes naturais, fugindo de traficantes, devem ser bem acolhidos, protegidos, integrados e inseridos nos países que os acolherem, garantindo e protegendo seus direitos enquanto cidadãos.

Um anseio apresentado por Papa Francisco, no Capítulo cinco da encíclica, intitulado a “A Melhor Política” diz respeito à reforma da ONU e reforça que a tarefa das Nações Unidas será a de conferir concretude ao conceito de uma “família de nações”, que lute para o exercício do bem comum, para a erradicação da pobreza e preservação dos direitos humanos, buscando de forma incansável à negociação, aos mediadores. Já no sexto capítulo, que recebeu o título “Diálogo e amizade social”, se destaca o conceito de vida como “a arte do encontro” com todos, também com as periferias do mundo e com os povos originais, porque “cada um de nós pode aprender algo com os outros. Ninguém é inútil e ninguém é dispensável” (FT 215). Também destaca o poder da gentileza e da amabilidade como fonte libertadora nas relações humanas:

O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante, nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura em uma sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes (FT 224).

Na *Fratelli Tutti* o amor é vislumbrado de forma ampla, deixa de ser uma experiência somente familiar ou conjugal, para se destacar como amor social. Na mesma direção, a amizade ganha uma expressão social, “pois não exclui ninguém” (FT 94) a fraternidade entre todos os humanos é sem fronteiras, expandindo-se para tudo que existe e vive; da mesma forma, a compaixão, a justiça social e a capacidade de perdão. No paradigma do dominus, do poder, as relações interpessoais eram experimentadas em pequenos grupos; já sobre o olhar da encíclica adquirem uma dimensão social, política e universal. Essas dimensões da fraternidade superam o antigo modelo individualista e reducionista, implementando uma forma *frater*, de ser e agir em uma dimensão social e planetária.

O advogado e coordenador da Pastoral do Menor na Arquidiocese de Niterói, Gabriel Garcia, discorreu no Site *Vatican News*, em 08 de fevereiro de 2021, sobre o tema “*Fratelli Tutti*: Direitos Humanos Fundamentais”. Conforme pontua Garcia, Papa Francisco expressa a premissa de se atentar para a questão dos direitos humanos: “a urgência de se encontrar uma

solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais” (FT 188). Talvez um dos sonhos mais ousados de Papa Francisco no documento seja o de “uma nova rede de relações”, na opinião de Garcia. Ele apresenta, ao longo da *Fratelli Tutti*, todos os desafios que a modernidade apresenta, como muros, sombras e barreiras que precisam ser ultrapassadas, tal como a destruição de espaços comunitários, a intolerância religiosa, o processo migratório e os preconceitos vividos pelos migrantes, envoltos numa cultura do descarte.

A solução em relação a proteção dos direitos humanos apresentada pelo Papa Francisco, e pontuada por Garcia é a proximidade, não uma proximidade necessariamente geográfica, mas a exemplo do Samaritano, um chamado a ir ao encontro que supera as fronteiras físicas, espaciais, existenciais. Uma Igreja em saída, em direção à periferia, expandindo os direitos humanos enquanto ética cristã, universalizando a ideia de direito, ou no sentido seminal da palavra católica, tornando-o universal. É uma luta constante contra a prevalência de um paradigma que nega o humano em nós, em um meio em que impera um sistema perverso que em sua maioria, não demonstra sensibilidade e empatia para com as grandes maiorias empobrecidas que sofrem com as injustiças, com a fome ou na subnutrição e escassez de água potável.

O Papa Francisco é a favor do direito à propriedade privada, porém ela não deve estar concentrada na mão de poucos, em detrimento do direito de muitos “o direito à propriedade privada só pode ser considerado como um direito natural secundário e derivado do princípio do destino universal dos bens criados” (FT 120). Afirma ainda que “o direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres; nem acima do respeito pelo ambiente, pois ‘quem possui uma parte é apenas para administrar em benefício de todo’” (FT 122). Com este discurso, “coloca o dedo na ferida” dos neoliberais de plantão, que se incomodam e se veem afrontados com este posicionamento que afirma a primazia do destino universal dos bens em detrimento de sua apropriação privada.

A *Fratelli Tutti* pode ser considerada como um subsídio importante, na luta pela proteção e cumprimento dos direitos humanos. Apesar de ser um texto escrito pelo representante maior da doutrina católica, não há exigência de profissão de fé, para lê-lo ou dele fazer uso. O que o Papa Francisco solicita, é “boa vontade” e disposição no engajamento e construção de um processo novo e alternativo em que a solidariedade e a amizade social possam se tornar uma realidade. Em nome da dignidade que nos faz humanos é que a responsabilidade um para com o outro deve estar pautada. Segundo o Papa, é a solidariedade que impede que a humanidade se divida entre o meu mundo e os outros, pois “muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável e passam a ser os outros” (FT 27).

Além de atitudes pessoais, esta também é uma responsabilidade dos Estados e das organizações mundiais que, na sua ótica, deveriam ser “mais eficazes, dotadas de autoridade para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais” (FT 172). Logo, o projeto apresentado pelo Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, como “uma humilde contribuição” apresenta-se na formulação da alternativa de: “um novo sonho de fraternidade e amizade social, que se abre ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade” (FT 06), ou seja, a vivência da fraternidade e amizade social com todas as suas ressonâncias, tendo assim os eixos estruturadores de toda a proposta assinalada no título “*Fratelli Tutti*: irmãos, todos”.

Uma das formas de ação da Igreja, no Brasil, em relação às questões emergenciais que o país e o mundo enfrentam, são as Campanhas da Fraternidade. Os temas são decididos após consulta popular aos leigos, realizada pela internet. O tema da Campanha da Fraternidade, escolhido em 2023, por exemplo, foi “Fraternidade e Fome”, e o lema escolhido foi “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt14:16). Conforme informa no site *Campanhas CNBB* com o título “Após consulta popular campanha da fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome”, o secretário-executivo de Campanhas e subsecretário-adjunto geral interino da CNBB, padre Patriky Samuel Batista, o objetivo da Campanha da Fraternidade é: “Despertar a solidariedade nos fiéis e na sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução à luz do Evangelho”. O tema da fome já havia sido abordado na Campanha de 1985 com o lema “pão para quem tem fome”, e o padre Patriky argumenta que: “Quase 40 anos depois contemplamos um triste e semelhante cenário. A cada dia fica mais evidente que a pandemia sanitária da Covid-19 agravou a situação de insegurança e vulnerabilidade social”, reforça o coordenador de campanhas da CNBB.

Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco traz o problema da fome e nomeia o atual sistema de assassino: “As crises sociais, políticas e econômicas fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome; reina um inaceitável silêncio internacional” (FT 29), e, adverte ainda:

A política mundial não pode deixar de colocar entre seus objetivos principais e irrenunciáveis o eliminar efetivamente a fome. Com efeito, quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome... a fome é criminosa e a alimentação é um direito inalienável (FT 189).

Conforme informado pelo site *Vatican News*, com o título “CNBB: definida a 60ª assembleia geral e o tema da CF 2024, ano em que será celebrado os 60 anos de realização das

Campanhas da Fraternidade no Brasil, teve como tema escolhido: “Fraternidade e amizade social” e o lema “Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt23:8). Com isso podemos perceber o quão o tema focal da *Fratelli Tutti* se faz atual, relevante e de perene discussão. O assessor de Campanhas da CNBB, padre Patriky Samuel Batista, comentou a escolha dos bispos:

É tempo de refletir sobre a fraternidade e a amizade social, converter o coração, promover a comunhão e não descuidar daquilo que é caro a todos nós: a dimensão social do Evangelho precisa ser redescoberta. Cuidar da vida partindo da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo que tem ressonâncias na comunidade, na sociedade. E o lema nos inspira a trilhar esse caminho.

3.3.2 O Diálogo Social como base para construção da cultura de paz

Em tempos de globalização, Papa Francisco relata que as pessoas têm perdido o sentimento de pertença a humanidade, e a busca de realizar o sonho da construção de um mundo de paz parece cada vez mais distante e utópico. Além disso, embora o respeito à dignidade humana, a luta por superação das desigualdades e a cultura da paz sejam pautas recorrentes nos encontros de diversos países, elas ainda soam como uma ilusão enganadora, visto que muitos se sentem onipotentes e blindados quanto às consequências globais do descaso ficando presos no individualismo, o que dificulta ainda mais os avanços nos temas que atingem a humanidade, principalmente, os mais vulneráveis. Para ele, essa desilusão conduz a uma espécie de cinismo, uma apatia que nos isola da participação no sofrimento do outro e também na busca de resolução para o mesmo. Segundo o Papa, a saída é afastar-se da zona de conforto, para ir em direção às necessidades alheias.

O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas para a proximidade, a cultura do encontro, sim. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim (FT 30).

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, o sexto capítulo é dedicado ao tema do Diálogo e da amizade social, momento em que o Papa Francisco busca refletir sobre o que entendemos por diálogo e desafia a pensar: como seria um mundo sem o diálogo. Por diálogo, define a atitude de: “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se resume no verbo ‘dialogar’” (FT 198). Dessa forma,

diálogo é a via de aproximação, que possibilita o encontro, a vivência da comunhão. Segundo Papa Francisco, os problemas gerados pela falta de diálogo em nossa sociedade são escancarados diante de nós. Ao longo desse capítulo, ele esclarece que diálogos não são monólogos paralelos, muitas vezes exaltados e raivosos, como os vistos em redes sociais e também no cotidiano. É preciso ultrapassar pela via do diálogo, os dois extremos, o da violência e o da indiferença egoísta. O debate, enquanto enfrentamento de ideias, permite tecer novas compreensões, servindo de ponte de união entre as gerações, povos e culturas. Por sua vez, quando o diálogo se faz ausente, é sinal de que a preocupação maior é com os próprios interesses ou com uma imposição do modo de pensar, em detrimento da busca do bem comum. O Papa Francisco coloca em destaque que os “heróis do futuro” têm como prerrogativa uma preocupação com a verdade acima das conveniências sociais, fugindo da lógica do poder e da dominação, e expõe seu anseio em forma de prece: “Queira Deus que estes heróis estejam surgindo silenciosamente no meio de nossa sociedade” (FT 202).

Nas relações de convivência em sociedade, existem várias formas de ver, compreender e expressar os diversos pontos de vista. Segundo Papa Francisco, é justamente esta variedade de ideias e pensamentos, que proporciona, a riqueza de aprendizados contínuos e mútuos e que permitem que a humanidade cresça e progrida. Assim, “o diálogo social autêntico inclui a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, admitindo a possibilidade de que nele contenha convicções ou interesses legítimos” (FT 203). O pensamento individual não precisa, nem deve ser modelado a partir da compreensão do outro, mas o respeito e a escuta são essenciais para que se estabeleça o diálogo e a boa convivência. Além disso, uma mesma realidade pode ser abordada de formas diferenciadas, de acordo com as perspectivas que são vislumbradas. O Papa, pontua ainda, sobre o potencial que os meios de comunicação possuem de aproximar as pessoas, de fortalecer e ampliar o exercício da solidariedade e o compromisso com a dignidade humana. Sobre os recursos digitais, salienta, que são mais necessários ainda, devido a intensidade e velocidade das informações, porém, é importante verificar, constantemente, as informações ali expostas, com critérios éticos, para não cair no relativismo e em informações falsas. Alerta também que a verdade não é apenas a notícia, mas: “É, em primeiro lugar, a busca dos fundamentos mais sólidos que sustentam nossas escolhas e nossas leis” (FT 208). O diálogo é a ferramenta que possibilita o reconhecimento dos valores perenes, para além das conveniências pessoais. É por meio do diálogo que os consensos éticos, tais como os direitos humanos fundamentais, sustentados em argumentos e perspectivas complementares são viabilizados.

Segundo o que é pontuado pela encíclica *Fratelli Tutti* o diálogo sincero, verdadeiro, só se torna possível a partir do resgate da amabilidade. Compara que, pelo individualismo consumista, que considera os outros como inimigos a serem vencidos ou como obstáculos a serem superados, e onde impera a disputa, os abusos e a agressividade, a amabilidade vem como um contraponto revolucionário. São ambientes em que imperam a disputa, os abusos e a agressividade. Logo, é fundamental a implementação do cuidado nas relações, modelada com palavras de incentivo, que reconfortam, fortalecem, consolam, estimulam. É uma construção cotidiana para evitar conflitos e estabelecer pontes. Para o Papa Francisco, assumir esta prática como uma cultura é ser “estrelas no meio da escuridão” (FT 222). É ser voz branda em um mundo de gritos, é ser bússola em meio às tempestades de incompreensões, é ser cristão na prática e não apenas no discurso.

A transição e mudança de paradigma no mundo movido pela dominação, segundo Boff (2020) acontece por meio de uma nova forma de habitar a Terra, numa convivência respeitosa para com a natureza, cuidado com os ecossistemas e atitude solidária para com o semelhante. É preciso despertar e gerar novas consciências, que sejam capazes de reconhecer a vulnerabilidade da condição humana exposta a inúmeras doenças, seja por vírus, bactérias, mas também pela fome e miséria. O ser humano está sujeito ainda à imprevisibilidade dos acontecimentos naturais e históricos. Precisa ter clareza de sua interdependência para com todos os seres, ter na solidariedade a base de sua construção enquanto humanidade, e alimentar o cuidado, que se faz essencial, para com tudo o que vive e existe, especialmente entre os seres humanos. Boff apresenta na falta de cuidado e solidariedade a raiz dos problemas enfrentados pela humanidade: “Hoje, o maior problema da humanidade não é nem o econômico, nem o político, nem o cultural, nem o religioso, mas é a falta de solidariedade para com os outros seres humanos” (Boff, 2020, p. 142).

O valor e a promoção da paz são pontuados no sétimo capítulo, “Percurso de um novo encontro”. Nele, o Papa sublinha que a paz está ligada à verdade, à justiça e à misericórdia. O intuito da paz é formar uma sociedade baseada no servir, reconciliar e desenvolver a sociedade. Assim, a paz é uma “arte” que envolve a todos e na qual cada um dará sua contribuição numa “tarefa sem fim” (FT 227-232). O perdão está, segundo Papa Francisco unido ao anseio pela paz, porém pontua que amar um opressor significa ajudá-lo a mudar e não permitir que continue a oprimir o seu próximo. Perdão não significa impunidade, mas justiça e memória. Nunca esquecer “horrores” como a Shoah, os bombardeamentos atômicos de Hiroshima e Nagasaki, as perseguições e os massacres étnicos — exorta o Papa. Devem ser sempre recordados, para não nos anestesiarmos e para manter viva a chama da consciência coletiva, logo, é igualmente

importante recordar o bem (FT 246-252). Ao recordar os horrores causados pela humanidade ao longo dos séculos, Papa Francisco faz uma oração, que traduz a vergonha e pedido de perdão pelos erros atrozes cometidos, que eles não sejam esquecidos, a fim de que não se repitam mais.

Lembra-vos de nós na vossa misericórdia. Dai-nos a graça de nos envergonharmos daquilo que, como homens, fomos capazes de fazer, de nos envergonharmos desta máxima idolatria, de termos, destruído e desprezado a nossa carne, aquela que vós formastes da lama, aquela que vivificastes com o vosso sopro de vida. Nunca mais, Senhor, nunca mais (FT 247).

No sétimo capítulo intitulado *Percursos de novo encontro* a discussão se volta para a guerra, como “uma ameaça constante” e que representa “a negação de todos os direitos”, “um fracasso da política e da humanidade”, e “uma derrota feroz perante as forças do mal”. Em decorrência do uso das armas nucleares químicas e biológicas que atingem muitos civis inocentes, Papa Francisco afirma com ênfase: “Guerra nunca mais!” A eliminação total das armas nucleares é “um imperativo moral e humanitário”. Com o capital investido em armas, propõe que se crie um fundo global para a eliminação da fome. (FT 255-262).

Ao final da encíclica, em seu oitavo capítulo, o Pontífice centra-se nas “As Religiões ao serviço da fraternidade no mundo” e reitera que um caminho de paz entre as religiões é possível e para tal, é necessário garantir a liberdade religiosa, um direito humano fundamental para todos os crentes (279). A Encíclica apresenta, em particular, uma reflexão sobre o papel da Igreja, que apesar de não se envolver na política, não renuncia à dimensão política da própria vida, à atenção ao bem comum e à preocupação pelo desenvolvimento humano integral, de acordo com os princípios evangélicos (276-278). Concluindo a encíclica, cita o “Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, que foi assinado por ele próprio em 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi, juntamente com o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib. Tendo como base este marco do diálogo inter-religioso, Papa Francisco convoca para que, “em nome da fraternidade humana, o diálogo seja adotado como caminho, a cooperação comum como conduta e o conhecimento mútuo como método e norma” (FT 285).

Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco deixa claro, sua repulsa pelo modelo atual encarnado na sociedade e o refuta. “Se alguém pensa que se trata apenas de fazer funcionar o que já fazíamos, ou que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está negando a realidade” (FT 07). Em vários outros pontos, no decorrer do documento faz afirmações semelhantes. “Não se trata mais de melhorar, mas de realmente de sonhar e de pensar numa humanidade diferente” (FT 127). Ainda, é urgente construir “um novo vínculo

social” (FT 66). Combate de forma veemente os quatro pilares que sustentam a atual ordem mundial, conforme ressalta Boff, (em entrevista concedida a UNISINOS em 14 de novembro de 2020, com o tema “*Fratelli Tutti*: um novo paradigma de sociedade mundial”, de senhor (dominus) a irmão (frater)): o mercado em termos de economia, o neoliberalismo em termos de política, o individualismo em termos de cultura e a devastação da natureza, em termos de ecologia. Boff, no artigo anteriormente mencionado, ao refletir estas temáticas inseridas na encíclica de Papa Francisco pontua que “sem um projeto para todos ficamos reféns do projeto privado dos mais fortes que instauram uma perversa opressão econômica, social e cultural sobre todas as sociedades humanas” (Boff, UNISINOS, 2020).

O Papa Francisco tem feito um grande apelo para que a humanidade deixe de idolatrar o deus dinheiro, que cega e mata a muitos em prol de uma minoria, que enfeitiçados pelo poder e pelo consumo, deixam de ver no outro um semelhante, e na Terra uma *Casa Comum*. Com isso, o número de desigualdades sociais, de morte, miséria e destruição é cada vez maior e mais devastador. É preciso mudar a rota e as atitudes, caso contrário, estaremos todos fadados ao extermínio. Para ele, é necessário colocar limites, domínio de si e lucidez:

O ser humano está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer sem ter os instrumentos para o controlar. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro de um lúcido domínio de si (LS 105).

Segundo Boff (UNISINOS, 2020) a proposta do Papa é uma atitude de confiança no ser humano e em suas potencialidades. A humanidade foi feita para o amor, para a amizade, para a solidariedade, para a compaixão, para o cuidado da Mãe Terra e de tudo o que nela existe e vive, todos os seres que nela habitam: “A pandemia de covid-19 que atingiu toda a espécie humana e somente ela, foi uma resposta que Mãe Terra-Gaia deu ao antropoceno, aquela prática humana dizimadora de vidas em massa: necroceno, seja no reino da natureza seja no âmbito humano”. O que contribuiu para um enfrentamento eficaz da covid-19, segundo Boff (2020, UNISINOS) não foram o capitalismo e nem o neoliberalismo, mas, “a centralidade da vida, a interdependência de todos com todos, a solidariedade e a cooperação entre os povos, o cuidado de uns com os outros, com a natureza e a Mãe Terra.” A alternativa proposta pelo Papa Francisco, para salvar a Terra, a vida e a humanidade, é a tirar das entranhas do humano, a sua própria humanidade. Na interpretação de Boff da *Fratelli Tutti*, em consonância com a atualidade é de que “o destino comum nos conclama a um novo começo, o que requer um novo

coração, uma nova consciência, uma nova relação, terna e fraterna, entre os seres humanos e com os demais irmãos e irmãs da natureza”.

O poder como dominação significou historicamente uma devastação das culturas numa tentativa de homogeneização dos hábitos de pensar, de agir e das diversas culturas, liquidando com as suas diferenças. Tal projeto perturbador ocasionou em inúmeras guerras ao longo dos séculos. Em contraposição a este paradigma do dominus, a *Fratelli Tutti* apresenta o paradigma do *frater*, do qual se deriva a fraternidade universal. Neste ponto se encontra o eixo da grande mudança paradigmática apresentada pela *Fratelli Tutti*. Não é apenas um sonho utópico do Papa, mas o captar o desejo e as tendências de nossa época, no qual afirma que existe “um anseio mundial de fraternidade (...) Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos e filhas desta mesma Terra (...) todos irmãos e irmãs” (FT 08).

O Papa Francisco, em 21 de Junho de 2023, ofertou um presente simbólico e muito significativo ao seu pontificado ao então presidente Lula que esteve em reunião com o pontífice no Vaticano. O intuito do presente era falar sobre a tão desejada Paz, principalmente, no que tange à guerra na Europa e também sobre as desigualdades sociais mundo afora. A frase extremamente reflexiva com a qual o presente foi entregue é a seguinte: “A paz é uma flor frágil”. Ele, então, prossegue: “Estamos em tempos de guerra, e a paz é muito frágil. Queria te presentear com isso, que fazemos aqui em nossas oficinas, que diz: a paz é uma flor frágil”, fazendo referência à guerra na Ucrânia.¹⁵ O presente é feito em aço, mas expõe a fragilidade da paz, em meio a guerras, conflitos, mortes, desigualdades sociais. Esta temática da Paz, e pelo fim da guerra é uma constante nas reuniões que o pontífice tem com os diversos líderes mundiais, bem como a busca por um mundo mais justo, igualitário, solidário e sustentável.

O diálogo para o Papa Francisco é fruto de uma proximidade e disposição em ir ao encontro, ouvir, e respeitar, apesar de discordâncias que possam ocorrer, em um estabelecimento de pontes e não de muros. Ele busca a instauração da Paz, tendo no diálogo a sua fonte principal de estratégia, seja no diálogo inter-religioso, ou no diálogo com os grandes representantes das mais variadas nações, nas muitas viagens e encontros que tem realizado, ao longo de seu pontificado. O Papa aponta e denuncia em vários de seus discursos a situação de pobreza e miséria que grande parte da humanidade experimenta e lamenta que tal situação venha sendo banalizada e tratada com naturalidade por muitos de nosso tempo. O Papa clama por compaixão, por ouvirmos os clamores e lamentos, muitas vezes emudecidos de tantos

¹⁵ - Diário Do Centro Do Mundo, 2023.

pobres e esquecidos à margem, pelo desemprego, pela opressão, pelos flagelos de guerras, pela migração; enfim, daqueles que necessitam da prática de misericórdia em seu sentido real, pleno e verdadeiro: “dar o coração aos miseráveis, a quantos estão em necessidade, àqueles que sofrem”. (Francisco, 2014 *apud* O novo Humanismo, 2022, p. 419).

Francisco de Aquino Júnior, na obra *O Novo Humanismo: Paradigmas Civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco* (2022, p. 421), aponta que, ao nos depararmos com os rostos sofridos, é preciso enxergarmos também a desigualdade social, que é “a raiz dos males sociais” (Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2022), e que junto com ela se somam outras formas de injustiça como marginalização, opressão e exclusão, que não se restringem apenas à desigualdade socioeconômica, podendo ser também manifestada no machismo-patriarcado, no etnocentrismo, no racismo, na homofobia, unindo-se a estes gritos, a Mãe Terra, que sofre exploração desenfreada, com trágicas consequências para os pobres que residem nas periferias e para as gerações futuras.

O Papa Francisco assinala o protagonismo do coletivo, das partes para o todo, da troca, da partilha, da reciprocidade. Convida toda a humanidade a se unir em prol uns dos outros, pois só desta forma irá ocorrer à verdadeira mudança, desejada e necessária. “É possível começar por baixo, caso a caso, lutar pelo mais concreto e local (...) não façamos sozinhos, individualmente...; nós estamos chamados a convidar outros e a encontrar-nos num “nós” mais forte do que a soma de pequenas individualidades” (FT 78). O pontífice diz na *Fratelli Tutti* “enquanto houver uma pessoa descartada não poderá haver a festa da fraternidade” (FT 110). Esta articulação entre o local com o global permite o surgimento da comunidade mundial que não é o resultado da soma dos vários países, mas sim, a própria comunhão que existe entre eles. Diante da gravidade da situação atual, parece, não termos outra alternativa senão consultar o que há de melhor em nossa humanidade e dela extrair um projeto comum que nos poderá salvar. Sobre esta necessidade de traçar novos paradigmas civilizacionais, Leonardo Boff já alertava em 2004, em sua obra *Ecologia: grito da Terra, Grito dos Pobres*, p. 176:

A crise de sustentabilidade da vida no nível mundial se agravou de tal forma que nos obriga imediatamente a tomar decisões em ordem à ação. Mas não de qualquer jeito. Deve ser nos parâmetros de uma nova radicalidade e de um novo paradigma. O imperativo que se anuncia não é de mudar o mundo, mas de conservá-lo. Ou, talvez, para conservá-lo devemos mudá-lo?

Os assuntos aqui abordados se fazem tão atual, que neste ano de 2024, várias outras publicações e atualizações sobre o tema estão sendo lançadas e evidenciadas, textos estes que não foram contemplados neste estudo em virtude de ainda estarem “no prelo”. Para ilustrar,

ressalto o novo tema da Campanha da Fraternidade do ano de 2025 cujo tema é Fraternidade e Ecologia Integral e o lema: “Deus viu que tudo era bom.” (Gn 1,31), que abordará a temática discutida ao longo de toda esta pesquisa, ampliando mais horizontes.

O Papa Francisco, por seu exemplo e palavra representa, na atualidade, um dos maiores líderes espirituais e políticos da humanidade. Sua presença tem o caráter de um homem universal, acolhendo a todos e se identificando com os mais vulneráveis e invisíveis de nosso mundo. Ele desperta a esperança de que podemos e devemos alimentar o sonho da fraternidade sem fronteiras e do amor universal. Já na escolha de seu nome, o próprio Papa disse aos jornalistas: “pesou o fato de Francisco de Assis, além de ser o santo dos pobres e o santo do amor à natureza, é também o santo da paz” (Humes, 2017, p. 68). Movido pelo anseio de que a paz impere no mundo, o Papa exorta, ainda hoje, como já vinha exortando desde primeiro de setembro de 2013, no *Angelus*:

Eu queria fazer-me intérprete do grito que se eleva, com crescente angústia, em todos os cantos da Terra, em todos os povos, em cada coração, na única grande família que é a humanidade: o grito da paz! É um grito que diz com força: queremos um mundo de paz, queremos ser homens e mulheres de paz, queremos que nesta nossa sociedade, dilacerada por divisões e conflitos, possa irromper a paz! Nunca mais a guerra! Nunca mais a guerra! A paz é um dom demasiado precioso, que deve ser promovido e tutelado (Humes, 2017, p. 69)

O Papa Francisco tem feito a sua parte, dado sua parcela de contribuição à humanidade, pelo exemplo, pelos ensinamentos, encíclicas, textos e discursos difundidos. Compete a cada um de nós, transformar o sonho por ele apresentado, num antecipador de realidades futuras e possíveis: o começo seminal de uma nova forma de habitar juntos, como irmãos e irmãs e com a natureza, na mesma *Casa Comum*. A *Fratelli Tutti*, tal como a *Laudato Si'*, e as exortações apostólicas *Querida Amazônia* e *Laudate Deum* são luzeiros em meio à escuridão. Elas não dissipam todas as “vastas sombras”, mas nos ilumina o caminho a ser percorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intitulada: “Olhares de cuidado com a *casa comum* e os seres que nela habitam: Leonardo Boff e Papa Francisco”, esta tese de doutorado teve como finalidade trazer textos que refletissem sobre a temática do cuidado com a natureza, considerando o Planeta uma “casa comum” aos seres que nela habitam. A perspectiva dessa análise tomou como referência

principal documentos publicados pela Igreja Católica; porém, teve uma escuta para além do discurso religioso, estabelecendo diálogo com autores que também discutem sobre o tema.

Em 2019, um pouco antes do processo de seleção para o doutorado, participei de uma palestra proferida por Leonardo Boff, na UFJF, com quem pude partilhar do meu interesse pelo tema. Ele me orientou, a não retirar a palavra cuidado, do meu tema de pesquisa, visto que este termo havia sido alvo de muita discussão pelo Papa, por estar relacionado à área da saúde, sendo considerado impróprio para um documento papal; porém, na época, o Papa argumentou que justamente por isso o usaria, pois segundo a fala do pontífice, a Terra estava doente e precisava de tratamento. Seguindo o conselho dado pelo próprio Leonardo Boff, o termo cuidado foi ganhando corpo e forma no decorrer das minhas proposições, de modo que, ao final de 2019, ingressei-me no doutorado, na linha de Pesquisa: Religiões e Diálogo, área de concentração Tradições religiosas e Diálogo.

O fato de a temática da natureza ser hoje um assunto debatido pelas grandes mídias e um dos assuntos de maior preocupação das grandes potências econômicas mundiais, corrobora, para que ele se torne um tema de grande relevância às ciências em geral e, em específico, à Ciência da religião, representando, provavelmente, um dos principais espaços de diálogo entre o campo da ecologia e a área das humanidades.

Nesse sentido, foi proposto um novo olhar do cuidado, da natureza, da casa comum e dos seres que nela habitam, sob a perspectiva do catolicismo, tendo como referencial a encíclica *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, com reflexões também sobre as exortações *Querida Amazônia e Laudate Deum*, e vários pronunciamentos do Papa, assim como as considerações e pesquisas de Leonardo Boff. A fim de fundamentar a importância do cuidado com a natureza foi revisitado o primeiro livro da Bíblia: Gênesis e sua narrativa sobre a criação. O legado de Francisco de Assis e sua relação com a natureza e todos os seres de forma integrada foram destacados devido à sua influência à Igreja Católica e ao pontificado que leva o seu nome. Ou seja, o Francisco de Assis como inspiração para o Papa Francisco de Roma.

Delimitar o foco de estudo do tema foi um desafio também ao longo do estudo, visto que é amplo o campo de interesse no estudo de Catolicismo e Natureza, assim como os referenciais bibliográficos a serem selecionados. Iniciei a escrita da tese de forma não cartesiana, pelo capítulo 2 sobre a *Laudato Si'*, que foi o motivador inicial da pesquisa. Posteriormente fui para a escrita do Capítulo 3 sobre a *Fratelli Tutti*, e o último a ser escrito foi o Capítulo 1 que engloba Gênesis e a narrativa sobre Francisco de Assis. Devido a atualidade da temática em discussão e a proporção de produção enriquecedora e relevante dos octogenários

que me serviram de suporte, tanto de Leonardo Boff, quanto do Papa Francisco, foi desafiador definir as delimitações. Ademais são teóricos vivos e altamente produtores.

As discussões realizadas trouxeram a função do cuidado com o planeta tendo em vista a Ecologia Integral: ambiental, econômica e social, numa proposta que pensou a relevância da construção de uma Pedagogia do cuidado com a natureza. Leonardo Boff convoca o cuidado com a mãe terra, enquanto o Papa Francisco expõe, via *Laudato Si'*, os desafios humanos frente às catástrofes ambientais. Este grito de alerta papal, pronunciado pelos documentos, reitera a emergência do cuidado. Em *Querida Amazônia*, o Papa exorta sobre a necessidade da percepção da Amazônia como um grande bioma a ser compartilhado; trata-se da Igreja *em saída* na apresentação de caminhos para a Ecologia Integral, principalmente, tematizando acerca das problemáticas enfrentadas nesse território e suas repercussões ao mundo, ou seja, à casa comum.

O Papa Francisco alerta que: “chegamos ao limite do antropocentrismo despótico (LS, 68) e do paradigma tecnocrático (LS, 108)”. A deterioração ética, cultural e espiritual a que a humanidade está sujeita possui íntima relação com a crise ambiental enfrentada. Porém, em face das mudanças que não ocorrem depois da publicação da *Laudato Si'* e por constatar que não há mais como continuar vivendo como se nada estivesse acontecendo, o Papa Francisco publicou uma exortação complementar a esse discurso em 04 de outubro de 2023: *Laudate Deum*.

A crise vivenciada na atualidade fundamenta e, ao mesmo tempo, é fundamentada por uma profunda desintegração do ser humano à natureza, e para tal se torna vital que ele retome a sua visão de integralidade, possibilidade esta trazida pela pandemia mediante a precariedade da vida humana. Todavia, todas as mazelas enfrentadas pelo mundo inteiro parecem não ter sido suficiente para que a humanidade entendesse a emergência do cuidado.

Segundo Leonardo Boff, é necessário pensar em uma cosmovisão alternativa, a qual pode fundar o resgate da espiritualidade do cuidado: “o que caracteriza essa nova cosmologia é o cuidado, no lugar da dominação; o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser, e não sua mera utilização humana” (Boff, 2014, p. 106).

A proposta trazida pela pesquisa é a de fomentarmos novas perguntas, tomarmos consciência de nosso lugar e papel na criação, buscarmos nos ver de forma integrada com o mundo e os seres que dividem conosco a mesma casa. Este campo de pesquisa é amplo, e sugiro que sirva de referencial de partida para tantos outros pontos de investigação posteriores. Considero que esta tese possa ser vista como uma possibilidade de abertura para a amplitude de compreensão e pesquisa no que tange a religiosidade e natureza. Espero ter provocado o

estranhamento, em algumas vertentes de pensamentos, antes vistos como distintos e que as muralhas antes erguidas para delimitar espaços, possam ser transformadas em pontes como tão bem elucidou Francisco em seus documentos, Leonardo Boff em seus textos, e outros autores como Krenak, citado ao longo da pesquisa.

A leitura de autores como Leonardo Boff, Krenak, Moltman e o próprio Papa Francisco, me fizeram lançar novos olhares, dentro do texto bíblico da Criação, do Catecismo da Igreja, com o frescor franciscano dos dois Franciscos, o de Assis e o de Roma. Estas nuances foram obtendo contornos diferentes à medida que novos documentos e pronunciamentos do Papa Francisco iam sendo publicados, assim como livros referenciais de Leonardo Boff. Ter contato com seu modo de pensar foi fundamental para que eu pudesse desenvolver a tese da forma como foi construída.

Este fator de discussão sobre o Cuidado com a Terra e com todos os seres que nela habitam, reafirma-se na publicação recente da supracitada exortação apostólica *Laudate Deum*, como um pedido de urgência quanto às questões climáticas e manutenção da vida no planeta. Assim, a presente pesquisa, lança luz para novos estudos, data a sua relevância e sempre com novas informações e desafios a serem enfrentados.

Ao final da Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco dispõe uma oração que sintetiza seu desejo para a humanidade, intitulada de Oração ao Criador:

Senhor e Pai da humanidade,
 Que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
 Infundi em nossos corações um espírito de irmãos.
 Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça
 E de paz.
 Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
 Sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
 Que o nosso coração se abra
 A todos os povos e nações da terra,
 Para reconhecer o bem e a beleza
 Que semeastes em cada um deles,
 Para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
 De esperanças compartilhadas. Amém.
 (FT, p. 148)

No momento em que encerro a escrita deste estudo com esta oração emitida pelo Papa, Israel e Palestina encontram-se em guerra, tornando esta oração e desejo, cada dia mais presente e atual. *Em 11 de outubro de 2023*, o Papa Francisco em audiência geral na Praça São Pedro, esboça com tristeza, o ressurgimento de conflitos de guerra: “O Oriente Médio não precisa de

guerra, mas de paz, uma paz construída sobre a justiça, o diálogo e a coragem da fraternidade.”¹⁶ e reitera em 15 de outubro: “Irmãos e irmãs, muitos já morreram. Por favor, não deixem que mais sangue inocente seja derramado, nem na Terra Santa, nem na Ucrânia, nem em nenhum outro lugar! Basta!” E relembra que: "As guerras são sempre uma derrota. Sempre".¹⁷

Que estas orientações e pedidos em forma de súplica, proferidos pelo Papa Francisco, e a mensagem de fraternidade, um dos pilares do cuidado e a urgência do diálogo social como base para construção da cultura de paz possam ser ouvidas e disseminadas pelos povos e nações, independente de credo, raça ou etnia.

Sobretudo, o cenário mundial fez com que esta tese fosse construída numa atmosfera de muitos questionamentos externos; mas também, internos, de um repensar meu percurso de estudos e de vida, em que quase tudo aqui dito, faz uma interlocução com a fé que professo, com meu estudo científico e com minha condição humana. A angústia se fez (se faz) presente em vários momentos, por meio de uma ambivalência interna entre uma tendência pessoal de pensar de forma romântica e utópica, contra tantas evidências, trazidas pela pesquisa, pela fala dos autores referendados, de que qualquer reflexão esperançosa, por si só, tenderia a ser superficial, haja vista o que ainda leio, hoje (out/23), nos noticiários.

Logo, este período de escrita acabou se configurando tal como o orientador da presente pesquisa havia me proposto, quando aceitou a orientação do meu trabalho: “que seja mais que uma pesquisa acadêmica, que seja um projeto pra vida, pra sua vida”, e assim, tal como um oráculo, ele o foi. Durante o percurso, o foco do tema foi adquirindo novas facetas, tal qual minha vida pessoal e profissional foi sendo lapidado, e o termo cuidar foi tomando proporções maiores em meu contexto de vida, reverberando também na pesquisa, ao mesmo tempo, em que a humanidade parece cada vez mais descuidar de tudo e de todos. O desafio é, pois, ser, e fazer a diferença, por mais insignificante que ela possa parecer.

¹⁶ - <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/apelo-do-papa-israel-e-palestina-11-outubro-2023.html>

¹⁷ - <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-apelo-angelus-terra-santa-guerra-paz-oracao-jejum.html>

REFERÊNCIAS

ABEFC. Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara. A economia de Francisco e Clara: denúncia as violências e anúncio de economias para o bem viver. **ABEFC**. Disponível em: <<https://anima.pucminas.br/wp-content/uploads/2023/03/Cartilha-Economia-de-Francisco-e-Clara.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. **O Espírito da Floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALIER, Joan Martinez. **O Ecologismo dos Pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 7ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASILEIRO, Eduardo (Org.) **Realmar a Economia**: A Economia de Francisco e Clara: São Paulo: Paulus, 2023.

BOFF, Leonardo. Fratelli Tutti: Um novo paradigma de sociedade mundial (Entrevista). **Revista IHU**. UNISINOS. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604646-a-fratelli-tutti-um-novo-paradigma-de-sociedade-mundial-de-senhor-dominus-a-irmao-frater-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

_____. **Nova Era**: A civilização Planetária; desafios à sociedade e ao cristianismo. São Paulo: Ática. 1994.

_____. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor, uma leitura a partir dos pobres. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A Oração de São Francisco**: uma mensagem de paz para o mundo atual. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

_____. **Ética e Eco-espiritualidade**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível**: hospitalidade. Direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008

_____. **Ética da Vida**: a nova centralidade. São Paulo: Record, 2009.

_____. **Ethos Mundial - um consenso mínimo entre os humanos**. São Paulo: Record, 2009.

_____. **As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.** Rio de Janeiro: Mar de idéias, 2012.

_____. **O Cuidado Necessário.** Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres.** Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Cântico das Criaturas:** transcrito da obra Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja. 2ed. Mar de Idéias, Rio de Janeiro, 2014, p. 116-117.

_____. **Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja.** 2ed. Rio de Janeiro: Mar de Idéias, 2014.

_____. **Saber Cuidar.** 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Direitos do Coração.** São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **De onde vem? Uma nova visão do universo, da terra, da vida, do ser humano e de Deus.** Rio de Janeiro: Mar de idéias, 2017.

_____. **Covid-19, A mãe Terra contra-ataca a humanidade. Advertências da pandemia.** Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. **Habitar a terra: qual o caminho para fraternidade universal.** Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. **O doloroso parto da mãe terra: Uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social.** Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Princípio-Terra: a volta à Terra como pátria comum.** São Paulo: Ática, 2021.

_____. **O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2022.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Após consulta popular Campanha da Fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome.** 17.dez.2022. Disponível em: <<https://campanhas.cnbb.org.br/apos-consulta-popular-campanha-da-fraternidade-em-2023-voltara-a-tratar-do-tema-da-fome.html>>. Acesso em 22 abr. 2023.

CNBB, Conferência Nacional Dos Bispos Do Brasil. **Catecismo Da Igreja Católica.** 3ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

DCM. Papa dá presente a Lula após encontro no Vaticano: “A paz é uma flor frágil”. **Diário do Centro do Mundo**, 21 jun.2023. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-papa-da-presente-a-lula-apos-encontro-no-vaticano-a-paz-uma-flor-fragil/amp/>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DILLI, Dom Aluísio Alberto. **Quaresma e Campanha da Fraternidade - 02**. CNBB, 08 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/quaresma-e-campanha-da-fraternidade-02/>>. Acesso em 27 abr. 2023.

FERRAZ, Chrystiano Gomes; RANGEL, Dian Henriques. Para uma Espiritualidade do Encontro: uma Proposta de Espiritualidade Cristã a partir das Encíclicas do Papa Francisco. **Rev Ele Teo**, v. 25, n. 27, p. 50-65, Jan.- Jun., 2021. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Ferraz+2021+papa+francisco+refer%C3%A0ncia+&sxsrf>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja**. Giuliano Vigini (Org.). São Paulo: Paralela, 2014.

_____. **Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco” em Assis, 26-28 de março de 2020**. Vaticano, 01 mai. 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html>. Acesso em 12.ago. 2022.

_____. Encíclica Fratelli Tutti. **Sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. Encíclica Laudato Si’. **Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **Laudate Deum: exortação apostólica a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática (LD)**. São Paulo: Paulus, 2023.

_____. Minha Conversão Ecológica. **Revista IHU**. (Depoimento). Vaticano, 03 set.2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602572-minha-conversao-ecologica-depoimento-do-papa-francisco>. Acesso em: 12 ago. 2022.

_____. **Querida Amazônia: exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (QA)**. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **YOUCAT para crianças**. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **Vamos Sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

_____. **O Novo Humanismo: Paradigmas Civilizatórios para o Século XXI a partir do Papa Francisco (Teologia)**. São Paulo: Paulus, 2022.

HÄRING, Bernhard. Livres e fiéis em Cristo: Vós sois a luz do mundo. **Teologia moral para sacerdotes e leigos**. Vol III. São Paulo: Paulinas, 1994.

HUMMES, Cardeal Dom Cláudio, OFM. **Grande Metas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. **O Sínodo para a Amazônia.** São Paulo: Paulus, 2019.

IHU – Instituto Humanitas UNISINOS. 2020. Disponível em:
<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602592-tempo-da-criacao-2020-jubileu-pela-terra>>.
Acesso em: 12 ago. 2022.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIBÂNIO, João Batista. **Ecologia: vida ou morte?** São Paulo, Paulus, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas.** Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Ciência e sabedoria. Um diálogo entre ciência natural e teologia.** São Paulo: Loyola, 2007.

_____; BOFF, Leonardo. **Há esperança na criação ameaçada?** Petrópolis: Vozes, 2014.

NAIME, Roberto. **Ecologismo dos Pobres segundo Alier.** Disponível em:
<https://www.ecodebate.com.br/2017/12/21/o-ecologismo-dos-pobres-segundo-alier-artigo-de-roberto-naime/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

PETRINI, Carlo. **Terrafutura: diálogos com o Papa Francisco sobre ecologia integral.** São Paulo: SENAC, 2021.

PETROSILLO, Piero. **O cristianismo de A a Z. Dicionário da Fé Cristã.** Edições São Paulo, 1996.

PORTO, Nelson, 1986. **São Francisco de Assis. O Homem do Paraíso.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

REDAÇÃO A12. CNBB aprova tema da Campanha da Fraternidade de 2024. **CNBB. Redação A12.** Aparecida do Norte, 25.nov.2022. Disponível em:
<<https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/cnbb-aprova-tema-da-campanha-da-fraternidade-de-2024>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

RIBEIRO, Allan; SOMENSARI, André. **Jornal Santuário.** Notícias, Brasília, 24 fev 2017. Campanha da Fraternidade reforça o Cuidado com a Casa Comum. Disponível em:
<https://www.a12.com/jornalsantuario/noticias/campanha-da-fraternidade-reforca-cuidado-com-casa-comum>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RODRIGUES, Marilze Wischral; RODRIGUES, Stélio João. Princípios ambientais e sua relação com o mandato cultural expresso em GN 1.26-31 e GN 2.5-8. **Ciências das Religiões: Uma análise Transdisciplinar**. São Paulo: Científica digital, 2020. Doi: 37885 / 201001685. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/principios-ambientais-e-sua-relacao-com-o-mandato-cultural-expresso-em-gn-126-31-e-gn-25-8>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ROSA, Antônio Carlos Machado da. Problemas e Potencialidades ambientais globais, regionais, estaduais e locais. In: **Educação Ambiental: curso básico a distância**. Brasília: MMA, 2001.

SILVEIRA, Frei Ildefonso; REIS, Orlando dos. **São Francisco de Assis – Escritos e Biografias de São Francisco de Assis – crônicas e outros testemunhos do primeiro século do franciscanismo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

STRABELLI, Frei Mauro. **Bíblia: perguntas que o povo faz**. São Paulo: Paulus, 1991.

SUESS, Paulo. **Dicionário da Laudato Si'**. Sobriedade feliz: 50 palavras-chave para a leitura pastoral da encíclica “Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2017.

TEMPO DA CRIAÇÃO. Disponível em: <https://seasonofcreation.org/pt/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TOGNERI, Silvia Regina Nunes da Rosa. Bíblia e ecologia à luz da Laudato Si'. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v 32, n. 1, jan.-abr., 2017. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/articule/view/530>. Acesso em: 28 mai. 2023.

VALDÉS. Ariel Álvarez. **Que sabemos da Bíblia - Volume II?** 2ed. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. Ariel Álvarez. **Que sabemos da Bíblia - Volume IV?** 2ed. São Paulo: Paulus, 1996.

VATICAN NEWS. **CNBB: definida a 60ª Assembleia Geral e o tema da CF 2024**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-11/cnbb-definida-assembleia-geral-tema-cf-2024.html>. Acesso em: 12 mai. 2023

VATICAN NEWS. **Crise no Oriente Médio: o Papa pede a libertação imediata dos reféns**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/apelo-do-papa-israel-e-palestina-11-outubro-2023.html>. Acesso em: 12 mai. 2023.

VATICAN NEWS. **O Papa: basta com as guerras! Elas são sempre uma derrota**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-apelo-angelus-terra-santa-guerra-paz-oracao-jejum.html> Acesso em: 10 nov. 2023.

VATICAN NEWS. **O Papa: “Por uma Igreja pobre com e para os pobres”**.

Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/papa-comunidade-chemin-neuf-franca.html>. Acesso em: 12 mai. 2023.

WHITE, Lynn. **Revista Science**. N. 155. *As raízes históricas de nossa crise ecológica*, 1967, p. 1203-1207. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/raizes-historicas-da-crise-ecologica/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

XAVIER, Priscila. **Testemunho de Fé, ‘Laudato Si e as Grandes Cidades’**: um debate sobre o futuro da Casa Comum. *Jornal da Arquidiocese do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 23-29 de julho 2017, ed. 1015, p. 07.